



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"JORNALISTA ROBERTO MARINHO"
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**ISABELLE C. LANZA VOLTARELI
LARISSA DOS SANTOS OLIVEIRA
RAYENI BLANDT EMERICH
TAYLANE FERNANDES**

MANAS: PODCAST JORNALÍSTICO COM FOCO NO PÚBLICO FEMININO

Presidente Prudente - SP
2019



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**ISABELLE C. LANZA VOLTARELI
LARISSA DOS SANTOS OLIVEIRA
RAYENI BLANDT EMERICH
TAYLANE FERNANDES**

MANAS: PODCAST JORNALÍSTICO COM FOCO NO PÚBLICO FEMININO

Trabalho de Conclusão apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Orientador:
Prof. Dr. Roberto A. Mancuzo Silva Junior

Presidente Prudente - SP
2019

**ISABELLE C. LANZA VOLTARELI
LARISSA DOS SANTOS OLIVEIRA
RAYENI BLANDT EMERICH
TAYLANE FERNANDES**

MANAS: PODCAST JORNALÍSTICO COM FOCO NO PÚBLICO FEMININO

Trabalho de Conclusão apresentado a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 12 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Ap. Mancuzo Silva Junior – Orientador
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Prof. Me. Homéro Ferreira – Presidente
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Profa. Me. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo – Membro
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

DEDICATÓRIA

A cada mulher que busca pela liberdade de ser quem ela é e a cada jornalista que faz a diferença na sociedade, com verdade, amor e muito trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pela oportunidade de vivenciar esta experiência. Quando a ideia de desistir passava pelas nossas cabeças, a fé e a perseverança falaram mais alto.

Às nossas famílias, que torceram pelo nosso sucesso e nos motivaram a sermos corajosas em meio às provações e ao desânimo.

Aos amigos por todo o carinho. Cada conselho recebido por eles foi importante e não teríamos prosseguido sem o apoio de todos.

Ao nosso orientador Roberto Mancuzo, por toda a paciência e por seus grandes conselhos. Aprendemos juntos a cada orientação e isso nos motivou a seguir em frente.

Aos nossos professores, em especial à Carolina Mancuzo, por ter nos ajudado a escolher a mídia trabalhada, e a Homéro Ferreira, pela colaboração na peça.

Às mulheres que nos inspiraram e construíram este trabalho junto conosco, um agradecimento especial. Cada voz fez (e faz) a diferença na luta pela igualdade e pelo respeito. Unidas, somos mais fortes.

“Ser mulher no mundo dominado pelos homens: difícil missão. Ter que provar o tempo todo que somos boas naquilo que fazemos – e, por favor, sem duplo sentido –, é tão cansativo! O desafio diário de ter que mostrar que somos capazes de dar conta de tudo não é fácil, não.

[...] um dia, quero não ter que falar sobre a diferença entre homens e mulheres. Por um lado, isso parece tão antigo, mas, por outro, ainda precisamos conquistar tanto...

Por isso, a minha admiração vai para todas as brasileiras. Não importa a classe social, a orientação sexual, o estado civil, ser ou não mãe.”

(Sandra Annenberg)

RESUMO

Manas: podcast jornalístico com foco no público feminino

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizou estudos sobre a mídia podcast como um produto jornalístico para informar o público feminino e a criação do programa Manas. O objetivo foi transmitir informações jornalísticas gratuitas às mulheres e contribuir com o jornalismo ao disponibilizar mais um espaço de consumo informativo e de debates. A metodologia aplicada foi a pesquisa qualitativa com abordagem do tipo exploratória. Para a coleta de dados, as técnicas adotadas foram: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevistas em profundidade, do tipo semiaberta, que contribuíram tanto para o embasamento teórico quanto para o prático. O programa, com quatro pilotos e sete episódios, foi também instrumento de cidadania com a promoção de oficinas aos alunos da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), aos alunos da Pós-graduação em Educação, Trabalho e Saúde Ambiental da Unesp de Presidente Prudente e assentados do Pontal do Paranapanema e aos alunos do oitavo ano da EMEIF e Suplência Monteiro Lobato, da cidade de Sandovalina, com a proposta de apresentar uma nova forma de consumo e transmissão de informações de forma fácil, barata e politizada.

Palavras-chave: Podcast. Estrutura Narrativa. Mídia Digital. Podcast Feminino. Jornalismo Alternativo. Jornalismo Feminino. Podcasting. Universo Jornalístico.

ABSTRACT

Manas: Women-focused journalistic podcast

The following Term Paper conducts studies about the podcast as a journalistic product to inform the female audience aiming to create the Manas program. The intent was to transmit free journalistic information to women and also to contribute to journalism to provide another space for informational consumption and debates. The applied methodology was a qualitative research with exploratory approach. To collect data, the techniques adopted were: bibliographic research, content analysis and in-depth semi-open interviews, which contributed to both the theoretical and practical background. The program, with four pilots and seven episodes, was also used as an instrument of citizenship with the promotion of workshops to the Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) students, for students from the post-graduate Education, Work and Environmental Health from the Presidente Prudente Unesp, resettled from Pontal do Paranapanema and the eighth grade students from EMEIF e Suplência Monteiro Lobato, from Sandovalina. The following work aims to propose a presentation of a new way of consuming and transmitting information in an easy, cheap and politicized way.

Keywords: Podcast. Narrative structure. Digital media. Female Podcast. Alternative Journalism. Female Journalism. Podcasting. Journalistic universe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira versão do logo.....	52
Figura 2 – Segunda opção do logo.....	52
Figura 3 – Evolução da identidade.....	53
Figura 4 – Logo escolhida.....	53
Figura 5 – Tabela de podcasts analisados.....	59
Figura 6 – Pauta para entrevistas.....	61
Figura 7 – Roteiro de podcast.....	62
Figura 8 – Gravação do primeiro piloto.....	63
Figura 9 – Estatística de plays e downloads do semestre (1/8 a 12/11).....	70

LISTA DE SIGLAS

ABPod	– Associação Brasileira de Podcasters
AI-5	– Ato Institucional nº 5
CBN	– Central Brasileira de Notícias
DSTs	– Doenças Sexualmente Transmissíveis
EMEIF	– Escola Municipal de Educação Infantil
Enem	– Exame Nacional do Ensino Médio
Facopp	– Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente
FENAJ	– Federação Nacional dos Jornalistas
HDTV	– High-Definition Television
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	– Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IoT	– Internet of Things
LGBTQI+	– Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros Queers e mais
RSS	– Really Simple Syndication
SP	– São Paulo
SUS	– Sistema Único de Saúde
TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso
UEL	– Universidade Estadual de Londrina
Unesp	– Universidade Estadual Paulista
Unoeste	– Universidade do Oeste Paulista
UOL	– Universo Online
XML	– Extensible Markup Language

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	14
2.1 Justificativa e problematização	14
2.2 Objetivos	16
2.2.1 Objetivo geral.....	16
2.2.2 Objetivos específicos	16
2.3 Metodologia	16
3 O JORNALISMO E AS NOVAS MÍDIAS	19
3.1 O jornalismo e a contemporaneidade	19
3.1.1 Jornalismo impresso	20
3.1.2 Radiojornalismo	21
3.1.3 Telejornalismo.....	23
3.1.4 Webjornalismo	24
3.2 A produção de conteúdo das mídias digitais	27
4 PODCAST	30
4.1 Uma definição para conhecer	30
4.1.1 Análises de podcasts: padrões, respeito à linguagem e inovações	32
4.2 O podcast aplicado ao jornalismo	34
4.2.1 Linguagens e padronizações jornalísticas aplicadas ao podcast.....	35
5 IMPRENSA ALTERNATIVA E A MULHER	37
5.1 Contexto histórico da imprensa alternativa no Brasil	37
5.2 A presença da mulher no jornalismo	39
5.3 A mulher como pauta no jornalismo: estereótipos, padronizações e caminhos	41
5.3.1 O que as mulheres querem ouvir?	41
6 PROJETO EDITORIAL	44
6.1 Introdução	44

6.2 Objetivos	46
6.2.1 Objetivo geral.....	46
6.2.2 Objetivos específicos.....	46
6.3 Justificativa	46
6.4 Público-alvo	47
6.5 Linha editorial	48
6.6 Estrutura	49
6.7 Projeto de áudio	50
6.8 Identidade visual	51
6.9 Recursos técnicos	53
6.10 Procedimentos de edição, gravação e hospedagem	54
6.11 Recursos financeiros	54
6.12 Recursos humanos	55
7 MEMORIAL DESCRITIVO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	79
ANEXO A – ENTREVISTAS COM PODCASTERS BRASILEIROS	80
ANEXO B – ENTREVISTAS PARA SABER OS ASSUNTOS DE INTERESSE FEMININO	94
ANEXO C – PRÉ-ENTREVISTAS COM PERSONAGENS PARA OS PILOTOS DO PROGRAMA MANAS	104
ANEXO D – PAUTAS	113
ANEXO E – ROTEIRO DOS PILOTOS DE PODCAST	146
ANEXO F - TRANSCRIÇÕES	182
APÊNDICES	312
APÊNDICE A – TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PODCASTS ANALISADOS	312

APÊNDICE B – ANÁLISES DOS PODCASTS.....	314
APÊNDICE C – ORGANOGRAMA.....	341
APÊNDICE D – MAKING OF.....	344

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo adequa-se às mudanças causadas pela internet sem perder o seu objetivo: informar a sociedade. Veículos de comunicação, principalmente os alternativos, buscam por formas cada vez mais rápidas, práticas e democráticas de noticiar e as mídias digitais auxiliam nessa missão.

Ao considerar isso, este projeto desenvolveu uma pesquisa sobre o podcast, formato de mídia adequado ao campo da comunicação ganha espaço pela sua facilidade em produzir e consumir conteúdo. Com o estudo teórico, as pesquisadoras deste TCC criaram o podcast Manas, que oferece informação e discussões sobre o universo feminino e tem como foco de público as mulheres da região de Presidente Prudente (SP).

O produto foi disponibilizado gratuitamente na internet pela plataforma Spreaker e transmitido em demanda pelos agregadores Spotify, iTunes e Google Podcasts e no Portal Facopp, com o objetivo de ser uma nova forma de consumo de informações e da promoção de debates sobre os mais variados temas. O podcast é, entre outras mídias, causa do processo contínuo de mudanças pelas quais o jornalismo passa.

Um dos fatores que influenciam essas mudanças é a internet, que surgiu em 1969 com o nome “Arpanet”¹ e tinha como objetivo ligar computadores em rede no Pentágono (sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos) para comunicar e obter informações. Com o tempo, novas pesquisas e deslocamento da função militar, a rede mundial de computadores passou para as universidades e, posteriormente, na década de 1990, foi aberta comercialmente.

Os usos e funções, então, amplificaram as relações sociais em vários níveis, inclusive quanto à transmissão de informações jornalísticas. A internet revolucionou o jornalismo ao proporcionar a convergência das mídias tradicionais (rádio, televisão, revista e jornal) e ao tornar-se interface para que novos produtos surgissem, como o próprio podcast (NICOLAU, 2008, s/p).

¹ Informação retirada da Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml#targetText=Internet%20foi%20criada%20em%201969,nome%20de%20%22Arpanet%22%20nos%20EUA&targetText=A%20internet%20foi%20criada%20em,primeiro%20e%2Dmail%20da%20hist%C3%B3ria>.

Essa mídia chegou no Brasil em 2004 pelas mãos de Daniel Medeiros, autor do blog Digital Minds. Dados da PodPesquisa 2018² apontam que 22.520 brasileiros ouvem podcast e o estado que mais tem público é o de São Paulo, com 8.243 usuários (36,6%). Na cidade de Presidente Prudente (SP), onde o projeto é aplicado, há poucos produtos como esse em circulação, como Vitrine Cast³, Vagão das Ruaz⁴ e Sambuca Cast⁵.

Na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), onde o grupo iniciou este projeto, por exemplo, não havia nenhum projeto de extensão ou pesquisa cadastrado sobre o podcast até abril de 2018, apenas experiências pontuais executadas por professores e alunos.

Assim, no TCC, a escolha por este meio surgiu pela necessidade e oportunidade de levar informação para as 425.420 mil mulheres do Oeste Paulista⁶, formado por 56 cidades, pela internet, com base em uma ação de imprensa alternativa. O município não conta com meios de comunicação direcionados apenas para o público em questão e possui apenas dois veículos alternativos: o Digital Ruaz⁷ e o Pio-Pardo⁸.

Para compreender o que é proposto no estudo, sugere-se a leitura do segundo capítulo e suas divisões, onde estão disponíveis a metodologia e as técnicas escolhidas. O método usado é o levantamento de dados, pois é necessário conhecer o público que irá consumir o produto jornalístico. Os processos para a realização das técnicas usadas são: pesquisa bibliográfica, entrevistas em profundidade do tipo semiaberta e análise de dados.

O terceiro capítulo aborda as tradicionais e as novas mídias e faz uma análise: em meio às mudanças, o jornalismo se enquadrou em cada formato e linguagem com o objetivo de levar informação.

² Pesquisa sobre o podcast no Brasil, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) com apoio da CBN (Central Brasileira de Notícias). Disponível em: <http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>.

³ Podcast produzido por Ricardo Veiga sobre marketing de conteúdo.

⁴ Podcast produzido pelo coletivo jornalístico Digital Ruaz sobre produção musical da região.

⁵ Podcast sobre o mercado Imobiliário produzido por Lucas Krasucki e Gabriel Zaupa.

⁶ De acordo com o último censo do IBGE, divulgado em 2010.

⁷ Coletivo de jornalismo independente da cidade de Presidente Prudente (SP), criado em junho de 2018.

⁸ Jornal impresso de circulação mensal, criado em 2013.

O capítulo quatro é dedicado ao podcast, com a discussão do que é essa mídia e quais são os seus formatos e padrões, com base em análises de produtos com as vertentes: mulher, jornalismo e variedade.

Com o contexto histórico da imprensa alternativa no Brasil e da mulher no jornalismo, o capítulo cinco discute dois pontos principais: qual a representação do jornalismo alternativo na sociedade e o que é ser mulher no jornalismo, tanto ao produzir quanto ao ser notícia.

O sexto capítulo é exposto o projeto editorial. Ele é o guia da produção do podcast: quais são os objetivos, o público, a estrutura dos programas, a linha editorial e os recursos necessários para a produção.

O memorial descritivo discorre sobre cada etapa da produção deste trabalho. Por fim, o último capítulo traz as considerações finais do estudo, onde mostra o resultado que o grupo alcançou, bem como a satisfação, as respostas e os retornos obtidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Justificativa e problematização

A imprensa feminina teve início no Brasil por volta do século XIX, após a vinda de D. João VI. O conteúdo feito era direcionado para a elite. De acordo com Buitoni (1990, p. 54), somente na década de 1970 é que surgiu uma imprensa feminina mais reivindicatória, decorrência das contradições urbanas e sociais aumentadas pelos anos de ditadura.

Na década de 1980, segundo Lobato (2013, p. 10-11), havia forte relação entre mulheres e revista, que acabou por tornar estas um meio principalmente feminino, o que é visto como uma consequência também dos tempos pós-modernos.

Ainda de acordo com a autora, neste novo modelo, antigos e históricos padrões – em especial aqueles ligados à mulher – passaram a ser questionados. Dessa forma, possibilitou o surgimento de uma gama de sujeitos.

Já os anos 1990 foram marcados pelo culto às celebridades por revistas como a Caras, que até hoje noticiam os bastidores de grandes produções e a vida e segredo dos famosos (SALLES, 2009, p. 14).

O século XXI, significativo pela chegada da internet à casa de milhares de brasileiros, conforme cita Lobato (2013, p. 11), teve sua primeira década de expansão e consolidação desse novo meio de comunicação, com um número crescente de pessoas conectadas.

Assim, como diz a autora, os portais de notícia passaram a concorrer com os impressos, como as revistas femininas, que precisaram readaptar a essa nova realidade ao integrar o mundo digital com criação de sites interativos e perfis nas redes sociais. (LOBATO, 2013, p. 11-12).

Entre sites, blogs e redes sociais, novas plataformas surgiram e não só o jornalismo feminino, mas todo o universo da comunicação reinventou-se e tornou-se mais popular, democrático e até barato de ser consumido e produzido.

Dessa forma, ao unir jornalismo feminino e mídias digitais, este trabalho justifica-se pela importância de estudar, explorar e produzir informações jornalísticas e disponibilizá-las em podcasting (transmissão de arquivos multimídia, chamados de

podcasts), meio de comunicação com potencial, mas que ainda encontra resistência por parte dos veículos.

Mesmo há 15 anos no Brasil, o podcast é pouco presente nos Trabalhos de Conclusão de Curso, em especial na Facopp. Nessa unidade de ensino da Unoeste, existem trabalhos de conclusão sobre as mais diversas vertentes do jornalismo como o impresso, videodocumentário, radiodocumentário ou a revista, mas não sobre o podcast e esta possibilidade de ampliação de horizontes permite que o grupo invista tempo e estudo na elaboração da peça prática proposta.

No contexto social, a pesquisa tem relevância com base na produção da imprensa feminina e alternativa, em especial na região de Presidente Prudente. O trabalho, em especial o Manas, possibilita discussões e defende causas femininas de forma democrática e politizada por meio do conteúdo e da informação. A produção foi hospedada em uma plataforma gratuita e divulgada nas redes sociais para possibilitar a expansão e o fácil acesso.

Os episódios trouxeram discussões voltadas para a representatividade, desigualdade, empreendedorismo, assédio, sororidade e literatura, entre outros assuntos abordados ao longo dos sete episódios.

O produto é importante para dar voz à luta, aos direitos e ao protagonismo daquelas que, mesmo em maioria nos números, são minorias na sociedade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, 51,08% da população é feminina. Promover debates e informar dados estatísticos, leis, histórias e conteúdos importantes para elas, ajudam na busca pela mudança deste quadro atual.

Aqui, reforça-se que, para entender como o podcast pode ser um produto digital do jornalismo, o grupo desenvolveu os episódios e trabalhou com base na imprensa alternativa, escolhida pela versatilidade e independência que essa prática de jornalismo oferece.

O formato podcast, inclusive, tem forte presença na comunicação alternativa. De acordo com Possebon e Nogueira (2010, p. 13), a alternatividade, em especial na internet, tem um grande potencial de mobilização e de fazer a democracia acontecer, já que oferece um amplo espaço para expressão e a divulgação de ideais com um custo baixo.

Assim, com base nessas reflexões e estudos, o grupo questionou: como aplicar o podcast no jornalismo para informar o público feminino?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Estudar e planejar o podcast como um produto digital do jornalismo para informar o público feminino.

2.2.2 Objetivos específicos

- Analisar livros, artigos, bibliografias e principalmente, podcasts que ajudem a compreender os formatos utilizados;
- Produzir um projeto editorial para o podcast Manas;
- Realizar gravações de pilotos para adequação à forma dos produtos que serão realizados; e
- Definir a forma de produção do podcast com base nos pilotos produzidos.

2.3 Metodologia

A metodologia é um conjunto de caminhos que são percorridos na busca do conhecimento para a pesquisa científica que, por sua vez, promove a busca por respostas e o desenvolvimento do senso crítico. (GOLDENBERG, 2013, p. 11)

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 139), a pesquisa pode ser definida como “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Esses processos colaboraram tanto na peça teórica quanto prática para compreender, neste contexto, as mídias digitais e o papel do jornalismo através do estudo e da produção de podcasts, com a proposta de conteúdo direcionada ao universo feminino.

Pela área de atuação do trabalho, o grupo utilizou a pesquisa qualitativa. Com ela é possível compreender a realidade individual ou grupal quando os números não são suficientes para constatar.

Neste trabalho, ela foi usada para questionar e compreender o que é e como produzir um podcast, identificar os assuntos que seriam abordados e para estudar a persona⁹ a ser trabalhada.

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2013, p. 14)

A abordagem desta pesquisa se classifica como exploratória. De acordo com Dias (2000, p. 2) é utilizada não só em áreas inexploradas, mas também em trabalhos com pesquisa de opinião e de interesse mercadológico, onde se capta as reações dos clientes aos serviços e produtos antes de serem lançados com o uso da observação.

Gil (2008, p. 27) conceitua que o principal objetivo da abordagem exploratória é desenvolver e esclarecer conceitos e ideias em meio aos problemas mais precisos ou às hipóteses para estudos. A mesma contribuiu para conhecer a vida, as preferências e os estilos de cada mulher com características consideradas importantes pelas integrantes do grupo.

Com base no contexto do projeto e na metodologia e abordagem planejadas, utilizou-se as técnicas de pesquisa bibliográfica, entrevistas em profundidade do tipo semiaberta e análise de dados.

A técnica de pesquisa bibliográfica é necessária nas pesquisas exploratórias para o desenvolvimento, a delimitação e a apresentação de conclusões presentes no trabalho (ANDRADE, 2010, p. 25). Livros sobre jornalismo, imprensa alternativa, imprensa feminina e podcast foram lidos e fichados para consultas ao desenvolver toda a peça teórica.

Por ser um trabalho da área de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, a entrevista é muito utilizada. Mascarenhas (2012, p. 69) afirma que esse é um artifício para complementar as informações que o levantamento bibliográfico oferece.

Marconi e Lakatos (2010, p. 180) definem a entrevista como um procedimento para a coleta de dados, diagnóstico ou tratamento de um problema social, utilizado na investigação social.

⁹ Representação fictícia que define o público a ser abordado no programa, criada com base nas características de cada possível ouvinte.

O tipo da entrevista utilizada no trabalho foi a semiaberta, pois necessita que as fontes respondam de forma completa, o que vai além de respostas curtas. Outro ponto é a possibilidade de fazer novas perguntas, conhecidas no jornalismo como “gancho”, para contextualizar as informações e produzir um conteúdo de maior relevância e aprendizado. Assim, contribui para um aprofundamento maior no assunto tratado. Podcasters foram entrevistados para uma melhor compreensão do que é o podcast e de como cada um pensa ao planejar os produtos.

Outra técnica utilizada no desenvolvimento pelas autoras, foi a análise de conteúdo, que tem como objetivo categorizar os materiais para facilitar a compreensão e identificar semelhanças e diferenças entre os dados ou o que há além do discurso de um entrevistado, por exemplo (SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 2).

Foram observados e analisados podcasts com conteúdo jornalístico, femininos e de variedades. Com critérios definidos pelo orientador e com a ajuda do professor Homéro Ferreira, da disciplina de Radiojornalismo, decidiu-se analisar nove critérios: estrutura, forma de participação, intensidade, equalização, entonação vocal, audibilidade, conteúdo geral, conteúdo específico e a participação externa. A análise dos produtos ajudou a criar um parâmetro para a formação do podcast deste trabalho.

Após essas decisões, foi possível iniciar o estudo aprofundado para o trabalho. Assim surge a discussão sobre o jornalismo e as novas mídias.

3 O JORNALISMO E AS NOVAS MÍDIAS

3.1 O jornalismo e a contemporaneidade

Desde o seu surgimento, o jornalismo tem passado por muitos processos de adaptação e é definido como um sistema para a reprodução de informações. Em um mundo onde a informação é cada vez mais necessária, o jornalista atua como apurador e transmissor desta. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 18)

A comunicação possibilita uma interação entre as pessoas por todo o mundo. De acordo com Bena (2017, p. 21), a troca infinita, cotidiana e irrefreável de informações com as redes sociais tem uma grande importância na sociedade, onde chama-se de sociedade da informação.

Ainda segundo a autora (BENA, 2017, p. 28), a informação é a matéria-prima do jornalista. Houve, então, a necessidade do surgimento dos meios de comunicação para divulgá-las – e o jornalista sempre se reinventa a cada um deles, em especial na nova era digital. Schudson (2011, p. 139, grifo do autor) afirma que:

Para um jornalista da era digital, tudo o que é sólido se esfuma no ar, tudo o que antes parecia um dado adquirido está agora sujeito a mudança. E a probabilidade de alguma estabilização ocorrer nos tempos mais próximos parece muito diminuta. Nunca houve apenas Um Verdadeiro Jornalismo, mas agora isso torna-se mais evidente do que nunca.

Além do espaço, o jornalismo teve que se adequar à velocidade de informações na internet. Com a instantaneidade (recepção e transmissão de dados ao mesmo tempo), os veículos tradicionais têm que produzir um conteúdo com maior qualidade e agilidade, com apuração e que surpreenda, já que as notícias surgem nas telas de smartphones, tablets e computadores em tempo real.

A revolução da tecnologia de difusão não apenas oferece uma troca de informações rápidas, como também aumenta o volume de notícias. Com isso, a boa argumentação, as técnicas e a narração objetiva e coerente são alguns dos critérios que a sociedade espera do jornalismo.

Antes do surgimento da internet, os veículos de comunicação estavam concentrados nas mãos de poucos grupos. Até a década de 90, o jornalismo não foi tanto colaborativo e interativo, com a exceção no rádio. Com a internet, surgiram

mudanças no cenário que possibilitaram o desenvolvimento e a democracia de informação.

A convergência das mídias impõe desafios ao jornalista. Segundo Jung (2004, p. 69), “a internet abduziu os veículos impressos, tomou o rádio e começa a consumir a televisão”. Porém, os desafios do jornalista não começaram apenas na vinda dessa era digital.

Os profissionais do jornalismo e os veículos de comunicação sempre tiveram que se reinventar conforme as mudanças da sociedade. Cada vertente do jornalismo, ao longo dos anos, teve evoluções tanto nas plataformas quanto nas formas de escrita.

3.1.1 Jornalismo impresso

Desde a Idade Média, as informações já eram transmitidas pelo impresso como decretos e proclamações. (LAGE, 1999, p. 8) O jornal impresso é um dos meios de comunicação mais antigos e, antes dele, as mensagens eram divulgadas de outras formas.

Na Europa central, os predecessores dos jornalistas atuais eram os bardos viajantes, que reportavam e comentavam os acontecimentos do dia nas feiras, mercados e cortes aristocráticas, assim como os mensageiros e os escrivães públicos. Os editores de livros, administradores de correios, negociantes, diplomatas e outras pessoas com fácil acesso à informação foram os precursores em tempo parcial dos jornalistas. Os primeiros jornalistas-escritores foram correspondentes dos príncipes governantes, das cidades imperiais, das cidade-estado ou das grandes casas comerciais. (KUNCZIK, 1997, p. 22)

Lage (2009, p. 10) relata que “os primeiros jornais circularam, a partir de 1609, em centros do comércio, ligados à burguesia” e que “por muitas décadas, o jornalista foi essencialmente um *publicista*, de quem se esperava orientações e interpretação política. Os jornais publicavam, então, fatos de interesse comercial e político [...]”. (LAGE, 2009, p. 10, grifo do autor)

No século XIX, especificamente na Revolução Industrial (1760-1860), as condições para se fazer jornalismo mudaram drasticamente. Os jornais tornaram-se acessíveis e as tiragens multiplicaram. A popularização do jornal influenciou na forma de noticiar (agora para a massa) e no número de tiragens e surge, então, o período educativo do jornal. Lage (2009, p. 18-19) contextualiza:

A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado essa informação principal deve ser a primeira, na forma de lead - proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento. (LAGE, 2009, p.18-19)

O jornalismo-testemunho surge no século XX e a informação se torna a fundamental matéria-prima do jornalista, transformando-se tradutor dos discursos. Isso porque cada área do conhecimento tem uma linguagem técnica e, para informar, ela deve ser explicada. (LAGE, 2009, p. 21)

De acordo com o Flizikowski (2004, s/p), a popularização da internet em meados dos anos 1990 mudou drasticamente a forma de produzir notícias. Isso poderia arruinar a profissão de jornalista, mas não foi o caso. Ferreira Junior (2012, p. 1), relata que a mídia impressa, nos últimos anos, foi forçada a se reinventar.

Nesse cenário torna-se evidente que o domínio dessas tecnologias é fundamental para o exercício do jornalismo. Acreditou-se durante muito tempo que a prática jornalística estava calcada basicamente na capacidade de escrever com qualidade. A prática jornalística sempre esteve aliada ao domínio de tecnologias. Como afirma Clóvis Rossi, o bom jornalismo é baseado na qualidade de apuração das informações. Para se alcançar essa qualidade de apuração, o jornalista precisa dominar tecnologias de persuasão de suas fontes, técnicas de pesquisa, além de desenvolver o chamado *instinto jornalístico*. (FLIZIKOWSKI, 2004, s/p, grifo do autor)

Depois do impresso, o rádio surgiu para revolucionar a forma de informar. Com o som, o rádio desperta o imagético do ouvinte e este, por sua vez, se sente mais íntimo da mensagem.

3.1.2 Radiojornalismo

A trajetória do rádio no Brasil é definida por diversas adaptações que acompanham as transformações políticas, econômicas, mercadológicas e sociais e as novas tecnologias. (MAGNONI; RODRIGUES, 2013, p. 2)

Ainda de acordo com os autores, uma das primeiras tecnologias do rádio, a radiodifusão permitiu a organização de sistemas comunicativos e facilitou a transmissão e recepção civil e militar em tempo real.

A partir da modernidade da tecnologia, os veículos de comunicação aproveitaram as ferramentas estratégicas para propagar os interesse e ideologias dos componentes sociais que predominam.

De acordo com Magnoni e Rodrigues (2013, p. 2) dois períodos históricos construíram a radiodifusão, tanto sonora quanto a audiovisual, para amplificar os projetos nacionalistas praticados por governos autoritários. Os autores afirmam que a comunicação midiática consolidou modelos governamentais que influenciaram no desenvolvimento de polos industriais, como a Era Vargas (1930-1945) e o Regime Militar (1964-1985).

Os celulares e a internet se transformaram em ferramentas básicas para o trabalho dos jornalistas. Enquanto o celular possibilita a transmissão de notícias ao vivo das externas, a internet oferece espaço para emissoras de rádio na web por meio de redes sociais, sites e blogs. Assim, criaram-se formatos e novas plataformas de difusões como, por exemplo, os podcasts. (MAGNONI E RODRIGUES, 2013, p. 11)

O radiojornalismo expandiu seu alcance com o surgimento da internet. Para Ferreira (2014, p. 17), ela “trouxe ganhos significativos para o rádio, na prospecção e difusão de informações”. Com isso, o usuário pode acessar a web, escutar a programação e se informar.

A mensagem no rádio, de acordo com Lage (1997, p. 22), é emitida em palavras e tem componentes importantes: a entonação e as pausas transmitem “determinados entendimentos da informação conceitual e autorizam a simplificação da sintaxe do texto sem afetar a compreensão”. Além da fala, os elementos de mensagem do rádio são: música, efeitos sonoros, ruído e silêncio. (FERREIRA, 2014, p. 45-47)

A preocupação exagerada com a persuasão (a propaganda), a verdade (o ponto de vista oficial) e a correção (a imposição do idioma metropolitano sobre os falares regionais) marca, com variantes devidas às ideologias nacionais, a programação radiofônica estatal. (LAGE, 1997, p. 23)

Com o surgimento da televisão, o rádio ganhou um concorrente que não só usava a fala ou o texto, mas também a transmissão de imagens – o que revolucionou a comunicação mundial.

3.1.3 Telejornalismo

Consolidada no século XX, a televisão é um dos veículos de comunicação mais consumidos no mundo. No Brasil, é o primeiro meio de comunicação mais utilizado, seguido da internet e do rádio (de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, a mais recente até então).

Segundo as estatísticas, em 1949, nos Estados Unidos, já existiam mais de um milhão de televisores. Em 1950, os Estados Unidos tinham 107 emissoras de televisão, transmitindo para quatro milhões de televisores. Em 1951 esse número cresceu para dez milhões e, em 1959, o total era de cinquenta milhões. (MATTOS, 2002, p. 167)

Em 1950, a TV foi implantada no Brasil. Já na década de 60, houve um aumento na produção de aparelhos de televisão.

Na fase elitista, de 1950 a 1964, apenas burgueses tinham acesso aos televisores. Existiam somente 200 aparelhos receptores no país quando houve a primeira transmissão. Nesse período, a necessidade de recursos e o improviso foram duas das características que mais marcaram.

A fase populista ocorreu entre 1964 e 1975. A televisão era o que tinha de mais moderno na época. Os programas de auditório ganhavam mais audiência do que os outros. Outro marco no período foi o projeto dos militares que haviam deposto o presidente João Goulart, baseado na industrialização e na tecnologia. Quando a fase terminou, havia um aumento de 20 milhões de televisores.

Ocorreu de 1975 a 1985 a fase do desenvolvimento tecnológico. As redes de televisão iniciaram a produção de seus programas, e recebiam apoio internacional para importação. Nessa fase, o país conseguiu atingir cerca de 26 milhões de televisores.

O período de transição e expansão internacional aconteceu de 1985 a 1990. Nele, houve as exportações de programas e a possibilidade da troca de canais por apoio político. O número de televisores chegou a 29 milhões na época.

Com os avanços da tecnologia, em especial pela vinda da internet no país em 1988, a TV precisou se reinventar (mas não de imediato). A mudança nesta mídia foi possível com a TV por assinatura, através do satélite. O número de televisores no país deu um salto, para 58 milhões. Este período foi conhecido como o da globalização e da TV paga, de 1990 a 2000.

A atual fase é a da convergência e da qualidade digital. Nela, surgem diversas tecnologias de informação. Uma delas é a de interatividade nos televisores, nas quais o público usufrui de conteúdos paralelos à programação das emissoras.

Golembiewski (2008, p. 5) salienta que em junho de 2006, o governo brasileiro decidiu adotar o padrão de TV digital japonês, que possibilita a transmissão em alta definição (HDTV). Assim, o sinal analógico foi totalmente desligado no final de 2018.

3.1.4 Webjornalismo

O jornalismo de internet tem a capacidade de relacionar ideias e dados em um design que influencia a decisão do usuário para consumir o produto. As mídias tradicionais estão se encaixando nesse novo padrão em busca da sobrevivência. Mesmo assim, o webjornalismo também tem passado por um contínuo processo de mutação.

Há quatro fases da internet, que se iniciam com a primeira geração, em 1990, chamada de Web 1.0. Conhecida como “grande biblioteca digital”, trazia grande quantidade de informação de forma estática, sem interatividade alguma. Já existiam hiperlinks, mas era apenas um espaço (CORREIA, 2017, p. 13).

Na Web 2.0 surge a interação do público, na qual as informações deixam de ser feitas por uma só via. Os internautas tornam-se então produtores de conteúdo e o excesso de informação se torna um ponto negativo nessa fase. Com isso, é possível observar a importância de produzir conteúdo relevantes, com valores-notícia (CORREIA, 2017, p. 15).

A Web 3.0 oferece navegação personalizada com base na interpretação das preferências do internauta, onde há organização e análises otimizadas de informações. Correia (2017, p. 21) afirma que nessa geração há “programas que interpretam nossas preferências e nos ajudam a navegar”.

Além disso, a web 3.0 “pode ser vista como um conjunto de tecnologias com formas mais eficientes para ajudar os computadores a organizar e analisar a informação disponível na rede”. (CORREIA, 2017, p. 21)

Denominada “internet inteligente” ou IoT¹⁰, a web 4.0 oferece novos hábitos de entretenimento com a integração de uma cadeia de fornecedores (consoles, jogos, eletrodomésticos, acessórios, entre outros). (CORREIA, 2017, p. 11)

Nela, as informações são organizadas para que sejam entendidas não apenas por seres humanos, mas também por máquinas. Os programas, então, interpretam a preferência do usuário de uma forma mais ágil e precisa.

Com essa sobrecarga de informações presentes na internet, muitos estão conectados e produzem informações, mas poucas são as mídias confiáveis. Daí vem a necessidade de produzir um conteúdo que, além de garantir os valores-notícia do jornalismo, também chame a atenção do público no espaço virtual. (CORREIA, 2017, p. 9)

Canavilhas (2003, p. 6) destaca que o jornalismo online é marcado por hipertexto, interatividade e leitura não linear. As notícias são postadas em tempo real, com a possibilidade de serem atualizadas, posteriormente, caso haja alterações ou mais informações.

O hipertexto, segundo Colussi e Silva (2017, p. 169) é “um tipo de texto electrónico possível devido ao avanço da informática e das técnicas de edição” e que, ainda segundo as autoras, sua leitura é ampla, no qual oferece ao leitor maiores possibilidades, ao contrário do formato plano e linear.

A interatividade na internet, de acordo com Sant’anna Filho (2015, p. 18), “possibilita uma troca sem precedentes entre redação e leitor”. Assim, o usuário pode enviar ao veículo de comunicação suas sugestões e feedback. Essa característica ainda pode ocorrer em produtos webjornalísticos que possuem mídias que vão além do texto, como por exemplo animações, gráficos e até jogos.

O webjornalismo tem a capacidade de relacionar ideias, dados e design para facilitar a decisão do usuário pelo conteúdo do veículo. O jornalismo tradicional encaixa nesse universo em novos formatos, como blogs, sites, webTV e webradio.

Os blogs são páginas online atualizadas periodicamente que podem ser empresariais, periódicos ou até mesmo um diário virtual. De acordo Gomes (2005, p. 311), são colocados nestes espaços mensagens denominadas posts, constituídos por textos geralmente curtos e imagens.

¹⁰ Internet of Things (tradução livre: internet das coisas)

Já os sites são espaços para acesso e organização de informações, documentos e pesquisas. É possível encontrar todo o tipo de conteúdo e de formatos neles – tudo depende do foco que os sites têm. (GABRIEL, 2010, p. 122)

Existem sites não permanentes, chamados de hotspots. Eles são feitos para um evento ou divulgação específica, de curto prazo. Gabriel (2010, p. 122) contextualiza que, “[...] como os minissites, também possuem foco em um tema restrito, no entanto, no caso do hotspot, o seu ‘tom’ é sempre persuasivo”.

Quando sites estão reunidos em um outro site, significa que estão em um portal. Portais possuem ferramentas que constroem um relacionamento entre a empresa responsável e o internauta. Entre os exemplos de portais estão o Uol¹¹(Universe Online), o Portal Facopp¹² e o Globo.com¹³.

Assim, portal não é um ‘site grande’, mas um site com conteúdos verticais enfocados nos públicos. Enquanto em um site os conteúdos são organizados para possibilitarem a navegação em informações existentes sobre um determinado tema, nos portais os conteúdos são criados para atender às necessidades do seu público. (GABRIEL, 2010, p. 122)

A web é um canal digital que atua como uma televisão online, planejado de acordo com os padrões da internet. Branco e Trindade (2002, p. 60, grifo do autor) afirmam que “a explosão da Web se constitui como um novo polo de atração para a Televisão Intercativa, (sic) [...] reunidos os conteúdos, as tecnologias e os utilizadores de serviços interativos”.

O rádio também se adaptou-se na internet, onde os ouvintes conseguem escutar as notícias transmitidas em tempo real via internet. Prata (2008, p. 4) relata que:

A web rádio tem uma homepage na internet por meio da qual podem ser acessadas as outras páginas da emissora. Na homepage aparecem o nome da emissora, geralmente um slogan que resume o tipo de programação e vários hiperlinks para os outros sites que abrigam as diversas atividades desenvolvidas pela rádio. Várias novidades são oferecidas pelas webs rádios, como chats, podcasts, biografias de artistas, receitas culinárias, fóruns de discussão, letras cifradas de músicas, etc.

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/>.

¹² Disponível em: <https://www.unoeste.br/facopp/>.

¹³ Disponível em: <https://www.globo.com/>.

O podcast é mais um dos formatos existentes no webjornalismo. Sua definição e características, além de exemplos e análises serão abordados no próximo capítulo.

3.2 A produção de conteúdo das mídias digitais

As mídias digitais são significativos meios de promoção de marcas e de produtos na internet. De acordo com Lima Junior (2009, p. 97), ela “permite a criação, compartilhamento [...] e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente”.

A produção de conteúdo direcionado para a internet se torna cada dia mais frequente com os avanços da tecnologia. Um dos fatores que estimularam esse feito foi a invenção da web 2.0 que, entre suas vantagens, trouxe a interatividade. Para Fragoso (2001, p. 1),

Uma vez que a palavra interatividade surgiu para esclarecer a diferença qualitativa entre duas possibilidades de interação humano-computador, também a adoção da expressão interatividade midiática, a rigor, só se justificaria em relação a um tipo específico de interação.

Identificar seu público, ter um objetivo em mente, gerar ideias. Esses são alguns dos passos para a produção de conteúdo midiático que desperte interesse, independentemente da plataforma hospedada.

Os textos jornalísticos para a internet possuem uma estrutura diferente daqueles presentes nos impressos. Enquanto os tradicionais usufruem da pirâmide invertida¹⁴, o web jornalismo produz conteúdos com base na pirâmide deitada¹⁵. Essa última permite que o leitor navegue pelo texto e leia aquilo que o convém, o que torna o texto mais dinâmico.

A começar pelo blog: seus conteúdos textuais, que muitas vezes intercalam com fotos e vídeos, possibilitam leitura fácil e rápida, com frases curtas. Por seu caráter independente, costuma ser usado pela mídia alternativa. Como exemplo, pode ser citado O Blog do Sakamoto¹⁶.

¹⁴ Estrutura da notícia na qual os fatos mais importantes estão presentes nos primeiros dois parágrafos do texto, chamados de lead e sublead.

¹⁵ Adaptação da técnica de pirâmide invertida para uma estrutura de informação com hiperlinks, onde o leitor decide qual rumo tomar ao consumir o conteúdo.

¹⁶ Por Leandro Sakamoto. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogsfera.uol.com.br>.

Já os portais oferecem maior diversidade ao disponibilizarem em uma só página uma gama de informações para o internauta, que irá consumi-las de forma instantânea (Moura, 2002, p. 31). A produção de conteúdo é a mesma: evitar longos parágrafos e ser objetivo.

Os sites possuem uma hierarquia de informações das notícias e o uso recorrente de texto, imagens/áudios, gráficos e vídeos para despertar o interesse do leitor em meio aos tantos produtos encontrados na internet. E mais: sua interface é mais dinâmica que as dos portais.

A fotografia tem uma presença universal nos ambientes virtuais e é liberta das limitações espaciais presentes nos papéis (CANAVILHAS, 2014, p. 36). O autor ainda afirma que,

O mais usual é a imagem estática numa caixa. Porém, também existe a possibilidade de assumirem outras formas como, por exemplo, panorâmicas de 360º, megafotografias, carrosséis, fotografias de geolocalização com efeitos de navegação especial e de zoom de alta definição, etc.

Gráficos, ilustrações e iconografias também fazem parte da criação de informação na web. De acordo com Canavilhas (org, 2014, p. 35) estes são elementos determinantes que orientam o utilizador sobre os itinerários do espaço virtual.

Outro meio de produzir notícias na internet é o audiovisual. De webtv aos stories¹⁷, esse produto é cada vez mais consumido na internet – desde a primeira década do século regente isso vem acontecendo (CANAVILHAS, 2014, p. 35).

O discurso oral é um elemento que acrescenta grande valor nas produções digitais e é usado em peças de multimídia de duas formas: voz off¹⁸ ou vivo¹⁹. (CANAVILHAS, 2014, p. 36)

Quando independente, o discurso oral deve apresentar ainda mais força com as principais características presentes no rádio e que se adequam a produção da internet: sensorialidade (faz o ouvinte imaginar, estar ambientalizado), prestação de

¹⁷ Espaço de vídeos e fotos curtos gerados por usuários das redes sociais Facebook e Instagram. Outras redes sociais também possuem este tipo de feed na plataforma, porém com outras nomeações

¹⁸ Narração do locutor, produzida após as gravações.

¹⁹ Sonora; falas que ocorrem durante a gravação do produto.

serviço, linguagem intimista e mobilidade (já que o usuário não precisa estar parado em um lugar para prestar a atenção) (FERREIRA, 2014, p. 25-27).

Uma dessas produções da web é o podcast, que nasceu inspirado pelo rádio e oferece uma nova forma de comunicação ao universo online. Essa mídia será discutida no próximo capítulo.

4 PODCAST

4.1 Uma definição para conhecer

O podcast é toda produção de áudio (ou de qualquer outro formato de arquivo) que, posteriormente, é distribuído em um site com tecnologia Really Simple Syndication (RSS) e transmitido por outros sites ou aplicativos chamados de agregadores.

Enquanto o feed RSS distribui informações em tempo real pela internet e permite que publicações sejam agrupadas de forma personalizada, os agregadores transmitem esses conteúdos e possibilitam o consumo de forma off-line²⁰, por meio de downloads²¹.

Entre os exemplos de sites que disponibilizam esses feeds estão o Spreaker²² e o SoundCloud²³. Já entre os agregadores, pode-se citar os aplicativos Spotify e iTunes.

A palavra “podcast” deriva de outras duas: “pod” vem de iPod, dispositivo da Apple para ouvir músicas e áudios, mas também representa a expressão “Portable on Demand”²⁴; já o “cast” vem de broadcasting²⁵, termo usado para a transmissão constante de informações por meio de som e/ou imagem.

Além disso, vale ressaltar que a palavra “podcast” é usada tanto para citar o conteúdo quanto a mídia de produção.

Salemme (2018, p. 5) compreende que o podcast “insere no contexto digital além de um novo formato de consumo do áudio, também uma nova forma de explorar e utilizar as novas tecnologias”. E foi assim que essa mídia surgiu: a partir de uma série de experiências.

Dave Winer, em 2000, experimentou utilizar a tecnologia RSS para armazenar áudios. Antes disso, apenas textos e fotos eram disponibilizados ali. Sua ideia deu certo.

²⁰ Fora da internet.

²¹ Cópia de um arquivo originalmente publicado na internet.

²² Disponível em: <http://www.spreaker.com>.

²³ Disponível em: <http://www.https://soundcloud.com>

²⁴ Tradução livre: portátil sob demanda.

²⁵ Tradução livre: rádiofusão.

Adam Curry, outra personalidade da comunicação, decidiu testar uma forma de transferir esse tipo de arquivo disponibilizado via RSS para o agregador iTunes, única forma na época de passar conteúdos para os iPods. Essa transferência de dados é chamada de podcasting.

Outros criadores de conteúdo passaram a utilizar dessa tecnologia para reunir seus conteúdos de áudio na internet e, assim, se popularizou em solo americano a nova forma de transmissão de informações.

No Brasil, o podcast chegou no ano de 2004, quando Daniel Medeiros desenvolveu o primeiro programa brasileiro em *podcasting*, chamado Digital Minds (nome também de seu blog).

A partir deste momento surgem outros vários podcasts no Brasil e o segmento tenta se organizar com a realização da primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), porém o crescimento se revela efêmero e não se sustenta e já no ano seguinte em 2005 é observado o fim de vários podcasts no Brasil. (SALEMME, 2018, p. 8)

Quando parecia o fim dos podcasts no Brasil, surge uma nova fase. Em 2006, a mídia toma força com a chegada de novos podcasters às plataformas. Poucos profissionais da primeira fase retomam as atividades. (LUIZ; ASSIS, 2010)

Inicialmente, os podcasts brasileiros seguiam o padrão norte-americano, pelo qual os programas sofriam poucas edições e se pareciam com os programas de rádio ao vivo.

As formas de produção deste produto se assemelham às do rádio. Ambos contêm um indivíduo (geralmente o apresentador) que se comunica com os ouvintes e em alguns casos, com mais integrantes do programa ou com convidados de forma intimista, direta e clara. Outra semelhança são os elementos da mensagem (efeitos sonoros, música, fala, ruído e silêncio).

Luiz; Assis (2010, p. 2) afirmam que “embora haja certa semelhança entre o podcast e o que poderia ser chamado de “rádio pela internet”, já que se trata essencialmente de informações passadas via arquivos de áudio, não é esse o caso”.

Entre as características que assemelham entre a web rádio e o podcast (e que se destacam na estrutura narrativa), estão a e a interatividade e a atemporalidade. A interatividade é uma comunicação mediada por dispositivos

eletrônicos com acesso à internet que visa à relação entre os meios. No podcast, acontece por comentários de episódios, redes sociais e e-mails. Já a atemporalidade é a condição de um produto que não perde a atualidade do teor informativo ao longo do tempo.

Quanto às diferenças, há uma principal. A tecnologia podcast é diferente do rádio porque seu conteúdo é feito sob demanda. Isso significa que os programas não seguem uma grade de horários, mas sim ficam disponíveis para serem baixados, reproduzidos, pausados e retomados quando e onde o ouvinte quiser. (FERNANDES; MUSSE, 2018, p. 4)

A mídia podcast é democrática e funcional. De acordo com Vanassi (2007, p. 55), não há necessidade de uma formação ou conhecimento técnico sobre o assunto para produzir conteúdo.

O podcast é uma nova forma de comunicação sob demanda. O ouvinte decide o que consome e quando consome, a qualquer hora e a qualquer lugar do mundo. Esta definição é chamada de consumo associativo.

Pires Filho²⁶ (2019, s/p) afirma que a contribuição do podcast para a sociedade é de “trazer a opinião de gente independente (quando não é produzido pelas emissoras de rádio ou TV tradicionais), não ter pressão de limite de tempo nem de pautas [...] e pela multiplicidade de temas oferecidos”.

Para entender como é feita a produção de um podcast e quais técnicas cada profissional usa, foram necessárias análises a respeito das linguagens e dos padrões definidos por cada um.

4.1.1 Análises de podcasts: padrões, respeito à linguagem e inovações

Os podcasts têm as suas produções de acordo com os interesses de quem produz e de quem consome o produto sendo ele: informativo, reflexivo e opinativo. Diferentes assuntos e temas são debatidos de forma dinâmica, informativa e até mesmo descontraída em bate-papos.

Para definir os critérios de análises, estudaram-se as características de uma produção radiofônica com o livro *Rádio e Jornalismo*²⁷, de Homéro Ferreira. Foram

²⁶ Entrevista com Luciano Dias Pires Filho, podcaster do programa Café Brasil, realizada por e-mail em 24. fev. 2019.

²⁷ Editora CRV, 2014.

observados nomes, estilos, sinopses, dados gerais e técnicos, local de hospedagem, links, títulos dos episódios, tempo de duração, número de participantes, estrutura, participação dos ouvintes, equalização, intensidade, entonação vocal, audibilidade e conteúdos gerais e específicos. Foram observados e analisados 15 podcasts sendo eles: cinco jornalísticos, cinco relacionados ao público feminino e cinco sobre variedades.

Quanto aos critérios de áudio, a equalização avalia o equilíbrio entre as falas. Outro fator estudado também foi a intensidade, que diz respeito ao ritmo do podcast. Para uma narração esportiva, por exemplo, é preciso de uma locução mais rápida, diferente das notícias ou outros assuntos em geral.

De acordo com as análises, o podcast não têm um padrão específico para ser seguido, pois existem diferentes estilos empregados na mídia de narrativa atemporal e assuntos a serem debatidos em uma linearidade (começo, meio e fim) não tão exata.

Enquanto o episódio analisado do podcast Um Milkshake Chamado Wanda²⁸ (entretenimento) possui mais de uma hora de conteúdo, o produto jornalístico Podcast com Paulo Henrique Amorim²⁹ tem o tempo de gravação de quase cinco minutos. Ambos alcançam o objetivo de levar informações ao ouvinte, mas de formas diferentes.

Em todos os podcasts ouvidos a conversa acontece de forma natural, espontânea, criativa e informativa, sem padrões formais. O episódio do Nerdcast, por exemplo, prova que embora o produto tenha que levar conteúdo de credibilidade, os apresentadores podem utilizar de humor e descontração.

Na edição avaliada, os apresentadores e os convidados batem papo sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), assunto tão importante para aqueles que querem entrar em uma universidade. Mesmo sem interesse pelo assunto, o ouvinte consome o produto justamente pela desenvoltura dos participantes e da estrutura utilizada para informar. Curiosidades, dados, histórias ajudam a construir um podcast de qualidade.

²⁸ Podcast do PAPELPOP que pauta, segundo a própria empresa, “notícias, fofocas, opiniões e bom-humor sobre o mundo do entretenimento e da cultura pop”.

²⁹ O Conversa Afiada foi um projeto de Paulo Henrique Amorim por meio do jornalismo alternativo, com portal, podcast, webrádio e canal no Youtube. Os veículos não tiveram mais conteúdos após a morte do jornalista, mas suas redes sociais estão ativas pela equipe.

Quanto aos elementos de estrutura, alguns iniciam com vinheta (como o Mamilos) e outros já diretamente na história abordada no podcast (baseados em Fatos Surreais, por exemplo). As análises podem ser consultadas no apêndice B, no final deste trabalho.

4.2 O podcast aplicado ao jornalismo

O podcast emergiu na era 2.0 da web, quando havia a possibilidade de baixar conteúdo em MP3, porém em 2004 esse formato que já era usado foi nomeado “Podcast” por Dave Winer, em parceria com o jornalista Christopher Lyndon com o nome podcast, criando uma ferramenta que auxiliava na publicação de áudios das matérias a todos os públicos.

No Brasil, o primeiro podcast foi Digital Minds feito por Danilo Medeiros, em 21 de outubro de 2004. Ao contrário dos Estados Unidos, o podcast no Brasil não começou com o jornalismo. A ideia do Digital Minds era de se diferenciar dos blogs que existiam até então.

Grande parte dos produtos presentes nessa mídia é voltado ao entretenimento. Segundo a pesquisa realizada pela ABPod, o podcast Nerdcast³⁰ é consumido por 57% dos 10.811 brasileiros entrevistados; já o Não Ouvo³¹, por 21% das pessoas.

Entre os principais jornais brasileiros que produzem nessa mídia, estão: Folha de S. Paulo, CBN³² e Estadão. Cerca de 5,5%, das pessoas entrevistadas para a pesquisa, escutam podcast jornalístico. Há jornalistas que se aventuram sozinhos nesse ramo, como foi o caso de Paulo Henrique Amorim³³.

O podcast permite a ampla divulgação de conteúdos independentes pelo seu alcance e custo-benefício, já que é possível disponibilizar os arquivos em plataformas gratuitas e divulgar nas redes sociais.

Há diversos modelos de produção de jornalismo no podcast, assim como no rádio. Entre os produtos listados por Ferreira (2014, p. 40) que estão disponíveis

³⁰ Podcast do Jovem Nerd, portal de notícias e entretenimento sobre a cultura pop. A marca utiliza essa nova mídia há mais de dez anos.

³¹ Programa de humor e entretenimento do site Não Salvo, comandado por Maurício Cid.

³² Central Brasileira de Notícias.

³³ PHA, como o próprio se abreviava na internet, foi jornalista, blogueiro, podcaster, empresário e apresentador.

tanto na nova quanto na tradicional mídia, pode-se listar a entrevista, o debate, a mesa-redonda e o programa de variedade. O programa de entrevista tem como objetivo “obter informações que revelem novidades, esclareçam fatos e marquem opiniões”. (FERREIRA, 2014, p. 42)

O podcast Musas é um exemplo deste produto, onde em cada episódio mulheres e suas carreiras são pautas. No debate há dois ou mais integrantes que geralmente obtêm opiniões diferentes. A presença de um mediador é inevitável. (FERREIRA, 2014, p. 42)

Entre os podcasts analisados pelo grupo, As Mathildas se encaixa neste tipo. Sem a rigidez do debate, a mesa-redonda propõe a discussão de assuntos. Mamilos e Ponto G são podcasts que fazem parte deste gênero. Cada episódio possui um tema e os apresentadores e convidados expõem ideias, opiniões e histórias que agregam na construção da informação.

O programa de variedade, segundo Ferreira (2014, p. 42), “é voltado ao entretenimento, com música, humor e informações”, como o podcast Não Ouvo. Nele, há assuntos curiosos toda semana, em tom humorístico. As pautas geralmente surgem com base no dia a dia dos apresentadores. No episódio analisado, o conteúdo era sobre uma doença que um integrante do programa contraiu.

Para Bruck e Costa (2016, p. 4), é “importante observar que é exatamente no jornalismo que os podcasts têm conseguido maior presença e não seria exagero dizer que tal relevância se deve, em parte, ao sucesso alcançado na web”. O podcast mudou a maneira de se consumir notícias e se transformou em um novo modelo de multimídia incluído na internet e no jornalismo.

4.2.1 Linguagens e padronizações jornalísticas aplicadas ao podcast

O crescimento das mídias digitais tem provocado mudanças na circulação das informações sonoras e suas linguagens. Segundo a pesquisa feita pela ABPod, 22.691 mil pessoas ouviram podcast no Brasil em 2018.

Para Fernandes e Musse (2017, p. 4), “já não existem mais delimitações de tempo ou de espaço para a circulação de informações, abrindo espaços para o surgimento à renovação de conceitos como hipertextualidade, multimídia, interatividade e memória”.

Ricardo Veiga³⁴ afirma que o podcast tem as mesmas padronizações e linguagens que o rádio. Sua diferença é que nesta nova mídia não tem limites de hospedagem, tempo ou de participantes.

Assim como em outras mídias, a produção de um podcast necessita da apuração e produção de pautas, para decidir qual tema será tratado no programa, selecionar dados que ofereçam credibilidade e argumentos ao assunto, além de trazer o histórico das fontes.

Também é necessário criar um roteiro/script que facilite a produção e mostre de maneira clara e objetiva as informações mais importantes para se discutir em um programa. É importante conter na estrutura recursos da mensagem como vinheta, bloco e sobe som.

Para Luiz e Assis (2010, p. 13), “o número de informações produzido pelos podcasts é algo inquestionável. Muitos são dedicados a nichos que não têm espaço na grande mídia.” Além disso, os autores afirmam que a interatividade com o público e a acessibilidade de produção e o consumo dessa mídia amplia o conceito de receptor ativo nas mídias digitais.

Essas características, tratadas neste capítulo, são importantes para conseguir alcançar o público definido. O grupo também pretende informar mulheres com base na imprensa alternativa, estudada no próximo capítulo.

³⁴ Entrevista realizada em 16 abr. 2019.

5 IMPRENSA ALTERNATIVA E A MULHER

5.1 Contexto histórico da imprensa alternativa no Brasil

Enquanto os meios de comunicação exercem o papel de informar até os limites de interesse dos veículos, a imprensa alternativa questiona com maior liberdade, principalmente, os problemas sociais.

O jornalismo alternativo, também chamado de independente, de resistência, e *underground*, ou seja, que foge dos padrões, é conhecido pelo trabalho em oposição ao Regime Militar (1964-1980), onde denunciava a violação dos direitos, as torturas e o modelo econômico da época. (CHINEM, 1995, p. 7)

Um dos marcos da ditadura que afetou o jornalismo foi a edição do Ato Institucional Nº5 (AI-5), criado em dezembro de 1968. Ele atingia a garantia dos direitos fundamentais e humanos.

Nesse mesmo ano, o jornal O Estado de S. Paulo sofreu um atentado inicialmente atribuído à esquerda, mas que, dez anos depois, foi esclarecido que a autoria foi do Estado-Maior do II Exército. As informações foram obtidas por um oficial do grupo executivo e passadas para o jornalista Luiz Alberto Bittencourt, de O Repórter. Em janeiro de 1979, o coronel do Exército, Erasmo Dias, deu entrada de queixa-crime contra os repórteres do jornal. (CHINEM, 1995, p. 12)

Muitos jornalistas, ao se sentirem presos pelas opiniões dos grandes jornais comerciais, fundaram pequenos veículos. O diferencial desses novos periódicos, além disso, foi o humor ácido e crítico.

Um dos primeiros alternativos foi o Pif-Paf, comandado por Millôr Fernandes. O periódico fechou quatro meses depois do seu lançamento por publicarem uma fotomontagem do presidente da época, Humberto de Alencar Castello Branco. (CHINEM, 1995, p. 18)

Outro periódico da época foi O Pasquim, criado em julho de 1969 por jornalistas e cartunistas do Brasil, como Ziraldo Alves Pinto³⁵ e Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe³⁶ (com o pseudônimo de Jaguar). Sem medo de enfrentar o lançamento do AI-5, cada edição apresentava duras críticas com humor ácido que

³⁵ Cartunista, chargista, escritor, pintor, teatrólogo, cartazista e jornalista. Mineiro, de Caratinga, começou a carreira nos anos 1950 em jornais como Jornal do Brasil e O Cruzeiro.

³⁶ Cartunista, caricaturista, ilustrador, desenhista, cronista e jornalista. Nasceu no Rio de Janeiro e iniciou a carreira na revista Manchete, em 1957.

se popularizou por todo o país. Os integrantes do jornal foram presos, alvos da ditadura, pelo período de dois meses.

A prisão não intimidou os jornalistas. O Pasquim só fechou no ano de 1991, mas teve grande importância como um meio de resistência, já que lutou pela conquista do direito à informação, idem a liberdade de expressão que foram inegáveis para a história.

Casadei (2011, p. 1) afirma que a profissionalização das mulheres no jornalismo começou com a participação na imprensa alternativa. No começo, essa iniciativa sofreu forte preconceito. Um dos registros que confirmam isso é o artigo O Eterno Feminino, disponível na Revista Ilustrada (1886). Os homens diziam que essa ação devia ser ampliada, mas não tanto. Além disso, há relatos de que as mulheres não deveriam se envolver com política.

Segundo Debértolis (2002, p. 27), é a imprensa francesa³⁷ que vai influenciar, inicialmente, as publicações dedicadas às mulheres que surgiram no Brasil no século XIX, coincidindo com o início da própria imprensa brasileira.

O Brasil, até então, tinha um jornalismo muito tradicionalista, no qual os produtos direcionados para mulheres eram escritos por homens. Os produtos se limitavam aos temas domésticos e às fotonovelas.

A fotonovela é a grande percussora de revistas femininas no Brasil. São basicamente novelas em forma de textos e imagens. A Revista Capricho (editora Abril) que foi a primeira revista a adotá-la, no ano de 1952.

Em 1975, uma edição especial do jornal Movimento sobre a mulher foi barrada pela censura e não foi para as bancas. Neste momento, surge a imprensa feminista, com periódicos como Brasil Mulher, Nós Mulheres e Mulherio.

De acordo com Chinem (1995) entre as edições apreendidas pela censura estava uma sobre o trabalho da mulher no Brasil que mobilizou 82 jornalistas em oito estados durante 40 dias. “Resultado: das 305 laudas enviadas à censura, 283 foram cortadas; de 73 fotografias, 58 foram vetadas; de 13 desenhos, seis foram proibidos; e de 12 tabelas estatísticas, dez foram canceladas”. (CHINEM, 1995, p. 77)

Nos anos de 1964 a 1980 nasceram 150 jornais alternativos. Isso reforça a ideia de que o jornalismo tem compromisso social de levar informação como mediador da sociedade, mesmo em meio as represálias da ditadura militar.

³⁷ Imprensa alternativa.

Hoje, a imprensa alternativa é vista como um meio que promove a discussão de forma acessível e facilita que os veículos distribuam seus conteúdos por ela. Por ser desgarrada da grande mídia, não se mantém com grandes investimentos - mais um motivo para os alternativos aderirem à internet.

5.2 A presença da mulher no jornalismo

No século XIX, surgiram muitas publicações voltadas ao público feminino, com assuntos relacionados à moda, culinária e cuidados domésticos, além de um espaço destinado para problematizar a situação da mulher. Essas publicações eram escritas por homens, mas já existiam mulheres que atuavam e ajudavam nos jornais, contribuindo para o crescimento da escrita feminina. (WOITOWICZ, 2008, p. 3)

O meio de comunicação que mais se destacava no âmbito feminino era a revista. Espelho de Diamante surgiu em 1827 e foi primeira revista feminina no Brasil. Teve uma duração curta, tendo sua última edição em 1828. Seus assuntos eram pontuados logo na capa, com a frase “Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas Dedicado às Senhoras Brasileiras”. (DÉBERTOLIS, 2001, p. 12)

O segundo jornal feminino criado no Brasil, em 1821, foi Espelho Braziliense teve apenas 30 edições na época. Em 1952, surge a Capricho, que fez enorme sucesso e vendia em média cerca de meio milhão de exemplares quinzenalmente. Era a maior revista feminina da América Latina, porém era escrita por homens.

Em 1982, a revista teve que se reinventar, pois com o advento do cinema, a revista de fotonovela foi perdendo força, desta forma começaram a pautar assuntos sobre donas de casa e moças daquela época. Em meados das décadas de 50 a 60 começou a acontecer a “grande invasão” das mulheres nas redações.

Dois grandes veículos da época começaram a mudar suas pautas e seus jornalistas: mulheres começaram a escrever para mulheres. Claudia, criada em 1961, (e que perdura até os dias atuais), foi desenvolvida com o slogan “Revista amiga” e tinha uma redação feminina. Segundo Ramos (2010, p. 76), foi a jornalista Carmem Silva, quem trouxe para a revista um tom mais reivindicatório, o que na época nenhuma fazia.

Silva buscava conscientizar as leitoras sobre os seus direitos e deveres e acabou ganhando confiança, o que sucedeu em cartas de mulheres que liam suas

publicações na revista. Algo que aconteceu também na Gazeta, que tinha apenas uma página feminina e com o sucesso de seus conteúdos, tornou-se em um caderno semanal chamado Gazeta Feminina que resultou em edições direcionadas para mulheres.

O direito de se ter voz dentro dos veículos de comunicação começou por volta de 1870, em jornais como O Sexo Feminino (1873 a 1896), jornal que foi publicado por Francisca Senhorinha da Mota Diniz e o jornal A Família (1888 a 1897) por Josefina Álvares de Azevedo.

Em 1862, também no Rio de Janeiro, um grupo de mulheres, com instrução secundária, fundou O Belo Sexo. Mais críticas quanto ao tipo de atuação social da mulher, que, segundo elas, conduzia ao tédio e solidão de uma vida improdutiva, que as privava de uma instrução mais profunda para conduzi-las ao casamento. (LIMA, 2007, p. 3)

Com a participação feminina em jornais onde teve um grande avanço mesmo quando as mulheres trabalhavam sozinhas em jornais em busca de seus direitos, houve publicações do movimento feminista por meio de jornais, cartazes, revistas, panfletos etc., como suporte para contribuir ainda mais com suas lutas.

No século XX, a presença das mulheres ganha força com a participação no campo literário e nos veículos de comunicação. Entre os assuntos pautados por elas estão a política, o trabalho e as mudanças culturais.

Bertha Lutz cria em 1919 a Liga pela Emancipação Feminina, organização que lutava pela igualdade das mulheres, e a realização da Semana da Arte Moderna, em 1922, provoca o questionamento sobre determinados padrões culturais e artísticos. A conquista do voto feminino e a Legislação Trabalhista de proteção ao trabalho feminino, nos anos 1930, são outras importantes referências na trajetória das lutas das mulheres, em que se verificou a atuação da imprensa na disseminação de ideais feministas. (WOITOWICZ, 2008, p. 5)

O cenário das mulheres jornalistas têm crescido durante os anos. Uma pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) realizada em 2012 mostra que 64% das vagas da área são ocupadas por mulheres e 36% por homens.

A crescente presença de mulheres jornalistas inseridas no mercado de trabalho é representada por uma luta constante do público feminino através de seus ideais.

5.3 A mulher como pauta no jornalismo: estereótipos, padronizações e caminhos

O universo feminino é pautado no meio jornalístico desde a criação das revistas de novelas. A Gazeta Feminina foi um dos poucos jornais que trouxeram para as páginas conteúdos diferentes para as mulheres, produzido pela jornalista Regina Helena Paiva Ramos nos anos 50. As mulheres deixaram de ver conteúdos domésticos (bordado e culinária, por exemplo) e passaram a consumir cultura através de conteúdos que traçavam os perfis de que mais se destacavam na época.

Carmem da Silva foi a primeira jornalista do Brasil a falar abertamente com suas leitoras sobre feminismo. Com o veículo chamado “Arte de ser mulher”, trouxe a conscientização e assuntos tabus, como infidelidade, aborto, divórcio, sexo, orgasmos femininos, trabalho e submissão.

Hoje, as publicações voltadas para o público feminino incorporam o cotidiano da vida nacional e representam o setor mais importante das revistas especializadas. E ostentam um número surpreendente de títulos relacionados direta ou indiretamente a esse público: decoração, astrologia, horóscopo, casamento, estética, beleza, gravidez, moda e saúde. Cada uma com sua personalidade, seu público, seu nicho no mercado editorial. Curiosamente – ou não – as revistas femininas se apoderaram de vez do privado, da intimidade, da vida sensível e da busca do prazer. E assumiram a feminilidade – para o bem e para o mal. (DUARTE, 2016, p. 28)

O feminismo sempre criticou as imposições de beleza e comportamento criadas pela mídia, já que a representatividade da mulher vai além do exterior. Suas atitudes valem muito mais que a aparência. (SILVA *et al.*, 2016, p. 10)

5.3.1 O que as mulheres querem ouvir?

Na busca por informações, as mulheres estão cada vez mais atentas e querem ser representadas por meio de conteúdos que elas consomem e de fácil acesso. Essas informações que são consumidas diariamente em diversos meios de comunicação, podem ser feitas através de uma boa apuração ou através de técnicas jornalísticas que são utilizadas: pesquisas, pautas, observações e entrevistas.

As notícias direcionadas não só ao público feminino, mas também a outros públicos, devem ser passadas de forma ética e levar a reflexão sobre a situação das

mulheres, independente do veículo publicado - rádio, TV, revista, jornal impresso e podcast.

A literatura e a moda, temas-chave dos primeiros exemplares surgidos nesse segmento, foram ganhando novos contextos e rumos, ao longo da história, até chegar ao atual jornalismo feminino, uma segmentação especificamente marcada pela abordagem de temáticas que vão da moda à beleza, passando pelo sexo, educação dos filhos e carreira profissional (BANDEIRA, 2015, p. 2)

Hoje, as mulheres não querem saber apenas sobre moda, casa, decoração, como pensava a antiga mídia. O site Think With Google, em 2017, divulgou que a busca pela expressão “empreendedorismo feminino” triplicou de um ano para o outro.

As mulheres estão em busca de conteúdos ligados a negócios, desejos, conhecimentos, entre outros assuntos que as tornam independentes. A diferença salarial e a igualdade de gênero, para exemplificar, foram dois temas muito buscados no período de 2013 até 2017 no Google.

Para identificar o que as mulheres gostariam de ouvir, foi necessário criar uma persona, ou seja, um personagem fictício para representar modos, comportamentos e atitudes de um determinado usuário. O termo personas iniciou em 1983³⁸, quando Alan Cooper³⁹ teve a ideia de desenvolver um software que gerenciasse projetos. Logo após, ele começou a entrevistar pessoas que poderiam ser os usuários do programa. Essas entrevistas resultaram na usuária fictícia que passou a ser chamada como Kathy. Diante desse resultado, Cooper seguiu a mesma linha de pensamento para o público de seus projetos, usando características reais.

A pesquisa foi feita com seis mulheres, mas que possuíam diferentes modos de vida como: opção sexual, descendência, condição financeira, sonhos e gostos. Para chegar à definição de que persona seria escolhida, foi importante selecionar as características de cada entrevistada para assim, dar vida à Vitória. Nas entrevistas a abordagem foi discutir sobre o conhecimento que elas teriam sobre os podcasts e a partir daí, aprofundar nos gostos e interesses sobre diferentes assuntos.

³⁸ Onde surgiram as *Buyer Personas*? Disponível em: <https://www.tracto.com.br/buyer-persona/>
Acesso em: 10/05/2019.

³⁹ Programador de software, escritor e designer.

Surge então a persona Vitória, uma jovem negra que é lésbica, acima do peso, empreendedora e estudante. Ela passa por dificuldades financeiras, mas tenta conciliar trabalho e família. A Vitória ouve muitos podcasts, pois pensa que assim irá crescer sua bagagem cultural, além de despertar seu interesse para vários assuntos.

Ela ouve podcasts sobre empreendedorismo, direitos da mulher, o feminismo, sororidade, empoderamento feminino, LGBTQIs, ela ouve sobre como identificar relacionamentos abusivos, todos os tipos de assédio, sobre mulher na ciência, gordofobia, doenças sexualmente transmissíveis, casas de acolhimento, liberdade sexual e parto humanizado.

A partir dessas informações coletadas, que foram criadas para o desenvolvimento da persona, foi decidido qual seria o público que os episódios do podcast Manas será direcionado e quais serão as técnicas utilizadas para atrair a atenção da ouvinte.

Assim, os assuntos tratados terão relevância e de forte interesse para fazer do podcast um meio de absorver conteúdo, conforme apresentado no capítulo 6 deste projeto.

6 PROJETO EDITORIAL

6.1 Introdução

O Manas é um programa trabalhado na mídia podcast que aborda temas femininos no cenário político e social e tem como prioridade a imparcialidade e a informação, através de episódios com linguagem jovial, leve, sucinta e menos técnica ao público, da região de Presidente Prudente (SP).

As criadoras deste programa são Brenda de Oliveira, Isabelle Voltareli, Larissa Oliveira, Rayeni Emerich e Taylane Fernandes, que promovem a cada episódio discussões dentro do universo feminino.

De acordo com Martino (2015, p. 49), assumir uma identidade cultural é um ato político. Por isso, além dos episódios tratarem de assuntos diversos e importantes para as mulheres, eles informam e esclarecem dúvidas frequentes das mesmas.

Política, neste sentido amplo, diz respeito às possibilidades de ação no espaço público, isto é, à possibilidade de ser quem se é, defender publicamente as ideias que se tem não só sobre governo e administração, mas também sobre modos de pensar e estilos de vida. (MARTINO, 2015, p. 109)

Nos episódios do Manas, são abordadas várias vertentes dentro do assunto de interesse selecionado, com formato de bate-papo. Além disso, a duração do programa não é determinada e a estrutura do mesmo é de apenas um bloco.

O Manas está disponível nas plataformas digitais via internet, hospedado na plataforma Spreaker (<https://www.spreaker.com/>), disponibilizado em agregadores como Spotify, iTunes, Portal Facopp e Google Podcasts e é divulgado nas redes sociais Facebook e Instagram, que possuem fácil acesso ao público.

Inicialmente, o grupo planejou trabalhar com o blog. Porém, pela grande demanda da ideia (programação, diagramação, produção, edição, entre outros processos), decidiu-se trocar a mídia usada. As integrantes pensaram então em alterar o produto, mas manter a plataforma. Após discussões e pesquisas, foi escolhido o podcast, que também integra as mídias digitais.

Martino (2015, p. 11) explica que “em uma mídia digital, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento são, na verdade,

seqüências de números. Essa característica permite o compartilhamento, armazenamento e conversão de dados”.

O que é produzido em meios de comunicação não tradicionais (rádio, televisão e impresso) faz parte das novas mídias. De acordo com Costa (2007, s/p):

[...] as novas mídias viraram de ponta cabeça a comunicação. As possibilidades interativas carregadas pelos computadores, pelos aparelhos celulares, pelos dispositivos de jogos e de música e pela televisão digital exigem mais reflexão, compreensão e criatividade do que revela a capacidade criativa.

Quanto à disponibilização do conteúdo, a plataforma de hospedagem Spreaker serve para usuários criarem seus próprios veículos de webrádio ou podcast e transmitirem de forma direta no site. Há diversos planos disponíveis, sendo um gratuito e os outros pagos.

A opção sem custo do Spreaker disponibiliza apenas 5 horas de armazenamento de áudio. Já as versões pagas, oferecem a partir de 100 horas e ainda outros benefícios, como o feed RSS personalizável. O grupo usa a versão paga, pois o tempo total de gravações por mês ultrapassa o tempo total disponibilizado pela versão gratuita.

Já na divulgação, a equipe optou por utilizar duas das plataformas sociais mais procuradas pelos internautas: o Facebook e o Instagram.

O Facebook é uma das redes sociais mais populares do mundo, segundo análises do Statista (portal alemão de estatísticas) divulgadas em janeiro de 2019. O Brasil é o terceiro país que mais possui usuários ativos nessa plataforma: são 130 milhões de brasileiros no total.

Já o Instagram é uma rede voltada à fotografia, onde 69 milhões de brasileiros estão ativos, ainda segundo dados do Statista. Em junho de 2018, essa plataforma atingiu a marca de um bilhão de usuários ativos por mês.

Tanto no Facebook quanto no Instagram serão publicadas fotos de bastidores, trechos dos episódios, apresentação dos convidados e divulgação dos lançamentos. Além disso, são usadas ferramentas para o público enviar feedback, histórias e perguntas para futuros episódios.

Falar com mulheres já era um dos objetivos desde o início. A equipe acha importante a divulgação de informação para as mulheres já que, embora sejam a

maioria em número (51,08% da população é feminina de acordo com o IBGE), são minoria em direitos.

Em matéria para o jornal Folha de S. Paulo em setembro de 2017, a jornalista Renata Truzzi comentou que apenas 20% dos negócios, até então, eram liderados por mulheres e isso se dava pela desigualdade de gênero.

Assim, se faz importante promover debates sobre a igualdade social e informar com dados estatísticos, leis, histórias e conteúdo que promovam uma mudança no quadro atual.

6.2 Objetivos

6.2.1 Objetivo geral

Produzir podcast para informar as mulheres de Presidente Prudente e região.

6.2.2 Objetivos específicos

- Abrir um canal de informações para mulheres de Presidente Prudente e cidades vizinhas;
- Utilizar o podcast, uma das mídias tecnológicas presentes no jornalismo;
- Trabalhar com base na imprensa alternativa pela liberdade de informar; e
- Oferecer espaço para o protagonismo feminino por meio de pautas construtivas e colaborativas.

6.3 Justificativa

Em Presidente Prudente há 36 veículos de comunicação, de acordo com um levantamento feito por alunos da Facopp no primeiro semestre de 2019. São duas emissoras de TV, três rádios comunitárias, seis rádios AM e seis FM, doze veículos da web (portais, sites, Web TV ou blogs) e seis jornais impressos. Desses,

apenas dois utilizam a nova mídia, mas não como foco principal: o alternativo Digital Ruaz e o Estúdio Vitrine.

Isso mostra que a mídia local ainda não aderiu por completo ao formato. O Manas, portanto, é o primeiro programa da cidade voltado apenas ao podcast e, ainda mais, o primeiro podcast da região feito para informar as mulheres.

Trabalhar com a imprensa alternativa e ao mesmo tempo com a imparcialidade oferece mais versatilidade e independência ao projeto. Isso fará com que o grupo ofereça maior espaço aos debates para reivindicações às mulheres.

Possebon e Nogueira (2010, p. 13) defendem que "a comunicação alternativa já revelou um grande potencial de mobilização e democratização" e que a internet oferece um amplo espaço para expressão dos grupos sociais, já que permite a divulgação de ideais para todo o mundo com um custo baixo ou zero.

Investir no podcast significa se enquadrar nas novas mídias digitais de informação.

6.4 Público-alvo

Mulheres foram entrevistadas pela equipe para definir a persona do programa. Personas são pessoas fictícias que representam as diversas pessoas que se interessam pelo produto ou pela plataforma investida. Com esses dados, foi definido o público-alvo a ser trabalho.

Vitória é jovem, negra, acima do peso, lésbica, empreendedora e estudante. Foi mãe muito cedo, mas consegue conciliar estudo, trabalho e família. Ela gosta de ouvir podcasts para adquirir conhecimentos e conhecer histórias inspiradoras. Os assuntos que mais despertam seu interesse são:

- Empreendedorismo;
- Direitos da mulher;
- Feminismo (o que é, o que fazer, como lutar pela causa);
- Sororidade;
- Empoderamento feminino;
- LGBTQI+s;
- Como identificar relacionamentos abusivos;
- Assédio;

- Mulheres na ciência;
- Audiovisual;
- Gordofobia;
- Violência doméstica;
- Parto humanizado;
- Mulheres que não querem ser mães;
- Prevenção de DSTs;
- Liberdade sexual;
- Feiras populares;
- Casas de acolhimento e coletivos para as minorias;
- Femicídio; e
- Desigualdade salarial.

6.5 Linha editorial

O podcast Manas é porta-voz independente do povo feminino para a região de Presidente Prudente. Um programa de mulheres para mulheres, onde cada tema abordado promove a informação quanto aos direitos e as lutas diárias desse público que, embora seja maioria em estatística é uma minoria social.

Cada podcast produzido tem abordagem jornalística com base nos princípios de objetividade, precisão e atemporalidade. As três linguagens jornalísticas presentes no programa são: informativa, opinativa e interpretativa.

A objetividade existe quando a produção preza por uma conexão entre o conteúdo e quem o consome. O jornalista deve apurar, bem como se informar para poder levar informação ao seu público com verdade e clareza.

Ao passar dados incorretos ou incompletos ao ouvinte, o jornalista não cumpre a sua função social. Por isso, informar com precisão é necessário para que o público tenha a ideia correta de um dado e, assim, o programa terá credibilidade.

Atemporalidade é a condição que proporciona duas situações ao podcast: 1 – o tema não tem um prazo de validade e o público pode ouvir tanto hoje quanto daqui cinco anos que seu conteúdo terá o mesmo valor; 2 – não há um sentido cronológico entre os episódios, já que cada um aborda de assuntos diferentes.

A narrativa do Manas tem função informativa (também chamada de referencial) que, como o próprio nome já diz, tem a função de informar. “A comunicação jornalística é, por definição, referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si.” (LAGE, 1997, p. 39)

Também se usa no programa a linguagem opinativa, onde o locutor tem a liberdade de usar a sua opinião ao estar exposto a um fato. Quando o grupo escolheu dar voz à luta feminina, já teve um viés opinativo, ideológico.

O objetivo da equipe é fazer com que os convidados possam trazer suas opiniões de maneira clara e objetiva. “As grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (LAGE, 1997, p. 42)

O gênero interpretativo, por sua vez, está ligado aos dados e à exatidão das informações. De acordo com Soster *et al.* (2010, p. 8),

Pode-se considerar como jornalismo interpretativo aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele.

Foram produzidos, no total, quatro pilotos e sete episódios, com hospedagem realizada a partir da aprovação do orientador. O programa possui um único bloco e não tem editoriais definidos.

6.6 Estrutura

Todo assunto abordado no programa é previamente apurado com fontes e dados. Lage (2009, p. 49) contextualiza que são poucas as matérias originadas por observação direta e que “a maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de *fontes*.” (LAGE, 2009, p. 49, grifo do autor)

Ao reunir dados e fontes, é feita a pauta. Segundo o Manual da Redação da Folha de S. Paulo, ela é o “primeiro roteiro para a produção de reportagens, não é uma simples ideia, mas um plano de ação”. (MACHADO, 2018, p. 111)

A pauta produzida pela equipe contém retransca (palavras que definem o assunto do produto), proposta, encaminhamento, roteiro de produção (dia, data,

hora, local, nomes dos entrevistados e sugestões de perguntas) e histórico do assunto, que está relacionado a contextos políticos e sociais do universo feminino com imparcialidade e tendo a informação como prioridade.

Deve-se orientar as fontes que vão participar do programa sobre a linha editorial, os processos no dia da gravação, o tema do episódio e demais explicações necessárias (como evitar dizer “boa noite”, já que o podcast é atemporal).

Posteriormente, a pauta vira um roteiro, documento usado nos programas para instruir os apresentadores sobre cada ponto a ser abordado e às perguntas que serão feitas e sinalizar os momentos de elementos de som e de deixas para as fontes falarem.

Com o roteiro pronto, é possível gravar o podcast. Para isso, é agendado com antecedência o horário de produção no Laboratório de Rádio. Caso seja necessário o uso de mais equipamentos (como o microfone, por exemplo), solicita-se os materiais no Atendimento Facopp no máximo um dia antes.

Os convidados do programa que não fazem parte da universidade não entram sem a devida identificação. Até 24 horas antes da gravação, a produtora responsável passa os seus nomes e os CPFs ao Atendimento.

Os episódios não podem fugir do contexto jornalístico e da linha editorial. Por ser um programa com único bloco, foi importante fazer as orientações e os ajustes com antecedência.

Para que os episódios fossem consumidos e vistos pelos internautas, houve a necessidade de hospedá-lo em uma plataforma. A interação com o público foi feita pelas redes sociais (Facebook e Instagram) e por e-mail: manaspodcast@gmail.com. As ouvintes participaram da formação de cada episódio ao enviar sugestões de pautas, feedback e depoimentos para a construção de um programa com a cara delas. Enquetes, discussões e lives (vídeos ao vivo) também são opções de interações entre a equipe e o público.

6.7 Projeto de áudio

Com o avanço da tecnologia muitos meios de comunicação conseguiram se adaptar e até mesmo englobar para si as possibilidades oferecidas. Com o podcast não foi diferente. Para a produção e construção do trabalho prático deste Trabalho de Conclusão de Curso, o grupo chegou a um acordo de que a trilha sonora que

fizesse parte da programação dos episódios fosse somente uma trilha sonora e que representasse em todas as etapas do produto: abertura, apresentação, encerramento e ficha-técnica.

A trilha usada foi projetada com dois sons que se completam e isso representa que algo começará logo depois de sua reprodução.

Para isso, o site utilizado para se fazer o download foi o Freesound.org que se trata de repositório colaborativo no qual se encontra diversos tipos de áudio com licença Closed Caption. O site é uma organização sem fins lucrativos e possibilita que os usuários melhorem seu desempenho e estrutura dos programas.

Para entender o que é uma vinheta, os autores Fukuda e Lima (2012, p. 4), explicam que:

[...] um objeto de estudo que revelam claramente a interface da música e da comunicação, da publicidade com a arte. São peças presentes no cotidiano do rádio, o meio de comunicação em que os encontros e os diálogos entre essas áreas se dão de maneira intensa, por causa da produção e veiculação de material sonoro, com o intuito de divulgar uma emissora ou um programa em específico.

Para a realização dessas etapas, são necessários recursos técnicos, resumidos no item 6.9. Antes de separar esses recursos, a identidade visual do Manas foi criada.

6.8 Identidade visual

A criação da identidade visual é de Greysson Susuki, estudante de Publicidade e Propaganda da Facopp.

O objetivo da equipe é uma identidade visual forte e que remete a luta da mulher para pela expressão. Com as referências disponibilizadas, Greysson desenvolveu diversas opções de logos, que se alteraram conforme a as solicitações do grupo.

A primeira opção de logo mostra a mão azul com o reflexo rosa no superior, indicando que a mulher passa a ganhar espaço. A ideia logo foi reprovada e iniciou-se o processo de criação da segunda opção.

Figura 1 – Primeira versão do logo



A primeira ideia de Greysson possui design futurístico

A segunda opção tem como proposta ilustrar os cabos dos microfones utilizados nas gravações dos podcasts, mas a equipe entrou em consenso de que a criação (arte) não remete de imediato à ideia do programa.

Figura 2 – Segunda opção de logo



A equipe realizou apontamentos para um segundo estilo de logo, mas foi descartado posteriormente.

Por fim, a identidade visual escolhida foi a terceira, na qual a mão feminina segura o microfone como um ato de empoderamento.

Além de ser usado na profissão de jornalista, o microfone é um instrumento que representa a projeção de informação e conscientização na sociedade.

Quanto as cores usadas: rosa e lilás são as mais encontradas em produções feitas para mulheres. Assim, quando a internauta buscar por produções voltadas às mulheres, ela identificará na primeira vista o público do programa.

Figura 3 – Evolução da identidade



O logo escolhido passou por evolução e mínimas alterações, como a posição dos dedos.

A identidade visual passou por mínimas alterações, mas que fazem toda a diferença. A mudança do microfone, por exemplo, foi feita porque o modelo que é usado no estúdio de rádio é diferente daquele comumente encontrado nas ruas com repórteres de TV, por exemplo.

Figura 4 – Logo escolhida



Identidade atual do Manas.

Com os projetos de áudio e de imagem definidos é possível agendar todos os recursos técnicos necessários e listados a seguir.

6.9 Recursos técnicos

Para a produção do podcast, foram utilizados os respectivos equipamentos e laboratório da Facopp:

- 3 microfones Behringer, modelo B1;
- 1 mesa Behringer 18 canais;

- 2 computadores Acer;
- Programa de captação Sound Forge;
- Programa de edição Sony Vegas;
- 1 amplificador Staner;
- 2 caixas de monitor Bertoni.
- 1 câmera Canon 60d objetiva;
- 1 lente (18-135mm) F/3.5; e
- Ilha de edição do laboratório da Rádio Facopp.

6.10 Procedimentos de edição, gravação e hospedagem

O processo após o programa ser gravado é constituído por fases de edição: que começa pela análise do conteúdo. Ao ouvir todo o material, o editor confere se está tudo certo e inicia os cortes.

Devem ser cortadas as longas pausas, já que elas dificultam o ouvinte a ter atenção na informação. Além disso, é necessário equalizar o áudio para que ele mantenha um volume que seja apto para o público.

O lugar escolhido para hospedar os podcasts se chama Spreaker: um serviço que possibilita que os usuários possam criar e transmitir seus próprios produtos de áudio diretamente do site, além do acesso em diversos tipos de música. O valor mensal do plano adquirido é de R\$ 28.

6.11 Recursos financeiros

O grupo dividiu as despesas de custos que incluem pré-produções, produções, impressões, pré-projetos, pautas, análises, documentos necessários, além de projetos gráficos de identidade e divulgação do presente trabalho.

Tabela 1 – Investimento feito pelo grupo

Item	Valor
Papelaria (impressões e encadernações)	R\$ 581,10

Projeto gráfico/identidade	R\$ 80,00
Uber para entrevistada	R\$ 28,34
Spreaker (hospedagem)	R\$ 112,00

6.12 Recursos humanos

A reunião de pauta é feita por todas as integrantes da equipe junto com o orientador. Escolhido o tema da próxima semana, a pessoa responsável pela pauta (que é definida por rodízio) busca por fontes, dados e informações que serão abordados durante o programa.

Na ausência de pauteiros, os produtores são os responsáveis. Para Curado (2002, p. 44), “o produtor oferece o eixo da matéria”, isso porque é o responsável por buscar fontes, marcar entrevistas e reúne arquivos para a construção do produto.

Os produtores também são responsáveis pelo roteiro. No modelo de produção deste podcast, essa tarefa também será feita pela âncora. Estão na função de produtoras: Brenda de Oliveira, Isabelle Voltareli, Larissa Oliveira e Rayeni Emerich.

A âncora do programa é a Taylane Fernandes. Curado (2002, p. 54) define que o âncora “é o apresentador do programa que acumula essa atividade com a de editor-chefe ou editor-executivo. O âncora funciona como o nome que tem: nele se apoia a identidade editorial do programa”.

Junto com o âncora, neste projeto, há uma apresentadora. Quem recebe essa função “reconhece a importância das notícias e tem domínio de ritmo e de entonação” (CURADO, 2002, p. 55) e, ainda segundo a autora, “deve ter, além dos recursos de voz, empatia desenvolvida”.

A gravação do programa é feita pelo técnico de áudio Jesley Almeida. Já a edição, por Larissa Oliveira, que tem como objetivo analisar todo o conteúdo e padronizar o som, além de incluir os elementos de som (a vinheta, o encerramento, a trilha, entre outros – que são incluídos conforme a demanda do episódio).

Da mesma maneira que o projeto teórico, toda a peça prática tem a supervisão e orientação do Prof. Dr. Roberto A. Mancuzo Silva Junior. Assim como

um diretor de jornalismo de veículos tradicionais, ele é responsável por acompanhar cada processo e sugerir alterações, reprovar e aprovar os conteúdos.

O organograma com a distribuição de funções está disponível na seção de apêndice C deste trabalho. Ao definir o projeto editorial e realizar os pilotos, o grupo obteve o resultado final que será discutido no próximo capítulo.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

Este capítulo apresenta o desenvolvimento teórico e prático de todo o trabalho desenvolvido por Brenda, Isabelle, Larissa, Rayeni e Taylane.

O pré-projeto da pesquisa teve início no sexto termo do curso de Jornalismo, a partir do dia 1º de agosto de 2018 e passou por um longo processo até resultar em um estudo teórico-prático sobre o podcast.

Antes de escolher o podcast, o primeiro produto a ser pensado por Larissa e Taylane para trabalhar foi o radiodocumentário, com o tema “mulheres radialistas de Presidente Prudente”. Porém, a ideia foi alterada, pois as duas sentiam mais identificação com o jornalismo online pela sua dinâmica e fácil acesso.

Durante o percurso, Brenda, Isabelle e Rayeni se juntaram a dupla, já que também se interessavam em trabalhar com mídia online e com o público feminino.

Após a reformulação, o grupo entrou em discussão e concluiu que o blog seria uma plataforma interessante para se trabalhar, mas a ideia logo foi descartada, já que desencadearia em uma grande manutenção e produção de conteúdo jornalístico. Assim, optaram por não dar continuidade.

Então, a equipe procurou a ajuda dos professores e da coordenação para escolher uma nova ideia. Carolina Mancuzo, coordenadora do curso, sugeriu o estudo do podcast, que agradou todo o grupo por ser um produto pouco estudado na faculdade e ainda possuir fácil acesso e baixo custo. A pesquisa foi agregada e manteve-se o princípio da comunicação para mulheres, uma vez que este era o desejo de todas.

Para o desenvolvimento do pré-projeto, foram divididas as tarefas e o estudo do referencial teórico, baseados em livros, artigos e escritores sobre pesquisa, jornalismo, rádio e podcast para o conteúdo do trabalho.

O grupo também participou de aulas e reuniões com a professora Dra. Maria Luísa Hoffmann, que orientava o pré-projeto mediante a disciplina Metodologia de Pesquisa em Jornalismo até a pesquisa passar por uma banca de qualificação, em novembro de 2018, constituída pelo professor Dr. Roberto Mancuzo e pelas professoras Dra. Fabiana Alves, Dra. Thaisa Sallum Bacco e pela própria orientadora da disciplina.

Este foi o primeiro TCC de podcast a ser trabalhado na Facopp. Até então, foram desenvolvidos projetos voltados às outras vertentes do jornalismo, como

videodocumentário, assessoria de imprensa, sites jornalísticos, exposições, revistas, livros e reformulações de veículos.

Mesmo com dificuldade em encontrar informações sobre a mídia trabalhada, o grupo obteve boa nota na banca de avaliação e foi aprovado. A partir daí, se iniciou o processo de orientações com o professor e orientador Dr. Roberto Aparecido Mancuzo Júnior.

Na primeira orientação, as alunas receberam o cronograma de produção e de pesquisa. Cada uma ficou responsável por realizar fichamentos de livros e artigos. Além disso, foram analisados podcasts sobre entretenimento, mulheres e notícias que ajudaram a equipe a entender o que é podcast, quais são suas linguagens e sua dinâmica, bem como de que forma o construir no jornalismo e o que utilizar para isso.

Para compor a pesquisa, necessitou-se da análise de podcasts com base nos critérios de equalização, intensidade, entonação vocal, audibilidade, conteúdo geral, conteúdo específico e participação externa dos podcasts, com o auxílio do professor Me. Homéro Ferreira. Os podcasts foram escolhidos e sorteados pelo grupo para determinar quais produções cada integrante iria ouvir e analisar.

Figura 5 – Tabela de podcasts analisados

Podcasts	Nomes	
Estadão Notícias	Isabelle	Jornalismo
Esquizofrenóias	Brenda	
Mamilos	Rayeni	
Os pingos nos Is	Larissa	
Podcast com PHA	Taylane	
Um milkshake	Isabelle	Variedades
Não Ovo	Rayeni	
Nerdcast	Taylane	
Laços	Brenda	
Imagina Juntas	Larissa	
Olhares	Larissa	Mulheres
Ponto G	Isabelle	
As Mathildas	Taylane	
Baseados em fatos...	Rayeni	
Musas	Brenda	

Cada aluna ficou responsável por analisar três podcasts entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019

Em fevereiro de 2019, foram entregues os fichamentos, as análises dos podcasts, o levantamento bibliográfico e as informações das possíveis fontes, assim como as pautas para as entrevistas com os podcasters e o pré-projeto reformulado, além de uma pesquisa sobre a quantidade de podcasts existentes em Presidente Prudente.

Durante o processo, a dificuldade encontrada foi a da padronização de todo material. Para resolver isso e facilitar a comunicação da equipe, criou-se um grupo no aplicativo de conversas WhatsApp e um e-mail com acesso ao Google Drive para armazenar todo o desenvolvimento do trabalho, como reuniões, atividades, correções, lembretes e divisões das tarefas e materiais.

Depois dessa etapa, iniciou-se o corte teórico com base no material coletado por fichamentos e análises. A escrita da peça teórica foi destinada para Larissa e Taylane, que se prontificaram a escrever o conteúdo, enquanto Brenda, Isabelle e Rayeni se responsabilizaram por novos fichamentos, pesquisas, correções, sugestões e impressão do material.

Os pilotos, então, passaram por um planejamento para que todas se adaptassem à da mídia e para a definição da linguagem a ser trabalhada no produto final.

Para a produção dos pilotos, o grupo escolheu a plataforma de hospedagem, os modelos de pautas e roteiros, os temas trabalhados e as fontes dos episódios, e as respectivas funções nos quatro episódios experimentais.

Além de todo material produzido no recorte teórico, o orientador solicitou o nome do podcast e as plataformas que seriam usadas de edição, hospedagem e transmissão dos arquivos dos episódios.

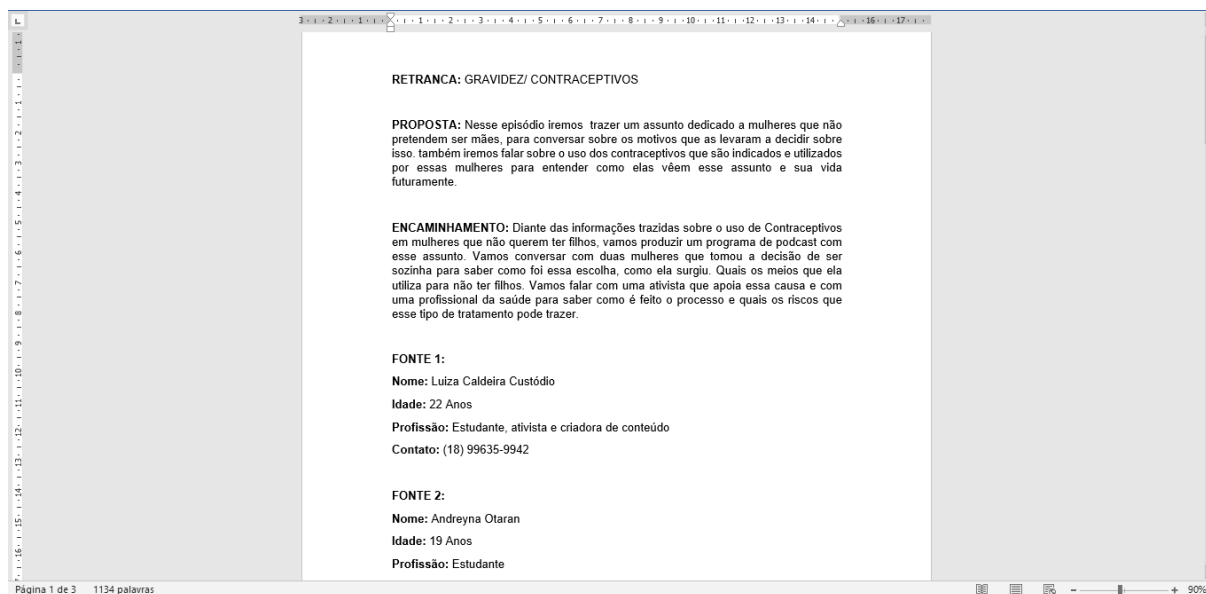
A apresentação fixa dos programas ficou destinada à Taylane, por decisão do grupo, que apresentou os pilotos e programas junto com uma segunda integrante, definida por rodízio de funções, para que todas do grupo participassem ativamente do podcast.

Todas decidiram também que a edição dos pilotos e dos programas ficaria sob a responsabilidade da Larissa, já que, das integrantes, é a que possuía mais a habilidade em trabalhar o áudio por já ter estagiado no Laboratório de Rádio da Facopp.

Ao escolher o nome do podcast, a equipe prezou pela ideia de irmandade, amizade e intimidade entre as integrantes e o público, já que a ideia é, por meio da informação, unir mulheres e discutir pautas importantes no universo feminino. “Manas” ou “manos” é uma gíria usada entre irmãos ou amigos muito próximos, então decidiu-se chamar o programa de Manas.

A produção das entrevistas com os podcasters foram divididas em duas etapas. A Isabelle construiu as pautas para entrevistar os profissionais da mídia trabalhada e a Larissa entrevistou os mesmos via e-mail e telefone.

Figura 6 – Pauta para entrevistas



Foram realizadas pautas completas para a complementação de dados. Documento original e completo em “Anexos”

Com as informações obtidas e fornecidas pelos podcasters e o estudo feito até então, começaram a produzir as pautas para os pilotos. A prioridade era a voz feminina nos episódios. Os pilotos tiveram os seguintes temas: Estereótipos e Autoaceitação, Assédio Moral, Coletivo de Mulheres e Empreendedorismo Feminino.

As funções trabalhadas nos episódios foram: editora-chefe, produtora, roteirista, making of e apresentadora. Nos pilotos, apenas a Brenda não passou pela apresentação.

Em fevereiro de 2019, o grupo criou a primeira pauta e o roteiro para piloto do Manas. Os processos foram de pesquisa, pauta, gravação e edição e o primeiro episódio ocorreu no dia 13 de março de 2019.

Figura 7 - Roteiro de podcast

PODCAST MANAS
#01 DITADURA DA BELEZA, PROPAGANDA DE MARGARINA E ESTEREÓTIPOS

TEMA: ACEITAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO, EMPODERAMENTO E DIREITO DE ESCOLHAS EM MEIO AOS PADRÕES E ESTEREÓTIPOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE E MÍDIA.

[ABERTURA]

OLÁ, OUVINTES! COMEÇA AGORA A EDIÇÃO NÚMERO UM DO PROGRAMA MANAS, PODCAST VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E A CADA EDIÇÃO VAMOS ESTAR JUNTAS PARA DEBATER, TER UM PAPO LEGAL SOBRE TEMAS QUE FAZEM PARTE DO NOSSO MUNDO, DA NOSSA VIDA. QUEM ESTÁ COMIGO HOJE, MINHA COMPANHEIRA DE APRESENTAÇÃO É A RAYENI EMERICH. COMO VOCÊ ESTÁ, RAYENI?

[...]

O MANAS É FEITO POR MAIS OUTRAS TRÊS MULHERES QUE VOCÊ VAI CONHECER AO LONGO DOS EPISÓDIOS. E POR FALAR EM EPISÓDIO, BORA COMEÇAR OFICIALMENTE ESTE?

NÃO ESTAMOS SOZINHAS! ESTÃO CONOSCO HOJE MAIS TRÊS MULHERES. VAMOS APRESENTÁ-LAS: A PSICÓLOGA ANA PAULA CLARO CINTRA. OI, ANA! DÊ UM ALÔ PRA GALERA E UM BREVE RESUMO SOBRE VOCÊ.

[...]

NOSSA OUTRA CONVIDADA É A FLÁVIA SUGITANI CINTRA NEVES, DESIGNER DE MODA E FEMINISTA. FALA UM POUCO DE VOCÊ TAMBÉM, FLÁVIA! SE APRESENTE.

Todos os roteiros produzidos seguiram o mesmo padrão. Documento original e completo em "Anexos"

Rayeni produziu a pauta, ou seja, cuidou da pesquisa e trouxe dados sobre o assunto. O roteiro foi escrito por ela e pela Taylane, que desenvolveram o programa sobre estereótipos e auto aceitação. O making of foi feito pela Larissa, que também editou e hospedou o programa.

No primeiro piloto, Rayeni e Taylane falam com a psicóloga Ana Paula Cintra e com as convidadas Flávia Cintra e Jeniffer da Silva sobre a cultura da beleza e comportamentos impostos pela sociedade, em especial sobre como lidar com isso por meio do empoderamento e da auto aceitação.

Figura 8 - Gravação do primeiro piloto



Estereótipos e Autoaceitação foi tema do primeiro piloto do podcast. - Mais imagens em Apêndices

A pesquisa continuou com a entrega da pauta do segundo piloto e o projeto editorial, um guia que deve ser seguido para as gravações dos programas.

No dia três de abril de 2019, foi gravado o segundo episódio do Manas, com o tema Assédio Moral no Trabalho e suas categorias, sugerido pela Larissa Oliveira que fez a produção da pauta e também do roteiro com a ajuda da Taylane Fernandes.

Larissa também editou o segundo piloto, que teve como convidados a advogada Ana Paula Zago Gonçalves e o gestor de carreira Wilson Lussari. A

pessoa no qual já passou por essa situação não pode comparecer no dia da gravação, por isso, o grupo optou por trabalhar com essas duas fontes.

No dia 20 de abril, o grupo apresentou o terceiro episódio do Manas e dessa vez com o tema Coletivo de Mulheres em Presidente Prudente. A apresentação e produção desse piloto ficou por conta da Isabelle juntamente com a Taylane. Larissa e Rayeni registraram toda a gravação e a edição eletrônica foi realizada pelo técnico do Laboratório de Rádio da Facopp, Jesley Almeida.

O terceiro piloto contou com as mulheres que compõem do coletivo prudentino Santo Útero, Isabella Balieiro e Maria Eduarda da Silva, que bateram um papo com Isabelle e Taylane sobre as atividades sociais e culturais que o grupo realiza, bem como a importância, as dificuldades de inclusão na sociedade e a participação e solidariedade entre as mulheres. A socióloga Olívia Alves de Almeida não pode comparecer por motivos pessoais.

Por fim, a gravação do último piloto de podcast, no primeiro semestre de 2019, ocorreu no dia 5 de junho e no episódio discutiu-se sobre empreendedorismo feminino. A apresentação foi de Larissa e Taylane.

A banca avaliadora ocorreu no primeiro semestre de 2019, no dia 17 de abril. A equipe apresentou os dois primeiros episódios gravados em um DVD personalizado com um logotipo provisório do Manas, juntamente com a peça teórica desenvolvida ao longo de todo semestre. Os professores responsáveis pela banca foram o presidente Me. Homéro Ferreira, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo e o orientador Dr. Roberto Aparecido Mancuzo Júnior.

Depois do grupo ser aprovado pela banca, deram início a discussão sobre o desenvolvimento de todo conteúdo da peça prática para o período de recesso, em junho e julho de 2019.

Ainda no primeiro semestre de 2019, a convite da professora Giselle Tomé da Silva, Brenda e Isabelle falaram sobre o Manas com os alunos do 4º termo de Jornalismo dentro da disciplina de Jornalismo Especializado, ministrada pela professora citada, na Facopp.

Com o auxílio do orientador, as pesquisadoras dividiram novas. Em reunião, foram decididas novas pautas para os episódios que viriam, novas entrevistas com podcasters para contribuir com a peça teórica, análises dos pilotos do Manas, assim como criar a identidade visual do Manas e trabalhar na plataforma de hospedagem.

Além disso, também reservaram datas para solicitar materiais nos laboratórios de Rádio e de Fotografia.

A escolha foi usar as câmeras do laboratório de Fotografia e o espaço, estrutura e equipamentos (como microfones e mesa de som) do laboratório de Rádio da Facopp, para assim, as apresentadoras e convidadas realizarem o bate-papo com o auxílio do técnico de áudio Jesley Almeida.

Depois da volta do recesso, foi apresentado todo o material produzido e assim iniciou-se a produção dos episódios do Manas. Além disso, todos os episódios pilotos e os novos episódios que foram e iriam ser gravados, precisaram ser transcritos.

O primeiro episódio gravado pelas pesquisadoras foi no dia 21 de agosto de 2019, que abordou o tema Literatura Feminina. As convidadas para esse episódio foram a poeta Lee Kauê e a leitora Camilla Bonillo. Ambas trocaram ideias e experiências com as apresentadoras.

Nesse episódio, Brenda, substituiu a apresentação de Taylane, que se ausentou por motivos de saúde e assim, conduziu o programa com Isabelle, roteirista da edição; Larissa fez o making of e editou o primeiro episódio, que teve a produção de Rayeni.

A segunda gravação do podcast ocorreu no dia 18 de setembro de 2019, com o tema Transexualidade. A apresentação foi de Larissa e Taylane, que roteirizaram o episódio com a ajuda da Brenda e a produção foi de Rayeni que, além da pauta, fez o making of. Já Isabelle cuidou das redes sociais.

O episódio sobre transexualidade teve a participação da psicóloga Débora Belizário e da transexual e ativista Walleria Suri. As mulheres falaram sobre a transformação do corpo, o convívio familiar e as demais mudanças, preconceitos, barreiras e aceitação.

Virgindade foi o assunto do terceiro episódio, apresentado e roteirizado por Isabelle, que conduziu o programa com Rayeni, produtora da edição com Brenda Oliveira. Joandele Barcelos, Stephanie Santos falaram sobre esse tema e sexualidade. Também estava presente a ginecologista Letícia Belussci. O making of foi por conta de Brenda e Larissa, que também editou e hospedou o podcast, comandado pela editora-chefe Taylane.

O quarto episódio falou de feminismo com as ativistas Beatriz Lorenzon e Natália Souza, que discutiram sobre o movimento com as apresentadoras Brenda e

Isabelle. Brenda produziu o episódio com Rayeni, no qual foi roteirizado por Isabelle. O making of foi feito também pela Rayeni e pela Larissa, que edita e hospeda todos os episódios. Taylane novamente orientou as integrantes para a gravação de mais um podcast.

Com o assunto “mulheres que não querem ser mães”, o quinto episódio foi apresentado por Larissa e Taylane e teve como convidadas as jovens Luiza Custódio, Andreyana Otaran e Ana Beatriz. As redes sociais e a pauta ficam sob responsabilidade de Rayeni, enquanto o roteiro foi desenvolvido por Brenda e Isabelle.

Ao trazer apenas jovens que compactuam com o mesmo desejo e ao produzir a pauta e o roteiro sem o mínimo de informação, a edição 5 não alcançou o objetivo de levar ao público conteúdo relevante. Um dia depois do lançamento do episódio, a equipe recebeu um *feedback* da coordenadora do curso, que confessou a insatisfação quanto ao conteúdo.

O erro aconteceu por dois motivos: primeiro, a pauta foi feita às pressas, o que causa a falta de apuração e de dedicação em busca ao que é relevante – e isso prejudica todas as outras etapas adiante; segundo, a equipe não refletiu sobre o fato e gravou o podcast mesmo sem ter dados para sustenta-lo.

Mesmo sendo um resultado insatisfatório, o caso ensinou o grupo e prova a importância de produzir conteúdo com responsabilidade, apuração, informação e relevância. O público sente quando há falta de elementos importantes nos discursos que ouve.

O penúltimo episódio do semestre foi sobre relacionamentos abusivos e contou com a participação de Mariane Pracânica, jornalista que conviveu durante anos em uma relação abusiva, Beatriz Fukanari, advogada especialista em Direito e Processo Penal, e Brenda Mercurio, psicóloga e co-fundadora do Cordel Social, projeto voltado à orientação e acolhimento contra a violência à mulher.

Ao contrário do episódio sobre mulheres que não querem ser mães, esse obteve uma produção mais dedicada, o que resultou em um bate-papo rico, informativo e com o padrão buscado pelas integrantes.

A apresentação da sexta edição foi de Taylane; produção e roteiro, de Brenda e Rayeni. Já o making of foi feito pela Larissa e Isabelle cuidou das redes sociais.

Por fim, o sétimo episódio teve como pauta a mulher no exercício da comunicação, em especial no jornalismo. Com a Isabelle na apresentação, Rayeni e Brenda na produção e Larissa no making of, o encontro promoveu um bate-papo com a radialista Regina Santos, a assessora de imprensa Beatriz Santos e a repórter e comentarista de esportes Julhia Marqueti.

Durante o segundo semestre de 2019, as integrantes do Manas também participaram de oficinas de podcast. A primeira oficina teve a participação de Isabelle e Taylane, que trabalharam com os alunos da Pós-Graduação em Educação, Trabalho e Saúde Ambiental da Unesp de Presidente Prudente, no dia 17 de agosto, a mídia estudada nesse trabalho. A pós é voltada para professores da rede pública de ensino e assentados do Pontal do Paranapanema.

Outra oficina realizada pelo grupo foi para os alunos do sexto termo de Jornalismo da Facopp. Participaram das atividades: Isabelle, Larissa, Taylane e Rayeni.

A experiência nos dois casos contribuiu no aprendizado para a formação de todos os participantes da oficina, que discutiram sobre a mídia podcast, aprenderam a fazer a pauta e o roteiro, conheceram os processos de edição, hospedagem e transmissão e ainda experimentaram gravar um episódio.

Outra vivência do grupo fora da faculdade foi a participação no programa de podcast do publicitário e radialista Ricardo Veiga, no Estúdio Vitrine, dia 14 de setembro. A equipe conversou sobre o desenvolvimento o Manas, a produção do TCC e sobre a importância do podcast.

Já na manhã do dia 17 de outubro, Rayeni e Taylane, junto com o orientador, realizaram uma oficina de podcast para os alunos dos oitavos anos A e B da escola Monteiro Lobato, de Sandovalina. Os estudantes, acompanhados dos professores Valdir Nascimento e Fabiana Damascena, visitaram a Unoeste e conheceram o laboratório de rádio da Facopp, além de criarem seu próprio podcast. Os alunos falaram sobre a participação da escola no projeto de Comunicação e Educação dos alunos de jornalismo Lucas Cardozo e Yuri Aquinno, colegas de sala das integrantes do projeto.

Durante todo o projeto, cada integrante do Manas passou por experiências dentro e fora da Facopp que agregam não só na formação como jornalistas, mas na ideia de prosseguir com a produção do podcast.

Mensagens de carinho e de apoio ao Manas, tanto de pessoas do convívio das integrantes como as de fora (inclusive ouvintes de outras cidades do estado, como a capital São Paulo), além das visualizações e downloads em cada episódio e a conclusão de que o projeto é aplicável dentro do jornalismo motivam as cinco pesquisadoras a continuarem com o trabalho após o TCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção e conclusão desse trabalho, compreende-se que o objetivo proposto inicialmente foi atingido e ainda ofereceu aprendizado na prática jornalística dentro e fora da Facopp, tanto em gravações quanto em oficinas.

Para isso, é necessário estudar técnicas jornalísticas e formas de apuração e produção noticiosa para que o público-alvo seja contemplado. Nesse sentido, o podcast proporciona, a partir do conteúdo jornalístico, um contato maior entre apresentadores e entrevistados, o que resulta em trocas de conhecimentos e maior confiabilidade da fonte.

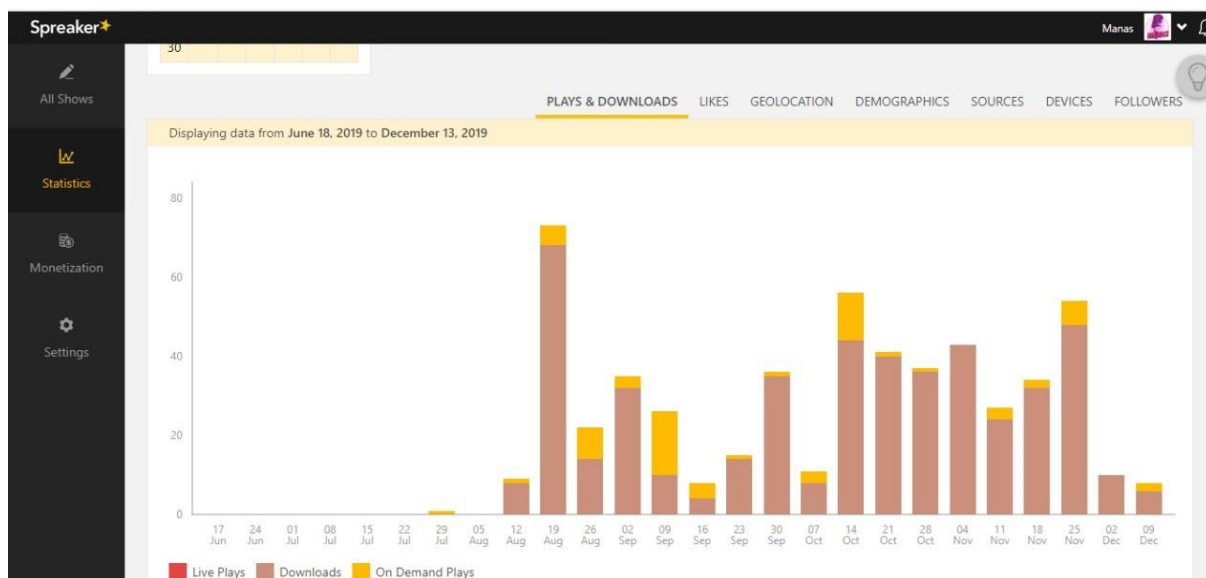
Outro ponto importante: desenvolver conteúdos com critérios de noticiabilidade, como a proeminência e a proximidade, sem deixar de lado as características do podcast. Além disso, o respeito ao lugar de fala dos convidados é primordial.

A cada episódio, em exceção o quinto, foram entrevistadas mulheres que ou vivenciaram uma situação relacionada ao tema, ou são profissionais que trabalham com o assunto abordado e todas tiveram o mesmo espaço para falar.

Não só as teorias do jornalismo precisam ser discutidas, mas também o estudo do formato de mídia, que é entendido em vários âmbitos: assimilar todo o contexto do surgimento do podcast, o meio de comunicação em que ele é disponibilizado e ainda frisar que o conteúdo, em sua grande maioria, é abordado de maneira atemporal.

Como resultado, obteve-se quatro pilotos e sete episódios, todos disponibilizados nas seguintes plataformas digitais: Spreaker, Apple Podcasts, Spotify, Deezer, Portal Facopp e Google Podcasts. Até o fechamento do projeto, realizado no dia 12 de dezembro de 2019, foram contabilizados 502 downloads e 82 plays em demanda. A contagem teve início no dia 18 de junho de 2019.

Figura 9 - Estatística de plays e downloads do semestre (18/6 a 12/12)



(Arquivo pessoal/Spreaker)

Além do consumo do conteúdo disponibilizado na web, as sugestões de pautas pelas redes sociais e os convites para participações em eventos da faculdade e fora dela também foram um resultado positivo.

Vale lembrar que, antes de qualquer prática, a escolha da metodologia e das técnicas de pesquisa para o embasamento teórico é fundamental para um bom desenvolvimento do trabalho, independentemente do resultado final.

A metodologia é a pesquisa exploratória com dados qualitativos, pois foi necessário conhecer a fundo sobre o produto podcast e coletar dados com profissionais da área e ouvintes, com o objetivo de conferir experiências e obter conclusões que vão além das estatísticas.

Através das técnicas de pesquisa bibliográfica, de análise de conteúdo e de entrevistas de profundidade foram possíveis a coleta dos dados.

A teoria desenvolveu-se através de estudos sobre jornalismo alternativo, jornalismo feminino e podcast e grande parte dessa bagagem é disponibilizada em livros e artigos de cada área.

Quando necessárias informações além dos livros, as entrevistas de profundidade auxiliam no processo de pesquisa. Com a vertente semiaberta, tanto as perguntas quanto as respostas foram além do “sim” ou “não”; a proposta dessa modalidade é obter falas aprofundadas.

As entrevistas ajudam também na delimitação do público e dos conteúdos a serem abordados. Para o Manas, as mulheres disseram gostar de informações sobre empreendedorismo, sexualidade, saúde e bem-estar comportamento e virgindade, por exemplo.

A análise de conteúdo também é uma ferramenta para obter informações qualitativas, mas, principalmente, possibilita que pesquisadores estudem as mais diversas formas de produzir conteúdo para que definam uma própria.

Notoriamente, o estudo de cada técnica facilitou a realização de uma produção com qualidade e profissionalismo, o que chamou atenção do público. O Manas tornou-se um produto jornalístico com relevância social e de responsabilidade, ouvido desde acadêmicos até profissionais das mais variadas áreas e de diversas cidades do Oeste Paulista.

Episódios com direcionamento, propostas e roteiros levaram o grupo a compreender que é preciso atentar-se às informações passadas e levá-las para o público com cuidado, aproximação e qualidade. Afinal, é assim que se produz conteúdo não só para as mulheres, mas para qualquer público.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DO JORNALISTA. Fernanda Felix. **Gênero Jornalístico Informativo, Opinativo e Interpretativo**. Disponível em:

<https://academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalístico/genero-jornalístico-informativo-opinativo-e-interpretativo/>. Acesso em: 24 mar. 2019.

AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua TIC 2017**: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. 2017. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em: 17 mar. 2019.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique Cordeiro. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda**. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2018, Joinville, SC. Anais eletrônicos. Joinville - SC, 2018. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0147-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. **Jornalismo feminino em Santa Catarina: uma análise do suplemento donna dc, do diário catarinense**. 2012. 139 f. Dissertação (Pós-Graduação comunicação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BIANCO, Nelia Del. **A Internet como fator de mudança no jornalismo**. São Paulo, v. XXVII, n. 1. p. 1-10, jan-jun. 2004. Disponível em:

<http://www.bocc.uff.br/pag/branco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org.), **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2014.

CASADEI, Elisa Bachega. **A Inserção das mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa: Primeiras Experiências do final do século XIX**. Revista ALTERJOR. São Paulo. v. 1, n. 2, p. 1-10, jan-jun. 2011. Disponível em:

<http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/viewArticle/aj3-d3>. Acesso em: 10 dez. 2018.

CAPERUTO, Ada. **Jornalismo multiplataforma: Jornais impressos, tablets e e-readers na metamorfose da nova mídia**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2011.

CHINEM, Rivaldo. **A imprensa alternativa – Jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COLUSSI, Juliana; SILVA, Flávia Gomes Franco e. **Do jornalismo de dados à narrativa hipermídia**: um estudo de caso dos jornais brasileiros 'Folha' e 'Estadão'. Colombia, v. 7, n. 3, p. 1-24, 2017. Disponível em: <http://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view/318/318>. Acesso em: 14 nov. 2018.

COMUNICAÇÃO e novas tecnologias. Presidente Prudente: Gabriela Araujo Correia, 2017. 29 diapositivos: color.

CONVERSA AFIADA. **Conversa Afiada com Paulo Henrique Amorim**. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

COSTA, Caio Tulio. **Por que a nova mídia é revolucionária**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/por-que-a-nova-midia-e-revolucionaria/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

CURADO, Olga. **O dia a dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e Sociedade**: estudos (João Pessoa, PB), v. 10, n. 2, 2000.

DEBÉRTOLIS, Karen Silva. **Brasil Mulher**: Joana Lopes e a Imprensa alternativa feminista. 2002. 140 f. Dissertação (Mestrado comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil**: Século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ DIGITAL. **Jaguar**. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1734/jaguar>. Acesso em: 07 abr. 2019.

FERNANDES, Cerqueira Laís; MUSSE, Ferraz Christina. **Podcasts e a Cultura Digital**: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergente. Volta Redonda, RJ: XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2017.

FERREIRA, Homéro. **Rádio e Jornalismo**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. **1968: Bomba explode e abala o prédio do jornal O Estado de S. Paulo**. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/04/1968-bomba-explode-e-abala-o-predio-do-jornal-o-estado-de-s-paulo.shtml>. Acesso em: 06 mar. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. Leonardo Werner Silva. **Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA**. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml#targetText=Internet%20foi%20criada%20em%201969,nome%20de%20"Arpanet"%20nos%20EUA&targetText=A%20internet%20foi%20criada%20em,primeiro%20e-mail%20da%20história..](https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml#targetText=Internet%20foi%20criada%20em%201969,nome%20de%20) Acesso em: 19 out. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. Renata Truzzi. **Mulheres são uma maioria tratada como minoria**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2017/09/1922545-mulheres-sao-uma-maioria-tratada-como-minoria.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FLIZIKOWSKI, Marcio. **O desafio do jornalismo no século 21**. Diretório Acadêmico. 25 de maio de 2004 na edição 278. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-desafio-do-jornalismo-no-seculo-21/>. Acesso em: 25 dez. 2018.

FRAGOSO, Suely. **De interações e interatividade**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos. São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 83-96, 2001.

FUKUDA, Marco Leonel; LIMA, Raimundo Nonato de. **Vinhetas Institucionais e Identidade Sonora nos 30 anos da Rádio Universitária FM**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2012, Fortaleza, CE. Anais eletrônicos. Fortaleza- CE, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1227-1.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

GABRIEL, Martha. **Marketing na Era Digital Conceitos, Plataformas e Estratégicas**. São Paulo. Ed. Ltda, 2010, p. 213. Disponível em: <https://www.ebah.com.br/content/ABAAAgobIAJ/marketing-na-era-digital-martha-gabriel-completo>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GLOBO, O. Jamari França. **Pasquim combateu a ditadura com muito bom humor e malícia**. Rio de Janeiro, 21 mar. 2006. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/pasquim-combateu-ditadura-com-muito-bom-humor-malicia-4593957>. Acesso em: 07 mar. 2019.

GOLEMBIEWSKI, Carlos. **Televisão Brasileira: Modelo de rede se consolida com as empresas e políticos acima da lei**. InterSciencePlace. Itajaí. n. 03, p. 1-24, dez. 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciência Sociais**. 8. ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades de Federação**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.

INTERNET das coisas: Internet of things. Presidente Prudente: Gabriela Araujo Correia, 2017. 15 diapositivos: color.

JUNIOR, Walter Teixeira Lima. **Mídia social conectada**: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. v.12, n.24. p. 95 – 106.2009. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/500/474>. Acesso:12, abril. 2019.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

JOVEM NERD. **Quem somos**. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul - Manual de Comunicação. São Paulo: Ed. USP, 2002, 200 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=853140407X>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. 2.ed. Cidade: Record, Rio de Janeiro – RJ, 2009.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Podcast, Participação Social e Desenvolvimento**. Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 307-335, jan-mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00307.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

LIMA JUNIOR, W. L. **Mídia social conectada**: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. Líbero (FACASPER). S. PAULO, V. VII, P. 95-106, 2009.

LOBATO, Mayara Luma Maia. **A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XXI**. In 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto (MG). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx>. Acesso em: 25 nov. 2018.

LOPES, Felisbela. **Homens públicos, mulheres privadas** – A presença da mulher na informação televisiva. Sevilha, 14-18 nov. 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-homens-publicos-mulheres-privadas-2007.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de; SALVES, Déborah; GUANABARA, Gustavo. **O Podcast no Brasil e no Mundo**: um caminho para a distribuição de mídias digitais. Caxias do Sul, RS: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina, revista feminina**. Projeto História. São Paulo. n. 35, p. 221-240. dez, 2007.

LIMA JUNIOR, W. L. **Mídia social conectada**: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. Líbero (FACASPER). S. PAULO, V. VII, P. 95-106, 2009.

MACHADO, Uirá (coord.). **Manual da Redação**: As normas de escrita e conduta do principal jornal do país. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

MAGNONI, Antônio. Francisco; RODRIGUES, Kelly. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação**: contextos, produção e consumo. *In*: Encontro Nacional de História da Mídia, 9; UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais. 9º Encontro Nacional de História da Mídia., 2013. p.15

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria; **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira, uma visão econômica, social e política**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEDEIROS, Macello Santos. **Podcasting**: Um Antípoda Radiofônico - 6 a 9 de set. 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf/>. Acesso em 12 fev. 2019.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Imprensa Alternativa**. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/imprensa-alternativa/index.html>. Acesso em: 06 mar. 2019.

MORONI, Aloyohha de Oliveira e OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. **Estereótipos no telejornalismo brasileiro**: identificação e reforço. *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2008, Natal - RN. Anais eletrônico. Natal RN.- 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1049-1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

NICOLAU, Marcos. Fluxo, conexão, relacionamento: um modelo comunicacional para as mídias interativas. *In*: Revista Culturas Midiáticas, ano I, n. 01, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, agosto/dezembro de 2008.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Luciano Victor Barros Maluly. **O jornalista alternativo**. 2010. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-jornalista-alternativo/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Denilson Vaconcelos. **Onde foi parar a imprensa alternativa?** 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/onde-foi-parar-a-imprensa-alternativa/>. Acesso em: 07 mar. 2019.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **O relatório da comissão de especialistas.** 2009. Disponível em http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o_relatorio_da_comissao_de_especialistas/. Acesso em: 17 mar. 2019.

Pesquisa Brasileira de Mídia 2016. **Meio de comunicação mais utilizado (1ª menção).** Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em: 18 mar. 2019.

PAPEL POP. **PODCAST | PAPELPOP.** Disponível em: <https://www.papelpop.com/podcast/>. Acesso em: 19 out. 2019.

POSSEBON, Alessandra, NOGUEIRA, Silas. **Comunicação e Cidadania: Diálogo Necessário.** Caxias do Sul, RS: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting.** Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: http://www.intexto.ufrgs.br/alexprimo_art.html/. Acesso em: 18 mar. 2019.

RAMOS, Regina Helena de Paiva (2010). **Mulheres jornalistas: a grande invasão,** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Faculdade Cásper Líbero.

SALEMME, Maria Filomena. **A era do podcast: Uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil.** In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2018, Joinville, SC. Anais eletrônicos. Joinville - SC, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2436-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SALLES, Camila Cabral. **Jornalismo Feminino e Sociedade de Consumo: Estudo de caso do caderno Ela do jornal O Globo.** 2009. 74 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação Jornalismo, 2009.

SANT'ANNA FILHO, Lourival de. O jornal na sociedade da informação: como a 'Folha', o 'Globo' e o 'Estado' respondem às inovações tecnológicas, à queda de leitura e à concorrência com novos meios. 2007. Dissertação de Mestrado da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo –SP.

SCHUDSON, Michael. **As notícias como um gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade.** Comunicação & Cultura, n.º 12, 2011, pp. 139-150.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** Brasília, DF, v.17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, Jessica Moura da; ARAÚJO, Luana Laise de; SILVA, Michelly Maia; PAIVA, Maria Soberana de. **A Influência da Mídia na Construção do Feminino: O Caso “Bela, Recatada e do Lar”**. *In*: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Pernambuco. Anais. Caruaru - PE – 7 a 9 jul. 2016.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana; HAAS, Joel; GARCIA, Pedro Piccoli; KANNENBERG, Vanessa. **Jornalismo Diversional e Jornalismo Interpretativo: Diferenças que Estabelecem Diferenças**. *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2010, Santa Cruz do Sul, RS. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1142-2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

STATISTA. **Leading countries based on number of Facebook users as of January 2019 (in millions)**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

STATISTA. **Leading countries based on number of Instagram users as of January 2019 (in millions)**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>. Acesso em: 23 mar. 2019.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. 2007. 73 f. Monografia (Graduação) Universidade de Caxias do Sul, 2007.

VINHOTE, Ana Luiza; SCONETTO, Raphaella; AGNEZ, Luciane. **A presença feminina na mídia independente: Análise de representatividade na Agência Pública e Mídia Ninja**. Mato Grosso – Centro Oeste. V. 7, n. 07. Dezembro, 2016. Disponível em: <https://ava5.unemat.br/index.php/ccs/article/viewFile/2231/2153>. Acesso em: 10 nov. 2018.

WHO IS DAVE WINER? **Who is Dave Winer?** Disponível em: <http://davewiner.com/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: A conquista da escrita feminina**. Ponta Grossa, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-4-outubro-de-2012/Marcos%20historicos%20da%20insercao%20das%20mulheres%20na%20imprensa.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

ZIRALDO. **A história de Ziraldo**. Disponível em: <https://www.ziraldo.com/historia/home.htm>. Acesso em: 07 abr. 2019.

ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS COM PODCASTERS BRASILEIROS

**ENTREVISTA COM LUCIANO PIRES
PODCASTER DO CAFÉ BRASIL
REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
PRODUÇÃO: ISABELLE VOLTARELI
ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL NO DIA 25 DE FEVEREIRO DE 2019**

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Luciano. Tudo bem? Eu sou a Larissa Oliveira, estudante do 7º Termo de Jornalismo na Unoeste em Presidente Prudente - SP. Estou entrando em contato pois em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estamos trabalhando com o podcast. Nossa peça prática será produzir podcasts para informar o público feminino. Como você está à frente de um dos mais importantes podcasts do Brasil, queríamos ter o prazer de entrevistá-lo como base na nossa peça teórica. A entrevista ainda será marcada e espero que possamos nos conhecer e aprender com você.

LUCIANO PIRES: Agora sim, Larissa. Como seria essa entrevista? Se for pessoalmente é mais complicado, pois minha agenda é uma loucura, repleta de viagens. Se for por e-mail é melhor. Mandem-me as perguntas e eu respondo rapidamente. Um abraço.

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Luciano! Tudo bem? Encaminho as perguntas da entrevista para serem respondidas:

LARISSA OLIVEIRA: Quando foi a primeira vez que você ouviu falar sobre podcast?

LUCIANO PIRES: Em 2005, um conhecido propôs colocar os programas no ar pela internet, num esquema que ele chamou de Rádio Café Brasil. Era um *sisteminha* tosco, que tocava os programas, mas não permitia download. Um ano e meio após o nascimento do programa, concluí que precisava encontrar uma forma mais fácil de deixar os programas à disposição das pessoas. Pô, dava um trabalhão, ia para o ar e depois acabava?

Um dia, recebi o contato de uma pessoa que se gabava de ter baixado todos os programas. Como eu não entendia nada do assunto, perguntei como ele havia feito aquilo. O nerd disse que usou algo através do “temp” e conseguiu montar uma coleção de programas. Hummmm.... Será que dava?

Foi quando descobri um tal de “podcast”, esquema que os caras estavam fazendo para disponibilizar os programas para quem quisesse baixar. Ainda era o começo daquilo e pouca gente fazia ideia do que se tratava. Estava muito longe da definição que, quase 10 anos depois, pedi que os ouvintes do Café Brasil enviassem. Uma delas se mostrou perfeita, é a do Cláudio Soares: “[...] podcast é perfeito para ouvir excelente conteúdo sobre assuntos que realmente lhe interessam. Você pode escolher quando e onde, em qual dispositivo vai ouvir, seja no computador, tablet ou celular. A variedade de temas é infinita e certamente tem algo que lhe agrada. Dá para aprender línguas, ouvir notícias, mix especiais de músicas, entrevistas inteligentes e exposição de temas instigantes como faz o Café Brasil. O único problema do podcast é que depois que você descobre, não tem mais volta e não se pode mais viver sem.”. Perfeito. Era isso que era podcast. Mas eu ainda não sabia.

Em setembro de 2006, assinei com o pessoal do www.podbr.com.br, um dos primeiros sites de agregação de no Brasil (talvez no mundo), um contrato para distribuição do programa Café Brasil. Eles estavam acostumados a produzir e

veicular programas, e eu seria o primeiro que chegaria pronto, apenas para distribuição. Lembro-me que quando fechei o contrato, comentei com o pessoal da Podbr: o dia em que eu tiver 3 mil downloads por mês, estarei realizado.

LARISSA OLIVEIRA: Quando o primeiro podcast foi ao ar?

LUCIANO PIRES: Quando o primeiro podcast foi ao ar, eu já tinha feito cerca de 70 programas na rádio Mundial e o Café Brasil era gravado no estúdio do músico Sérgio Sá, que compôs as vinhetas do programa.

Optei por gravar fora da rádio para poder trabalhar melhor os textos, caprichar na edição, tirar os erros de locução, melhorar o uso das músicas e da distribuição do conteúdo dentro dos 25 minutos que eu tinha na rádio.

Quem determinou o tempo de duração do Podcast Café Brasil, portanto, foi a rádio Mundial: 25 minutos era o tamanho padrão. No princípio, me incomodou um pouco. Eu estava acostumado aos 90 minutos das palestras. Mas com o tempo, me convenci que essa é a duração ideal para um podcast. Quando termina, deixa o gosto de “quero mais”.

Como o podcast continuou sendo distribuído pela rádio Mundial, os 25 minutos torna-se sagrados. Só fui tornar a duração mais flexível cerca de cinco anos depois, quando me convenci que quem determina o tamanho do programa é o assunto. Hoje, embora 90% dos programas continuem com 25 minutos, além de flexibilizar os 25 para 30 ou até 40, de quando em quando lançamos algum especial com duração bem maior.

LARISSA OLIVEIRA: Quais podcasts mais costuma ouvir e por quê?

LUCIANO PIRES: Primeiro os meus, pois lanço quatro por semana e tenho de ouvir três ou quatro vezes para revisar. Hoje, ouço o podcast Ideias da Gazeta do Povo, o Guten Morgen e o Mises Brasil. Eles tratam de política e esse tema me interessa atualmente.

LARISSA OLIVEIRA: De que maneira o podcast pode contribuir através da informação e do diálogo para quem ouve?

LUCIANO PIRES: O fato de trazer a opinião de gente independente (quando não é produzido pelas emissoras de rádio ou tv tradicionais), não ter pressão de limite de tempo nem de pautas que enquadram as conversas. E pela multiplicidade de temas oferecidos.

LARISSA OLIVEIRA: Por que produzir um podcast que fala sobre comportamento, cidadania, política, cultura e educação, muitas vezes polêmico e reflexivo?

LUCIANO PIRES: Porque a sociedade precisa de algo mais que entretenimento, algo mais que fofoca, algo mais que opinião sobre *bobajadas* superficiais. O propósito de meus podcasts é ajudar as pessoas a ampliar seu repertório e sua capacidade de julgamento e tomada de decisão.

LARISSA OLIVEIRA: Qual o motivo do nome Café Brasil?

LUCIANO PIRES: Segue o texto em anexo:

Em 2010 cheguei a uma compreensão do que é que eu chamo de “Cultura brasileira” quando falo do Café Brasil. É diferente do que se convencionou chamar de cultura por aí, e explica a minha visão para montar cada programa. Dividi a Cultura Brasileira em quatro blocos: EXPRESSÃO: o idioma falado, as artes, a mídia, o folclore, a literatura; CIDADANIA: a política, a organização social; EDUCAÇÃO: a escola, a política educacional; COMPORTAMENTO: as relações dos brasileiros com o meio ambiente, com o mundo, a religião etc.

É na intersecção desses quatro blocos que costumo reinar, e eles definem claramente como abordarei os temas que escolho.

Outro ponto fundamental: a combinação do conteúdo com o esforço mental para adquiri-lo. O conteúdo precisa ser pertinente, útil, que tenha a ver com o momento que vivemos, que possa de alguma forma agregar valor às vidas das pessoas. O Café Brasil não é entretenimento. Mas tem entretenimento. Não é piadinha. Mas tem piadinha. Não é bate-papo. Mas tem bate-papo. Tudo isso faz parte de uma intenção de criar um conteúdo que, ao ser ouvido, deixe a certeza de que valeu a pena dedicar aqueles 25 minutos de vida ao programa.

Sobre o esforço mental, a coisa é simples: um conteúdo que não exige qualquer esforço para ser compreendido, não nos faz crescer. É preciso doar, dar trabalho, fazer pensar. Não raro paro a narração para repetir um trecho. Ou aviso que o programa será denso e que será legal se a pessoa o ouvir novamente. Como neste aqui: <http://www.portalcafebrasil.com.br/413aorigemdaburrice/>.

LARISSA OLIVEIRA: Quais temas acha interessante para ser tratado em podcasts para o público feminino?

LUCIANO PIRES: Todos os temas que são tratados no universo masculino. Eu não vejo diferença em quem ouve podcasts. Ali existe um cérebro, que precisa receber todo tipo de informação. Faço podcasts para mentes pensantes.

LARISSA OLIVEIRA: Quais os horários você costuma ouvir/produzir podcast?

LUCIANO PIRES: Ouço andando e antes de dormir. Produzo como parte de meu dia a dia não tem hora para isso. Normalmente gravamos nas terças pela manhã.

LARISSA OLIVEIRA: Você prefere podcasts mais curtos ou longos?

LUCIANO PIRES: Todo tipo, é o conteúdo e o propósito que determinam. Eu hoje faço um podcast com 2 minutos e quarenta, outro de 30 minutos e mais um de 90 minutos. O que determina o tamanho é o propósito.

O anexo é o arquivo que deu origem ao livro CAFÉ BRASIL 10 ANOS. Nele, você encontrará nas primeiras páginas toda a história de como nasceu o podcast. Um abraço, Luciano Pires.

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Luciano! Muito obrigada pela sua colaboração.

**ENTREVISTA COM RICARDO VEIGA
PODCASTER DO VITRINE CAST
REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
PRODUÇÃO: TAYLANE FERNANDES
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR NO DIA 16 DE ABRIL DE 2019**

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Ricardo. Bom dia! Eu sou a Larissa Oliveira, estudante de jornalismo na Facopp. Estou produzindo podcasts sobre o universo feminino como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Precisava falar com você.

RICARDO VEIGA: Oi Larissa, tudo bom? O que você está precisando de podcast?

LARISSA OLIVEIRA: Na verdade, queríamos saber de você algumas coisas para colocar na nossa parte teórica.

RICARDO VEIGA: Pode ser por WhatsApp mesmo? Você é que sabe. Tem um questionário, algo assim, que vocês montaram?

LARISSA OLIVEIRA: Vou mandar por aqui então. Nome completo, idade e profissão, e qual o nome do seu podcast?

RICARDO VEIGA: Meu nome é Ricardo Veiga da Silva, eu tenho 46 anos. Sou radialista e publicitário e o meu podcast é lá do Estúdio Vitrine. Meu projeto no Euromarket é o Vitrine Cast, que a gente vai postar conteúdos gerados dentro do Estúdio Vitrine. É um estúdio de rádio, junto com espaço YouTube, dentro do centro comercial Euromarket aqui em Prudente.

A gente gera conteúdo diário lá, de vários temas e esses conteúdos eu transmito pelo nosso canal do YouTube, compartilho em redes sociais e vamos gerar conteúdos em áudio para esse Vitrine Cast.

LARISSA OLIVEIRA: Como e por que começou a fazer podcast?

RICARDO VEIGA: Resolvi fazer podcast primeiro porque eu sempre ouvi bastante podcast.

LARISSA OLIVEIRA: Quais podcasts você ouve e por quê?

RICARDO VEIGA: São vários, vários temas. Citando alguns assim, Jovem Nerd, Resumocast, os podcast da CBN... Nossa, são vários e eu não assino o podcast, eu vejo ali na timeline as novidades, recomendados e tal. Ou se não, eu estou ouvindo um podcast e eu vejo os podcasts relacionados e coloco na minha lista para ir ouvindo e como eu gosto de tudo, eu me interesso por muitos temas né? Eu ouço podcast de quadrinhos, eu ouço podcast de negócio, ouço podcast de literatura, de *nerdices*, de tudo. Eu gosto de vários podcasts e por causa do rádio também, né? Por causa do rádio, tem mais de 20 anos de rádio então tem muito a ver o rádio com o podcast.

LARISSA OLIVEIRA: Para você, o que é podcast?

RICARDO VEIGA: O podcast é um programa de rádio gravado que você pode ouvir a hora que você quiser, um bate papo, a raiz do rádio é o bate-papo. A entrevista, o bate-papo, a informação o entretenimento através do áudio e o podcast é isso, só que ao invés de ser ao vivo, lá na 98.1, na 97.9, na FM ou no AM, você tem esse conteúdo gravado no online, nas nuvens para você ouvir, baixar no seu celular e ouvir a hora que você quiser.

LARISSA OLIVEIRA: Quais são os critérios de produção do podcast?

RICARDO VEIGA: Sobre a produção, o podcast tem que ser no estilo de rádio, um bate-papo legal entre duas, três ou cinco pessoas. Existem podcasts de uma pessoa só, mas é mais difícil uma pessoa só falando sozinho, existe claro, é possível fazer, mas eu gosto de ter várias pessoas lá conversando, batendo papo e esse papo vai virar um conteúdo para o podcast.

Não sei se você quer saber sobre a produção de edição ou alguma coisa assim, mas as etapas de produção são: a captação desse áudio da melhor forma possível, depois a limpeza desse áudio, a gente faz uma limpeza de áudio para tirar possíveis interferências, tirar espaços entre uma fala e outra, erros que acontecem normalmente nas gravações e após isso, tem a etapa de finalização, que daí você vai colocar uma trilha, você vai colocar uma abertura, tem as vírgulas que a gente chama de vírgulas que são no meio do episódio entre um assunto e outro, a gente coloca uma vírgula sonora.

Depende muito do podcast, depende muito do tipo de conteúdo. Por exemplo, o Nerdcast eles usam... Eles podem usar o som de um filme, sei lá, depende muito do podcast. Mas são virgulas sonoras que a gente inclui.

No Sambucacast, é uma vinhetinha. "Sambucacast" somente, uma trilha no fundo. Então depende muito do podcast, mas geralmente você tem ali, a abertura, a finalização e no meio as vírgulas separando os assuntos dentro daquele podcast.

**ENTREVISTA COM CASSIO POLITI
PODCASTERS DA TRACTO
REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
PRODUÇÃO: ISABELLE VOLTARELI
ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL NO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 2019**

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Cassio. Tudo bem? Eu sou a LARISSA OLIVEIRA, estudante do 7º Termo de Jornalismo da Unoeste em Presidente Prudente - SP. Estou entrando em contato, pois em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estamos trabalhando com o podcast. Nossa peça prática será produzir podcasts para informar o público feminino.

Como você apresenta o Podcast Tracto e já tive o prazer de entrevistá-lo na 23ª Semana de Comunicação da Facopp, queríamos ter o prazer de entrevistá-lo novamente como base na nossa peça teórica sobre podcast. A entrevista ainda será marcada e espero que possamos aprender muito com você.

CASSIO POLITI: Larissa, tudo bem? Claro, quando quiserem. Anote meu celular.

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Cassio! Tudo bom? Venho solicitar algumas informações pessoais para colocarmos na pauta do nosso trabalho como: nome inteiro, idade, profissão e o número de telefone. O e-mail para contato é esse mesmo, né? Assim que a pauta estiver pronta e aprovada pelo nosso orientador, encaminhamos as perguntas por e-mail mesmo ou se preferir por telefone.

CASSIO POLITI: Claro, Larissa. Anote os dados: Cassio Politi, 42 anos, Jornalista / Profissional de Marketing.

LARISSA OLIVEIRA: Como foi a primeira vez que você ouviu falar sobre podcast?

CASSIO POLITI: Não sei dizer ao certo. Provavelmente, comecei a ouvir falar de podcast lá por 2007, mas não sabia direito o que era. Sabia vagamente que era uma forma de consumir áudio. Lembro que, em 2011, assisti a uma palestra nos Estados Unidos sobre podcasts e passei a me interessar pelo formato.

LARISSA OLIVEIRA: O que é, de fato, um podcast? Quais são as características do podcast?

Cassio Politi: O podcast tem como característica central ser um feed de RSS. Ou seja, você armazena seus arquivos num determinado servidor e distribui aquele conteúdo por diversos agregadores, como Spotify, iTunes e outros agregadores. É uma lógica um pouco diferente de redes sociais, blogs ou YouTube.

LARISSA OLIVEIRA: Quais podcasts mais costuma ouvir e por quê?

Cassio Politi: Ouço muitos podcast para tentar aprimorar os que eu produzo para Itaú, Comunique-se, Lito Cavalcanti e Tracto. O meu preferido é o Café Brasil, do Luciano Pires. Mas gosto muito dos podcasts sob o guarda-chuva do Brainstorm 9. E tem também o Escriba Café, que é fantástico. No exterior, meu preferido é o PNR This Old Marketing, que ainda está no ar, mas não é mais produzido porque um dos apresentadores vendeu sua parte na empresa.

LARISSA OLIVEIRA: De que maneira o podcast pode contribuir através da informação e do diálogo para quem ouve?

CASSIO POLITI: O podcast é muito intimista. Cria uma relação de proximidade com o ouvinte. Por isso mesmo, ele funciona melhor quando bem segmentado. A contribuição que ele dá é muito parecida com a do rádio, que é o teatro da mente. Mas com uma vantagem: o ouvinte escolhe o horário em que vai ouvir o podcast.

LARISSA OLIVEIRA: Quais temas, além desses, acha interessante para ser tratado em podcasts para o público feminino?

CASSIO POLITI: Não existe uma resposta pronta para essa pergunta. O público feminino é muito heterogêneo. É preciso identificar um perfil muito mais específico entre as mulheres. Mulheres podem se interessar por carreira, vida saudável, esporte, moda, beleza, idiomas, artes ou qualquer outra coisa. O desafio é encontrar um perfil comportamental bem nichado e buscar falar com ele.

LARISSA OLIVEIRA: Quais os horários você costuma ouvir/produzir podcast?

CASSIO POLITI: Uma pesquisa da ABPOD com a CBN mostra que as pessoas ouvem podcast enquanto fazem alguma outra coisa, como se deslocando em transporte público ou particular (79%), ocupadas em tarefas domésticas (68%), malhando (46%), trabalhando (39%), navegando na web (39%) ou se preparando para dormir (35%).

Em tempo, Larissa: os dados desta pesquisa podem ser úteis para você: <https://www.tracto.com.br/ouvinte-de-podcast/>.

LARISSA OLIVEIRA: Você prefere podcasts mais curtos ou longos?

CASSIO POLITI: Para mim, o tempo é um dado secundário. Já ouvi podcasts de mais de 3 horas, como o LiderCast. Se o conteúdo for bom, você ouve. A mesma pesquisa da ABPOD com a CBN mostra que os ouvintes são assíduos, com média de 2h52 por dia dedicadas a isso. Isso talvez explique por que 42% preferem programas com 1h a 1h30 de duração. Em segundo lugar (25%), aparecem episódios com 30 a 60 minutos. E 80% concordam que a frequência ideal é semanal.

LARISSA OLIVEIRA: O que é mais relevante em um podcast, o tempo que ele obtém ou o conteúdo?

CASSIO POLITI: Sem nenhuma dúvida, o conteúdo. Podcasts podem ter cinco minutos ou algumas horas. Isso é um detalhe. Seja com uma duração ou com a outra, precisa ter conteúdo de qualidade.

LARISSA OLIVEIRA: Como funciona a atemporalidade no podcast?

CASSIO POLITI: Isso é muito curioso. As pessoas ouvem um episódio semanas, meses ou anos depois de ele ter sido publicado. Um episódio nunca morre. Mas eu diria que datar os podcasts ou não é uma escolha de quem produz. Se ele for

temporal, o público vai compreender isso, ainda que baixe anos depois da data de publicação. O ouvinte de podcast sabe disso.

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Cassio! Muito obrigada pela sua colaboração com o nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Estamos muito gratas por essa ajuda imensa.

CASSIO POLITI: Conte comigo, Larissa. Sucesso com o trabalho!

**ENTREVISTA COM BARBARA MIRANDA
PODCASTERS DA OUTRAS MAMAS PODCAST
REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
PRODUÇÃO: ISABELLE VOLTARELI
ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL NO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 2019**

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Barbara. Tudo bem? Eu sou a Larissa Oliveira, estudante de Jornalismo da Unoeste em Presidente Prudente - SP. Estou entrando em contato, pois estamos fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e nossa peça prática será produzir podcasts para informar o público feminista. Como você produz o Outras Mamas Podcast e é uma referência para nós, queríamos ter o prazer de entrevistá-la como base para nossa peça teórica. A entrevista ainda será marcada e espero que possamos nos conhecer e aprender muito com você.

BARBARA MIRANDA: Oi, Larissa. Tudo bem e você? Que prazer fazer parte do seu TCC. Quando seria a entrevista?

LARISSA OLIVEIRA: Estou bem também! Estamos muito felizes por você ter nos respondido. Nós ainda estamos montando as datas para as entrevistas e assim que nosso orientador passar as datas, eu entro em contato com você novamente, pode ser? Desde já, muito obrigada e logo, logo, voltamos a conversar.

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Barbara! Tudo bem? Encaminho as perguntas da entrevista

LARISSA OLIVEIRA: Como foi você que ouviu falar a primeira vez sobre podcast?

BARBARA MIRANDA: Meu companheiro sempre foi muito fã de podcast e ouvia com frequência. Comecei a ouvir o Mamilos Podcast e a Thais me apresentou o Talvez Seja Isso, que serviu de base para começar o nosso.

LARISSA OLIVEIRA: Quais podcasts mais costuma ouvir e por quê?

BARBARA MIRANDA: Eu costumo ouvir muito o Mamilos, por trazer temas vigentes de forma clara e detalhada. Olhares Podcast por trazer temas polêmicos e ser um podcast genuinamente feminista e Anticast pela condução de narrativa do Ivan Mizanzuki e os convidados que ele traz.

LARISSA OLIVEIRA: Por que o nome do podcast é Outras Mamas?

BARBARA MIRANDA: Porque no início da minha militância vegana, eu não sabia muito como me comunicar e o que fazer, e escrevi um texto sobre a indústria do leite chamado Sobre Outras Mamas (<https://medium.com/outras-mamas-podcast/sobre-outras-mamas-6a659fc1bc63>) e conversando com a Thais sobre o nome do podcast chegamos à conclusão de que esse nome teria mais impacto e abrangeria todas as fêmeas mamíferas exploradas pela nossa sociedade.

LARISSA OLIVEIRA: Por que o Outras Mamas é considerado um podcast vegano e feminista?

BARBARA MIRANDA: O Outras Mamas foi concebido desde o início como um podcast vegano e feminista, pois a proposta era discutir o livro da Carol J. Adams chamado A Política Sexual da Carne: uma teoria feminista-vegetariana. O livro traz essas relações entre as opressões e agressões sofridas pelas mulheres e pelos animais da indústria e trazemos isso pra discussão em todos os episódio. Então ele não é considerado, mas sim foi criado para ser um podcast feminista e vegano.

LARISSA OLIVEIRA: Por que produz esse arquivo de estrutura narrativa atemporal sobre o feminismo?

BARBARA MIRANDA: Porque esse tipo de ferramenta vem crescendo, tem um tipo de público muito fiel, funciona à parte das outras redes sociais e meios de comunicação e é atemporal. Podemos lançar quantos episódios forem, a discussão vai estar lá e vai crescer junto com o nosso trabalho, nossa militância e o nosso público.

LARISSA OLIVEIRA: De que maneira o seu podcast contribui através da informação e do diálogo para quem ouve?

BARBARA MIRANDA: Como trazemos um viés de um veganismo político, muitos dos temas nunca foram abordados ou foram colocados superficialmente nas redes. O intuito do podcast é trazer tudo o que não está sendo discutido nas pautas sociais à tona e que todos questionem todo o sistema, assim como nós questionamos diariamente na nossa militância. A ideia é aumentar e aprofundar as discussões e o resultado disso tem sido muito positivo.

LARISSA OLIVEIRA: Quais temas, além desses, acha interessante para ser tratado em podcasts para o público feminino?

BARBARA MIRANDA: Todos os temas devem ser tratados em podcasts para o público feminino já as mulheres são a maior parte da população mundial e fazem, ou deveriam fazer, parte da sociedade civil e entender-se como parte dela e da natureza. Não existe tema que não deve ser discutido.

LARISSA OLIVEIRA: Quais os horários você costuma ouvir/produzir podcast?

BARBARA MIRANDA: Todos os dias estamos ou ouvindo ou produzindo conteúdo para o podcast. Geralmente gravamos à noite em função do barulho da rua.

LARISSA OLIVEIRA: Você prefere podcasts mais curtos ou longos?

BARBARA MIRANDA: Depende do tema e de quem está falando. Se for uma pessoa interessante que prenda a atenção, quando mais longo, melhor.

LARISSA OLIVEIRA: O que é mais relevante em um podcast, o tempo que ele obtém ou o conteúdo?

BARBARA MIRANDA: O conteúdo, com certeza. Um podcast pode ter 2h, se for bem feito, todos irão querer ouvir. Ou 30 minutos e ser bem direto ao ponto e sucinto.

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Barbara. Muito obrigada pela sua colaboração com nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Estamos muito gratas por essa ajuda e espero que nosso trabalho seja tão bom quanto o de vocês.

BARBARA MIRANDA: Que bom que gostou!

**ENTREVISTA COM AMANDA RAMALHO
PODCASTER DO ESQUEZOFRENÓIAS PODCAST
REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
PRODUÇÃO: ISABELLE VOLTARELI
ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL NO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 2019**

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Amanda. Tudo bem? Eu sou a Larissa Oliveira, estudante do 7º Termo de Jornalismo na Unoeste em Presidente Prudente - SP. Estou entrando em contato, pois em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estamos trabalhando com o podcast. Nossa peça prática será produzir podcast para informar o público feminino. Como você apresenta um dos melhores podcast, o Esquizofrenóias, queríamos ter o prazer de entrevistá-la como base na nossa peça teórica. A entrevista ainda será marcada e espero que possamos nos conhecer e aprender com você.

AMANDA RAMALHO: Olá, Larissa! Vamos fazer sim! Beijos.

LARISSA OLIVEIRA: Estamos muito felizes por você ter nos respondido. Nós ainda estamos montando as datas para as entrevistas e assim que nosso orientador passar as datas, eu entro em contato com você novamente, pode ser? Desde já muito obrigada e logo voltaremos a conversar.

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Amanda! Tudo bom? Venho solicitar algumas informações pessoais para colocarmos na pauta do nosso trabalho como: nome inteiro, idade, profissão e o número de telefone.

O e-mail para contato é esse mesmo, né? Assim que a pauta estiver pronta e aprovada pelo nosso orientador, encaminhamos as perguntas por e-mail mesmo ou se preferir por telefone.

AMANDA RAMALHO: Meu nome é Amanda Ramalho, eu tenho 32 anos e sou Comunicadora.

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Amanda! Tudo bem? Encaminho as perguntas da entrevista por e-mail. Como foi que você ouviu falar a primeira vez sobre podcast?

AMANDA RAMALHO: Há uns anos. Uns 10, quem sabe. Sabia que existia porque recebia e-mails de ouvintes sugerindo para convidarmos o NerdCast para dar uma entrevista no Pânico, já que na época eu trabalhava lá.

LARISSA OLIVEIRA: Quais tipos de podcasts você mais costuma ouvir e por quê?

AMANDA RAMALHO: Escuto alguns podcast para aprender inglês. É bom aprender, né?

LARISSA OLIVEIRA: Onde surgiu a ideia de colocar o nome do seu podcast de Esquizofrenóias?

AMANDA RAMALHO: Eu já tive um blog chamado Esquizofrenews há alguns anos. Por isso eu lembrei desse nome, já que ambos causam impacto. Eu gosto muito disso.

LARISSA OLIVEIRA: Na sua opinião, qual o motivo de produzir esse arquivo de estrutura narrativa atemporal sobre transtornos e saúde mentais, como depressão e ansiedade?

AMANDA RAMALHO: Eu acho que é porque é o meio que eu tenho mais facilidade, diria. Trabalhei por mais de 15 anos em rádio, e o arquivo pode ser ouvido a qualquer momento. É um documento. É informação.

LARISSA OLIVEIRA: De que maneira o seu podcast contribui para solucionar ou diminuir as consequências que os transtornos mentais causam, através da informação e do diálogo de quem ouve?

AMANDA RAMALHO: Eu acho que quem procura e sofre com algum tipo de transtorno, não se sente sozinho, mas acredito que se sente representado, ou seja se identifica. Quem não tem nenhum tipo ou não conhece alguém que passa e sofre (o que é praticamente impossível) busca o podcast como informação.

LARISSA OLIVEIRA: Para você, Amanda, quais temas, além desses, você acha interessante para ser tratado em podcasts para o público feminino?

AMANDA RAMALHO: Cara, eu acho que informação nunca é demais. Acredito que todo conteúdo produzido de maneira responsável é importante pra alguém de alguma forma.

LARISSA OLIVEIRA: Quais os horários você costuma ouvir/produzir podcast?

AMANDA RAMALHO: Eu prefiro produzir à tarde, até porque é quando estou mais produtiva.

LARISSA OLIVEIRA: Você prefere podcast mais curtos ou mais longos? E o que você acha?

AMANDA RAMALHO: Eu acho que varia entre 40 a 60 minutos. É um bom tempo para ouvir podcast.

LARISSA OLIVEIRA: Amanda, o que é mais relevante em um produto como o podcast: o tempo que além disso ele possa fazer divulgação como as propagandas ou o conteúdo?

AMANDA RAMALHO: Eu acredito que o conteúdo. Sempre.

LARISSA OLIVEIRA: Amanda, eu agradeço muito sua participação e por ter nos ajudado e respondido nossas perguntas. Obrigada!

AMANDA RAMALHO: Eu que agradeço.

ANEXO B
ENTREVISTAS PARA SABER OS ASSUNTOS DE INTERESSE FEMININO

REPÓRTER: RAYENE EMERICH
ENTREVISTADA: RAISSA PEREIRA RAMOS XAVIER
IDADE: 21 ANOS
PROFISSÃO: ENFERMEIRA
ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE EM 3 MARÇO DE 2019

RAYENI EMERCH: O que você gostaria de ouvir em um podcast?

RAISSA XAVIER: Seria interessante ressaltar sobre a importância da união entre as mulheres na luta pelos direitos, falar sobre empoderamento feminino, também seria interessante comentar sobre as leis disponíveis que asseguram as mulheres, pois muitas não possuem a informação necessária a respeito. Ajudar a mulher a identificar um relacionamento abusivo, já que também é nítido que quem vive um relacionamento abuso raramente reconhece que está em um. Acho que mais esses assuntos mesmo

RAYENI EMERCH: Por que você acha importante esse tipo de pauta?

RAISSA XAVIER: Para ressaltar o quanto a mulher é linda e importante da forma que é, porque eu vejo que muitas mulheres se dizem feministas, mas ainda não possuem conhecimento sobre o assunto por isso vejo a importância de um podcast abordar sobre tudo isso. Eu mesma não reconheço todos os meus direitos, não sei dizer sobre o que a lei me assegura e o que ainda me falta assegurar, por exemplo.

RAYENI EMERCH: O que você gosta de ouvir em podcasts?

RAISSA XAVIER: Então, o podcast que eu mais gostei de ouvir foi o da Flávia Calina, ela fala muito sobre a educação dos filhos e eu gosto de ouvir sobre educação. Apesar de não ter filhos, eu acho um assunto muito interessante.

RAYENI EMERCH: Como foi para você viver anos da sua vida sendo uma pessoa acima do peso?

RAISSA XAVIER: Bom, era muito chato, ainda é. Eu não gostava de receber apelidos, não gostava de cansar com facilidade, não gostava de estar ganhando várias estrias, não gostava de estar com manchas escuras na virilha e nas axilas, nem mesmo de a roupa me escolher e não eu escolher a roupa por não entrar na que eu tinha gostado e ter que aceitar a roupa que servia. Era chato e eu só sabia descontar cada vez mais na comida, então se eu recebia um apelido ou acontecia uma brincadeira de mal gosto em relação ao meu peso, eu chegava em casa e ia ao bar comprar coxinha ou algum outro salgado frito e tomar 1litro de tubaína sozinha eu também usava a comida como gratificação, por exemplo, fui bem em uma matéria da escola, chegava em casa e ia comprar um sorvete ou uma barra de chocolate como "agradecimento" ao meu esforço. Então eu basicamente coloquei a comida como o centro de tudo que me acontecia de bom ou de ruim e com isso só engordei mais e mais.

RAYENI EMERCH: Você se sentia acima do peso, ou para você estava tudo certo?

RAISSA XAVIER: Na época eu não enxergava estar tão acima do peso, até começar a fase de comparação, eu me olhava no espelho e depois ficava na escola me comparando sobre ser mais magra que a pessoa a e ser mais gorda que a pessoa. Foi bem difícil.

RAYENI EMERCH: Você acha que um podcast com os assuntos que você sugeriu, teria ajudado na época?

RAISSA XAVIER: Acho que sim, principalmente em relação ao empoderamento, reforçar a aceitação da mulher como ela é, teria sim, tanto na autoestima, como na segurança, ajudaria a não crescer tão ansiosa e insegura.

RAYENI EMERCH: Hoje em dia você se sente bem com seu corpo atual?

RAISSA XAVIER: Não totalmente. E é óbvio que minha visão hoje em dia já é bem diferente, eu já não ligo para quantidade de estrias que eu tenho, nem pra piadas de pessoas sem noção, sou mais tranquila em relação a isso, mas em relação a comer, ainda é uma briga comigo mesma

RAYENI EMERCH: Do que você sentiu falta quando você decidiu que iria mudar, tanto em relação a comida, quanto a incentivo?

RAISSA XAVIER: Acho que, na época, o refrigerante. Eu tomava muito e eu cortei e foi bem difícil, fiquei muitos anos sem, mas no início eu senti muita falta. Hoje eu bebo, mas não todos os dias como eu tinha o costume. Em relação a incentivo, bom, em casa o incentivo era pouco. Eles me ajudavam com a academia, pagando, mas em relação a alimentação eu tinha que fazer por mim e se eu pensasse em desistir pra eles tudo bem. Então não tive muito incentivo e isso fez falta sim, talvez com um pouco mais de ajuda, de motivação eu não estaria na briga com a balança até hoje.

REPÓRTER: BRENDA OLIVEIRA
ENTREVISTADA: LARISSA DUTRA
IDADE: 25 ANOS
PROFISSÃO: MEDIADORA DE EVENTOS CULTURAIS
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR NO DIA 4 DE MARÇO DE 2019

BRENDA OLIVEIRA: Você já ouviu podcast? Você consome podcast?

LARISSA DUTRA: De algumas páginas feministas que fazem, de editoras. Acho que não é uma coisa muito comum, mas está sendo um meio bastante divulgado. Então alguns sim. Virou um hábito.

BRENDA OLIVEIRA: Esse hábito de você ouvir podcasts surgindo quando? E como você foi apresentada para o podcast?

LARISSA DUTRA: Quando eu dei uma entrevista para um podcast para um professor de arquitetura, falando sobre a cidade para as mulheres.

BRENDA OLIVEIRA: Quais são os momentos que você ouve o podcast?

LARISSA DUTRA: Geralmente, não sei... Acho que em casa quando estou vendo, me atualizando sobre o que aconteceu e aí vejo o que tem. Só ouço em casa mesmo, naquele momento antes de dormir, de fazer as coisas. Não é uma coisa que eu ouço enquanto faço outras coisas.

BRENDA OLIVEIRA: Qual o tipo de conteúdo que você acha relevante para que as mulheres ouçam?

LARISSA DUTRA: Acho que coisas sobre os cuidados pessoais, acho legal. Acho importante fazer um podcast com assuntos de política sociais. Acho que esse conteúdo gera uma discussão de um pensamento.

BRENDA OLIVEIRA: Você luta pelas causas feministas? Faz quanto que você levanta essa bandeira? Qual o propósito de lutar por essa bandeira?

LARISSA DUTRA: Eu sou militante desde os meus 15 anos, sou ativista pelos direitos humanos, minha militância é focada em nas mulheres lésbicas, nós temos uma coletiva, a gente trabalha sobrevivência, construção social, protagonismo social, visibilidade, porque a gente sabe que é uma das que mais morrem. Acredito que o feminismo é necessário porque a partir dele, a gente começa a perceber a mulher como detentora de direitos e isso é fundamental, porque a gente precisa entender que não é por igualdade e sim por equidade e a gente precisa de auxílio pra gente chega no nível que nós conseguimos nossos direitos, para que não haja feminicídio, enfim, desde os 15 anos, eu participo de coletivos, eu trabalho com a cultura, pensando no social e enfim, então temos 10 anos ai de luta e eu acredito muito que é fundamental ainda mais em tempos em que nossos direitos estão ameaçados, mesmo que seja uma coisa não tão escancarada... mas é fundamental que gritemos por eles, porque se não começamos a dar passos para trás.

BRENDA OLIVEIRA: Na sua concepção de feminista que milita, desde os 15, o que você pensa que as mulheres hoje devem ouvir?

LARISSA DUTRA: Acho que é fundamental ter um jornalismo alternativo, porque a mídia comum tem discursos conservadores e o feminismo rompe com isso, então é fundamental a gente ver que essas mídias têm passado por grande transformação, trazendo informação pra gente e como isso tem crescido. Então é fundamental que tenha uma mídia alternativa eu gostaria de ver sobre política, sobre a construção dessa mulher nova na sociedade é isso que eu busco compartilhamento de vivências, porque a gente precisa entender a vivência das outras mulheres.

Temos coisas como economia, educação, saúde. Acho que tudo tem que ser feito uma pauta para as mulheres, porque nós temos uma vivência dessas questões, entende? A gente precisa começar a transpor o feminismo de internet, e se for tratar de um assunto em específico, como por exemplo o feminicídio, ele precisa ser tratado nessas mídias de uma forma muito séria, que as mídias conservadoras ele não é pontuado assim, por exemplo.

BRENDA OLIVEIRA: Nesse podcast você gostaria de ouvir assuntos que ainda são tabus?

LARISSA DUTRA: Eu gostaria de ouvir sobre desconstrução de beleza, aceitação de todos os corpos, como se todo esse processo de conhecimento e de identificação de uma mulher bonita.

REPÓRTER: TAYLANE FERNANDES
ENTREVISTADO: LUANA NASCIMENTO
IDADE: 22 ANOS
PROFISSÃO: PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR NO DIA 21 DE MARÇO DE 2019.

TAYLANE FERNANDES: Oi, Luana! Tudo bem? Meu grupo está fazendo um TCC sobre o formato podcast como uma nova mídia para informar as mulheres de Prudente e região. Estamos coletando informações com mulheres que têm o perfil do nosso podcast (intitulado Manas) e pensei em você. Topa responder umas perguntas?

LUANA NASCIMENTO: Olha só, claro que topo!

TAYLANE FERNANDES: Fechou, arrasou! Quais temas gostaria de ouvir em um podcast feito para você? Não tem quantidade, pode falar tudo mesmo que gostaria de ouvir [risos].

LUANA NASCIMENTO: Eu acho que eu gosto muito de ouvir sobre empreendedorismo, mas eu acho que tinha que ser de uma maneira diferente, sabe. Eu ouço muito as pessoas falarem que são fodas e que conseguiram tudo fácil, ou então com muito trabalho, mas eu nunca abro muito, sabe. Eu gostaria de ouvir mais verdades, sabe? De conteúdo. Tipo: “olha, tô aqui para dizer que passei por dificuldades sim, que quase perdi a empresa, mas que eu tive que ter um jogo de cintura. Você tem que se esforçar...”. Então, acho que algo voltado para mulheres também no empreendedorismo, seja com inovações ou não. Mulheres que tiveram o próprio negócio e conseguiram crescer. Aqui no interior, então, acho que existem mulheres que tem, sim, o seu negócio próprio, mas eu não vejo conteúdo falando sobre elas, então isso acaba desmotivando. Na área de comunicação, eu acho que tem muita coisa sobre design, sobre marketing digital, mas acho que poderiam ser ditas outras coisas. Por exemplo, falar da criação de um projeto, como trabalham redação e criação. Acho que causas também seriam legal, falar sobre o LGBT, no interior, divulgar um pouco mais as feiras, as casas de acolhimento e ações que ajudam essas pessoas seriam legal.

TAYLANE FERNANDES: Quais classes de profissionais você gostaria de ouvir falando sobre esses temas escolhidos?

LUANA NASCIMENTO: Ah, então... Acho que acabei meio que respondendo a segunda [pergunta] na primeira [risos]. Mulheres empreendedoras, eu acho que criativos, não só na área de design, mas na parte de digital, planejamento, redação, atendimento... Seria legal.

TAYLANE FERNANDES: Ouve podcasts? Quais? Em qual plataforma?

LUANA NASCIMENTO: Bom, eu não ouço tanto, porque o meu trabalho demanda muita atenção, e as vezes eu tô sempre escrevendo, então eu não consigo conciliar muito. Mas eu gostaria de ouvir mais. Acho que, para mim, falta indicação de como começar.

TAYLANE FERNANDES: Quais características um produto jornalístico deve ter para que você se interesse?

LUANA NASCIMENTO: Acho que teria que ser mais, menos robótico, menos “roteirinho”. Algo mais real, próximo da minha realidade. Realmente um bate-papo, sabe. Um texto que te prenda, te instigue. Acho que é isso.

TAYLANE FERNANDES: Muito obrigada, Luana!

LUANA NASCIMENTO: Obrigada.

REPÓRTER: ISABELLE VOLTARELI
ENTREVISTADA: JUCIMARA PAGNOZI
IDADE: 26 ANOS
ATUAÇÃO: MESTRANDA EM GEOGRAFIA
ENTREVISTA REALIZADA POR CELULAR NO DIA 4 DE MARÇO DE 2019.

ISABELLE VOLTARELI: Se ouvisse um podcast, que assuntos gostaria de ouvir?

JUCIMARA PAGNOZI: Por mim, seria legal para um podcast temas como assédio em geral, assédio no trabalho ou assédio sexual, questões de trabalho também, como desigualdade salarial, mulheres na ciência, gravidez ou a falta de vontade que mulheres tem de ser mãe, filhos, coisas mais relacionadas a saúde como prevenção de doenças, liberdade sexual feminina, a questão da competição entre mulheres (de falar que mulher é inimiga de mulher), onde entra o lance da sororidade. Também pode ser sobre pressão estética, autoestima, gordofobia, beleza, autoestima, violência doméstica, direitos das mulheres, parto humanizado e por aí vai.

ISABELLE VOLTARELI: Quais podcasts você mais escuta?

JUCIMARA PAGNOZI: Geralmente os que eu escuto tem assuntos divididos, e aí tem tipo uma pausa com uma música bem rápida, sabe?
Acho legal que tenha informação e até opinião, mas embasado, ainda mais que em tempos sombrios como esse todo mundo tem opinião.
Tem um que eu ouço que é dividido os assuntos como se fosse uma roda de conversa sabe, e aí acaba o assunto e toca a música, onde eles começam outro assunto. Já outro é sobre a discussão de capítulos de livros, as meninas começam a discuti-lo capítulo lendo algumas partes, tem um intervalo e elas falam de teorias. E tem um que as mulheres falam do que mais gosta e o que não gosta, entende?

REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
ENTREVISTADA: ANA GABRIELA BEZERRO
IDADE: 21 ANOS
PROFISSÃO: DESIGNER DE SOBRANCELHAS E MAQUIADORA
ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE NO DIA 2 DE MARÇO DE 2019.

LARISSA OLIVEIRA: Você já ouviu podcast? Sabe o que é?

ANA GABRIELA: Eu já ouvi falar sobre podcast, mas ainda não ouvi.

LARISSA OLIVEIRA: Me conta do seu negócio, como surgiu a ideia de trabalhar com isso?

ANA GABRIELA: Bom, como eu disse, sou formada em pedagogia. Era o que eu achava que seria a profissão ideal *pra* mim.

Um dia, uma amiga minha pediu *pra* que eu tirasse a sobrancelha dela, pois ela tinha um encontro e estava sem tempo de ir no salão. Eu tirei e todas ali do nosso serviço gostaram, pediram *pra* tirar também e a partir daí eu percebi o quanto eu gostava disso. Fui atrás de cursos, fui aperfeiçoando e hoje tenho minha clientela.

LARISSA OLIVEIRA: Se você ouvisse um podcast, que assuntos gostaria de ouvir?

ANA GABRIELA: Eu gostaria de ouvir sobre finanças, como administrador da maneira correta e sobre o empreendedorismo.

LARISSA OLIVEIRA: E por quê?

ANA GABRIELA: Porque são informações que geralmente eu busco *pra* ter um melhor aproveitamento do meu dinheiro, saber onde e como investir

LARISSA OLIVEIRA: Teria mais alguns temas que você gostaria?

ANA GABRIELA: Na verdade, eu me interesso por todo tipo de informação. Citei esse pois são referentes a minha área, mas eu tenho mais muito interesse também de saber sobre diversos assuntos.

REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
ENTREVISTADA: MARIANE CORRÊA
IDADE: 21 ANOS
PROFISSÃO: VENDEDORA
ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE NO DIA 2 DE MARÇO DE 2019.

LARISSA OLIVEIRA: Mariane, você já ouviu podcast?

MARIANE CORRÊA: Não, eu nunca ouvi podcast e não sei o que é.

LARISSA OLIVEIRA: Você como uma mulher lésbica, o que gostaria de ouvir em podcast?

MARIANE CORRÊA: Eu gostaria de saber sobre dados sobre saúde das lésbicas; histórias de mulheres lésbicas, mas acho que mais saúde mesmo que eu buscaria como saúde física, mental e emocional. São assuntos que eu procuro com muita frequência em sites da internet.

ANEXO C
PRÉ-ENTREVISTAS COM PERSONAGENS PARA OS PILOTOS DO PROGRAMA
MANAS

REPÓRTER: RAYENI EMERICH
ENTREVISTADA: FLÁVIA SUGUITANI
IDADE: 21 ANOS
PROFISSÃO: DESIGNER DE MODA
ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE NO DIA 8 DE MARÇO DE 2019.

RAYENI EMERICH: Olá, Flávia. Tudo bem? Me chamo Rayeni e curso jornalismo. Acho que sua prima a Ana comentou com você sobre o meu TCC. Falaremos de assuntos ligados ao feminismo. Estamos pegando pessoas que militam sobre o assunto que será debatido.

FLÁVIA SUGUITANI: Oi! Tudo e você? Ela falou comigo sim. Quero saber como vai ser. Tipo vai ter uma pauta? Algo do tipo?

RAYENI EMERICH: Sim, estou bem, obrigada. A primeira pauta será meu corpo minhas regras. Para falar dessa ditadura da beleza imposta pela sociedade, para mostrarmos que quem manda no nosso corpo somos nós. Então quem decide se vai ser magra ou gorda, ter cabelo liso ou cacheados somos nós. Por isso estou atrás de pessoas que curtem o assunto, que militam sobre e saibam debater. Fico grata pela colaboração

FLÁVIA SUGUITANI: Imagina. Pode contar comigo.

RAYENI EMERICH: Eu preciso colocar na pauta o motivo pelo qual vc vai debate. O que você acha melhor? Colocar que você é militante e luta pela aceitação do padrão escolhido por nós? Ou você deseja que coloque outra coisa?

FLÁVIA SUGUITANI: Não, pode ser esse mesmo.

RAYENI EMERICH: Você abraça a causa feminismo ou se considera uma feminista? Você já passou por algum episódio de aceitação na sua vida?

FLÁVIA SUGUITANI: Sou feminista.

RAYENI EMERICH: Bom dia, mulher. Tudo bem? Mandei seu número para a outra apresentadora do programa, para que ela fale um pouco com você também. Assim você vai se acostumando com a gente, com o ambiente [risos].

FLÁVIA SUGUITANI: Bom dia! Tudo e você? Claro. Fico aguardando contato dela.

RAYENI EMERICH: Estou bem também. Passando para dizer que a entrada está liberada para você a partir das 17h. Mas vou estar lá nas catracas do piso 1 bloco B3 esperando vocês.

FLÁVIA SUGUITANI: Campus I ou II?

RAYENI EMERICH: Campus II. Será na Rádio Facopp.

FLÁVIA SUGUITANI: Ótimo. 17h estou chegando lá. Até mais tarde!

RAYENI EMERICH: Pode chegar com 15, 20 minutos de antecedência. Falei 17 porque é a partir desse horário que vão liberar a entrada.

FLÁVIA SUGUITANI: Ah, tá. 17h30 então estou lá. Quero chegar uma meia hora antes, *pra* conhecer vocês.

RAYENI EMERICH: Ok, estaremos esperando. Seja muito bem-vinda ao nosso trabalho e novamente, obrigada pela ajuda! Assim que chegar, me avise.

REPÓRTER: TAYLANE

ENTREVISTADA: FLÁVIA SUGUITANI

IDADE: 21 ANOS

PROFISSÃO: Designer de moda

ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE NO DIA 13 MARÇO DE 2019.

TAYLANE FERNANDES: Oi, Flávia! Boa tarde! Tudo bem com você? Me chamo Taylane e sou apresentadora do podcast que a Rayeni a convidou. Queria falar com você sobre o dia, os assuntos que vamos abordar... E claro, é sempre bom conhecer antes a pessoa com quem vamos falar, né? [risos]

FLÁVIA SUGUITANI: Oi, Taylane. Tudo e você? Ela me avisou que iria entrar em contato. Claro! Gostaria de saber um pouco mais sobre ele também.

TAYLANE FERNANDES: Tô bem sim! Bom, vamos lá: Nesse primeiro episódio, nosso grupo quer falar sobre a ditadura da beleza e os estereótipos que são impostos pela sociedade e pela mídia. Como isso afeta as mulheres? O que elas devem fazer? Por que isso afeta mais os jovens? Coisas assim, mas duas meninas vão estar com a gente. É um bate-papo informativo, então vou trazendo alguns dados ao longo do programa e vocês vão comentando comigo sobre eles

FLÁVIA SUGUITANI: Hum, entendi. Conversei um pouco com a Rayeni sobre isso. Não sei se ela te passou. Falamos bastante sobre a aceitação no geral.

TAYLANE FERNANDES: Sim, ela contou sim!

REPÓRTER: RAYENI EMERICH
ENTREVISTADA: JENNIFER SAMARA CORREIA DA SILVA
IDADE: 21 ANOS
PROFISSÃO: ENFERMEIRA
ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE EM 13 DE MARÇO DE 2019.

RAYENI EMERICH: Olá, tudo bem?

JENNIFER SAMARA: Oi, tudo bem.

RAYENI EMERICH: Me chamo Rayeni, estudante de jornalismo na Unoeste, e eu meu grupo de TCC, grupo de mulheres, resolvemos fazer podcasts para o público feminino com assuntos feministas.

Então, teremos alguns temas para ser debatidos. Entre assédios, aceitação, mulheres empreendedoras entre outros. O primeiro piloto será gravado sexta feira às 18 horas lá na faculdade, o tema de início era meu corpo minhas regras, iríamos comentar sobre a mulher ter poder sobre o corpo, cabelo, maneiras. Mulheres que não aceitam o padrão de beleza imposto pela sociedade e se amam como são. Meu orientador disse que o tema as pessoas ligariam mais com aborto. Então trocamos para aceitação.

Pedi ajuda para a Raissa, se ela conhecia alguém que teve esse problema de aceitação ou corporal ou com cabelo por conta dos padrões de que mulher para ser linda tem que ser magra de cabelo liso. Então ela me falou de você, que fez transição capilar. Pedi que ela falasse contigo e me passasse o contato o caso você aceitasse falar. Então hoje, com calma, vim explicar e saber se você pode colaborar com nosso TCC.

JENNIFER SAMARA: Entendi. Com certeza eu vou adorar contribuir no estudo!

RAYENI EMERICH: Nossa, obrigada de coração!!! A gravação será sexta agora as 18:00 você poderia comparecer lá na faculdade?

JENNIFER SAMARA: Eu irei sim.

RAYENI EMERICH: Vou passar seu número para a outra menina do grupo ok? Ela é apresentadora do programa. Ai você poderia me passar e seu nome completo, idade e profissão?

JENNIFER SAMARA: Sem problemas, pode passar sim. Meu nome é Jeniffer Samara Correia da Silva, sou enfermeira e tenho 21 anos.

RAYENI EMERICH: Obrigada! Vou anotar os dados. SÓ mais uma coisa, se não for pedir muito. Tem como chegar uns 15 minuto mais cedo? Pra podermos conversar? Deixar vocês mais à vontade com o ambiente.

JENNIFER SAMARA: Tudo bem, combinado!

REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA
ENTREVISTADO: WILSON ROBERTO LUSSARI
IDADE: 60 ANOS
PROFISSÃO: ADMINISTRADOR
ENTREVISTA REALIZADA POR E-MAIL NO DIA 29 DE MARÇO DE 2019.

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Dr. Wilson. Tudo bem? Eu sou a Larissa Oliveira, estudante de Jornalismo na Unoeste. Estou entrando em contato, pois estou fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e nossa peça prática é a produção de podcasts sobre o universo feminino.

No próximo episódio piloto do nosso programa, vamos discutir sobre assédio moral no ambiente de trabalho. Estamos entrando em contato com profissionais que possam nos ajudar a falar do assunto, mas de acordo com sua área de estudo.

Já temos uma advogada que vai colaborar na questão das leis e queríamos uma pessoa que trabalha com Gestão Comercial, que possa falar sobre choque de geração, onde muitas pessoas que sofrem assédio no trabalho, justamente pelo chefe ou superior ser de outra geração, onde as coisas funcionavam de outra maneira, o trabalhador pode não entender o ritmo e isso atrapalhar seu desenvolvimento.

Queria saber se você tem interesse e poderia nos ajudar ou indicar uma profissional que falasse sobre o assunto. Aguardo sua resposta. Atenciosamente.

WILSON LUSSARI: Larissa, bom dia. Tenho interesse sim em participar, pois é objeto constante de preocupação de todo coordenador de curso. O choque intergeracional está mais evidenciado agora, mas sempre ocorreu. O que diferencia é a mudança da era econômica, pois estamos em uma transição de uma era de serviços, para uma era da economia da tecnologia. Isto funciona como um amplificador do choque intergeracional.

Também temos nomes alternativos/complementares, para enriquecer sua pesquisa. Podemos indicar dois professores do curso: Rose Meire Riçato - docente de Comportamento do Consumidor; psicóloga; trabalha em consultoria empresarial
Valdecir Cahoni - administrador; docente de Gestão de Pessoas e Equipes; especialista de RH.

Pode dizer que eu indiquei os nomes deles. Na página do curso tem os e-mails.

LARISSA OLIVEIRA: Wilson, bom dia! Tudo bem? Poderia me passar seu número de telefone, por favor? Para podermos conversar melhor. Só se puder mesmo.

REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA

ENTREVISTADO: ANA PAULA ZAGO GONÇALVES

IDADE: 27 ANOS

PROFISSÃO: AVDVOGADA

ENTREVISTA REALIZADA POR TELEFONE NO DIA 25 DE MARÇO DE 2019

LARISSA OLIVEIRA: Oi, Ana Paula. Tudo bem? Eu sou a Larissa Oliveira, estudante de jornalismo na Unoeste. Precisava muito falar com você, quando puder, me retorne, por favor

ANA PAULA: Oi, Larissa! Boa noite! Tudo bem e com você? A Letícia comentou comigo sobre.

LARISSA OLIVEIRA: Ah, que ótimo! Então, nós estamos fazendo um trabalho de TCC que sobre podcast, você já ouviu falar? É um programa muito parecido com o rádio. É uma conversa, bate-papo sobre determinado assunto.

ANA PAULA: Ah sim, já ouvi sim.

LARISSA OLIVEIRA: No próximo episódio, nós vamos trabalhar com o assédio moral em mulheres, e estamos buscando profissionais que possa falar sobre assédio, explicar sobre isso, no caso, você como advogada, como você vê isso, existem leis sobre isso? Como a mulher pode denunciar, enfim, várias outras dúvidas. Queria saber de você, se você poderia nos ajudar em relação a isso

ANA PAULA: Entendi, posso sim.

LARISSA OLIVEIRA: Seria no dia 5 de março, às 18h, na Rádio Facopp, na Unoeste.

ANA PAULA: Tá ok.

LARISSA OLIVEIRA: Também queria saber sobre você, você já trabalhou em casos como esses? Como foi?

ANA PAULA: Assédio sexual eu nunca fiz, mas moral sim. São coisas diferentes.

LARISSA OLIVEIRA: Você poderia me falar como foi trabalhar com isso? Preciso colocar essas informações na pauta.

ANA PAULA: Posso.

Larissa Oliveira: Acredito que tenha sido uma experiência bem difícil, né?! Como foi?

ANA PAULA: O que é difícil mesmo é provar. Ter testemunhas/ provas. Geralmente isso acontece sem ninguém ver. Aí o que tentamos é buscar judicialmente indenização por danos morais.

LARISSA OLIVEIRA: Quais são as histórias mais comuns nos assédio moral que você conviveu?

ANA PAULA: O que mais tive contato foi com bancários, por cobrança de metas excessivas. Acaba com o psicológico do funcionário. Recentemente, consegui uma cliente que foi acusada de estar traficando drogas no trabalho dela também. São alguns exemplos.

LARISSA OLIVEIRA: Sim, entendi. Você poderia falar desses exemplos na gravação? Não o nome das pessoas, isso é sigiloso, mas os exemplos de como foi.

ANA PAULA: Sim.

LARISSA OLIVEIRA: Mas enfim, Ana, você poderia falar seu nome inteiro, idade, profissão? É advogada há quanto tempo, trabalha com quais causas e mais ou menos quantos casos de assédio você pegou? Essas informações são para a pauta.

ANA PAULA: Ana Paula Zago Gonçalves, 27 anos, advogada. Sou advogada há 5 anos e trabalho com trabalhista e direito de família. Quantas causas eu não sei te dizer. É que algumas experiências tive enquanto trabalhei como advogada empregada em escritórios. Não eram causas minhas, particulares, mas atuei.

LARISSA OLIVEIRA: Bom, Ana. Muito obrigada em participar do nosso programa, como disse é o nosso TCC. Fico feliz em poder contar com uma profissional em nosso trabalho.

ANA PAULA: Imagina. Agradeço o convite também!

LARISSA OLIVEIRA: A gravação será no dia 5 de abril, às 18h, na Unoeste.

ANEXO D
PAUTAS

PAUTA

RETRANCA: Aceitação do corpo

PRODUÇÃO: Brenda Mariana e Rayeni Emerich

PROPOSTA: apresentar o tema “corpo e aceitação” para falar sobre as mulheres que são livres e não aceitam um padrão imposto pela sociedade, como do cabelo, corpo ou modo de se vestir. Vamos entrevistar mulheres que passaram e/ou passam por isso ainda no século XXI. Entrevistar emponderadas, com direito de escolhas em meio aos padrões e estereótipos impostos pela sociedade e mídia. Vamos entrevistar uma profissional da área da saúde (psicóloga) para falar sobre mudanças e aceitações.

ENCAMINHAMENTO: Vamos bater um papo com mulheres que incentivam outras mulheres a serem elas mesmas, e com mulheres que passaram pela aceitação do próprio corpo e cabelo.

ROTEIRO

FONTE 1

Nome: Flavia Suguirani Cintra Esteves

Profissão: Designer de Moda

Idade: 32 anos

Celular: (18) 98134-5465

Horário: 18h

Local: Rádio Facopp - Unoeste

FONTE 2

Nome: Ana Paula Claro Cintra

Profissão: Psicóloga

Idade: 23 anos

Celular: (18) 99642-5967

Horário: 18h

Local: Rádio Facopp - Unoeste

FONTE 3

Nome: Jeniffer Samara Correia da Silva

Profissão: Enfermeira

Idade: 21 anos

Celular: (18) 99645-2713

Horário: 18h

Local: Rádio Facopp - Unoeste

HISTÓRICO

O corpo feminino sempre recebeu ordem de como ser, se vestir ou se portar e esse assunto vem dividindo opiniões. Segundo o R7, “a ditadura da beleza está mais severa do que nunca. Não basta termos cabelos limpos e sedosos. Não basta mantermos uma dieta equilibrada, pois nossa barriga tem de ser negativa. Não basta termos uma pele bem tratada, pois temos que combater qualquer sinal de celulite (como se isso fosse possível). Até as nossas axilas têm de ser maravilhosas! A falta de auto aceitação em nossas vidas causa impactos negativos em nossa autoestima,

desenvolvimento e realização pessoal e também nas relações que temos com outras pessoas”. De acordo com Vanessa, do blog Vanessa Ganzerli, “Auto aceitação é o ato de aceitar tudo aquilo que você é, que você faz, fala, pensa, sente. É conhecer os seus pontos fortes e pontos fracos e aceitar que ambos existam. “É saber que você tem limites e potencialidades de lidar com isso de maneira leve e pacífica dentro de você. É entender que você merece viver no seu corpo sem ser alvo do preconceito alheio (seja por meio de comentários grosseiros, oportunidades econômicas reduzidas, cuidados médicos inadequados ou alguma outra coisa) e trabalhar para construir um mundo em que o corpo e cabelo de ninguém seja vítima desse preconceito”. Desta forma, é necessário que exista o termo “sororidade” em destaque, já que a união entre diversas mulheres diminua esses padrões impostos e as “competições” atribuídas no universo feminino. A sororidade vem para quebrar paradigmas e fortalecer a união das mulheres neste novo século.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

MULHERES:

- Como você lida com esse “padrão” imposto pela sociedade?
- Teve algum tipo de receio da sua parte adquirir esse novo estilo de vida?
- Como você se sente em meio uma sociedade que impõe padrões de beleza a todo o momento?
- Foi difícil para você aceitar seu corpo/ cabelo?
- O que mudou na sua vida depois que você adotou esse termo?
- Você acha que a união entre as mulheres ajuda no combate a esses estereótipos criados pela nossa sociedade?
- De que forma você acha que a sororidade se faz presente nesse universo?

PROFISSIONAL:

- Como você enxerga esse novo estilo da autoaceitação?
- Você acha que ainda existe uma repulsa por parte de algumas mulheres sobre esse tema?
- Mulheres que estão em fase de aceitação, procuram mais por ajuda?
- Para você, qual é a maior dificuldade dessas mulheres ao se aceitar como são?

REFERÊNCIA

<https://meuestilo.r7.com/patricia-lages/analise-o-verdadeiro-sentido-da-frase-meu-corpo-minhas-regras-22082018>

<https://www.vanessaganzerli.com.br/tudo-sobre-auto-aceitacao/>

PAUTA

RETRANCA: ASSÉDIO/TRABALHO

REPÓRTER: LARISSA OLIVEIRA

PROPOSTA: Assédio Moral é quando a vítima passa por situações humilhantes e constrangedoras que causa danos ao indivíduo. Esse tipo de assédio acontece no ambiente de trabalho e pode ser identificado por vários exemplos como: longas jornadas de trabalho que deixa a vítima exausta; obrigar ao empregador que peça demissão ou fazer pressão psicológica. Segundo dados do tst, 480 mil novos casos foram registrados nos anos de 2015, 2016 e 2017, que equivale a 438 por dia. O assédio moral causa sérios danos à saúde física e mental do trabalhador, além de prejudicá-lo no seu desempenho profissional, social e familiar. No artigo 216-a do código penal em 2001, enquanto a lei trabalhista 13.288 de 2002, no artigo 1º, parágrafo único, discorre sobre inúmeras situações de assédio moral. De acordo com dados da ebc indicam que o número de atestados por transtornos mentais e comportamentais apresentados cresceu nos últimos anos, passando de 162 atestados em 2015 para 252 em 2017.

ENCAMINHAMENTO: Diante das informações levantadas sobre assédio, vamos produzir um programa de podcast com esse assunto. Vamos conversar com uma vítima de assédio moral para saber como foi viver com esse problema em seu ambiente de trabalho; como ela percebeu que estava sofrendo assédio; o que ela mais ouvia e que problemas ela teve em decorrer a essa situação. Vamos trazer profissionais como uma psicóloga e uma advogada para explicar sobre assédio e o que as mulheres podem fazer em relação a isso.

Roteiro principal:

Wilson Roberto Lussari

Idade: 60 anos

Profissão Administrador

Telefone: 18 99815-6577

E-mail: wlussari@unoeste.br

HISTÓRICO: Wilson é Doutor em Geografia, Mestre em Educação, Especialista em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem Administrador Profissional. Atuou em dezenas de organizações de diferentes portes e atividades, especialmente nas áreas de Saúde e Educação. Mais de 20 anos de experiência gerencial e mais de 30 anos na docência no ensino superior. Especialista em educação ambiental e educação de adultos em ambientes organizacionais complexos.

Roteiro principal:

Ana Paula Zago Gonçalves

Idade: 27 anos

Profissão: Advogada

Telefone: 18 99608-2204

HISTÓRICO: Ana Paula é advogada e atua na área há cinco anos. Sua área de atuação é com direitos trabalhistas e direito de família. E conta que acompanhou muitos casos de assédio moral no trabalho. Ela irá explicar sobre leis, o que a mulher que sofreu assédio deve fazer, quem procurar.

PAUTA

RETRANCA: COLETIVOS/MULHERES

REPÓRTER: ISABELLE VOLTARELLI

PROPOSTA/ENCAMINHAMENTO: Os movimentos e coletivos de mulheres são grupos criados e formados por elas mesmas e que se unem através de um mesmo interesse cultural e social: evidenciar a união entre elas e tratar de assuntos como opção sexual, violência, preconceito, machismo e conflitos por meio da música, poesia, arte e saraus.

ENCAMINHAMENTO: Vamos conversar por meio do podcast sobre a história, construção, formação, participação e das atividades desses movimentos e coletivos, principalmente o Santo Útero. Além disso, falar da importância, sobre cultura das mulheres e para mulheres, como se mantém e como a sociologia e a geografia estão relacionadas a esses movimentos.

ROTEIRO ÚNICO:

Dia: 26 de abril de 2019

Hora: 18 horas

Local: Laboratório de Rádio da Facopp

ENTREVISTADAS:

Maria Eduarda Carolayne da Silva

Contato: (18) 99661-9983

Isabella Vitória Balieiro de Souza

Contato: (18) 99795-1412

(ambas do Coletivo Santo Útero)

HISTÓRICO: Em Presidente Prudente, existem movimentos independentes e culturais de mulheres com projetos interessantes, como as meninas do Quilombo de Dandara, no qual não apenas mulheres estão envolvidas, mas foi criada por uma. Temos também o Demolieres, feminista e independente, que tem propostas de produção cultural e organiza o 'Sarau das Minas' desde 2017 com feira, música, teatro, poesia, dança, arte e que outros grupos e coletivos femininos também participam.

Além disso, temos o coletivo Santo Útero que é novo e com propostas bacanas. O movimento cultural feminino nasceu a partir da necessidade de mulheres prudentinas de se encontrar e se expressar de forma livre também através da arte, juntando com a necessidade de ocupar o espaço público e quebrar o que é pensado como atividades para homens, já que mulheres deste coletivo carregam pesados equipamentos e até mesmo limpam espaços.

Nos encontros desses coletivos, há relatos e histórias sobre conflitos, abusos, violências, preconceitos, machismos diários e reais de mulheres, em prol de fortalecer a empatia, o apoio, o companheirismo e a proteção entre elas.

Em Presidente Prudente há diversos outros coletivos formados, como Mãos Negras, Levante Popular da Juventude, Frente Popular Brasil, Mocambo, Casassa, A Luta, Galpão da Lua, Cinecurta, Som na Linha, Leia Mulheres e Batalha do Vale.

PAUTA

RETRANCA: EMPREENDEDORISMO/FEMININO

PRODUTORA: TAYLANE FERNANDES

PROPOSTA: As mulheres sempre estiveram presentes e atuando no mercado de trabalho, mas no cenário atual, elas não estão se permitindo estarem apenas desenvolvendo o papel secundário. O empreendedorismo é ação de desenvolver novos projetos e investir nas mudanças através de uma construção de uma empresa ou projeto e na criação. O empreendedorismo feminino tem se tornado cada mais frequente. Segundo uma pesquisa do Sebrae, a maioria das mulheres empreendedoras do Brasil, são chefes de domicílio, o número subiu de 38% para 45%. Ainda segundo uma pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae), em 2018, 24 milhões de mulheres brasileiras estavam à frente de um empreendimento.

A pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) que é uma avaliação anual do nível nacional da atividade empreendedora, que teve início em 1999, com a participação de 10 países, por meio de uma parceria entre a *London Business School*, da Inglaterra, e o *Babson College*, dos Estados Unidos, registrou em 2018 no Brasil a 7ª maior participação feminina entre os empreendedores iniciais, ou seja, entre aqueles com negócios de até três anos e meio de atividade, em 49 países estudados pela pesquisa. No mesmo ano, 24 milhões de mulheres brasileiras estavam à frente de um empreendimento (formal ou informal) ou realizavam alguma ação visando ter o seu próprio negócio.

Outra pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor de 2017, coordenado pelo Sebrae e pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBPQ), cerca de 23,9 milhões de mulheres são empreendedoras no Brasil. Em pesquisa mais recente, feita pela Rede Mulher Empreendedora, consta que duas das principais razões para essas mulheres começarem um negócio são conciliar o trabalho com a família e realizar um sonho.

Segundo uma Pesquisa da Rede Mulher Empreendedora (RME) descobriu-se que 75% das empresárias brasileiras decidiram ter o próprio negócio depois da maternidade. Dados da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2016,

em parceria com o Sebrae (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e IBQP (Instituto Brasileiro Qualidade e Produtividade), revelam que o número de mulheres que abrem empresa impulsionadas por uma necessidade é maior do que os homens.

ENCAMINHAMENTO: Vamos fazer um podcast para discutir esse assunto com mulheres empreendedoras que criaram seu próprio negócio e fazem dele uma fonte de renda.

ROTEIRO:

Rafaela Cacciatore

Contato: (18) 99758-8361

HISTÓRICO: Rafaela tem uma clínica voltada para o segmento materno infantil que se chama Espaço Mãe Coruja, uma clínica de apoio materno e a saúde da mulher. Na clínica há especialidade de saúde e atividades aquática. Ela começa a atender a mulher desde a gestação, no pós-parto com crianças. Ela idealizou um projeto chamado Negócio de Mãe que é um projeto de apoio ao empreendedorismo materno, e fazem reuniões uma vez por mês com temas que possam empreender, e seu objetivo é fomentar o mercado materno, manter mães ativas financeiramente.

ROTEIRO:

Adiane Mitidiero

Contato: (21) 98054-7120

HISTÓRICO: Adiane é idealizadora do Mulher + organização que tem objetivo empoderar mulheres e incentivar o empreendedorismo. Founder de programas de desenvolvimento empreendedor e de consultoria especializada em internacionalização de negócios e mobilidade de pessoas. Adiane fala que quer empoderar mulheres, para empoderar mulheres e sonha que as 27,9 milhões de mulheres mães e trabalhadoras consigam conciliar todas as áreas de suas vidas e

se sentirem realizadas. Além disso, é advogada, Mestre em Direito Internacional e Europeu pela Universidade de Rouen-França e pós-graduada em Administração de Empresas pela mesma universidade.

PAUTA

RETRANCA: MULHERES/ESCRITORAS

PRODUÇÃO: RAYENI EMERICH

PROPOSTA: Essa edição será dedicada a literatura feminina, principalmente em Presidente Prudente, trazendo histórias de mulheres protagonistas nesse cenário da leitura e escrita.

ENCAMINHAMENTO: Diante das pesquisas e informações coletadas sobre mulheres escritoras e envolvidas na literatura, faremos um podcast que irá retratar este tema. Iremos conversar com mulheres escritoras e como foi que surgiu a vontade de expandir isso para as outras pessoas e leitoras. Vamos também falar com uma leitora para entender melhor o hábito da leitura no mundo feminino dias de hoje e o viés entre as mulheres que escrevem e as que leem.

FONTE 1

Nome: Marjory Tolentino

Idade: 41 Anos

Profissão: escritora e estudante

Contato: (18) 99777-2500

FONTE 2

Nome: Viviane Araujo de Lima (Lee Kauê - como ela prefere ser chamada)

Idade: 40 anos

Profissão: farmacêutica, terapeuta floral, empreendedora, poeta e artista plástica

Contato: (18) 99122-2287

FONTE 3

Nome: Camila Bonillo

Idade: 26 Anos

Profissão: nutricionista

Contato: (18) 99773-7221

HISTÓRICO

O ato de escrever é uma arte e libera seus mais aguçados sentimentos. Algumas mulheres escrevem, pois, precisam, outras pelo fato de se sentirem bem pondo em prática a expressão de sentimentos ou pelo simples prazer de escrever. Porém, apesar do amor pela escrita e leitura, ainda existem barreiras e limitações.

É inevitável e indispensável a presença das mulheres na literatura e na escrita como nas outras áreas em que o feminino ganhou sua representatividade ao longo dos tempos. Assim, como em todos os outros campos sociais, na literatura as mulheres também ocupam o seu espaço cada vez mais.

Escritoras como Mary Shelley, Simone de Beauvoir, Florbela, Clarice Lispector e Cecília Meireles abriram passagem para que, no mundo, outras também pudessem disseminar seus anseios e vivências através dos livros, jornais revistas, blogs e páginas de internet.

De acordo com dados da Pesquisa “Retratos da Literatura no Brasil”, realizada pelo Ibope, o mercado editorial, vê as mulheres como boas leitoras, mas não como escritoras. 52% dos leitores brasileiros são mulheres, mas apesar desse grande número, 70% dos livros publicados por grandes editoras são escritos por homens. e para que isso se converta, muitas das mulheres hoje em dia tem criado editoras independentes.

33% das pessoas ouvidas na pesquisa, disseram que houve influência feminina, sendo elas mães, professoras ou representantes femininas.

Um coletivo criado baseado em uma hashtag “#readwomen2014”, realizada pela escritora Joanna Walsh, foi o ponta pé inicial, porém o coletivo só foi criado em 2015, por Juliana Gomes, que colocou o projeto em prática com mais duas amigas, onde se encontravam em livrarias e espaços culturais para ler e discutir livros escritos por mulheres. O projeto teve sua tradução para “Leia Mulheres”. O grupo está em Presidente Prudente há quase um ano e é liderado pela Larissa Dutra, organizadora do projeto na cidade. O coletivo se encontra todas as Quartas-Feiras no Sesc Thermas. O grupo, portanto, aborda diversos gêneros literários.

Com o tempo e apesar de todas as limitações, as mulheres lutaram por diversas formas de expressar ideias, pensamentos e valores que lhes eram atribuídos, mas raramente escutados, empenhando-se em mostrar seus pontos de vista sobre todos os temas abordados até então exclusivamente pelos homens, da sexualidade à religião, bem como iniciando a discussão de temas inerentes à mulher e nunca discutidos de forma mais aprofundada, como aborto e maternidade.

Camila Bonillo é uma jovem nutricionista e amante da leitura, porém a sua história com a literatura começou por conta de um filme, onde ao assistir decidiu que queria ir além daquele resumo apresentado pelo cinema. Na época, ela não tinha o hábito de ler tanto e por isso precisou pegar o livro emprestado de uma amiga, o que a amiga levava dias ou semanas para ler, Camila leu em pouco tempo.

Depois disso, ela começou a ler com mais frequência e a comprar os livros dos filmes e séries que a interessava e então a leitura virou uma das suas maiores paixões e lazer.

Com o tempo, a jovem descobriu que o amor pela leitura era bem mais familiar do que ela imaginava, pois assim como sua avó, os seus primos também gostam bastante de ler. Mas não para por aí, hoje além do amor que sente pelos livros, Camila conseguiu levar um pouco deste hábito para sua irmã que já consome bons livros.

Já a escritora Marjory conta da sua dificuldade no aprendizado da leitura, mas com o tempo ela aprendeu a ler e a gostar muito da leitura. Um de seus livros mais lidos era um dicionário, até que descobriu a biblioteca da cidade de Martinópolis e ali ela ajudava as mulheres com a limpeza e assim passava a maior parte do seu tempo, quando não estava na escola, estava na biblioteca.

Aos 10 anos ela ganhou uma máquina de escrever e começou a escrever aleatoriamente, escrevia contos, coisas que vinham a sua cabeça, outras vezes ela apenas copiava um texto interessante. Marjory acabou gostando muito mais de escrever e assim começou a sua história na literatura, mas houve um tempo em que ela deixou essa paixão pela escrita de lado para trabalhar até que se casou e teve sua família.

Ao comprar seu primeiro computador, ela voltou a escrever seus contos e histórias e dessa forma ela firmou seus pés na literatura, leitura e escrita.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- 1- De onde vem a decisão e vontade de escrever para outras pessoas?
- 2- Você sempre gostou de ler e escrever? Como que isso aconteceu e interferiu positivamente na sua vida?
- 3- Qual ou quais são as suas inspirações femininas na literatura?
- 4- No que ou em quem você se espelha ao escrever?
- 5- De onde vem a inspiração para os temas e ideias nos textos em que se escreve?

6- Você já pensou em parar de escrever?

7- Você teve alguma dificuldade para escrever e publicar algo por ser mulher?

PAUTA

RETRANCA: TRANSEXUALIDADE

PRODUÇÃO: RAYENI EMERICH

PROPOSTA: Nesse episódio iremos trazer a história de mulheres trans e sua transformação e aceitação desde o início, como foi para ela a vida social, e escolar, as dificuldades de se arrumar um serviço em uma geração onde o preconceito fala mais alto. E entender as mudanças/ cirurgias que foram feitas em seu próprio corpo. os riscos de fazer essa mudança sem o acompanhamento de um profissional.

ENCAMINHAMENTO: Diante das informações levantadas sobre a transexualidade, vamos produzir um programa de podcast com esse assunto. Vamos conversar com uma mulher trans para saber como foi e como é viver e se adaptar com essa mudança, como e quando ela percebeu que tinha uma identidade de gênero diferente da que nasceu o que ela mais ouvia e que problemas ela teve no decorrer da descoberta até a aceitação. Vamos conversar com uma profissional da casa de apoio aos LGBT para saber como funciona o projeto e quantas pessoas em médias são acolhidas por eles. e com um profissional da área da saúde para saber sobre os riscos de fazer um tratamento por conta própria.

Roteiro 1

NOME: Waleria Suri

PROFISSÃO: ativista e cofundadora da Casassa

IDADE: 42 Anos

CONTATO: (18) 99811-9734

LOCAL: Rádio Facopp (Unoeste)

HORÁRIO: 20h40

Roteiro 2

NOME: Débora Belizário da Fonseca

PROFISSÃO: Psicóloga

IDADE: 22 Anos

CONTATO: (18) 99816-0764

LOCAL: Rádio Facopp (Unoeste)

HORÁRIO: 20h40

DADOS: Transexual é um indivíduo que possui uma identidade de gênero oposta ao sexo denominado. Homens e mulheres transexuais fazem ou pretendem fazer uma transição de seu sexo de nascimento para o sexo oposto com alguma ajuda médica para seu corpo.

Segundo dados obtidos pelo Universo (UOL), o número de cirurgias de transgenitalização, ou mudança de sexo como é mais conhecida, teve um aumento de seis vezes. O que na prática resulta em 10 cirurgias por ano nos últimos 10 anos em que o SUS (Sistema Único de Saúde) passou a cobrir o tratamento para pessoas transexuais.

De acordo com a nota dada ao site UOL, pelo ministério da saúde a cobertura desse procedimento é feita através da solicitação de gestores locais a quem compete regular os serviços e o acesso da população aos procedimentos de mudança de sexo de acordo com a necessidade identificada que inclui as listas de espera.

Devido à demora ou a falta de informação que ainda é bem grande, algumas trans fazem tratamentos inadequados e sem uma orientação médica, através do uso de hormônios.

Segundo informações do site UOL, existem grupos no Facebook, onde usuários de hormônios dão detalhes das doses usadas, de onde compram os medicamentos e dos efeitos sentidos no corpo. Nas conversas, eles postam fotos dos remédios, muitos deles com tarja vermelha, que exige venda com prescrição médica, e das mudanças percebidas no tempo de uso. Os remédios geralmente são utilizados nos tratamentos de reposição hormonal em homens e mulheres.

Com isso, muitas mulheres trans requerem apoio em relação a tantas mudanças e adaptações de vida, e de críticas relacionada ao corpo em que vive ou decidiu viver.

A pessoa transexual nasceu homem, mas não se sente como tal, adotando roupas do sexo oposto, consumindo hormônios e logo se decide pela cirurgia de mudança de sexo. Já o travesti, ainda que ele tenha o mesmo desejo e invista em roupas e hormônios femininos, tal qual o transexual, ele mantém o órgão genital masculino.

DADOS

Debora tem 22 anos, é psicóloga a pouco tempo, mas ama sua profissão e está se aperfeiçoando a cada dia e já leva uma grande bagagem para sua profissão. Ela relata que psicologia sempre foi sua primeira opção e não se vê atuando em outra profissão senão essa. A jovem acredita que na área da saúde mental foi onde ela realmente se encontrou como pessoa e profissional. A psicóloga fez iniciação científica com crianças em situação de acolhimento. Depois da graduação, prestou alguns concursos e hoje atua na área da educação.

Já Walleria tem 42 anos, é uma mulher transexual, graduanda de direito, ativista pelos Direitos Humanos desde 2013, com participação em conferências estaduais e nacionais, membro representante da população LGBTQ no Conselho de Saúde de

Presidente Prudente e cofundadora dos coletivos LGBTQ *Somos e Casassa*. Por fim, é fundadora do grupo Olhar, de inclusão e acessibilidade, formado por pessoas com deficiência visual.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. Como foi descobrir que seu sexo não condizia com sua identidade de gênero?
2. Quanto tempo você levou para notar isso?
3. Quando você percebeu que queria fazer a cirurgia ou decidir não fazer?
4. Como foi para seus familiares essa mudança e aceitação?
5. Como é encarar tudo isso de frente?

PAUTA

RETRANCA: VIRGINDADE

PRODUÇÃO: RAYENI EMERICH

PROPOSTA: Essa edição será dedicada a um tema considerado TABU entre muitas famílias e mulheres até hoje, trazendo os motivos pelo qual essas mulheres perderam a virgindade cedo ou tarde demais. Mostrando os dois lados e os cuidados que podem ser tomados perante tudo isso.

ENCAMINHAMENTO: Diante das pesquisas e informações coletadas sobre virgindade, criaremos um podcast com esse tema. Iremos conversar com uma mulher que perdeu a virgindade cedo, para entender o porquê ela decidiu que perderia com pouca idade.

Falaremos também com uma mulher que perdeu com uma idade mais avançada, e entender o que motivou ela a demorar ou esperar tanto tempo para que isso acontecesse.

Iremos colocar os dois lados da história para compreender o que isso causou na vida de cada uma e se estão satisfeitas ou se por algum motivo se arrependeram pela demora ou pressa pelo sexo.

Falaremos com uma profissional da área da saúde feminina ou do sexo para nos falar os riscos, os benefícios e qual o melhor momento para tomar essa decisão.

FONTE 1:

Nome: Joandele Cristiano da Silva Barcelos

Profissão: Professora Universitária

Idade: 31 anos.

Contato: (18) 99725-5197

FONTE 2:

Nome: Stephanie da Silva Santos

Profissão: Estudante

Idade: 22 Anos

Contato: (18) 99818-3112

DADOS

É necessário um preparo para perder a virgindade? Ou apenas combinar como parceiro e ir? como agir nesse momento? É dolorido? Esses e outros questionamentos surgem todos os dias no mundo feminino, entre adolescentes, jovens e adultos.

Quem aí já não ficou nervoso aos 15 anos ou aos 16 ao dar o primeiro beijo? As garotas costumam ter sua menstruação, em média, aos 12 anos, mas tem aquelas garotas que menstruam aos 16. Para muitas garotas esse é um marco importante na vida, assim como o primeiro beijo e também a perda pela virgindade. O “momento encantado” e tão esperado por muitas.

Mas há quem acredite em um momento exato, às vezes com o primeiro namorado, ou após o casamento, porém tem quem acredite que não exista um momento exato para que isso aconteça. Só precisa estar preparada para o tão esperado momento.

Essa perda da virgindade, porém, envolve algo mais complexo como o início da vida sexual ativa, a percepção e interação do seu corpo com o corpo de outras pessoas além dos vínculos de intimidade.

O início da vida sexual ativa deve ser em um momento em que ela sinta disposta emocionalmente, preparada com métodos contraceptivos e consciente das possíveis consequências vindas do sexo. O momento pode ser tão bom, quanto tão ruim dependendo do parceiro, da ocasião e do que aconteceu no dia. Segundo informações do site IG, 40% das mulheres se arrependem de ter perdido a virgindade muito cedo, um estudo elaborado pela universidade de medicina de Londres (School of Hygiene and Tropical Medicine) com mulheres entre 17 e 24 anos, revelam que “apenas 48% das mulheres eram sexualmente competentes.

Quando questionados sobre como se sentiam em relação à sua primeira experiência sexual, 40% das mulheres jovens acreditam que não aconteceu “na hora certa”. Elas admitiram que desejavam ter esperado mais para fazer sexo”. E isso acontece diariamente em todos os cantos, e a todo instante. o sexo está banalizado nos dias de hoje e não existe mais a preocupação de esperar o momento e a hora certos de perder a virgindade, pois o que os jovens querem é curtir o momento e acabam não se preocupando ou pensando com o depois de uma noite, ou um “rolê”.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

- 1- O que te levou a perder a virgindade tão cedo?
- 2- Qual era seu receio em relação ao sexo?
- 3- Por que você optou por perder a virgindade após o casamento?
- 4- Quais foram os principais motivos que te precipitaram a esse momento?
- 5- Sabemos que essa é uma fase importante na vida de toda mulher. Como foi para vocês?

PAUTA

RETRANCA: GRAVIDEZ/ CONTRACEPTIVOS

PRODUÇÃO: RAYENI EMERICH

PROPOSTA: o episódio será dedicado às mulheres que não pretendem ser mães, para conversar sobre os motivos que as levaram a decidir isso. Falaremos sobre o uso dos contraceptivos que por essas mulheres e entenderemos como elas veem esse assunto e sua vida futuramente.

ENCAMINHAMENTO: vamos conversar com duas mulheres que tomaram a decisão de serem sozinhas para saber como foi essa escolha, como ela surgiu. Quais os meios que ela utiliza para não ter filhos. Vamos falar com uma ativista que apoia essa causa e com uma profissional da saúde para saber como é feito o processo e quais os riscos que esse tipo de tratamento pode trazer.

PERSONAGENS

Fonte 1:

Nome: Luiza Caldeira Custódio

Idade: 22 Anos

Profissão: Estudante, ativista e criadora de conteúdo

Contato: (18) 99635-9942

Fonte 2:

Nome: Andreyana Otaran

Idade: 19 Anos

Profissão: Estudante

Contato: (18) 99654-6012

Fonte 3:

Nome: Ana Beatriz

Idade: 21 Anos

Profissão: Estudante

Contato: (18) 99652-5746

DADOS: Você já pensou em viver uma vida sozinha? Sem constituir família? O que antes parecia difícil acontecer, ou até uma coisa de outro mundo, hoje já é algo bem natural e aceitável. A geração já não é a mesma, a família já não é apenas um casal e um filho, muitas das mulheres hoje em dia optam por ter uma vida mais livre, mais dela, uma vida onde a dedicação pelo trabalho ou a vontade de ser apenas ela, eliminou do seu dicionário a palavra “mãe”. Na cidade de Presidente Prudente e na região é possível notar que esse número de mulheres está crescendo entre jovens, adultas e estudantes universitárias, pois através de uma pesquisa levantada com mulheres da região e de presidente prudente, para a produção desse programa, 6 de cada 10 mulheres tiveram certeza da decisão após ingressar na faculdade. Devido a essa vontade de não ter filhos, as mulheres partem para os meios contraceptivos como camisinha masculina, camisinha feminina, o DIU (dispositivo intrauterino), contracepção hormonal injetável, contracepção hormonal oral (pílula anticoncepcional), implantes, contracepção cirúrgica entre outros meios. Mas como nem tudo são flores, muitos desses meios não são fornecidos à saúde pública como o caso do DIU. Segundo informações da revista Marie Claire, apesar de ser um direito das mulheres, o Ministério da Saúde não realiza a compra de DIUs e diafragmas para o SUS (Sistema Único de Saúde) desde 2015. Sendo ele o método com melhor custo-benefício para as mulheres e o Estado, o DIU é também o mais subutilizado no Brasil: apenas 1,9% das mulheres brasileiras em idade fértil e que usam algum tipo de contracepção utilizam o dispositivo intrauterino, segundo dados do Ministério da Saúde com base na Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher do IBGE para a última década. Ele é um dos nove tipos de contraceptivos oferecidos gratuitamente pelo SUS. No entanto, os dados obtidos mostram que enquanto a compra do DIU e diafragma parou os métodos hormonais, como os injetáveis e pílulas, continuaram tendo altos valores investidos em suas compras. Mas é bom lembrar que os meios contraceptivos também tem lá os seus riscos e pode fazer mal à saúde, por isso é bom e recomendável que todo tratamento e medicamento seja indicado pelo médico ginecologista, responsável pela saúde da mulher. Em relação a essas mulheres que não pretendem ser mães, uma reportagem feita pelo site TERRA, aponta que 14% das mulheres brasileiras com idade entre 30 a 40 anos. e como muitas das mulheres ouvem e sabem, o relógio biológico é sinônimo de fertilidade. Ao longo dos anos, após a primeira menstruação, a produção de óvulos vai diminuindo e as dificuldades para engravidar aumentam. Para a medicina, este processo começa por volta dos 30 anos e por conta disso é que talvez muitas das mulheres desistem de ter filhos. Ou ao inverso disso elas já sabem desde cedo o que pretendem e não segue um padrão de família

margarina, por acreditar que nem toda felicidade do mundo está em um casal e alguns filhos.

DADOS DAS FONTES:

Luiza Caldeira, 22 anos, estudante e ativista de causas femininas. Desde muito nova nunca quis ter filhos, e sempre viu pelo lado econômico (e um pouco de medo de dor). No momento não pretende ter filhos e faz de tudo pra não ter, a estudante acha que é uma responsabilidade muito grande colocar uma vida nesse mundo, e apoia a causa pois desde cedo sempre achou que a mulher deveria ter poder de escolha sobre seu corpo e a sua vida, segundo ela: “ter filho pode ser uma escolha, mas não ter não pode entrar nessa opção. pois acaba sendo imposto que você tenha filhos antes dos 35 anos”, Luiza virou ativista no início da faculdade em 2016, quando começou a estudar mais sobre o assunto, mas no momento não participa de nenhum grupo ou coletivo.

Já a Andreyana Otaran, 19 anos estudante de psicologia, e criada em igreja cristã, diz que nunca quis ser mãe. “eu optei por não ter filhos por dois motivos principais, o primeiro é porque no meu projeto de vida eu quis priorizar a minha futura profissão, então se eu quiser chegar onde pretendo, terei de abrir mão da constituição de uma família, e aí que entra o segundo motivo, muita gente super daria conta de ter filhos mesmo com uma carreira bem agitada, mas, eu acredito que eu não teria tanto tempo pra dedicar à criação dos meus filhos e eu jamais gostaria de ter crianças negligenciadas de alguma forma, é bastante prejudicial”.

Ana Beatriz, 21 Anos faz parte do coletivo mulheres em prosa e nos fala um pouco sobre a sua decisão por não ser mãe. “Minha decisão de não ter filho começou quando eu comecei a entender sobre construção social e toda imposição que as pessoas colocam no corpo da mulher. Comecei a perceber que essa ‘vontade’ que eu tinha era nada mais, nada menos do que essa imposição, e aí comecei a me questionar sobre minhas vontades, meus desejos e comecei a ver que na verdade no meu futuro eu não me via com filhos, e segue assim. Claro que é algo que pode mudar, mas eu sei que se mudar é porque vontade minha”.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1- O que te levou a escolher uma vida sem filhos?
- 2- Você utiliza algum meio contraceptivos para não ter filhos?
- 3- Qual a opinião da sua família em relação a sua escolha?
- 4- Algum dos seus relacionamentos não deram certo por conta dessa escolha?
- 5- Em relação ao futuro e sua opção, você tem medo de ser sozinha?

PAUTA

RETRANCA: RELAÇÃO/ ABUSIVA

PRODUÇÃO: BRENDA OLIVEIRA E RAYENI EMERICH

PROPOSTA: Essa edição será dedicada a mulheres que sofrem e já sofreram com relacionamentos abusivos. Um tema que ainda não é muito falado por mais que seja algo que muitas mulheres vivenciam diariamente.

ENCAMINHAMENTO: Perante as informações trazidas sobre relacionamento abusivo, vamos produzir um programa de podcast com este tema. Conversaremos com uma mulher que passou por este tipo de abuso dentro do relacionamento, como foi para ela lidar com tudo isso, e se acarretou algum dano a sua saúde mental ou física. Além disso, é essencial que participe do bate papo uma profissional da saúde e do direito para saber quais decisões cabíveis podem ser tomadas em casos de relacionamentos tóxicos, como a vítima pode procurar ajuda e qual a melhor saída elas podem recorrer.

FONTE 1

Nome: Mariane Pracânica

Idade: 29 anos

Profissão: Estudante

Contato: (18) 99797-8958

FONTE 2

Nome: Beatriz Fukunari

Idade: 24 Anos

Profissão: Advogada

Contato: (18) 99617-5249

FONTE 3

Nome: Brenda Raven Cavalcante Araújo Mercúrio

Idade: 26 Anos

Profissão: Psicóloga

Contato: (18) 99622-2627

DADOS: Relacionamento abusivo é a definição para qualquer tipo de relação que há abuso físico ou emocional entre o casal. De acordo com o último boletim online do Sistema de Segurança Pública do estado de São Paulo 3.572 mulheres no interior do estado sofreram ameaças de seus companheiros, 2.779 mulheres foram agredidas. Durante os anos de 2018 e 2019, houve um crescimento de 71% de casos envolvendo relacionamentos abusivos. No Brasil, uma mulher é morta a cada duas horas e as vítimas estão entre mulheres de 18 a 45 anos com perfis trabalhadores (faxineira, doméstica, estudantes, trabalhadoras rurais), crimes como agressões verbais, físicas e psicológicas são muitas vezes banalizados e acaba ficando por “Só mais um caso”. A DDM (Delegacia de Defesa da Mulher) de Presidente Prudente soma 633 denúncias de violência contra elas, entre janeiro e julho deste ano.

O preocupante é que, mesmo com a implementação de medidas punitivas mais efetivas contra os agressores, os casos seguem ocorrendo com frequência. Recentemente, uma mulher de 50 anos foi ameaçada de morte pelo seu ex-marido por “não fazer o serviço de casa”, esse caso aconteceu em Ameliópolis, distrito de Presidente Prudente. Outra vítima de um relacionamento como esse, é Carol, uma jovem de 24 anos que hoje é mãe, conta que seu namoro de quatro anos a afastou de amigos, parentes e familiares. A jovem sofreu agressões físicas e recebeu ameaças quando o seu ex-companheiro suspeitava de algo. “Ele dizia que iria cortar meu cabelo, caso eu o traísse, eu não podia sair com minha irmã, não tinha uma vida social, não podia ter amigos e nem conhecer pessoas novas. Pois qualquer coisa diferente era motivo de brigas, ele quebrava meu chip de celular quando achava contatos novos”. Questionada sobre o efeito dessa relação na família, Carol diz que foi o pior que poderia acontecer, pois a família ficou abalada ao saber, “Todos ficaram muito abalados, mas me apoiaram como toda família, mas infelizmente todos nós carregamos traumas desse episódio que aconteceu com a gente. Eu digo a gente, porque a família sofre junto não é uma dor única é coletiva”.

Histórias como estas precisam tem um fim, por dia 25 de novembro é Dia Internacional de Combate à violência contra a mulher. Esta data foi estabelecida no Primeiro Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe realizado em Bogotá, Colômbia, em 1981, em homenagem às irmãs Mirabal – Pátria, Minerva e Maria Teresa – foram brutalmente assassinadas pelo ditador Trujillo em 25 de novembro de 1960 na República Dominicana. Em 1999, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), proclama esta data como o “Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra a Mulher” a fim de estimular que governos e sociedade civil organizada, nacionais e internacionais realizem eventos anuais como necessidade de extinguir com a violência que destrói a vida de mulheres considerado um dos grandes desafios na área dos direitos humanos.

Desde 9 de março de 2015, a legislação prevê penalidades mais graves para homicídios que se encaixam na definição de feminicídio, ou seja, que envolvam “violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. Ainda segundo a *legislação* pena é aumentada de 1/3 (um terço) até a

metade se o crime for praticado: durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto; contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência; na presença de descendente ou de ascendente da vítima. Além disso, em 2018 houve novamente uma mudança no texto referente a lei incluindo que em descumprimento da medida protetiva, assegurada em lei pela mulher nos incisos I, II e III a pena será aumentada.

A DDM informou que subiu de sete para 12 o número de casos com mulheres vítimas desses relacionamentos, 47,81% dos casos houve prisão em flagrante. Embora os números tenham crescido, a Delegacia da Mulher de presidente Prudente, informou que a cidade e região possui o menor índice de homicídio do Estado de São Paulo. As informações trazidas nos abrem mais os olhos e a mente diante situações como essas, existem alguns sinais que podem ser notados em casos de uma relação tóxica como: ciúmes excessivos, controle sobre você, invasão de privacidade, afastamento das pessoas, chantagens, ameaças, violências, entre outros sinais.

Existem também leis que estão ao alcance da população feminina como a LEI MARIA DA PENHA, que foi sancionada no dia 7 de agosto de 2006 que visa proteger a mulher contra violência doméstica. Porém a lei entrou apenas em vigor no dia 22 de setembro daquele mesmo ano. Maria da Penha é uma farmacêutica brasileira, natural do Ceará. Em 1983, seu esposo tentou matá-la com um tiro de espingarda. Apesar de ter escapado da morte, ele a deixou paraplégica. Quando, finalmente, voltou à casa, sofreu nova tentativa de assassinato, pois o marido tentou eletrocutá-la.

Quando criou coragem para denunciar seu agressor, Maria da Penha se deparou com uma situação que muitas mulheres enfrentam neste caso: incredulidade por parte da Justiça brasileira. A defesa do agressor sempre alegava irregularidades no processo e o suspeito aguardava o julgamento em liberdade.

Em 1994, Maria da Penha lança o livro "*Sobrevivi...posso contar*" onde narra as violências sofridas por ela e pelas três filhas. O caso de Maria da Penha só foi solucionado em 2002 quando o Estado brasileiro foi condenado por omissão e negligência pela Corte Interamericana de Direitos Humanos.

É fundadora do Instituto Maria da Penha, uma ONG sem fins lucrativos que luta contra a violência doméstica contra a mulher. Basta ir até a delegacia mais próxima e denunciar. Mas mesmo os números para socorro sendo altos, ainda existe um grande número de mulheres que não sabem que estão em uma relação abusiva, e precisam de ajuda e apoio para que consigam ver e sair dessa situação. Segundo o Advogado Lucas Catharino, a lei Maria da Penha em sua essência, é uma norma criada para regulamentar dispositivos e medidas assecuratórias em favor da mulher, em seu âmbito familiar, contra agressões ou mal injustos sofridos pela mesma. Em suma, são medidas protetivas criadas para proteger a mulher, nas situações que envolvam seus maridos, namorados, parentes.

Graças a Maria da Penha, hoje as mulheres se encontram resguardadas por uma lei onde as protegem.

Dados das fontes:

Beatriz Fukunari, é advogada especialista em direito e processo penal pela UEL. E diz que “a melhor coisa da advocacia é você conseguir lutar por diversos interesses. É tentar reduzir as injustiças e buscar um maior equilíbrio. Por exemplo, as pessoas têm a visão equivocada de que advogar se resume a “defender bandido”, mas isso não é verdade. Quanto a questão de relacionamentos abusivos, o advogado pode auxiliar na orientação da vítima, defender seu interesse em algum processo criminal, entre outras providências”.

Mariane Pracânica é Estudante de Jornalismo e relata que se casou muito nova, com apenas 17 anos ela já estava com o seu ex-marido. Questionada sobre como era a relação do casal, a jovem diz que no namoro sempre foi tudo muito tranquilo, não havia brigas nem nada, mas logo que se casou, um mês depois começaram as discussões pois ele era muito ciumento, possessivo, as coisas tinham que ser do jeito dele. E por pensar que casamento teria que ser para sempre, Mariane mudou sua vida por ele. “eu comecei a ser do jeito que ele queria, mudei do jeito que ele queria. Comecei a não ir visitar tanto os meus pais, fazia de tudo para evitar brigas e mesmo mudando muito a minha vida, as agressões verbais ainda continuavam”. A jovem conta ainda que nem no salão de beleza podia ir sozinha, pois ele implicava até com uma simples saída dela. Mariane também sofreu com agressões físicas, ela conta que as agressões começaram com coisas quebradas dentro de casa, depois evoluiu para um empurrão, depois para um tapa e assim por diante. E por manter a visão de que um casamento teria que ser eterno, a jovem se calou por muito tempo, pois achava que ela tinha que arcar com as consequências das suas próprias escolhas. “um dia ele me bateu na frente do irmão dele, então esse irmão dele contou para a mãe, para a irmã, para a cunhada e então ele nunca mais me bateu, mas as agressões verbais e psicológicas continuavam”. Diz Mariane. O ex-marido chegou até desejar a morte da jovem para poder se livrar dela já que eles mantinham na cabeça que a separação só era possível por uma traição de ambas as partes, ou pela morte de um dos dois. Tudo isso acarretou em Mariane um grande problema emocional, onde ela era afetada desde o couro cabeludo, até os pés, o problema era uma alergia que deixava seu corpo em vergões de tanto coçar. Mas hoje a jovem leva uma vida independente, segue trabalhando, estudando e realizando seus sonhos.

Brenda é psicóloga e faz parte de um projeto que se chama Cordel Social. Este projeto é composto por uma Psicóloga, Duas assistentes sociais e uma palestrante. O projeto tem como intuito levar informações referentes a Violência contra a Mulher, por meio de workshop e palestras. Desta forma, elas fazem com que as Mulheres identifiquem o que é a Violência, podendo discernir se já passaram ou não por algum tipo. “Possuímos também a temática das Deusas, onde trabalhamos o fortalecimento e identificação das Mulheres com as Deusas da mitologia grega, de forma a se redescobrir ao se identificarem com as personagens”.

PAUTA

RETRANCA: MULHERES/COMUNICAÇÃO

PRODUÇÃO: BRENDA OLIVEIRA E RAYENI EMERICH

PROPOSTA: Essa edição será dedicada a mulheres da comunicação, um tema que merece destaque na cidade de Presidente Prudente e região. Pois é necessário dar vozes ao jornalismo feminino que infelizmente ainda não é tão grande quanto gostaríamos.

ENCAMINHAMENTO: Perante as informações trazidas sobre mulheres na comunicação, vamos produzir um programa de podcast com este tema. Conversaremos com mulheres de distintas áreas da comunicação para entender um pouco mais sobre como é ser uma comunicadora em Presidente Prudente.

FONTE 1

Nome: Regina Santos

Idade: 44 anos

Profissão: radialista

Contato: (18) 98171-2387

FONTE 2

Nome: Bianca Santos

Idade: 24 anos

Profissão: assessora de imprensa do Hospital Regional

Contato: (18) 99634-2066

FONTE 3

Nome: Julhia Marquetti

Idade: 21 anos

Profissão: repórter e comentarista de programa esportivo

Contato: (18) 99333-8226

DADOS

Não é novidade que a mulher sempre teve dificuldades de inserção no mercado de trabalho, porém isso tem melhorado um pouco. Dados do portal comunique-se relata que “mais de 15 mil mulheres estão ativas na imprensa brasileira. Número representa 37% do mercado do jornalismo no país”. As mulheres formam a maioria da sociedade brasileira, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No jornalismo, contudo, tal regra não se aplica. A força feminina ainda representa menos da metade do setor. Atualmente, 15.654 mulheres jornalistas estão empregadas em veículos de comunicação. Apesar de estar na casa dos milhares, o número representa somente 36,98% do mercado da imprensa no país.

Isso porque há empregos ativos para 26.678 jornalistas do sexo masculino. Os dados foram colhidos do Workr, plataforma de comunicação corporativa desenvolvida pelo Comunique-se. Depois da televisão, o meio online é o que mais emprega jornalistas mulheres no Brasil – levando em consideração números absolutos.

Nessa divisão, elas são 3.838. Número que representa 42,46% do total da área, já que eles somam 5.202 empregados. Dos 3.366 jornalistas que atualmente estão atrelados a alguma empresa do setor, 48,46% são mulheres.

São 1.736 homens e 1.631 comunicadoras. As mulheres representam 47,67% (276 mulheres X 303 homens). Por fim, a divisão em jornal é a seguinte: 4.962 homens e 3.117 (38,58%) mulheres.

Em uma tabela demonstrativa, conseguimos ver a diferença que ainda existe entre o sexo feminino e masculino na comunicação.

No geral, contabilizando todos os meios de comunicação a soma de empregos de mulheres ultrapassa o número de 15.564. O fato ocorre porque há jornalistas com mais de um emprego ativo na mídia.

A jornalista Bianca Santos, Assessora de imprensa do Hospital Regional de Presidente Prudente diz que Ainda existe uma diferença entre os sexos ao arrumar emprego na área do jornalismo da região, mas que isso depende muito da empresa. “Em empresas comandadas por homens por exemplo, as mulheres precisam batalhar para mostrar que são capazes. Eu sou a prova de ter dado a volta por cima e conseguido, porem, acredito que as mulheres conseguem sim se encaixar no mercado de trabalho, mas que é preciso se impor!”. Ao ser questionada em como

ela se sente em ser Jornalista na cidade de Presidente Prudente, a jovem que acabou o curso de jornalismo a pouco tempo diz que se sente realizada “conseguir espaço no mercado de trabalho logo depois de me formar foi sensacional. Tive uma rápida passagem no jornal impresso e logo depois embarquei na assessoria de imprensa e aí eu vi que ali era a minha praia. Tem muita gente que fala que assessoria de imprensa não é jornalismo, mas é. A gente faz a mediação da empresa com os veículos, sugerimos pautas, mandamos posicionamentos e defendemos o local que trabalhamos.” Ela que começou com trabalho voluntário na prefeitura de Martinópolis, hoje está conquistando seu espaço no jornalismo.

Já para Aline Costa, Jornalista na Folha da Cidade em Martinópolis e no G1 de Presidente Prudente, ela conta que é uma batalha por dia a ser vencida “A mulher sempre teve dificuldades de inserção no mercado de trabalho, o que já foi comprovado estatisticamente e isso não é muito diferente na área da comunicação. No entanto, é preciso ter coragem e competência para enfrentar essa desigualdade”. Aline ainda diz que na cidade de presidente prudente e na região, há uma representatividade bem significativa.

Um levantamento feito com apoio do Google News Lab envolveu entrevistas com 477 mulheres e abordou aspectos como a percepção de atitudes sexistas no trabalho e do impacto do gênero no exercício profissional. Mais da metade (59%) das entrevistadas afirmou que “presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada no exercício de sua profissão por uma fonte”.

O gênero também aparece como um argumento para desqualificar o trabalho jornalístico realizado por mulheres: 67% das jornalistas que responderam a pesquisa “Mulheres no jornalismo” afirmaram ter tido sua competência questionada ou visto uma colega ter a competência questionada por colegas ou superiores.

Em 2018, um levantamento da Associação Brasileira de Jornalistas registrou mais de 150 casos de agressão contra jornalistas em contexto político-eleitoral, sendo 87 no ambiente virtual e 72 ataques físicos. Na internet, mulheres foram alvo de 56,3% dos casos registrados pelo levantamento. Um dos casos registrados foi sobre a premiação “Personalidade do Ano de 2018”. Onde houve uma perseguição contra a repórter da Folha de S. Paulo que ocorreu após publicação de matéria sobre “apoiadores do presidente eleito, Jair Bolsonaro, que financiaram uma campanha para disseminar notícias falsas no WhatsApp”. Casos como esse ainda acontecem muito quando alguém não gosta do que é publicado em massa, ou porque é contra tal emissora.

ANEXO E
ROTEIRO DOS PILOTOS DE PODCAST

PODCAST MANAS

#01 DITADURA DA BELEZA, PROPAGANDA DE MARGARINA E ESTEREÓTIPOS

TEMA: ACEITAÇÃO DO PRÓPRIO CORPO, EMPODERAMENTO E DIREITO DE ESCOLHAS EM MEIO AOS PADRÕES E ESTEREÓTIPOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE E MÍDIA.

[ABERTURA]

[TAYLANE]

OLÁ, OUVINTES! COMEÇA AGORA A EDIÇÃO NÚMERO UM DO PROGRAMA MANAS, PODCAST VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E A CADA EDIÇÃO VAMOS ESTAR JUNTAS PARA DEBATER, TER UM PAPO LEGAL SOBRE TEMAS QUE FAZEM PARTE DO NOSSO MUNDO, DA NOSSA VIDA. QUEM ESTÁ COMIGO HOJE, MINHA COMPANHEIRA DE APRESENTAÇÃO É A RAYENI EMERICH. COMO VOCÊ ESTÁ, RAYENI?

[...]

[TAYLANE]

O MANAS É FEITO POR MAIS OUTRAS TRÊS MULHERES QUE VOCÊ VAI CONHECER AO LONGO DOS EPISÓDIOS. E POR FALAR EM EPISÓDIO, BORA COMEÇAR OFICIALMENTE ESTE?

NÃO ESTAMOS SOZINHAS! ESTÃO CONOSCO HOJE MAIS TRÊS MULHERES. VAMOS APRESENTÁ-LAS: A PSICÓLOGA ANA PAULA CLARO CINTRA. OI, ANA! DÊ UM ALÔ PRA GALERA E UM BREVE RESUMO SOBRE VOCÊ.

[...]

[RAYENI]

NOSSA OUTRA CONVIDADA É A FLÁVIA SUGUITANI CINTRA NEVES, DESIGNER DE MODA E FEMINISTA. FALA UM POUCO DE VOCÊ TAMBÉM, FLÁVIA! SE APRESENTE.

[...]

[TAYLANE]

TAMBÉM TÁ COM A GENTE A JENIFFER SAMARA CORREIA DA SILVA, SE APRESENTE, JENIFFER.

[...]

[RAYENI]

SEJAM MUITO BEM-VINDAS, MENINAS! VAMOS PARA O TEMA DE HOJE?

VINHETA

[TAYLANE]

QUEM NUNCA FOLHEOU REVISTAS OU VIU TV E PENSOU “QUERO SER ASSIM, QUERO ME VESTIR ASSIM”? A DITADURA DA BELEZA, DA VIDA PERFEITA SEMPRE FOI MUITO FORTE NA MÍDIA E AS MULHERES SÃO AS MAIS AFETADAS POR ISSO. GERALMENTE ISSO AFETA MAIS QUANDO SOMOS ADOLESCENTES, PORQUE NESSA FASE SOMOS MAIS INFLUENCIADOS. EM UMA PESQUISA FEITA EM AGOSTO DO ANO PASSADO, EM UMA UNIVERSIDADE DA SUÉCIA, A AUTOESTIMA DO SER HUMANO OSCILA MUITO AO LONGO DOS ANOS, MAS O AUGE ACONTECE A PARTIR DOS SESENTA ANOS. ANA, COMO ISSO PODE SER EXPLICADO? O QUE A PSICOLOGIA DIZ SOBRE A AUTOESTIMA E O QUE A AFETA?

[...]

[TAYLANE]

QUANDO CONVIDAMOS A FLÁVIA PARA BATER ESSE PAPO, ELA TINHA COMENTADO QUE NUNCA QUIS SEGUIR PADRÕES. SEMPRE SE ACEITOU MUITO BEM, E OBRIGADA. GOSTARIA QUE VOCÊ CONTASSE MELHOR SOBRE SUA HISTÓRIA, FLÁVIA?

[...]

[RAYENI]

VOLTANDO À PESQUISA DA UNIVERSIDADE SUECA. AS ANÁLISES PARA A PESQUISA FORAM FEITAS COM DADOS DE MAIS DE CENTO E SESSENTA E QUATRO MIL PESSOAS. ENQUANTO ALGUMAS PESSOAS DIZEM “NÃO, NÃO PRECISO SER IGUAL A TODO MUNDO, SOU FELIZ DO MEU JEITO E ME AMO COMO SOU”, OUTRAS JÁ DEMORAM MUITO PARA ENTENDER QUE, SIM, CADA UM TEM SEU JEITO, NÃO PRECISA SEGUIR NENHUMA REGRA OU VIVER UMA VIDA PERFEITA, ATÉ PORQUE ISSO NÃO EXISTE! IMPOR REALIDADES PARA AS PESSOAS SENDO QUE ELAS NÃO PODEM ALCANÇAR SÓ PARA LUCRAR, VENDER UMA IDEIA.

[TAYLANE]

MAS HOJE, COM OS MOVIMENTOS FEMINISTAS EM PROL DA AUTOACEITAÇÃO E DA VALORIZAÇÃO DA VIDA E DA PLURALIDADE DE CORPOS E CORES, MUITOS PARADIGMAS ESTÃO SENDO QUEBRADOS, NÉ. NO ANO PASSADO FOI DIVULGADO UM PANORAMA DO DOSSIÊ BRANDLAB (GOOGLE) QUE MOSTROU QUE SE BUSCA QUATRO VEZES MAIS SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO DO QUE EM 2012. OUTRA COISA: AS BUSCAS POR “FEMINISMO NEGRO” CRESCERAM SESSENTA E CINCO POR CENTO EM 2017. VOCÊS ACHAM QUE A DITADURA DA BELEZA ESTÁ REDUZINDO? AS PESSOAS ESTÃO SE VALORIZANDO MAIS OU AINDA HÁ MUITO O QUE MUDAR?

[...]

[RAYENI]

E VOCÊ, JENNIFER? CONTA A SUA HISTÓRIA PARA AS MANAS.

[...]

[TAYLANE]

QUANDO A PESSOA TENTA SER PERFEITA, TER UMA VIDA DO TIPO PROPAGANDA DE MARGARINA E NÃO CONSEGUE, ELA SE FRUSTRA. ISSO PODE CAUSAR UMA SÉRIE DE PROBLEMAS NA SAÚDE MENTAL DA PESSOA, CERTO ANA? QUAIS SÃO OS MAIORES RISCOS?

[...]

[RAYENI]

HÁ TAMBÉM AS BOAS INFLUÊNCIAS. A REPRESENTATIVIDADE DE TODAS AS FORMAS NA MÍDIA É MUITO IMPORTANTE. ANOS ATRÁS AS PÁGINAS E

CANAIS TINHAM PADRÕES DE MODELOS: CABELO LISO, BRANCA, MAGRA, POR EXEMPLO. SERÁ QUE A MENINA DE CABELO CRESPO, A GORDA, A NEGRA SE VIA NO LUGAR DESSAS MODELOS? UM LEVANTAMENTO FEITO PELA CONSULTORIA 65|10 A PEDIDO DO FACEBOOK MAPEOU OS ESTEREÓTIPOS NA PUBLICIDADE BRASILEIRA. OS ESTEREÓTIPOS MAIS COMUNS SÃO: A SUPER MULHER E MULHER PERFEITA; A MULHER OBJETO; AS LÉSBICAS MASCULINIZADAS E HIPERSSEXUALIZADAS; O HOMEM PROVIDOR; O HOMEM PERFEITO; O GAY AFEMINADO; A GORDA ENGRAÇADA; A GORDA ANTES E DEPOIS E; OS NEGROS SUBALTERNOS. OU SEJA, AINDA SE INSISTE EM ESTEREÓTIPOS ANTIQUADOS E PRECONCEITUOSOS.

[...]

[TAYLANE]

O MUNDO ESTÁ COBRANDO DIVERSIDADE, POSIÇÃO DAS MARCAS PARA QUE ELA MOSTRE O REAL... POR QUE MOSTRAR UMA VIDA QUE NÃO EXISTE, UM CORPO INALCANÇÁVEL? AGORA, EM 2019, A BARBIE (SIM, A BONECA) COMPLETA SESSENTA ANOS DE EXISTÊNCIA E ESTÁ PROMOVEDO CAMPANHAS PARA DEIXAR O ESTEREÓTIPO DA LOIRA PERFEITA E COM PROFISSÕES CONSIDERADAS NOBRES PARA MOSTRAR QUE A BONECA VAI ALÉM DISSO. O GLOBO LANÇOU UMA MATÉRIA QUE O TÍTULO ERA “BARBIE FAZ SESSENTA ANOS E TENTA SUPERAR A IMAGEM DE PATRICINHA ENQUANTO O MUNDO COBRA DIVERSIDADE”. E É ISSO MESMO QUE ESTÁ ACONTECENDO. SE AS MARCAS, A INDÚSTRIA DA MODA E TUDO MAIS NÃO DEFENDEREM AS DIFERENÇAS, ELAS VÃO PERDER FÃS, NÉ.

[...]

[RAYENI]

FOI MUITO BOA ESSA CONVERSA, MENINAS. AGRADEÇO EM NOME DE TODA A EQUIPE A PRESENÇA DE VOCÊS.

[...]

PODCAST MANAS**#02 ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO**

TEMA: ASSÉDIO MORAL, DIFERENÇAS ENTRE ASSÉDIO E CRIMES MAIORES (ESTUPRO, POR EXEMPLO), ABUSO DE PODER (LONGAS JORNADAS DE TRABALHO, OBRIGAR AO EMPREGADOR QUE PEÇA DEMISSÃO OU FAZER PRESSÃO PSICOLÓGICA). O QUANTO E COMO ISSO PODE PREJUDICAR NO TRABALHO?

[ABERTURA]

[TAYLANE]

OLÁ! COMEÇA AGORA MAIS UM EPISÓDIO DO *MANAS*, PROGRAMA VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E A CADA EDIÇÃO A GENTE VAI DEBATER TEMAS QUE FAZEM PARTE DESSE UNIVERSO TÃO PARTICULAR COMO O NOSSO, NÉ? NA EDIÇÃO DE HOJE, EU TO AQUI COM A MINHA PARCEIRA DE APRESENTAÇÃO LARISSA OLIVEIRA. TUDO BEM, LARISSA?

[RESPOSTA LARISSA]

[TAYLANE]

ENTRE OS CONVIDADOS DE HOJE, ESTÁ A ANA PAULA GONÇALVES. OLÁ, ANA! SEJA MUITO BEM-VINDA. DÊ UM ALÔ PARA AS NOSSAS OUVINTES E FALE UM POUCO SOBRE VOCÊ.

[...]

[LARISSA]

TAMBÉM ESTÁ COM A GENTE O DR. WILSON LUSSARI. OI, WILSON. CONTA PRA GENTE QUEM É VOCÊ.

[...]

[LARISSA]

OUTRA PARTICIPANTE AQUI NO *MANAS* É A ALICE BRAZ. TUDO BEM, ALICE? FIQUE A VONTADE PARA SE APRESENTAR.

[...]

[TAYLANE]

AGRADECEMOS DESDE JÁ A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS. VAMOS PARA O TEMA DE HOJE? ENTÃO BORA.

*****VINHETA*****

[TAYLANE]

VOCÊ JÁ VIVENCIOU SITUAÇÕES CONSTRANGEDORAS NO TRABALHO, SEJA POR MEIO DE GESTOS, PALAVRAS OU ATITUDES QUE ATINGEM A SUA DIGNIDADE? ACUSAÇÕES, INSULTOS, GRITOS, OU ATÉ MESMO INDIRETAS E EXCLUSÃO SOCIAL. SE A RESPOSTA FOR SIM, VOCÊ FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO MORAL.

[LARISSA]

SEGUNDO UMA PESQUISA REALIZADA EM MARÇO DE 2017 PELO DATAFOLHA, SOLICITADA PELO FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA, 40% DAS MULHERES A PARTIR DOS 16 ANOS JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE ASSÉDIO.

[TAYLANE]

ALÉM DISSO, LARISSA, DE ACORDO COM OS RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA DO INSTITUTO MARIA DA PENHA, A CADA DOIS SEGUNDOS UMA MULHER É VÍTIMA DE VIOLÊNCIA FÍSICA OU VERBAL AQUI NO BRASIL.

MAS AFINAL, O QUE É ASSÉDIO MORAL? ANA, CONTE PARA NÓS.

[...]

[TAYLANE]

E QUAIS SÃO OS TIPOS DE ASSÉDIO?

[...]

[LARISSA]

A ALICE FOI UMA VÍTIMA DE ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO. COMPARTILHA COM A GENTE ESSA SITUAÇÃO. O QUE ACONTECEU E COMO DESCOBRIU QUE ERA ASSÉDIO?

[...]

[LARISSA]

WILSON, COMO O ASSÉDIO MORAL PODE AFETAR NO AMBIENTE DE TRABALHO?

[...]

[LARISSA]

ANA PAULA, QUAIS CASOS VOCÊ JÁ ACOMPANHOU DE ASSÉDIO MORAL? O QUE É MAIS COMUM?

[...]

[TAYLANE]

EM MARÇO DESSE ANO A CÂMARA DOS DEPUTADOS APROVOU O PROJETO QUE TORNA CRIME O ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO. A PROPOSTA PREVÊ PENA DE 1 A 2 ANOS.

ANA, ENQUANTO A PL NÃO ESTÁ EM TRÂMITE, O QUE AS VÍTIMAS DE ASSÉDIO MORAL DEVEM FAZER?

[...]

[TAYLANE]

ALICE, VIMOS QUE A VIOLÊNCIA MORAL CAUSA PROBLEMAS EMOCIONAIS E NA SAÚDE. COMO VOCÊ LIDOU COM O ASSÉDIO MORAL NESSE SENTIDO? PROCUROU AJUDA MÉDICA?

[...]

[LARISSA]

WILSON, VOCÊ JÁ PRESENCIOU ESSE TIPO DE ASSÉDIO DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES?

[...]

[LARISSA]

MUITAS PESSOAS SOFREM ASSÉDIO MORAL E NEM SABEM QUE ESTÃO PASSANDO POR ISSO. POR QUE VOCÊS ACHAM QUE ISSO ACONTECE?

[...]

[TAYLANE]

TALVEZ VOCÊS SE RECORDEM SOBRE O EX-TREINADOR DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA MASCULINA. ELE FOI ACUSADO DE ASSÉDIO MORAL E ABUSO SEXUAL E NESTE ANO FOI BANIDO DO ESPORTE.

AGORA, CASO A PL SEJA APROVADA, VOCÊS ACHAM QUE ESSES CASOS VÃO SER CADA VEZ MAIS EXPOSTOS?

[...]

[TAYLANE]

A GENTE SABE QUE COMPROVAR UM CRIME DE ASSÉDIO É ALGO BEM DIFÍCIL, POIS MUITAS VEZES SÓ PALAVRAS NÃO SÃO SUFICIENTES. COMO DIZER QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO?

[...]

[LARISSA]

WILSON, QUAL É A ATITUDE QUE AS EMPRESAS DEVEM TOMAR QUANDO HÁ CASOS DE ASSÉDIO MORAL DENTRO DAS PRÓPRIAS EMPRESAS?

[...]

[LARISSA]

ALICE, QUE MEDIDAS VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER TOMADAS PELAS EMPRESAS QUANDO HÁ CASOS DE ASSÉDIO MORAL? NO SEU CASO, QUE MEDIDAS VOCÊ ACHA QUE SEU CHEFE DEVERIA TER TIDO?

[...]

[TAYLANE]

TODOS QUE SOFREM OU SOFRERAM ASSÉDIO MORAL, PRECISAM SE LIBERTAR DESSE PROBLEMA TÃO GRAVE E QUE AFETA AS PESSOAS DE UMA MANEIRA TERRÍVEL, NÉ.

EU QUERO AGRADECER NOVAMENTE, EM NOME DA NOSSA EQUIPE, POR ESSE BATE-PAPO INCRÍVEL QUE TIVEMOS. OBRIGADA ALICE, POR COMPARTILHAR SUA HISTÓRIA COM A GENTE.

[...]

OBRIGADA TAMBÉM À ANA PAULA, POR TIRAR NOSSAS DÚVIDAS JURÍDICAS.

[...]

WILSON, MUITO OBRIGADA POR TER ESCLARECIDO ESSAS QUESTÕES DE GESTÃO.

[...]

PARA VOCÊ QUE ESTÁ OUVINDO, O NOSSO MUITO OBRIGADO TAMBÉM. NOS ENCONTRAMOS NO PRÓXIMO EPISÓDIO COM MAIS HISTÓRIAS E PAUTAS NECESSÁRIAS NA SOCIEDADE. UM ABRAÇO ATÉ MAIS, TCHAU!

[LARISSA]

TCHAU!

PODCAST MANAS**#03 A VOZ É DELAS: COLETIVOS DE MULHERES**

TEMAS: COLETIVOS E MOVIMENTOS DE MULHERES, A HISTÓRIA, A UTILIZAÇÃO DA ARTE, DANÇA, MÚSICA, POESIA E SARAUS PARA SE EXPRESSAR, CULTURA DE MULHERES E PARA MULHERES.

[ABERTURA]

[TAYLANE]

OLÁ! ESSE É O PODCAST MANAS, PROGRAMA VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. PARA QUEM NÃO ME CONHECE, SOU A TAYLANE FERNANDES E A CADA EPISÓDIO ESTAREMOS JUNTAS PARA FALAR DE ASSUNTOS QUE SÃO IMPORTANTES PARA A LUTA FEMININA. MINHA COMPANHEIRA DE APRESENTAÇÃO HOJE É A ISABELLE VOLTARELI. TUDO BEM, ISABELLE?

[ISABELLE]

OI TAY! COMIGO ESTÁ TUDO BEM E COM VOCÊ?

[TAYLANE]

TUDO BEM. HOJE, VAMOS FALAR DE CULTURA, ARTE, LUTA E VOZ.

[ISABELLE]

É ISSO MESMO. ESTÃO COM A GENTE AS MENINAS DO COLETIVO PRUDENTINO SANTO ÚTERO, A ISABELLA E A MARIA EDUARDA - SE APRESENTEM, MENINAS, FIQUEM A VONTADE.

[TAYLANE]

E ENTÃO, BORA COMEÇAR? SOBE O SOM E VEM COM A GENTE.

[SOBE SOM]

[TAYLANE]

OS COLETIVOS, SEGUNDO A UNIÃO DAS AÇÕES UNIDAS (ONU), SÃO MOBILIZAÇÕES, PRINCIPALMENTE FEITAS POR JOVENS, QUE PROMOVEM DEBATES E SOLUÇÕES PARA DESAFIOS E AMBIENTES VIVIDOS PELOS PARTICIPANTES.

[ISABELLE]

OS COLETIVOS CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICOS FALAM ATRAVÉS DA ARTE, DO DIÁLOGO E DAS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS. EM LEVANTAMENTO FEITO POR NOSSA EQUIPE E COLABORADORES, HÁ CERCA DE TREZE COLETIVOS EM PRESIDENTE PRUDENTE. ALGUNS SÃO PROTAGONIZADOS APENAS POR MULHERES.

[TAYLANE]

O SANTO ÚTERO É UM MOVIMENTO CULTURAL FEMININO QUE, ATRAVÉS DA ARTE, BUSCAM A VISIBILIDADE E O EMPODERAMENTO ÀS MULHERES. MENINAS, CONTEM COMO, ONDE, QUANDO SURTIU O SANTO ÚTERO.

[...]

[TAYLANE]

QUAIS SÃO AS PEÇAS ARTÍSTICAS QUE O COLETIVO SANTO ÚTERO PROJETA E COMO SÃO DEFINIDAS AS BATALHAS E TUDO MAIS?

[...]

[TAYLANE]

COMO A CIDADE RECEBE O COLETIVO DE VOCÊS?

[...]

[ISABELLE]

QUAIS AS BARREIRAS, ALÉM DA SOCIEDADE, QUE DIFICULTAM VOCÊS DE MANTEREM O TRABALHO?

[...]

[TAYLANE]

COMO É A RELAÇÃO ENTRE OS COLETIVOS PRUDENTINOS E OS ÓRGÃOS PÚBLICOS? VOCÊS TÊM ALGUMA AJUDA?

[...]

[ISABELLE]

A MÍDIA LOCAL POUCO FALA SOBRE OS COLETIVOS, A NÃO SER OS ALTERNATIVOS, NÉ... VOCÊS USAM AS REDES SOCIAIS PARA PROJETAR OS TRABALHOS, CERTO? COMO A INTERNET AJUDA VOCÊS?

[...]

[TAYLANE]

COMO O SANTO ÚTERO SE MANTÉM? É TOTALMENTE VOLUNTÁRIO DA PARTE DE VOCÊS, HÁ ARRECADAÇÃO DE DINHEIRO OU ALGO ASSIM?

[...]

[TAYLANE]

BOM, VOCÊ QUE ESTÁ OUVINDO A GENTE CONHECEU UM POUCO SOBRE OS COLETIVOS. AGRADECEMOS A A PRESENÇA DAS MENINAS – ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO.

[...]

[TAYLANE]

É ISSO AÍ. MAIS UM EPISÓDIO DO MANAS CHEGA AO FIM. TE ESPERO NO PRÓXIMO, FECHADO? UM ABRAÇO E TCHAU!

[ISABELLE]

ATÉ A PRÓXIMA, TCHAU!

PODCAST MANAS

#04: EMPREENDEDORISMO FEMININO E MATERNO

TAYLANE

OLÁ, COMEÇA AGORA A EDIÇÃO DO QUARTO E ÚLTIMO EPISÓDIO PILOTO DO MANAS, PODCAST VOLTADO A INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E EM TODOS OS EPISÓDIOS, EU E CADA UMA DAS MINHAS COMPANHEIRAS DE APRESENTAÇÃO, ESTIVEMOS JUNTAS PARA DISCUTIR E DEBATER SOBRE O UNIVERSO FEMININO.

E NESTA EDIÇÃO, AQUI DO MEU ALDINHO, ESTÁ A LARISSA OLIVEIRA. OI, LARI. TUDO BEM?

(RESPOSTA)

TAYLANE

QUE BOM! BORA LÁ PARA A NOSSA PAUTA?

LARISSA

POIS É! O ASSUNTO DISCUTIDO SERÁ EMPREENDEDORISMO FEMININO E MATERNO. NÃO É NOVIDADE QUE AS MULHERES SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES E ATUANDO NO MERCADO DE TRABALHO, MAS QUANDO ESTÃO A FRENTE DE DIFERENTES TIPOS DE TRABALHO, ESSA SITUAÇÃO MUDA, NÃO É MESMO?

TAYLANE

POIS É, LARI! O EMPREENDEDORISMO TEM SE TORNADO CADA DIA MAIS FREQUENTE. SEGUNDO UMA PESQUISA DO SEBRAE, A MAIORIA DAS MULHERES EMPREENDEDORAS DO BRASIL, SÃO CHEFES DO DOMICÍLIO, O NÚMERO SUBIU DE 38% PARA 45%.

PENSANDO NISSO, TROUXEMOS PARA ESTA EDIÇÃO DUAS MULHERES, UMA NO INCENTIVO DO EMPREENDEDORISMO E A OUTRA NO RAMO DO EMPREENDEDORISMO MATERNO.

OLÁ, ADIANE. TUDO BEM? SEJA BEM-VINDA AO MANAS. GOSTARIA QUE VOCÊ SE APRESENTASSE, FALASSE QUEM É VOCÊ E O QUE VOCÊ FAZ.

(RESPOSTA)

LARISSA

ISSO AÍ, E AGORA A NOSSA OUTRA CONVIDADA, A RAFAELA. OI, RAFA. TUDO BEM? NOS FALE QUEM É VOCÊ, O QUE VOCÊ FAZ?

(RESPOSTA)

TAYLANE

BOM, AGORA QUE ESTAMOS OFICIALMENTE APRESENTADAS, BORA LÁ COMEÇAR? MAS SÓ DEPOIS DA NOSSA VINHETA.

VINHETA

LARISSA

BOM, MENINAS, EU QUERIA SABER COMO SURTIU O INTERESSE DE VOCÊS EM SEREM MULHERES EMPREENDEDORAS. CONTEM AS SUAS HISTÓRIAS, O QUE VOCÊS FAZEM?

(RESPOSTAS)

TAYLANE

UMA PESQUISA DA GEM, REGISTROU EM 2018 QUE 24 MILHÕES DE MULHERES BRASILEIRAS ESTAVAM À FRENTE DE UM EMPREENDEDORISMO (INFORMAL OU FORMAL), OU REALIZAVA ALGUMA AÇÃO VIZANDO SEU PRÓPRIO NEGÓCIO.

ALÉM DISSO, DE ACORDO COM DADOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DA QUALIDADE E PRODUTIVIDADE, EM 2017, CERCA DE 23,9 MILHÕES DE MULHERES SÃO EMPREENDEDORAS.

LARISSA

O QUE VOCÊS PENSAM A RESPEITO DAS OPORTUNIDADES QUE AS MULHERES ESTÃO TENDO NO MERCADO DE TRABALHO?

(RESPOSTAS)

TAYLANE

QUAL A DIFERENÇA ENTRE EMPREENDEDORISMO MATERNO E EMPREENDEDORISMO FEMININO?

LARISSA

NO CASO DA RAFAELA QUE TRABALHA COM O EMPREENDEDORISMO MATERNO, QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES QUE VOCÊ TEVE COM SEU NEGÓCIO?

(RESPOSTA)

LARISSA

UMA PESQUISA DA REDE MULHER EMPREENDEDORA, DESCOBRIU QUE 75% DAS EMPRESÁRIAS BRASILEIRAS DECIDIRAM TER O PRÓPRIO NEGÓCIO DEPOIS DA MATERNIDADE. COMO VOCÊS ENXERGAM ESSA POSSIBILIDADE?

(RESPOSTAS)

TAYLANE

ADIANE, CONTE MAIS SOBRE O SEU PROJETO, O MULHER [+].

(RESPOSTA)

LARISSA

QUAL O FEEDBACK QUE VOCÊS TÊM DAS MULHERES QUE ESTÃO ACOMPANHANDO VOCÊS?

(RESPOSTAS)

LARISSA

EM PLENO SÉCULO XXI, AINDA NÓS OUVIMOS PESSOAS DIZEREM QUE LUGAR DE MULHER É DENTRO DE CASA, SERVINDO O MARIDO E OS FILHOS E ESSA REALIDADE NÃO TEM MAIS SENTIDO. POR QUE VOCÊS ACHAM QUE AS MULHERES ESTÃO MUDANDO ESSA HISTÓRIA? É PELA IGUALDADE?

(RESPOSTAS)

TAYLANE

E AGORA PARA FECHAR, QUERIA SABER O QUE VOCÊS DIRIAM PARA AS MULHERES QUE TÊM VONTADE DE SEREM EMPREENDEDORAS, EM DIFERENTES ÁREAS?

(RESPOSTAS)

TAYLANE

BOM, E ESTA EDIÇÃO DO PILOTO MANAS VAI SE ENCERRANDO POR AQUI. OBRIGADA MENINAS POR TEREM COMPARTILHADO UM POUCO DAS HISTÓRIAS DE VOCÊS.

(DESPEDIDAS DAS CONVIDADAS)

TAYLANE

OBRIGADA, LARISSA, PELA COMPANHIA.

(RESPOSTA)

TAYLANE

E A VOCÊ, OUVINTE DO MANAS, QUERO AGRADECER PELO CARINHO E ATENÇÃO.

LARISSA

UM FORTE ABRAÇO E LEMBRE-SE: LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER!

VINHETA

PODCAST MANAS

#01 MULHERES ESCRITORAS: POR DENTRO DA LITERATURA

TEMA: MULHERES QUE ESCREVEM E SE EXPRESSAM NA ESCRITA; INSPIRAÇÕES, REPRESENTATIVIDADE E BARREIRAS ENFRENTADAS; MULHERES QUE TAMBÉM SÃO LEITORAS.

[ABERTURA]

[ISABELLE]

OLÁ! AQUI É A ISABELLE VOLTARELI E ESTE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST MANAS. VAMOS SEMPRE ABORDAR ASSUNTOS IMPORTANTÍSSIMOS RELACIONADOS ÀS MULHERES. HOJE QUEM ESTÁ COMIGO É A MINHA PARCEIRA BRENDA OLIVEIRA. TUDO BEM CONTIGO, BRENDA?

[BRENDA]

OI ISA! COMIGO ESTÁ TUDO ÓTIMO E COM VOCÊ?

[ISABELLE]

TUDO TRANQUILO TAMBÉM! HOJE VAMOS FALAR COM MULHERES QUE INSPIRAM NA ESCRITA E NA LITERATURA!

[BRENDA]

MUITO BEM, ISA! QUEM VAI BATER UM PAPO INFORMATIVO E PRODUTIVO COM A GENTE SÃO AS ESCRITORAS MARJORY TOLENTINO, VIVIANE ARAÚJO DE LIMA (LEE KAUÊ) E TAMBÉM UMA LEITORA, A CAMILA BONILLO! OLÁ MENINAS! SE APRESENTEM FALANDO UM POUQUINHO DE VOCÊS, DAS RELAÇÕES DE VOCÊS COM A ESCRITA E A LITERATURA PARA GENTE.

[RESPOSTA MENINAS]

[ISABELLE]

ENTÃO, BORA PAUTAR ESSE ASSUNTO COM A GENTE! MAS SÓ DEPOIS DA NOSSA VINHETA!

****VINHETA DO MANAS****

[BRENDA]

O ATO DE ESCREVER É UMA ARTE QUE PODE LIBERAR SENTIMENTOS POR MEIO DAS NOSSAS EXPRESSÕES.

[ISABELLE]

ASSIM COMO EM OUTROS CAMPOS SOCIAIS, A PRESENÇA DAS MULHERES NA LITERATURA E NA ESCRITA GANHOU CADA VEZ MAIS REPRESENTATIVIDADE AO LONGO DOS TEMPOS.

[BRENDA]

ESCRITORAS COMO MARY SHELLEY, SIMONE DE BEAUVOIR, FLORBELA, CLARICE LISPECTOR E CECÍLIA MEIRELES ABRIRAM PASSAGEM PARA QUE, NO MUNDO, OUTRAS TAMBÉM PUDESSEM DISSEMINAR SEUS ANSEIOS E VIVÊNCIAS ATRAVÉS DOS LIVROS, JORNAIS REVISTAS, BLOGS E PÁGINAS DE INTERNET.

MARJORY E VIVIANI, DE ONDE VEM A DECISÃO E A VONTADE DE ESCREVER PARA OUTRAS PESSOAS?

[RESPOSTA MENINAS]

[ISABELLE]

A QUARTA EDIÇÃO DA PESQUISA REALIZADA PELO “RETRATOS DA LITERATURA NO BRASIL” E PELO IBOPE MOSTRA QUE 52% DOS LEITORES BRASILEIROS SÃO MULHERES E 33% DAS PESSOAS DISSERAM QUE TIVERAM UMA INFLUÊNCIA FEMININA. NESTA PESQUISA, 5012 PESSOAS FORAM OUVIDAS. CAMILA, O QUE MAIS VOCÊ ACOMPANHA E GOSTA DE LER?

[RESPOSTA MENINAS]

[ISABELLE]

E VOCÊ JÁ INCENTIVOU ALGUÉM A LER?

[RESPOSTA MENINAS]

[BRENDA]

MARJORY E VIVIANE (LEE KAUÊ), VOCÊS ALÉM DE ESCRITORAS TAMBÉM SÃO TERAPEUTAS. MARJORY É TERAPEUTA HOLÍSTICA COM ÊNFASE EM TARÔ TERAPÊUTICO, ASTROLOGIA, NUMEROLOGIA, RADIESTESIA E CRISTAIS E A VIVIANE (LEE KAUÊ) É TERAPEUTA FLORAL. ESCREVER PARA VOCÊS É UMA TERAPIA? CONTRA PARA GENTE UM POUCO SOBRE ISSO.

[RESPOSTA MENINAS]

[ISABELLE]

E QUAIS FORAM AS BARREIRAS QUE VOCÊS TIVERAM QUE ENFRENTAR QUANDO COMEÇARAM A ESCREVER?

[RESPOSTA MENINAS]

[BRENDA]

OLHA QUE INTERESSANTE MENINAS! DE ACORDO COM O PORTAL VERMELHO, UM COLETIVO CRIADO E CHAMADO “LEIA MULHERES”, QUE ESTÁ EM PRESIDENTE PRUDENTE À QUASE UM ANO, REÚNE LEITORAS E ESCRITORAS PARA DEBATES SOBRE LITERATURA, PROPONDO LER, DEBATER E DIVULGAR A OBRA DE UMA AUTORA POR MÊS, BEM COMO REALIZANDO SEUS ENCONTROS NO SESC THERMAS, TODAS AS QUARTAS-FEIRAS. O GRUPO, PORTANTO, ABORDA DIVERSOS GÊNEROS LITERÁRIOS ESCRITO POR MULHERES. VAMOS OUVIR A ORGANIZADORA DESSE MOVIMENTO.

****ÁUDIO ORGANIZADORA****

[ISABELLE]

PEGANDO UM GANCHO NA INFORMAÇÃO QUE A BRENDA ACABOU DE TRAZER, MARJORY, VOCÊ TEM UM BLOG QUE TRABALHA OS GÊNEROS TERROR/SOMBRIO/SUSPENSE, NÃO É? CONTA UM POUCO PARA GENTE SOBRE ISSO.

[BRENDA]

E COMO VOCÊS UTILIZAM A ESCRITA E LEITURA NA ESCOLA/UNIVERSIDADE? ERA ALGO MAIS FÁCIL PELA AFINIDADE DE VOCÊS?

[ISABELLE]

HÁ QUANTO TEMPO VOCÊS ESCREVEM E LEEM?

[BRENDA]

MARAVILHA! ACABAMOS DE SABER UM POUCO MAIS SOBRE ESSE UNIVERSO DA ESCRITA E DA LITERATURA COM A MARJORY, VIVIANE E CAMILA!

O QUE UMA PESSOA QUE QUER ESCREVER E TER A LEITURA COMO ROTINA PRECISA FAZER PARA DAR O PRIMEIRO PASSO E CONTINUIDADE? HÁ UM PASSO A PASSO QUE PRECISA SER SEGUIDO?

[CONSIDERAÇÕES FINAIS MENINAS]

[BRENDA]

MUITO BEM MENINAS! TÁ AÍ A INFORMAÇÃO PARA QUEM QUER SEGUIR ESSA LINHA DE VOCÊS! MUITO OBRIGADA! FOI BOM DEMAIS ESSE BATE PAPO!

[ISABELLE]

É ISSO AÍ BRENDA. OBRIGADA PELA PARCERIA E AGRADEÇO AS MENINAS POR TEREM CONVERSADO COM A GENTE TAMBÉM!

[RESPOSTA MENINAS]

[ISABELLE]

E A PRIMEIRA EDIÇÃO DO MANAS TERMINA AQUI. VOCÊ TAMBÉM PODE ACOMPANHAR A GENTE NAS REDES SOCIAIS. ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO. TCHAU.

PODCAST MANAS
EPISÓDIO #2: TRANSEXUALIDADE

TAYLANE: OLÁ, COMEÇA AGORA A EDIÇÃO DO SEGUNDO EPISÓDIO DO MANAS, PODCAST VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E EM TODOS OS EPISÓDIOS, EU E CADA UMA DAS MINHAS COMPANHEIRAS DE APRESENTAÇÃO, ESTAREMOS JUNTAS PARA DISCUTIR ASSUNTOS IMPORTANTES DENTRO DO UNIVERSO FEMININO.

NESTA EDIÇÃO, ESTÁ COMIGO A LARISSA OLIVEIRA. OI, LARI. TUDO BEM?

LARISSA: OLÁ TAY, EU ESTOU ÓTIMA E COM VOCÊ?

TAYLANE: EU TO ÓTIMA. HOJE VAMOS CONVERSAR COM A VALERIA SURI. OLÁ VALERIA TUDO BEM COM VOCÊ?

(RESPOSTA)

TAYLANE: OBRIGADA DESDE JÁ POR ACEITAREM O NOSSO CONVITE. ENTÃO, VAMOS COMEÇAR?

(VINHETA)

TAYLANE: HOJE VAMOS ABORDAR O TEMA “MULHERES TRANS”, POR ISSO HOJE TROUXEMOS A VALERIA, QUE É UMA MULHER TRANS, PARA FALAR MAIS AFUNDO SOBRE. CONTA PRA GENTE COM QUE IDADE VOCÊ PERCEBEU QUE O SEXO QUE NA QUAL VOCÊ NASCEU NÃO CONDIZIA COM QUEM VOCÊ É?

(RESPOSTA)

LARISSA: COMO FOI PASSAR POR ESSA MUDANÇA?

(RESPOSTA)

TAYLANE: SUA FAMÍLIA TE APOIOU? COMO FOI A ACEITAÇÃO DELES QUANDO VOCÊ DECIDIU SER VOCÊ MESMA?

(RESPOSTA)

LARISSA: A GENTE TEM UMA PESQUISA AQUI, FEITA PELO UNIVERSO (UOL), QUE O NÚMERO DE TRANSGENITALIZAÇÃO, OU MUDANÇA DE SEXO, COMO É MAIS CONHECIDA PELAS PESSOAS TEVE UM AUMENTO DE SEIS VEZES MAIS. QUE SEGUNDO A PESQUISA SÃO 10 CIRURGIAS FEITAS PELO SUS NO ANO.

TAYLANE: MUITO INTERESSANTE. ENTRANDO NESSE ASSUNTO, COMO FOI DAR ENTRADA, O PRIMEIRO PASSO? É DIFÍCIL VOCÊ CONSEGUIR ESSA CIRURGIA? QUANTO TEMPO FOI PARA AS PRIMEIRAS CONSULTAS? CONTA PRA GENTE SOBRE ESSE PROCESSO?

(RESPOSTA)

LARISSA: ESSA PESQUISA MOSTRA PRA GENTE AINDA, QUE MUITAS TRANS NÃO TÊM ORIENTAÇÃO SOBRE O ASSUNTO E ACABAM TOMANDO REMÉDIOS QUE PODEM PREJUDICAR A SAÚDE. VOCÊ TEVE ORIENTAÇÃO, TEVE ALGUÉM QUE TE MOSTROU COMO ERA A MELHOR FORMA?

(RESPOSTA)

TAYLANE: VOCÊS TÊM APOIO PSICOLÓGICO? COMO É FEITO TODO ESSE ACOMPANHAMENTO?

LARISSA: MUDANDO DE ASSUNTO, VOCÊ AINDA SOFRE MUITO PRECONCEITO? COMO VOCÊ LIDA?

(RESPOSTA)

TAYLANE: VOCÊ ACHA QUE O MERCADO DE TRABALHO É MUITO CONSERVADOR AINDA?

(RESPOSTA)

LARISSA: O QUE VOCÊ DIRIA PARA AS MULHERES QUE ESTÃO INICIANDO ESSA MUDANÇA COMO VOCÊ INICIOU?

(RESPOSTA)

TAYLANE: E MAIS UM EPISÓDIO VAI FICAR POR AQUI. MUITO OBRIGADA POR ESSE BATE PAPO PRODUTIVO, INFORMATIVO E BASTANTE ESCLARECEDOR VALERIA. OBRIGADA POR TER ACEITO NOSSO CONVITE. OBRIGADA LARISSA POR MAIS ESSA PARCERIA. E A VOCÊS QUE NOS OUVEM, NOS SIGAM NAS REDES SOCIAIS E ATÉ O PROXÍMO MANAS.

LARISSA: TCHAU.

3º EPISÓDIO PODCAST MANAS

#VIRGINDADE

TAYLANE: OLÁ! COMEÇA AGORA O TERCEIRO EPISÓDIO DO MANAS, PODCAST VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E EM TODOS OS EPISÓDIOS, EU E CADA UMA DAS MINHAS COMPANHEIRAS DE APRESENTAÇÃO VAMOS BATER UM PAPO SOBRE ASSUNTOS IMPORTANTES PARA AS MULHERES. NESTA EDIÇÃO, QUEM APRESENTA COMIGO É A ISABELLE VOLTARELI. OI, ISA, COMO VAI?

ISABELLE: OI TAY! VOU BEM E VOCÊ, COMO ESTÁ?

TAYLANE: ESTOU BEM TAMBÉM. HOJE VAMOS FALAR DE UM ASSUNTO QUE AINDA É CONSIDERADO UM TABU, MAS QUE MERECE MUITO SER CONVERSADO: A VIRGINDADE! E QUEM VAI CONVERSAR COMIGO E COM A ISA É A PROFESSORA UNIVERSITÁRIA JOANDELE BARCELOS, DE 31 ANOS E TAMBÉM A REGINA EGÍDIO, COM 21.

[RESPOSTA]

ISABELLE: MENINAS, MUITO OBRIGADA POR TOPAREM CONVERSAR AQUI COM A GENTE.

[RESPOSTA]

TAYLANE: BORA COMEÇAR ENTÃO? RODA VINHETA!

****VINHETA****

TAYLANE: COMO DISSE NO INÍCIO, HOJE VAMOS FALAR SOBRE VIRGINDADE COM AS MENINAS QUE AQUI HOJE ESTÃO E VÃO CONTAR UM POUCO MAIS SOBRE ESSE ASSUNTO. MENINAS, CONTA PARA GENTE UM POUQUINHO PARA GENTE SOBRE VOCÊS E SE POSSÍVEL, A HISTÓRIA DE VOCÊS EM RELAÇÃO A ESSE TEMA.

[RESPOSTA]

ISABELLE: PARA VOCÊS, EXISTE O TEMPO CERTO PARA PERDER A VIRGINDADE?

[RESPOSTA]

[TAYLANE] ESSA PERDA DA VIRGINDADE, PORÉM, ENVOLVE ALGO MAIS COMPLEXO COMO O INÍCIO DA VIDA SEXUAL ATIVA, A PERCEPÇÃO E INTERAÇÃO DO SEU CORPO COM O CORPO DE OUTRA PESSOA, ALÉM DOS VÍNCULOS DE INTIMIDADE. O INÍCIO DA VIDA SEXUAL ATIVA DEVE SER EM UM MOMENTO EM QUE ELA SINTA DISPOSTA EMOCIONALMENTE, PREPARADA COM MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E CONSCIENTE DAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS VINDAS DO SEXO. O QUE VOCÊS ACHAM E PENSAM SOBRE ISSO?

[RESPOSTA]

TAYLANE: A RELIGIÃO É UM FATOR QUE INFLUENCIA NA TOMADA DE DECISÃO DE QUANDO SE TER A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

[RESPOSTA]

ISABELLE: SEGUNDO INFORMAÇÕES DO SITE IG, 40% DAS MULHERES SE ARREPENDEM DE TER PERDIDO A VIRGINDADE MUITO CEDO. EU QUERIA SABER DE VOCÊS, POR QUÊ A DECISÃO DE ESPERAR UM POUCO MAIS PARA TER A RELAÇÃO PELA PRIMEIRA VEZ? E PORQUE DA RELAÇÃO SEXUAL MAIS CEDO?

[RESPOSTA]

TAYLANE: EXISTE OUTRO DADO TAMBÉM QUE DIZ QUE QUANDO MULHERES FORAM QUESTIONADAS SOBRE COMO SE SENTIAM EM RELAÇÃO À SUA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SEXUAL, 40% DELAS, JOVENS, ACREDITAM QUE NÃO ACONTECEU NA HORA CERTA, OU SEJA, GOSTARIAM DE TER ESPERADO UM POUCO MAIS ANTES DE TER A PRIMEIRA RELAÇÃO. COM VOCÊS ISSO ACONTECEU?

[RESPOSTA]

ISABELLE: E COMO É QUE AS MULHERES DEVEM SE PREPARAR A SUA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL?

[RESPOSTA]

TAYLANE: E VOCÊS MENINAS, COMO QUE VOCÊS SE PREPARAM PARA A PRIMEIRA VEZ?

[RESPOSTA]

ISABELLE: A VIRGINDADE É UM ASSUNTO QUE AINDA É TABU PARA VOCÊS E PARA AS PESSOAS?

[RESPOSTA]

TAYLANE: ACHO INTERESSANTE REFORÇAR TAMBÉM SOBRE O USO DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS. QUAIS SÃO ELES? QUAL O MAIS INDICADO E PORQUE SÃO TÃO IMPORTANTES PARA UMA SE EVITAR UMA GRAVIDEZ INDESEJADA OU ATÉ MESMO UMA DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL?

[RESPOSTA]

ISABELLE: QUAL MÉTODO CONTRACEPTIVO VOCÊS UTILIZAM E O QUE ACHAM DELES?

[RESPOSTA]

TAYLANE: E PARA ENCERRAR, EU QUERIA QUE AS MENINAS DEIXASSEM AÍ, SUAS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSE TEMA VIRGINDADE PARA QUEM ESTÁ OUVINDO!

[RESPOSTA]

TAYLANE: O PAPO ESTÁ MUITO BOM, MAS AGRADEÇO POR TER CONVERSADO COM VOCÊS SOBRE VIRGINDADE COM A GENTE! FOI EXTREMAMENTE IMPORTANTE E QUE AGREGA INFORMAÇÃO PARA AS MULHERES QUE VÃO NOS OUVIR!

[RESPOSTA]

ISABELLE: OBRIGADA MENINAS! VOCÊ PODE ACOMPANHAR O MANAS NO SPREAKER, NAS PLATAFORMAS DIGITAIS SPOTIFY E ITUNES E TAMBÉM NAS REDES SOCIAIS! FACEBOOK E INSTAGRAM, SIGAM LÁ @MANASPODCAST! TCHAU TCHAU!

TAYLANE: UM BEIJO E ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO!

PODCAST MANAS
MULHERES QUE NÃO QUEREM SER MÃES

TAYLANE: OLÁ, COMEÇA AGORA A QUARTA EDIÇÃO DO MANAS, PODCAST QUE É VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E EM TODOS OS EPISÓDIOS, EU E CADA UMA DAS MINHAS COMPANHEIRAS DE APRESENTAÇÃO, ESTAREMOS JUNTAS PARA DISCUTIR ASSUNTOS IMPORTANTES DENTRO DO UNIVERSO FEMININO.

NESTA EDIÇÃO, ESTÁ COMIGO A BRENDA OLIVEIRA. OI, BRENDA. TUDO BEM?

BRENDA: OI TAY. TUDO BEM E COM VOCÊ?

TAYLANE: TUDO BEM. NESTE EPISÓDIO, VAMOS FALAR COM MULHERES QUE TOMARAM UMA DECISÃO IMPORTANTE E PARTICULAR EM SUAS VIDAS: O DE NÃO SER MÃE.

BRENDA: ESTAMOS AQUI COM ELAS QUE VÃO CONVERSAR UM POUQUINHO SOBRE ISSO E CONTAR SUAS HISTÓRIAS AQUI PARA GENTE. MENINAS, SEJAM BEM-VINDAS!

[RESPOSTA MENINAS]

TAYLANE: ENTÃO BORA COMEÇAR? RODA VINHETA!

****VINHETA****

TAYLANE: MENINAS, MUITAS MULHERES HOJE EM DIA OPTARAM POR TEREM UMA VIDA MAIS LIVRE, MAIS DELA, UMA VIDA ONDE A DEDICAÇÃO PELO TRABALHO OU A VONTADE DE SER APENAS ELA E ENTÃO, ELIMINARAM DO SEU DICIONÁRIO A PALAVRA MÃE. DEVIDO A ESSA VONTADE DE NÃO TER FILHOS, AS MULHERES PARTEM PARA OS MEIOS CONTRACEPTIVOS COMO CAMISINHA MASCULINA, CAMISINHA FEMININA, O DIU (DISPOSITIVO INTRAUTERINO), CONTRACEPÇÃO HORMONAL INJETÁVEL, CONTRACEPÇÃO HORMONAL ORAL (PÍLULA ANTICONCEPCIONAL), IMPLANTES, CONTRACEPÇÃO CIRÚRGICA E ENTRE OUTROS MEIOS. NO EPISÓDIO ANTERIOR TAMBÉM FOI SOBRE OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS, ACHO QUE NUNCA É DE MAIS SER FALADO, MAS VOLTADO PARA O TEMA VIRGINDADE E O PREPARO PARA A PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL DE UMA MULHER. HOJE VAMOS FALAR DA DECISÃO DE VOCÊS DE NÃO SEREM MÃES. CONTEM UM POUQUINHO PARA GENTE PORQUE VOCÊS ESCOLHEREM NÃO VIVER A MATERNIDADE?

[RESPOSTA]

TAYLANE: NÃO QUERER SER MÃE GERA ALGUM TIPO DE CUSTO, DIFICULDADES OU PRECONCEITO DAS PESSOAS PARA VOCÊS?

[RESPOSTA]

BRENDA: SEGUNDO INFORMAÇÕES DA REVISTA MARIE CLAIRE, APESAR DE SER UM DIREITO DAS MULHERES, O MINISTÉRIO DA SAÚDE NÃO REALIZA A COMPRA DE DIUS E DIAFRAGMAS PARA O SUS (SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE) DESDE 2015. SENDO ELE O MÉTODO COM MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO PARA AS MULHERES E O ESTADO, O DIU É TAMBÉM O MAIS SUBUTILIZADO NO BRASIL: APENAS 1,9% DAS MULHERES BRASILEIRAS EM IDADE FÉRTIL E QUE USAM ALGUM TIPO DE CONTRACEPÇÃO UTILIZAM O DISPOSITIVO INTRAUTERINO. ISSO É TAMBÉM DADO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE COM BASE NA PESQUISA NACIONAL DE DEMOGRAFIA E SAÚDE DA CRIANÇA E DA MULHER DO IBGE. MENINAS, COM A ESCOLHA DE NÃO TER FILHOS, VEM O USO DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS. QUAL É O MÉTODO UTILIZADO POR VOCÊS E POR QUÊ?

[RESPOSTA]

BRENDA: COMO AS PESSOAS REAGEM QUANDO VOCÊS FALAM DA DECISÃO DE VOCÊS?

[RESPOSTA]

TAYLANE: E O NAMORADO, MARIDO OU PARCEIRO DE VOCÊS O QUE ACHA SOBRE ISSO?

[RESPOSTA]

BRENDA: VOCÊS TAMBÉM FORAM APOIADAS QUANDO ESCOLHERAM NÃO TER FILHOS?

[RESPOSTA]

TAYLANE: ALGUMA MULHER OU AMIGA DE VOCÊS TAMBÉM TIVERAM ESSA DECISÃO? VOCÊS CONVERSAM SOBRE ISSO?

[RESPOSTA]

BRENDA: PARA GENTE ENCERRAR, EU QUERIA QUE AS MENINAS DEIXASSEM SUAS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES EM RELAÇÃO A ESCOLHA DE NÃO SER MÃE PARA QUEM ESTÁ OUVINDO!

[RESPOSTA]

TAYLANE: OBRIGADA MENINAS POR TEREM BATIDO ESSE PAPO COM A GENTE!

[RESPOSTA]

BRENDA: OBRIGADA MENINAS! E VOCÊS PODEM ACOMPANHAR O MANAS NO SPREAKER, NAS PLATAFORMAS DIGITAIS SPOTIFY E ITUNES E TAMBÉM NAS REDES SOCIAIS! FACEBOOK E INSTAGRAM, SIGAM LÁ @MANASPODCAST!

TAYLANE: ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO, TCHAU!

PODCAST MANAS

RELACIONAMENTO ABUSIVO

TAYLANE: OLÁ, COMEÇA AGORA A EDIÇÃO DO SEXTO EPISÓDIO DO MANAS, PODCAST VOLTADO À INFORMAÇÃO E AO QUESTIONAMENTO DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. EU ME CHAMO TAYLANE FERNANDES E EM TODOS OS EPISÓDIOS, EU E CADA UMA DAS MINHAS COMPANHEIRAS DE APRESENTAÇÃO, ESTAREMOS JUNTAS PARA DISCUTIR ASSUNTOS IMPORTANTES DENTRO DO UNIVERSO FEMININO. HOJE NÓS VAMOS FALAR SOBRE RELACIONAMENTO ABUSIVO. E HOJE QUEM ESTÁ COMIGO A LARISSA OLIVEIRA. OI, LARI. TUDO BEM?

LARISSA: OLÁ TAY, EU ESTOU ÓTIMA E COM VOCÊ?

TAYLANE: EU TO ÓTIMA TAMBÉM. LARI.

HOJE VAMOS ABORDAR O TEMA “RELACIONAMENTO ABUSIVO”, POR ISSO TROUXEMOS A MARIANE PRACÂNICA QUE JÁ PASSOU POR ESTE TIPO DE SITUAÇÃO, A PSICOLOGA BRENDA MERCURIO E A ADVOGADA BEATRIZ FUKUNARI. OLÁ MENINAS, TUDO BEM COM VOCÊS?

RESPOSTA

TAYLANE: MENINAS, OBRIGADA DESDE JÁ, POR ACEITAREM FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO TÃO DELICADO. ENTÃO BORA COMEÇAR?

VINHETA

TAYLANE: VOCÊS SABIAM QUE CERCA DE 12 MULHERES EM PRESIDENTE PRUDENTE SÃO VÍTIMAS DE RELACIONAMENTO ABUSIVO? E NOS CASOS QUE HOUE AGRESSÕES 47% DOS AGRESSORES FORAM PRESOS EM FLAGRANTES. A INFORMAÇÃO FOI DISPONIBILIZADA PELA DELEGACIA DA MULHER DE PRESIDENTE PRUDENTE. A DDM SOMA TAMBÉM 633 DENÚNCIAS DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES ENTRE OS MESES DE JANEIRO E JULHO DE 2019

O PREOCUPANTE É QUE MESMO COM A IMPLEMENTAÇÃO DE MEDIDAS PUNITIVAS MAIS EFETIVAS CONTRA OS AGRESSORES. CASOS COMO ESSE AINDA CONTINUAM. MARI VOCÊ JÁ CHEGOU A PASSAR POR ESSE TIPO DE SITUAÇÃO?

RESPOSTA

LARISSA: MARI CONTA PRA NÓS QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE ERA UM RELACIONAMENTO ABUSIVO?

RESPOSTA

TAYLANE: QUERIA QUE VOCÊS CONTASSEM COMO ERA O RELACIONAMENTO NO COMEÇO? ELE SEMPRE FOI AGRESSIVOS OU ISSO FOI APARECENDO TEMPOS DEPOIS?

RESPOSTA

LARISSA: E O PIOR QUE O RELACIONAMENTO ABUSIVO, VAI MUITO ALÉM DAS AGRESSÕES NÉ? QUAL O MAIOR DANO QUE VOCÊS VEEM HOJE, EM PESSOAS QUE PASSARAM POR UM RELACIONAMENTO TÓXICO E EM SUAS FAMÍLIAS? .

REPOSTA

TAYLANE: AINDA BEM QUE A GENTE TEM UMA LEI, QUE MESMO SENDO FALHA AS VEZES, AINDA NOS DA UM RESGUARDO. PARA QUEM NÃO SABE EM 7 DE AGOSTO DE 2006 FOI CRIADA A LEI MARIA DA PENHA, QUE VISA PROTEGER A MULHER CONTRA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. PORÉM A LEI ENTROU APENAS EM VIGOR NO DIA 22 DE SETEMBRO DAQUELE MESMO ANO. AGORA EM 2015 E 2018, REFORMULARAM ALGUNS PARÁGRAFOS MUITO IMPORTANTES PARA A LEI, AUMENTANDO AS PENALIDADES, PRINCIPALMENTE EM CASOS DE FEMINICÍDIO.

VOU LER UMA PARTE PARA VOCÊS. "A LEGISLAÇÃO PREVÊ PENALIDADES MAIS GRAVES PARA HOMICÍDIOS QUE SE ENCAIXAM NA DEFINIÇÃO DE FEMINICÍDIO, OU SEJA, QUE ENVOLVAM "VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR E/OU MENOSPREZO OU DISCRIMINAÇÃO À CONDIÇÃO DE MULHER". AINDA SEGUNDO A *LEGISLAÇÃO* A PENA É AUMENTADA DE 1/3 (UM TERÇO) ATÉ A METADE SE O CRIME FOR PRATICADO: DURANTE A GESTAÇÃO OU NOS 3 (TRÊS) MESES POSTERIORES AO PARTO; CONTRA PESSOA MENOR DE 14 (QUATORZE) ANOS, MAIOR DE 60 (SESSENTA) ANOS OU COM DEFICIÊNCIA; NA PRESENÇA DE DESCENDENTE OU DE ASCENDENTE DA VÍTIMA. ". ISSO ENTROU EM VIGOR EM 2015. EM 2018 PENSANDO EM MELHORAR A LEI, ELES INCLUÍRAM QUE "REFERENTE A LEI QUE, EM DESCUMPRIMENTO DA MEDIDA PROTETIVA, ASSEGURADA EM LEI PELA MULHER NOS INCISOS I, II E II A PENA SERÁ AUMENTADA.

LARISSA: E A LEI CARREGA O NOME DE UMA MULHER QUE SOFRIA AGRESSÃO DOMÉSTICA. SEU ESPOSO TENTOU MATÁ-LA COM UM TIRO DE

ESPINGARDA. APESAR DE TER ESCAPADO DA MORTE, ELE A DEIXOU PARAPLÉGICA. QUANDO, FINALMENTE, VOLTOU À CASA, SOFREU NOVA TENTATIVA DE ASSASSINATO, POIS O MARIDO TENTOU ELETROCUTÁ-LA.

MARIA DA PENHA SE DEPAROU COM UMA SITUAÇÃO QUE MUITAS MULHERES ENFRENTAM NESTE CASO: INCREDELIDADE POR PARTE DA JUSTIÇA BRASILEIRA. A DEFESA DO AGRESSOR SEMPRE ALEGAVA IRREGULARIDADES NO PROCESSO E O SUSPEITO AGUARDAVA O JULGAMENTO EM LIBERDADE.

O CASO DE MARIA DA PENHA SÓ FOI SOLUCIONADO EM 2002 QUANDO O ESTADO BRASILEIRO FOI CONDENADO POR OMISSÃO E NEGLIGÊNCIA PELA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS.

TAYLANE: SURREAL COMO ELA TEVE QUE ACIONAR CENTRO PELA JUSTIÇA E O DIREITO INTERNACIONAL (CEJIL) E O COMITÊ LATINO AMERICANO E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER (CLADEM), PARA QUE A JUSTIÇA E O GOVERNO BRASILEIRO PUDESSEM TOMAR MEDIDAS CABÍVEIS. BEATRIZ, VOCÊ COMO ADVOGADA, PODERIA NOS EXPLICAR MELHOR SOBRE ESSA LEI, COMO FUNCIONA? E SE VOCÊ JÁ LIDOU COM ESSE TIPO DE CASO.

REPOSTA

TAYLANE: OS TRÂMITES DA LEI AINDA É MUITO DEMORADO, OU HOJE É MUITO MAIS FÁCIL PRA MULHER PROCURAR OS SEUS DIREITOS?

REPOSTA

LARISSA: EU QUERIA SABER TAMBÉM, BEATRIZ, SE A LEI PREVÊ ALGO PARA OS FILHOS QUE VIRAM AQUELE TIPO DE ABUSO, QUE PRESENCIARAM O FEMINICÍDIO OU AS AGRESSÕES. COMO O ESTADO LIDA COM ESSA CRIANÇA.?

LARISSA: DADOS SÃO DO SISTEMA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO MOSTRAM QUE SÓ NO INTERIOR DE SÃO PAULO CERCA DE 3.572 MULHERES, SOFREM AMEAÇAS DOS SEUS PARCEIRO DIARIAMENTE? ESSES DURANTE O RELACIONAMENTO, OU APÓS VOCÊ SOFREU AMEAÇAS TAMBÉM MARI? COMO VOCÊ REAGIU?

REPOSTA

TAYLANE: A GENTE TA AQUI TAMBÉM COM A BRENDA QUE É PSICÓLOGA. BRENDA COMO ISSO INTERFERE NO PESSOAL E SOCIAL DA MULHER?

REPOSTA

LARISSA: BRENDA, A GENTE SABE TAMBÉM, QUE EM MUITO DOS CASOS AS CRIANÇAS, FRUTO DA RELAÇÃO DO CASAL PRESENCIA ESSE TIPO DE ABUSO, E ATÉ MESMO AS VEZES A AGRESSÃO. COMO ISSO AFETA A CRIANÇA? VOCÊ JÁ ATENDEU CASOS DE ADULTOS QUE NA INFÂNCIA PASSARAM POR ESSE TIPO DE TRAUMA?

RESPOSTA

TAYLANE: BRENDA VOCÊ TEM UM PROJETO AQUI EM PRUDENTE, QUE CHAMA “CORDEL SOCIAL”, QUE SURTIU EM NOVEMBRO DE 2018, ONDE VOCÊ, DUAS ASSISTENTES SOCIAIS E UMA PALESTRANTE LEVAM ESSE TIPO DE INFORMAÇÃO PARA AS MULHERES. EU QUERIA QUE VOCÊ CONTASSE MAIS SOBRE O PROJETO, COMO SURTIU, COMO É FEITO O DESENVOLVIMENTO COM ESSAS MULHERES.

RESPOSTA

TAYLANE: VOCÊ TEM UMA BASE DE QUANTAS MULHERES JÁ PASSARAM POR ESSE PROJETO?

RESPOSTA

TAYLANE: VOCÊS SABIAM QUE APESAR DA NOSSA REGIÃO TER UM AUMENTO DE 7 PARA 12 MULHERES AGREDIDAS DE UM ANO PARA O OUTRO, NÓS EM TODO O ESTADO SOMOS A MENOR ESTATÍSTICA DE FEMINICÍDIO. SEGUNDO INFORMAÇÕES DA DELEGACIA DE MULHER DE PRESIDENTE PRUDENTE.

LARISSA: MARI EU QUERO SABER DE VOCE, SE DEPOIS DISSO TUDO, VOCÊS SENTIRAM DIFICULDADES DE SE RELACIONAR COM OUTRAS PESSOAS? COMO TEM SIDO ESSA EXPERIENCIA PARA VOCÊ?

REPOSTA

TAYLANE: MENINAS AGRADEÇO VOCÊS POR ESSA ENTREVISTA, A GENTE SABE QUE AS VEZES É MUITO DOLORIDO FALAR SOBRE O ASSUNTO, MAS QUE É NECESSÁRIO. AFINAL AS MULHERES PRECISAM ABRIR O OLHO E DENUNCIAR, OU SE AFASTAR DE RELACIONAMENTOS ASSIM NÉ? POR ISSO A IMPORTANCIA EM FALAR DE UM ASSUNTO COMO ESSE. OBRIGADA LARISSA, POR MAIS ESSE EPISÓDIO AO MEU LADO E ATÉ UMA PROXIMA. TCHAU, TCHAU...

ANEXO F
TRANSCRIÇÕES

TRANSCRIÇÃO DO PRIMEIRO PILOTO

#01 DITADURA DA BELEZA, PROPAGANDA DE MARGARINA E ESTEREÓTIPOS

APRESENTADORAS: TAYLANE FERNANDES E RAYENI EMERICH

CONVIDADAS: ANA PAULA CLARO CINTRA, FLÁVIA SUGUITANI E JENIFFER SAMARA CORREIA DA SILVA

TAYLANE FERNANDES: Olá, ouvintes. Começa agora a edição número um do programa manas, podcast voltado a informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Eu me chamo Taylane Fernandes e a cada edição a gente vai estar juntinha para de bater, bater um papo legal sobre os temas que fazem parte do nosso mundo, da nossa história, né. Está aqui comigo hoje a minha companheira de apresentação Rayeni. Tudo bem, Rayeni Emerich?

RAYENI EMERICH: Tudo, Tay. E você?

TAYLANE FERNANDES: Então tudo bem. Bom, junto com a gente nós temos outras três mulheres que apresentam, ao longo dos episódios você vai conhecer elas, mas hoje é eu e a Rayeni. Bom, não estamos só nós, né, claro, estamos aqui com três convidadas superespeciais, três mulheres, e a gente vai apresentar elas agora: a primeira é a psicóloga Ana Paula Cintra. Oi, Ana. Dê um alô para a gente e faça um breve resumo sobre você, quem você é.

ANA PAULA: Oi, eu sou Ana Paula, graduada em psicologia, fazendo pós críticas públicas e eu tenho 24 anos.

TAYLANE FERNANDES: Bom, além da Ana Paula também tá para gente aqui a Flávia Cintra. Ela é designer de moda e ela vai falar um pouquinho dela também. Oi, Flávia, tudo bem?

FLÁVIA CINTRA: Olá, tudo bom? Meu nome é Flávia Cintra, eu tenho 32 anos e hoje atuo com duas causas: do movimento feminista e com o veganismo. São dois movimentos que eu hoje em dia eu acabo ficando mais assim.

RAYENI EMERICH: A nossa outra convidada é a Jennifer Correia, é graduada em enfermagem. Jennifer conta um pouco sobre você?

JENNIFER CORREIA: Meu nome é Jennifer, e eu sou graduada em enfermagem, tenho 21 anos, e eu estou aqui representar as pessoas, as mulheres que sofreram muito preconceito por conta do cabelo, né. Essa aceitação dos seus cabelos, eu vim descobrir minha identidade depois dos 17 anos porque minha mãe tinha um problema muito grande com a própria aceitação.

TAYLANE FERNANDES: Pera, pera, pera! Daqui a pouco a gente vai saber mais sobre a Jeniffer. Eu sei que vocês estão curiosos, mas vamos falar mais *pra* frente.

****VINHETA****

TAYLANE FERNANDES: Bom, meninas sejam muito bem-vindas, eu espero que vocês gostem muito desse bate-papo, porque será uma coisa bem legal. Bom, vamos para o tema de hoje?

Quem nunca folheou uma revista, deu uma olhadinha na televisão, e penso assim: meu, eu quero ser assim, eu quero me vestir assim. A ditadura da beleza ela é muito forte, né, no caso de publicidade na mídia e tudo mais e as mulheres geralmente são as mais afetadas por isso, né. Além de ser mulheres acho que a questão dos jovens, né. Os jovens eles são muito afetados com essa coisa de se espelhar em algo ou alguém em uma ideia ou tudo mais. Bom, uma pesquisa feita em agosto do ano passado, em 2018 da Universidade lá da Suécia, autoestima do ser humano ele auxilia muito durante os anos, só que o auge da autoestima acontece a partir de 60 anos. Ana essa questão assim que você ver por exemplo, os jovens são mais influenciados quando a gente atingir uma idade assim no caso essa pesquisa 60 anos só assim a pessoa consegue ter uma ótima plena por que, por que que por exemplo uma pessoa que é mais nova ela sofre tanto com a questão da autoestima e uma pessoa mais velha é tão segura disso?

ANA PAULA: Então eu acho que essa questão de autoestima, hoje em dia, na juventude acontece muito também por conta das mídias, das redes sociais. Antigamente você olhava para o outro e vi os lados ruins, as vizinhas fofocando sobre a vida hoje em dia a gente vê as blogueiras a gente quer se espelhar nelas, então acho que tem muito mais cobrança também por conta das redes sociais, mas também por conta da do autoconhecimento quanto mais você vai ficando mais velha você vai se conhecendo, vai sabendo quem é você que os outros esperam de você o que você realmente é.

TAYLANE FERNANDES: É verdade. Você falou das influenciadoras, é bem legal isso porque elas têm casos por exemplo, tem uma blogueira boca rosa, a boca rosa ela falou que era magra porque ela fazer dieta, mas no final das contas ela tinha feito cirurgia, né. Essa questão estética isso afeta muito, né, porque a pessoa tenta alcançar aquele corpo perfeito, aquela vida perfeita, e a fachada, né.

ANA PAULA: Sim, hoje em dia está muito ligada poder financeiro, eu tô numa dieta fitness, tá ligada? Eu sou rica eu faço parte da população que não tem tempo livre e que não trabalha tanto e pode se dedicar essa parte, então acho que vai se alterando também os padrões de beleza conforme a situação de como que o poder a tua presença, porque antigamente as mulheres com formas mais arredondadas elas eram o padrão de beleza por conta que as pessoas trabalhavam muito manualmente, e tinham pouco alimento, então quem era mais umas formas mais

arredondadas era sinal de que era rica, então isso afeta também nessa relação de poder mesmo.

TAYLANE FERNANDES: Meninas, Flávia e Jennifer, o que vocês acham dessas questões dessas influenciadoras, que foi um caso que a Ana levantou que é bem legal. O que vocês acham que afetou na vida de vocês de alguma forma? Vocês seguem alguma influenciadora? Como é isso para vocês?

FLÁVIA CINTRA: Olha, eu acho que afeta sim, dependendo da pessoa, tem gente que vai para o lado positivo, assim como tem gente que acaba achando que você tá indo para o lado negativo, né, que nem a Paula falou do da parte do financeiro, né. Eu acho que também assim não tem só financeira, tem a parte de tempo aí as mulheres temos que consegue ficar olhando, aí pega um fica na academia consegue fazer essa dieta fitness, eu sei que tem muita gente que depois fica com deficiência ou vem com problemas maiores mais para frente, né, a longo prazo, né, não é às vezes no momento assim como tem gente que acaba, eu conheço gente que come uma maçã e ficava na esteira o dia inteiro, que ela queria ser magra, e ela era magra, só que ela não se enxergava magra, ela comia uma maçã por dia e ficava na esteira o dia inteiro.

TAYLANE FERNANDES: E você, Jennifer? O que você acha?

JENNIFER CORREIA: Eu acredito que influencia muito assim como vocês falaram, porque no caso a gente vê de fora a vida da pessoa, né, porque a gente não sabe realmente como é, então é que a pessoa passa de fora que a gente for absorver aquilo, influencia assim na vida da gente, né.

TAYLANE FERNANDES: É curioso, né, porque se formos ver, somos nós mulheres que mais sofremos com isso, né. É difícil ver homem, geralmente com homem, se a gente for comparar, os homens eles gostam de se espelhar na questão financeira, como você tinha comentado, as mulheres já é uma coisa mais estética, né. O que vocês acham? Assim, vocês sentem isso? Porque para mim é muito recorrente isso, né. Acho que até talvez, não sei, se é uma questão de gastos, mas a mulher se sente, por exemplo, tenho que mostrar o meu poder em frente a outras mulheres. O que vocês acham?

FLÁVIA CINTRA: Eu acho que é questão de se reconhecer mesmo assim, sabe porque ela afeta a vida da gente, não é uma questão, é uma coisa que se a pessoa olhar de fora, vou dar um exemplo assim, quando era pequena, bonito para mim era ser branco, então não queria ser negra, queria ser branco, porque negro não era bonito, a cor branca era bonita, então nunca falava que era negra, quando alguém perguntava qual é a minha cor eu nunca falava que eu era negra, eu falava eu que era parda, porque eu fui ensinada assim, entendeu? Então eu falo que influencia sim desde que você nasce até você morrer, e a gente precisa se encontrar para você não tá deixando ser tomado por tudo que está a sua volta

TAYLANE FERNANDES: É uma coisa raizada, né? O Ana, gostaria que você comentasse sobre essa questão de das mulheres, por exemplo, é mais comum para mulheres que para homens, né?

ANA PAULA: É, o corpo ele acaba fazendo uma função além do biológico, uma função social também, e você vê mais isso nas mulheres como tinha antigamente, agora tá mudando isso, apesar de ainda ter ver o corpo da mulher como objeto e como algo público, como algo que tem aquela parte tem os limites externos e internos. O que é, o que é público, e o que é privado e também essa questão da identidade que você falou, no Brasil tem diversas etnias, os portugueses, os negros, os índios, só que como os portugueses acabaram colonizando, acabou ficando com a ideia de que o que era bonito era ser ter traços do que do que fazer parte do poder, então tem tudo a ver essa parte do poder, mesmo da identidade, pesquisas apontam que muita gente acaba omitindo que é negra ou que é parda por conta que não se sente representada pela sua identidade.

RAYENI EMERICH: Hoje os movimentos feministas em prol da auto aceitação tem uma valorização de vida da pluralidade de corpo, e tipo assim, teve um bloquinho de carnaval chamando bonito de corpos, eles brincavam fazendo sátiras de sobre os padrões de beleza.

TAYLANE FERNANDES: Essa questão de bloquinho, igual ela falou do bloquinho, de tirar sarro, por exemplo, tem pessoas que têm maturidade para tirar sarro daquilo, por exemplo, ah, o padrão é ser magro, e eu sou gorda, e daí, né? Vamos utilizar isso mesmo acabar com isso, né. Isso é muito legal e acho que hoje em dia isso é mais forte, né, com tempo a gente tinha visto um panorama do Google, né, ele fazem umas pesquisas está bem legal e eles comentaram que hoje em dia se busca quatro vezes mais sobre empoderamento feminino e você tinha comentado também essa questão de, a questão da representatividade negra, mas também tem uma outra pesquisa que também é do Google que mostrou que as buscas feminismo negro cresceram cerca de 65% desde 2012, ou seja hoje em dia as pessoas têm mais força para falar assim: não você fala isso de mim, eu quero mostrar o meu poder quero ser empoderada. Ser forte a independência dos preconceitos, né. E vocês, acham que é questão disso, você acha que realmente é isso que tá acontecendo a ditadura da beleza tá terminando ou é uma coisa que ainda tem muito a percorrer, o que vocês acham disso?

ANA PAULA: Eu acho que tem muito a percorrer, porque sempre estão lançando algo assim, hoje em dia as modelos que são as curvas, né, hoje em dia elas estão de volta, assim como as modelos que não são tomadas que tem um físico atlético, né, se você olhar bem, nos desfiles de moda mesmo, que é um pouco mais a minha área, não são mais aquelas consideradas cabides, né, que era antigamente era umas que era o padrão de beleza antigo, hoje já têm as mulheres com curvas né que se chama e assim contém as mais atléticas, só que eu acho que ainda tem

muita percorrer. Eu acho que o ser humano ainda sempre vai estar se inspirando em que tá ali no que tá na frente, então eu acho que ainda vai demorar bastante.

TAYLANE FERNANDES: E vocês meninas, o que vocês acham?

JENNIFER CORREIA: Eu penso assim também. Eu acho que embora tenha caminhado bastante, ainda tem muito *pra* seguir também, porque é igual ela acabou de falar, a gente se espelha, a gente eu falo de modo geral, que está ali, que está representando entre aspas, as pessoas no geral.

RAYENI EMERICH: Você falou de se espelhar essa vida perfeita, ah, eu quero ter uma vida de comercial de margarina, linda e acordar bela. Ana Paula, para você, você acha, assim, que afeta a saúde mental psicológica da pessoa e quais são os riscos que elas podem levar a querer levar essa vida perfeita?

ANA PAULA: Eu acho que acaba tendo uma rigidez e é importante para a saúde mental uma flexibilização. Você *tá* buscando isso porque tá na moda, porque eu vou me sentir bem, mas também minha saúde mental e os meus gostos e as minhas vontades? Onde que *tá*? Então acho que é importante buscar além da saúde física e a saúde mental também que na verdade corpo e mente.

TAYLANE FERNANDES: Quer falar alguma coisa, Flávia?

FLÁVIA CINTRA: Eu acho que a pessoa está feliz acima do peso e da saúde tá “ok”, tá “ok”. Eu sou uma pessoa que eu gosto de esporte, eu gosto de sempre, eu fui influenciada pelos meus pais são, então nasci numa quadra de basquete, nunca me senti bem quando acabava que *tava* ali um pouco pesada para jogar, por exemplo, eu sou uma pessoa que fico na ativa, e se eu ficar um pouquinho eu já vou lá só que nada que eu 100% presa naquilo, tem gente que acaba ficando o dia inteiro porque comeu alguma coisa, isso aí já não é uma coisa saudável né porque a partir do momento que é saudável tudo é válido.

TAYLANE FERNANDES: Flávia, legal que você comentou agora porque eu ia perguntar para vocês, né. Como foi a relação de vocês ao longo dos anos, por exemplo, se sentiram muito influenciadas quando vocês eram crianças como a história de vocês em relação a essa aceitação as coisas de padrão seguir um padrão como que é? Conta pra gente?

FLÁVIA CINTRA: Sempre foi uma criança, assim, meus pais sempre foram muito, os dois né, os dois são do esporte, então acaba que ia lá em casa a gente comia porcaria tudo, mas sempre, mas nunca de deixar, assim, a criança ficar mais gordinha, né. Então sempre cresci com isso, mas nunca foi um problema psicológico, nunca tive nada que ficasse nisso, então sempre fui uma criança que tipo tinha autoestima bem elevada, e eu acredito que é muito por causa da minha mãe, que a minha mãe tem uma autoestima elevada. Ela chega até então assim, que minha mãe é demais e então eu *tava* afim de fazer uma coisa, com 12 anos fui lá e raspa a cabeça, me xingavam na rua, eu não nunca liguei, tipo assim, fui uma

criança que não *tava* nem aí, quando eu jogava bola, ainda oferecia para torcida aqui *tava* me xingando a sexta, qualquer lance que eu fazia, eu era bem marrenta. Acredito que eu acho que é muito também de criação também não vem só com as imagens externas, né, de mídia, qualquer outra coisa do tipo eu acho que tem muito dentro de casa.

TAYLANE FERNANDES: Sim e você falou, você se declara feminista e tal começou a relação com essa, com esse movimento, né?

FLÁVIA CINTRA: Hoje a gente pode dizer que tá bem mais forte do que antigamente, né, porque assim, a minha família é um pouco machista, nossa família, né, minha e da Ana Paula, então acaba hoje fica um negócio chato reunião de família, porque a gente acaba discutindo, eu mesmo às vezes nem ouvir isso, aí saio fora porque a gente é muito mais assim, né, o meu pai mesmo tem hora que eu falo: não, para, chega, vamos para outro lugar, porque não dá.

TAYLANE FERNANDES: Quando você começou você falou assim: olha esse movimento, eu simpatizo com esse movimento, quando você acha que começou?

FLÁVIA CINTRA: Assim, mais forte, acho que foi a partir do ano passado sempre tive esse lado, assim, de ser um pouco mais essa parte do recorrer da mulher.

TAYLANE FERNANDES: Às vezes, por exemplo, é legal explicar que a gente antes, a gente tinha medo de falar: olha, eu acho que sou feminista. Eu acho que hoje, não que não mudar, acho que as mulheres são, por exemplo, teve o dia da mulher, oito de março, né, nossa como as mulheres estavam brincando coisa levantando né vocês acham? Vocês acham que essa questão do feminismo tá mais crescente? Jennifer, o que você acha disso?

JENNIFER CORREIA: Também acho que tá mais crescente assim tá mais forte, eu nunca tinha outras pessoas já tinha me falado, nossa acho que você é feminista, e eu nem sabia o que era o movimento feminista, eu nunca me declarei feminista, mas no fundo a gente né, desde pequeno as minhas frases, meus pensamentos são diferentes, igual a Flávia falou, vem de dentro de casa, fui criada pela minha mãe, sozinha, separada do meu pai e mesmo assim minha mãe ainda tem pensamentos que não ajuda o nosso lado, não tive a figura masculina dentro de casa, mas mesmo assim minha mãe tem pensamentos que não colabora

TAYLANE FERNANDES: e agora fala um pouquinho de você com essa história no caso da Flávia era uma pessoa que não tinha problema opinião dos outros não, mas como foi a sua história?

JENNIFER CORREIA: Então como eu *tava* falando... No início, logo *de pequena*, minha mãe em questão do cabelo, assim, né, que tem outros outras coisas, mas eu sofri muito na questão do cabelo, porque logo *de pequena*, quando eu tinha seis anos mais ou menos, minha mãe já relaxa o meu cabelo. Então ela falou assim: vamos para cair os cachos para ficar, né mais fácil de cuidar, então a gente relaxou

os cachos, e eu ia fazer isso todo mês, estava completando 12 anos se eu não me engano, meu aniversário de 12 anos. Sabe aquela febre de quem vai fazer a progressiva? Estava no auge. Assim, não era supercaro meu cabelo, era até comprido. Acho que cortar o cabelo... porque eu queria a todo custo alisar o cabelo. Que era bonito, né? Bonito era o cabelo liso - e ele precisava fazer chapinha, né. Aí, eu disse para minha mãe deixa relaxando, e eu falei que não quero isso porque eu deixar ele liso então eu alisei o cabelo, esse cabelo quebrou porque as coisas não eram compatíveis, não sabiam mexer com cabelo crespo e vira aquele negócio, aí fiquei quase careca assim foi bem terrível porque mexeu muito com a autoestima eu entrei numa depressão assim, fiquei uns dois anos bem mal e aí eu comecei a usar megahair, usei 6 anos megahair, para poder assim cobrir o que *tava* no cabelo, mas eu não parava de alisar porque o bonito era liso, né, então a terra desconstruir isso na minha cabeça por que vem de dentro de mesmo, quando eu decidi parar de alisar o cabelo, minha mãe já falou: você não vai conseguir, né, ficar com cabelo para cima o cabelo duro, não sei que, eu falei: não eu quero, é uma coisa que eu quero, cansei porque os procedimentos para esticar o cabelo, a progressiva, eu sofri muito porque queimavam couro cabeludo, né, uma coisa que só se faz a gente, e eu cansei daquilo, aí eu decidi que eu não queria mais e porque eu achava bonito meu cabelo é bonito assim eu falava assim brincava com ela se Deus fez assim porque eu vou mudar essa bonita assim né, e aí assim demorou uns nove meses mais ou menos, dentro de casa, para poder né tem uma aceitação ali dentro da minha casa, porque sou eu minha mãe e mais duas irmãs e nós todas ali estávamos o cabelo assim, e depois que eu fiz, as minhas irmãs também fizeram, então assim, a gente se libertou por uma coisa que é igual a sua mãe falou: que é uma coisa que vem de dentro de casa também né, a gente é muito influenciada pela mídia por coisas que vêm de fora mas dentro de casa também influencia bastante pesa, né, porque eu tô dentro de casa, então depois que eu fiz a minhas irmãs fizeram cortaram que tava liso deixa eu crescer por conta, sem ninguém pedir né, elas falaram: Ah eu também vou fazer, cansei de fazer assim eu sou bonita assim, aí tem uma irmãzinha que ela tem 10 anos, se você ver como ela é empoderada, assim, como que ela fala: eu sou bonita assim, na escola se alguém mexe com ela porque tem muita gente, sofri muito com isso também, os coleguinhas sala zoando, né, então quando acontece isso com ela, ela mesmo fala: não, é eu cabelo é muito assim, não quero alisar só quem fala não faz' mas como ela fala não, é não, quero não gosto assim eu gosto do meu cabelo natural então assim né que desconstrói.

TAYLANE FERNANDES: E quando que você decidiu falar, qual foi a sua idade?

JENNIFER CORREIA: Sim eu já tinha 17 anos.

RAYENI EMERICH: Jennifer, disse que a partir dos 12, você começou a progressiva. A partir do momento que você falou assim: “não, eu não quero mais meu cabelo liso, eu quero ter o meu cabelo verdadeiro, cacheado”, como foi para você esse processo de transição? Você pensou alguma vez: “ah, eu não quero

mais”, pensou em desistir? Como foi o processo até chegar e falar “não, é esse meu cabelo e pronto”?

JENNIFER CORREIA: Por incrível que pareça, eu nunca pensei em desistir. Assim, foi bem rápido, porque como eu disse, começou de dentro. Então, de três em três meses eu fazia progressiva e cada vez que eu ia fazer aquele sofrimento de, né... Para ficar liso tinha que fazer aquilo, passar porque em tudo eu pensava: “poxa vida, né, podia parar com isso, porque eu também sou bonita, o meu cabelo natural”, embora eu não sabia como que eu era, porque eu não tinha uma foto desde pequena. Eu *tava* assim, ela achava, né, então acho que eu tenho ainda, não era do meu cabelo natural e aí depois, quando decidi que não queria mais, e depois já cortei o que estava liso e assumi meu cabelo natural, bem curtinho, quase careca, porque ele cortou, encole mais ainda, mas foi uma fase libertador, essa é a palavra e identificação própria. Se ver como você realmente é, porque eu ainda lembro que quando cortei, eu não via a hora de ver, porque tem a curvatura do cacho, né, que tipo de cacho era o seu? Eu nem sabia que tinha isso. Então até eu descobrir minha identidade, a curvatura do meu cacho, como meu cabelo ia ficar, aí eu olhava na mídia, né, gente como será que meu cabelo vai ficar, será que vai ficar igual a de fulano? Mas eu não sabia.

TAYLANE FERNANDES: Você comentou que têm a mídia, né, e tudo mais, mas a gente voltou no assunto da mídia, que é uma coisa que mais influencia. A representatividade ela é muito importante, né, há anos atrás ela era mais comum, o caso dos estereótipos, uma coisa muito forte ainda, um levantamento feito pela consultoria 65/10, né, que foi pedida pelo Facebook, mapeou os estereótipos da publicidade brasileira, é uma coisa marcante porque os estereótipos mais comuns, atualmente, são da mulher que é perfeita e a supermulher faz tudo, para casa, também o caso da mulher objeto a gente vê muita publicidade ainda que a mulher às vezes a exposta de uma forma horrível, uma coisa banalizada, outras coisas também que acontecem são as lésbicas masculinizadas e também hipersexualizadas, elas têm que ser mulheres ferozes, essa questão forte, né.

Outra coisa também que a gente viu né na pesquisa que o homem, ele tem um papel de ser provedor e perfeito o que é uma coisa que também está vendo muito, o homem manda na casa né eu que faço tudo, e outras coisas também o gay afeminado, a gorda que é engraçadinha e agora antes e depois.

Além disso, os negros subalternos. A gente não... é bem difícil a gente ter um negro como protagonista, em questão disso, porque é uma coisa de muitos preconceitos ainda, não acho que é uma coisa de preconceito e isso porque não sei vocês, mas vocês vão falar sobre. Você. Mas é muito triste quando a gente vê que os anos passam e ainda tratam a gente como publicidade estão pobres né que vocês acham disso essa questão da dos estereótipos ainda é muito marcante quase que são mais comuns estão vendo aí que vocês acham que nós tá demais estereótipo tem que

mudar por exemplo se caso da gordofobia e tal, a mulher gorda né antes e depois comecei forte, quê que vocês acham disso pode falar o quê que vocês acham?

ANA PAULA: Você falou da gorda, né. Eu lembro que teve uma publicidade, se eu não me engano, foi uma academia em Santos que deu o maior bafafá, que colocaram a foto da sereia e da baleia: “quem você quer ser nesse verão?”.

Eu acho que foi é e para mim é melhor resposta, que teve foi uma moça aqui era gorda ela daí ela escreveu a resposta Facebook, achei legal falando que a baleia é feliz, que ela tem família, que a vida sexualmente ativa não sei o que, que a sereia solitária e tal, eu achei superlegal assim a resposta dela e para mim foi um caso que marcou muito aqui, e foi em uma academia em Santo, tipo, uma cidade não foi o negócio nem grande nem um pouco assim tipo que nem cerveja, que hoje não tá mais colocando tanto mulher se vocês repararem assim...

TAYLANE FERNANDES: Também é uma questão de lei, né.

JENNIFER CORREIA: E é legal falar que o empoderamento faz com que a mulher explore dentro dela mesmo as opções e faça com que ela escolha, tudo bem se ela for magra como a Flávia falou, eu gosto me sinto bem assim mas isso só é isso é ela outras pessoas podem explorar possibilidades dela saber sobre os direitos dela e a partir daí tomar uma decisão, eu acho importante ela pode ser o que ela quiser, não o que põe nada não que você seja de uma determinada forma mas então que você seja o que você está destinado a ser.

TAYLANE FERNANDES: Vocês acham que hoje por conta disso, esses estereótipos as pessoas estão deixando de consumir certas marcas por causa desse preconceito? O que que vocês acham? Podem falar eu acho?

FLÁVIA CINTRA: Sim, bom eu sou uma delas, né. Eu sou chata, o pessoal falar que sou extremista, não sou. Eu sou de acordo com que eu quero comprar, mais caro eu não compro o que eu acho que tá de acordo com as minhas ideias, eu não compro, tipo que nem eu colocar um exemplo assim, que não tem amigos, mas eu acho que tem a ver com a humanidade trabalho escravo, eu não confio mais, Bom Retiro nem pensar, eu não compro mais nada assim, o pessoal fala se eu não vou comprar mais roupa, eu falo que não, vou compra roupa do artesão, da pessoa, assim que eu sei que que tem a confecção pequena de dela, tudo mais então, eu acho que sim, as pessoas começam a se conscientizar um pouco ainda.

TAYLANE FERNANDES: Ana e Jennifer, vocês já deixaram de consumir alguma marca por conta disso dessa visão que vocês viram, essa mensagem legal que você quer passar não vou mais consumir?

JENNIFER CORREIA: Aconteceu bastante no meu caso assim é igual ela fala que eu vou te falar Tem coisa que fere a gente espera nossos pensamentos, então porque né eu vou consumir, porque eu vou ajudar, então assim, entre aspas, a pessoa que tá indo contra quem o que você pensa né.

TAYLANE FERNANDES: E você, Rayeni? Já deixou de consumir alguma coisa?

RAYENI EMERICH: Ah, sim, várias.

TAYLANE FERNANDES: A gente fica, né, às vezes, pesa na nossa consciência, né, porque eu vou usar isso se estão me discriminando.

ANA PAULA: Eu também até deixei já de ir em lugares que computavam com discriminações, de certa forma então acho que influencia no lugar.

TAYLANE FERNANDES: Eu acho que é, acho que é mais fácil, hoje em dia a gente deixa ele no espaço que fazer do que deixar de consumir, de consumir o produto de uma marca porque talvez não sei o que acontece com a gente acho que no lugar talvez a gente se sente mais uma coisa mais pesada que é uma coisa pessoal né.

FLÁVIA CORREIA: É, aqui em Prudente até falar, aqui em Prudente a cidade pequena você vai descobrindo os lugares que as pessoas são machistas e homofóbicas, enfim, da parte política, a gente acaba evitando.

RAYENI EMERICH: Igual a gente pensa: eu não vou comprar mais, mas fala assim: ah, isso é besteira, não tem nada a ver.

Taylane: E vocês, já perderam a amizade por causa disso? Por exemplo, vamos supor deixar falando estereótipo, às vezes alguma amiga que diminui vocês sabem ou falaram assim banalizou a luta de vocês, já aconteceu isso gente?

FLÁVIA CORREIA: Olha perder amizade 100% assim, não, mas não é a mesma coisa né tipo quando eu tirar um sarro mesmo assim chegou a hora que você fica levando a piadinha na brincadeira, chega uma hora que o que né vai enchendo e história né, aí você ouça não frequenta mais, ou você evita a pessoa você fica pouco tempo no local que ela tá, uma hora você acaba brigando né discutindo, então assim vai indo né, eu acho que não é só amigos para mim ir no geral os ambientes em si né.

TAYLANE FERNANDES: Vocês já passaram por isso?

ANA PAULA: Eu acho que às vezes é só falta de conhecimento mesmo às vezes a gente reproduz algumas falas, alguns comportamentos, então assim eu sempre procuro, eu particularmente, mostrar o outro lado, tudo mais..., mas aí se você ver que está muito enraizado na pessoa, acho que fica bem complicado mas às vezes ele falou de conhecimento aí só uma reprodução, então depende da pessoa da situação.

TAYLANE FERNANDES: Hoje eu acho que nós mulheres geral né todo todas as lutas elas estão cobrando muito de uma posição das marcas né por enquanto outras decepcionam a gente, já que essa questão de posições a gente também tá cobrando né que quer que eu fale disso, quero que luta pela causa animal, quero que hoje pelas mulheres, quero que hoje pelo público LGBT, é tão mais fácil, mostrar um

corpo que alcançava que não é padrão enquanto a gente pode estar mostrando corpos e cores e jeito né de pessoas que são populares as pessoas que consomem as marcas né. Nesse ano, a Barbie boneca, ela fez setenta anos, senão ela vai fazer é engraçado que as pessoas brincam com essa coisa de ser Barbie, e sua menininha perfeita magrinha tudo mais e agora estou querendo quebrar essa coisa de Barbie perfeita ela tá fazendo aquele fizeram aquele mesmo né “Não me chame de Barbie”, mas hoje eles tem que mudar essa história e colocar por exemplo bonecas negras, bonecas com profissões que não são muito convencionais, né, para as mulheres por exemplo Barbie astronauta, Barbie não sei o que, isso é uma questão de um compromisso com a marca daqueles momentos que o mundo está mudando ele tem que parar de ser de quase, acontecer isso que você também não sabe falar não te deixar de consumir marca já aconteceu com vocês de virem com a marca tá sendo mais, tá pegando mais, essa questão de defender causas e falaram que gostei dessa marca, gostei dessa posição?

JENNIFER CORREIA: Sim, tem marcas que eu acho que hoje em dia que eu acho tão abraçando algumas causas que as maiores, ela acho que não sei se é proibido alguma coisa assim partir de se envolver em algumas coisas, mas principalmente na parte de tipo da política se tem umas que eu acho que é lei, não tem certeza, mas eu acho que é que dependendo da instituição, se for muito grande não pode nem, não pode mostrar os lados, para quem é. Qual foi agora a última propaganda que saiu, foi bem legal falando de mulher e foi uma, tipo, falando do feminismo e empoderamento e, é uma marca assim que é tanta mulher eu acho que foi uma de esportes para Nike. Eu achei que a propaganda foi assim... ficou linda falando da que ela é também... O que mais me marcou foi aquela moça que ela não fumando aquela corre de que ela foi proibida de coisa que lá a primeira vez né não deixar não é a religião dela é o do Islã, então acabou que hoje tá bem.

TAYLANE FERNANDES: Eu acho que as marcas estão passando assim algumas causas você sente alguma coisa por exemplo acredito eu por exemplo hoje em dia existem marcas que também estão tendo tão pensando mais no público nas mulheres também os negros, por exemplo tem tantas marcas agora que fazem produtos exclusivos para cabelo, né, você falou que seu cabelo está em marcos agora que sou exclusiva só para a gente falar que você vai marcar talvez você não faz produtos para cabelo liso né mas existem tantos né que que você acha disso.

JENNIFER CORREIA: Esses dias eu tava conversando com a minha irmã e falando sobre relaxamento de cabelo, eu usava salão ali para relaxar o cabelo porque era só para encher cabelo né E hoje em dia a gente usa tudo na linha Salon Line mas agora para enrolar o cabelo mandaram aí é muito forte Agora sim né para eles e para nós que tá de fora é igual falei a gente conforme vai passando os anos né as coisas também vão mudando não tanto quanto a gente gostaria que já tivesse, mas...

ANA PAULA: Eu acho que aquela questão de todo ato é político eu acho que é verdade a gente fica bem influenciada com as nossas compras com as coisas que a gente consome lugares que a gente frequenta tudo acaba sendo político uma questão que nem eu falei da Nike lembrei também de um caso agora ele é político tanto que eu tava falando e foi do carne que eu acho que o nome dele e o do jogador Daniel agora que está desempregado não sei se você sabe que ele ajoelha no hino nacional lá de lá e o trampo que passou aí não foi eu que fiz muita tudo mais e aí depois acabou que eu sei que nenhum time contratou mas esse moço e as marcas não querem mais se vincular o jogador jogador fez uma propaganda maravilhosa com ele quem tiver oportunidade Procura lá no YouTube, assim é demais o cara agora assim a cara dele acabou né que ele pela pelo fato dele e acabou que as outras empresas não pegaram por causa da multa que o Trump colocou em cima mas assim a propaganda que a Nike e abraçou com ele foi assim demais é bem bonita.

TAYLANE FERNANDES: A gente estava falando da questão nacional, até internacional, mas a gente que é de prudente, a gente tem que são os prudentinos aqui para mais a região. Pelo menos tô falando aqui posso estar sendo suspeito, mas por enquanto nenhuma coisa forte de marcas da região que tanto essa coisa de mostrar, mas mulheres vou deixar de lado os preconceitos tabus a marca de roupa feminina.

FLÁVIA CINTRA: Eu acho que os outros é e eles pegaram vários biotipos de mulheres que foi assim uma coisa bem legal, até foi uma amiga minha que fotografou tem a magra, da baixinha, tem atlética, tem todo tipo, até na fachada deles ali na loja eu acho que a única viu aqui tá bem difícil. Se vocês acham que tá faltando alguma coisa a gente vai ver se acha que tá, eu acho que aqui na região ainda tá bem distante assim. E no caso ela tá falando mas eu não cheguei a ver ainda então a gente não fica sabendo é uma coisa que talvez falta de divulgação ou talvez falta de não sei.

ANA PAULA: Olha, eu acho mais por causa da região. Nessa região ainda muito machista, é um patriarcado aqui né. Prudente, ainda é muito, é uma coisa muito forte ainda você também as meninas que querem propaganda foi assim comigo.

RAYENI EMERICH: Bom, meninas, a nossa conversa foi muito boa. Quero agradecer vocês, em nome da equipe, pela conversa e é isso.

TAYLANE FERNANDES: Vocês gostaram? O que vocês acharam? Podem falar aí nos últimos momentos.

Ana Paula: Eu gostei e muito obrigado pelo convite.

TAYLANE FERNANDES: A gente que agradece.

FLÁVIA CINTRA: Realmente foi muito produtivo, continuem assim que vai *pra* frente. Alguém tem que começar.

JENNIFER CORREIA: Eu também gostei bastante. Agradeço pelo convite, eu acredito que essa é uma porta do que será que abre outras portas.

TAYLANE FERNANDES: Obrigada, meninas. Este foi o podcast Manas, espero que você tenha gostado, a gente agradece o carinho de vocês e até a próxima. Tchau, tchau.

RAYENI EMERICH: Tchau, tchau.

VINHETA

TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO PILOTO

#02 ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO

APRESENTADORAS: LARISSA OLIVEIRA E TAYLANE FERNANDES

CONVIDADOS: ANA GONÇALVES E DR. WILSON LUSSARI

TAYLANE FERNANDES: Olá! Começa agora mais um episódio do *Manas*, programa voltado à informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Eu me chamo Taylane Fernandes e a cada edição a gente vai debater temas que fazem parte desse universo tão particular como o nosso, né? Na edição de hoje, eu estou aqui com a minha parceira de apresentação Larissa Oliveira. Tudo bem, Larissa?

LARISSA OLIVEIRA: Olá, Tay. Tudo bem?

TAYLANE FERNANDES: Tudo certo! E a gente vai falar de assunto sério hoje que é assédio moral e para falar sobre isso a gente trouxe convidados superespeciais: A Ana Paula Gonçalves, então, oi Ana, tudo bem com você? Pode se apresentar!

ANA GONÇALVES: Meu nome é Ana Paula, eu sou advogada, tenho 27 anos e sou especialista em direito do trabalho.

TAYLANE FERNANDES: A gente também está aqui com o Dr. Wilson Lussari! Oi Wilson, tudo bem? Conta para a gente quem é você, fale sobre você!

WILSON LUSSARI: Olá Ana! Olá pessoal, tudo bem? Eu sou Wilson Lussari, sou professor aqui na universidade e sou administrador, fui gerente em várias companhias, já tenho aí 25 anos na área de gerência e quase 30 na área de docência, na área de administração.

LARISSA OLIVEIRA: Agradecemos desde já a participação de todos vocês! E bora lá para o nosso tema?

TAYLANE FERNANDES: Você já vivenciou situações constrangedoras no trabalho, seja por meio de gestos, palavras ou atitudes que atingem a sua dignidade? Acusações, insultos, gritos ou até mesmo indiretas e exclusão social? Se a resposta for sim, você foi vítima de assédio moral.

LARISSA OLIVEIRA: Segundo uma pesquisa realizada em março de 2017 pelo Datafolha, solicitada pelo Fórum Brasileiro de Segurança, 40% das mulheres a partir dos 16 anos já sofreram algum tipo de assédio.

TAYLANE FERNANDES: É, Larissa, e além disso, de acordo com os relógios da violência do Instituto Maria da Penha, a cada dois segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal aqui no Brasil. Complicado, né? Mas Ana, para a gente entender melhor, o que que é o assédio moral? Conta para a gente.

ANA GONÇALVES: Então meninas, o assédio moral ele pode acontecer de diversas formas, né? Mas a definição dele, a concretização de condutas pela empresa ou por colegas de trabalho que violem a dignidade do trabalhador, que

diminuam ele, que ofendam, que cobrem dele metas excessivas, diversas situações que se reiteradas, né, configurando uma espécie de perseguição, elas se traduzem no assédio moral.

TAYLANE FERNANDES: E quais são os tipos de assédio que existem?

ANA GONÇALVES: Em matéria de assédio moral nós temos três categorias de assédio: o vertical, o horizontal e o organizacional. O vertical ele é aquele que vem a agressão do superior hierárquico para o empregador. No caso, ele exige muito além do funcionário, coisas indevidas ou trata ele perante os outros funcionários com humilhação, com desprezo, por exemplo, tem empresas que inclusive restringem o acesso do empregado ao banheiro, por exemplo, limitam, sabe. Há diversas situações nesse sentido.

Aí depois tem o horizontal né, que vem de colegas de trabalho, vem da mesma hierarquia, colegas que vem e ofendem você, diminuem você. E o organizacional ele vem assim da própria cultura e administração da empresa através de metas, de coisas que camufladamente exigem que o funcionário produza mais, que ele se estenda mais na sua jornada de trabalho como forma de produção mesmo, ela não atinge a honra e a dignidade do trabalhador, mas assim na sua produção.

LARISSA OLIVEIRA: Como que o assédio moral pode afetar no ambiente de trabalho, Wilson? Conta para a gente um pouquinho.

WILSON LUSSARI: Bom, onde você convive com várias pessoas e comumente consegue se opor, já que a mulher ascendeu no mercado de trabalho nos últimos 30 anos de forma vertiginosa, isso aí acabou favorecendo muito a expansão desse assédio moral, até por conta que às vezes quem pratica nem sabe que está cometendo, às vezes fazem até inconscientemente.

Quando a gente fala de assédio moral, até aproveitando aí a questão do assédio vertical né, nós temos que entender que nas organizações, a chefia, o superior hierárquico, seja o empregador ou o preposto dele no papel de gerente, ele tem uma responsabilidade sobre todas as pessoas sob os seus cuidados e de certa maneira ele também é cobrado de resultados. Às vezes, ele pode se exceder na cobrança, tanto na intensidade como na forma de cobrança.

Nem vou entrar no mérito do assédio moral ou sexual do ponto de vista interpessoal por causa que isso realmente é uma situação complicada e precisa ser coibida, mas também precisa ser entendido se a pessoa fez consciente ou inconscientemente, por que às vezes, mesmo durante o assédio, tem que ver se a pessoa tem a consciência do que estava fazendo. Então tem que ser analisado com calma, às vezes dá uma impressão até de impunidade, mas aí precisa haver o bom senso porque se não a gente radicaliza e acaba se tornando uma arena de guerra constante quando a gente vai ter um trabalho, uma relação interpessoal no trabalho.

TAYLANE FERNANDES: O Wilson entrou em uma questão legal de se debater que é a questão do assédio moral e o assédio sexual e além do assédio sexual a gente também tem casos mais graves nas empresas e tudo mais. Como isso é diferenciado, Ana? É, como que a gente pode saber a diferença entre o assédio moral e o assédio sexual? Como isso é classificado?

ANA GONÇALVES: O assédio moral ele vai mesmo na onda de você diminuir a pessoa, de humilhar ela, colocar ela para baixo, de que ela não é capaz, de que ela

não é competente, de reduzir o funcionário mesmo. Agora o sexual ele vai para o lado libidinoso, ele vai para questões de cantadas...

LARISSA OLIVEIRA: Tentar beijo né? Beijar?

ANA GONÇALVES: É, aproximação, às vezes um toque ali né indevido, mas tudo também tem assim uma linha que a gente precisa identificar, que nem sempre também é assédio moral. Por exemplo, às vezes também tem um colega de trabalho que está interessado em você e vai tentar alguma coisa, isso ali também não é sempre um assédio moral, tem sempre assim que diferenciar. Agora quando a pessoa ali está forçando a barra mesmo, está te elogiando de forma indiscreta, está né, deixando você constrangida, isso já é um assédio moral. Sexual, desculpa.

LARISSA OLIVEIRA: E há muitos casos também, que começa justamente no assédio moral e depois parte para o assédio sexual, né? Vocês já viram casos assim?

ANA GONÇALVES: Assim, a chance disso se transformar é completamente possível.

LARISSA OLIVEIRA: Entendi. E pegando gancho dessa questão ainda, Ana, eu queria que você contasse, é, você provavelmente acompanhou vários casos de assédio moral. Conta um pouquinho das histórias que chegam até você, o que que é mais comum, né.

ANA GONÇALVES: Bom, o que eu tive mais contato no trabalho foram questões, assim, relacionadas ao ambiente bancário. Já trabalhei em escritório que cuidava de ações trabalhistas bancárias e nesse ambiente muita coisa acontece, principalmente a cobrança excessiva de metas, elas vêm por meio de e-mails ou por meio de cobranças verbais mesmo e tem casos de bancos que dá prêmios para o funcionário de pior funcionário, dá aquele 'troféuzinho' de mico e isso constrange muito e humilha o funcionário.

Há situações também em que o empregador força muito o empregado em situações ruins para que ele peça as contas, para que ele peça demissão, força o empregado para que ele não faça aquela demissão sem justa causa para não ter que pagar as verbas trabalhistas, né, por que a pessoa pedindo as contas, em tese ela recebe menos.

Então, por exemplo, é, um caso que eu tive contato recentemente, uma cliente minha chegou a ser acusada de ter cometido um crime sendo que ela não cometeu e que isso seria uma justificativa para que eles demitissem ou denunciassem ela, sabe, uma cena de ameaça mesmo sendo que ela não tinha feito nada. Então, era uma situação para pressionar ela, se sentir mal e pedir as contas e não querer mais continuar lá na empresa.

LARISSA OLIVEIRA: Isso é muito comum também, né.

ANA GONÇALVES: Também.

TAYLANE FERNANDES: E você, Wilson? Algum caso assim que você se recorda de assédio, que você mais ouve? Você tem experiência, né.

WILSON LUSSARI: Não presenciar ou vivenciar, mas na função que a gente ocupa na gerência, sempre você tem que ter um cuidado redobrado, tanto diria até questão

vertical aí, é complicado porque às vezes a gente não imagina o que pode vir debaixo também a oportunidade do assédio. E às vezes o pessoal não percebe isso. Como falei, muitas vezes a questão é meio inconsciente.

As coisas *vai indo*, vai crescendo, vai crescendo, vai se envolvendo e você no fim a hora que acorda está no meio de uma confusão sem tamanho. Isso é um risco muito grande quando a gente vê e de repente termina em um processo de assédio seja ele qual for e simplesmente porque começou de uma maneira que ninguém imaginava o que aconteceu. É ruim, é ruim. Mas é por isso que eu falo, temos que tomar um pouco de cuidado, por que, se há uma situação, principalmente quando a gente ocupa um cargo de chefia, o comedimento é muito importante.

A gente não pode esquecer que quando a gente ocupa um cargo de chefia, a gente acaba sendo um amigo e às vezes até um orientador, um conselheiro e muitas vezes isso faz com que a pessoa se abra até demais para as pessoas e isso abre oportunidade também para o uso exagerado de poder da chefia, né. Eu até gostaria assim de complementar que quando a gente analisa isso, nós temos que enxergar o que, poder e autoridade.

Você tem que ter, existe o poder, autoridade é um tipo de poder, mas autoridade o que que é, ela é inerente do cargo que a pessoa ocupa, então toda pessoa em qualquer cargo tem uma autoridade, mas quando a gente analisa a chefia, até por causa desse assédio vertical, a chefia tem autoridade, mas se ele não se controla e não se polícia, ele ultrapassa esse limite de autoridade com muita facilidade, então tem que tomar muito cuidado.

É aquela velha história, cometi um 'errinho' aqui, depois comete um 'errinho' ali e o 'errinho' anterior é menor do que o atual, o próximo vai ser maior, a hora que ele se vê, ele está envolvido realmente em uma confusão danada. Tanto que, até aproveitando a advogada aqui, ela sabe que, muitas vezes os episódios acabam vindo como um resultado de um crescente, não acontece de repente o assédio, ele vem com uma coisa sutil, leve e depois deságua em uma situação irreversível e que vai efetivamente arredondar em um problema de assédio.

TAYLANE FERNANDES: A gente tinha comentado sobre esse choque de gerações, o que isso causa. É complicado, né. Porque a pessoa lida como um assédio, mas há o choque de gerações.

WILSON LUSSARI: O problema do choque de gerações é um negócio ainda mais, é, gritante. Quando nós trabalhamos, nós vamos contextualizar isso e você tem hoje aqui, no mundo do trabalho, particularmente, aqui no Brasil, você tem a geração X, Y, Z e todo mundo trabalhando junto e você percebe essa, é, os limites de cada uma dessas gerações que interferem na vida do outro.

Como nós falamos antes na apresentação, é, você tem, por exemplo, o caso que da geração Z que pega o celular e conversa diretamente, é muito direto e quando ele conversa com uma pessoa física, fora do celular, ela acaba se comportando como tal.

Para uma pessoa de idade, da terceira idade, vai se julgar que isso é uma falta de respeito, uma falta de referência com relação a uma pessoa mais idosa, da mesma maneira o jovem ele se rebela com muita facilidade quando vê uma pessoa de mais idade tentando expor ou colocar uma situação para que ele entenda e tenha que fazer.

Às vezes, a gente tem a dificuldade de situar o jovem naquilo que é uma cobrança da empresa e ele pode interpretar isso como uma questão pessoal.

TAYLANE FERNANDES: É. Em março desse ano, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto que torna crime o assédio moral e a proposta que eles fizeram prevê pena de um a dois anos, que é uma coisa que, até então, acho que muita gente nem imaginava que não era crime, né, não era considerado crime.

Então, Ana, enquanto essa PL né, ela não está em tramite, o que as vítimas de assédio têm que fazer? Porque, até então, não é crime né, agora que se aprovada a PL será. Então, como que isso acontece?

ANA GONÇALVES: Então, o trabalhador, ele percebendo que está sofrendo ali um assédio moral, ele tem que reunir a maior quantidade de provas possíveis através de e-mails, mensagens, no celular, conversar com outros colegas que talvez possam ter presenciado alguma situação e até mesmo deixar o celular gravando para se resguardar mesmo. Porque ele só vai conseguir demonstrar através de provas, não tem como.

Então, ao identificar, ao reunir provas, ele vai ter que pleitear uma indenização judicialmente. É o que ele pode fazer, por enquanto, entrar com uma ação trabalhista, apresentando as provas, testemunhas do fato, para se buscar uma indenização por danos morais decorrente do assédio moral.

O que busca nessa condenação, o que se busca é coibir a nova prática de assédio nas empresas, né, ter um caráter educativo, punitivo, né, essa indenização, mas também sempre, é, equilibrada para não causar um enriquecimento indevido também da pessoa, para que as pessoas também não busquem vantagens infundadas.

Então, não se tenha assim um parâmetro exato, mas o juiz sempre vai adequar ali um meio termo para que sirva para as duas vertentes.

TAYLANE FERNANDES: Sim, isso é importante. Até mesmo nisso em que a gente falou. Com o choque de geração, de cultura e tudo mais, a pessoa pode se sentir em um direito a mais, de ter algo a mais da empresa, né, e às vezes não é assim. É uma questão de negociação, um equilíbrio entre as partes.

ANA GONÇALVES: É, tanto que o assédio ele é configurado através de uma série de condutas, não vai ser um ato isolado que vai configurar, então sempre tem que ser muito bem provado, tem que ser uma situação bem constrangedora mesmo, porque não vai ser qualquer coisa que o trabalhador vai conseguir levar indenização.

TAYLANE FERNANDES: É, talvez vocês se recordem né, que teve um caso do ex-treinador da seleção brasileira de ginástica masculina, que teve uma questão, foi acusado de assédio e de abuso sexual e isso rolou muito na televisão, na mídia, porque um caso complicado, as pessoas tinham provas e tudo mais, atletas famosos foram se expor, contar o caso e tudo mais. E esse ano, até recentemente, ele foi banido do esporte. Então, Ana, caso essa PL ela seja aprovada, você acha que esses casos vão ser mais expostos? As pessoas vão ter mais coragem de denunciar? Isso vai ser mais divulgado?

ANA GONÇALVES: É, pode ser que sim, porque a pessoa vai enxergar uma efetividade maior né, na punição e eu acredito que pode ser positivo sim a criação de crime do assédio moral.

TAYLANE FERNANDES: É, e Wilson, agora falando assim de assédio moral entre um funcionário, né, e outro... como que as empresas devem, é, que tipo de atitude as empresas devem tomar quando esse tipo de assédio acontece, por exemplo, de um funcionário com o outro?

WILSON LUSSARI: Bom, a primeira preocupação é evitar de acontecer.

TAYLANE FERNANDES: Claro!

WILSON LUSSARI: Primeiro, as empresas têm que ter um discurso preventivo, normas, algumas empresas hoje já adotam este tipo de comportamento, até com relação interpessoal, já formalizam isso nas suas normas e regulamentos. É uma forma de você atenuar também as ocorrências, até por conta de que, quando você tem aí essa lei que acaba formalizando, é bem a tradição do direito, que a gente vê as coisas assim.

Antes não era configurado crime, agora é feito configurado crime, as pessoas têm mais conhecimento e consciência, então tende no primeiro a aparecer mais casos em função de que, as pessoas se sentem estimuladas pela proteção da lei e ao mesmo tempo, com o passar do tempo, tende a diminuir, porque você vai incorporando essas regras na sociedade e passa a ser realmente uma situação que começa a se tornar uma exceção.

Eu sempre coloco que, se nós temos aqui 40 milhões de pessoas trabalhando hoje, que é mais ou menos 45 milhões da população economicamente ativa, não tem sentido a gente ficar quebrando a cabeça por um caso ou outro, né. É grave? É grave! Tem que ter a correspondência jurídica para amparar isso, claro! Com certeza. Agora, as empresas, elas não podem ficar reféns das exceções, elas têm que entender qual é a regra, está aí a lei, o que que eu posso fazer para prevenir e o que que eu posso fazer para conscientizar toda a minha equipe.

Pode ser os níveis gerenciais, pode ser os empregados, pode ser os clientes, seja lá quem for que interaja com a empresa, né. Isso é importante, porque, cada vez mais, as empresas têm uma relação direta com o mercado, a marca é importante e empresa nenhuma quer ver sua marca envolvida com problemas. Então, ela preventivamente vai procurar trabalhar tanto internamente quando externamente em relação a essas situações.

TAYLANE FERNANDES: Você acha que isso está acontecendo? Por exemplo, as empresas estão realmente preocupadas com isso?

WILSON LUSSARI: Acredito que as empresas já vêm fazendo isso já há um tempo, por causa que, é que a lei basicamente ela vem para cobrir uma demanda que a sociedade estava cobrando e o assédio moral e sexual até então, ainda era considerada uma situação ainda a margem da lei, por causa que ainda não tem uma regulamentação própria. Agora com essa regulamentação, fica até mais fácil disciplinar internamente a empresa para poder prover, é, ações preventivas e até punitivas com relação aos colaboradores.

LARISSA OLIVEIRA: Claro. A gente sempre fala da questão do assédio moral no ambiente de trabalho, mas a gente também às vezes pensa no ato da vítima que está sofrendo né, as consequências que a vítima tem em decorrer desses problemas. É muito grave, né. E assim, vocês já vivenciaram? Conhece uma pessoa que sofreu assédio moral, está passando por tratamento com psicólogo e psiquiatra? Porque, querendo ou não, abala a questão psicológica da pessoa.

TAYLANE FERNANDES: A questão da vivência da pessoa, às vezes ela se ofende ou não, né...

LARISSA OLIVEIRA: Há graus né, há graus em que a pessoas, que elas se afetam na verdade. Às vezes desenvolve na questão de depressão, de ansiedade...

WILSON LUSSARI: Então, tem que ter um acompanhamento, se acontece na empresa. Hoje as empresas têm preocupado muito com a qualidade de vida dos colaboradores e tentar trabalhar exatamente o que, aspectos terapêuticos, ocupacionais, de relação, para que isso venha a ser atenuado e até evitado de ocorrer.

No momento em que a pessoa sofre alguma coisa e precisa efetivamente de ter um acompanhamento, é necessário ela ser encaminhada há um profissional correspondente, hoje né, por que você não pode ficar carregando um trauma para o resto da vida se você tem condição de superar, vivenciar e voltar a sua normalidade.

TAYLANE FERNANDES: Sim. E que você acha disso, Ana?

ANA GONÇALVES: Eu concordo com o professor, é e em alguns casos realmente a pessoa pode sim desenvolver patologias em decorrência do assédio. Já teve caso de ações em busca de indenização também porque a pessoa desenvolveu síndrome do pânico, tem a depressão, a ansiedade, tem vários casos que chegam sim a desencadear coisas mais graves na pessoa.

LARISSA OLIVEIRA: E qual seria a grande importância de ter essa base de tratamento de psicólogos? Às vezes, talvez, nem é por essa questão do assédio, mas às vezes ajuda, colabora, de uma certa forma...

TAYLANE FERNANDES: Acho que no caso trabalho, né. Tem empresas que, o próprio Wilson tinha falado, existem empresas hoje que dão este apoio psicológico e tudo mais...

ANA GONÇALVES: Com certeza tem empresas que tem setor de RH, né, que dão esse suporte, eu vejo como muito importante, por que se um empregado já percebe que aquilo que tá acontecendo, ele reporta para o setor, olha, tô passando por essa situação, aquela pessoa que cuida disso já pode tentar conversar com o dono da empresa, talvez, que está acontecendo isso, alertar, né, para que tente-se corrigir isso antes que se agrave, antes que se torne um problema maior.

WILSON LUSSARI: É importante a gente entender que estamos falando de pessoas, né, sempre e no momento a gente precisa entender que as pessoas também têm seus altos e baixos, tanto quando se fala essas questões do assédio, nós precisamos entender que, seja o chefe, o subordinado, o dono, o cliente, ele sofre e ele também tem carências e tem questões emotivas, afetivas que também inferem. Pode acontecer da pessoa no momento dessa baixa autoestima ou em uma fase muito forte de carência, ela também acabe se entregando a uma paixão

indevida e às vezes acaba redundando aí em uma situação difícil. O que normalmente precisamos entender, olha, é conversar.

Segundo: procurar os meios comuns, os meios internos da empresa para resolver isso sempre melhora a coisa. Como sempre dizemos né, um bom acordo é melhor do que uma boa briga, então isso ajuda bastante, até porque ajuda a amadurecer as pessoas. Nós temos que entender, se não o que que vai acontecer?

Nós vamos transformar as empresas em uma fábrica de máquinas onde gente robotizada não tem interação social nenhuma e isso realmente seria um verdadeiro desastre. Eu até me permito aí, vamos fazer um complemento, na relação entre o chefe e o empregado, o professor e o aluno, o vendedor e o cliente, há sempre uma relação tripla que a gente tem que levar em conta.

Eu tenho o nível pessoal, eu tenho o nível social e eu tenho nível institucional. Os três acontecem simultaneamente, você não consegue separar uma coisa da outra. É difícil você chegar e falar, nesse momento eu estou falando no âmbito pessoal, então aí a coisa complica demais, nós temos que entender. Vou dar um exemplo só para vocês compreenderem.

Quando a empresa ocorre um problema com um funcionário e precisa de uma ação disciplinar, normalmente o chefe vai dizer a toda equipe que, olha, aconteceu isso, isso aqui não pode acontecer, o próximo que fizer vai ser mandado embora. E aí, o que que acontece, a pessoa pode se sentir constrangida por que foi cobrada na frente de todo mundo, porém eu tenho o fator profissional a ser relevado, por que, uma pessoa comete um erro de produção ou de serviço e eu tenho que usar isso como espelho para que todos não tenham o direito de errar. O erro é a equipe. Uma pessoa executa, mas o erro é da equipe.

Não posso permitir que a pessoa saia errando e a empresa tome prejuízo porque eu tenho o direito de errar também porque eu trabalho. Se eu não fizer isso, eu sou cobrado, eu fui admoestado na frente dos colegas, isso é assédio moral. Na realidade é uma questão institucional, necessário para preventivamente evitar que um erro aconteça e muitas vezes as pessoas não entendem isso, acabam descamando para um conflito interpessoal e acabam adotando isso como uma questão pessoal, o chefe está pegando no meu pé e me ferrou na frente de todo mundo. Na verdade, estou simplesmente cobrando na frente de todos que isso não se repita, pois tem que ser exemplificado, tem que tomar como um exemplo para evitar que isso não aconteça.

Se não vamos ficar na empresa eternamente repetindo os mesmos erros, cada vez que troca de pessoa nova e entra pessoa nova, tem direito de errar também, aí acaba virando terra de ninguém.

TAYLANE FERNANDES: É, pensando assim, a gente pode, é, por exemplo, a empresa pode também tomar medidas que, claro, mostram como exemplo, mas que também não exponha né.

Por exemplo, aconteceu um problema com um funcionário, depende da empresa também, isso é muito relativo, mas se a empresa tem setores, ele fala, o problema aconteceu em tal lugar, mas todos são responsáveis, ele não expõe o empregado de forma clara e ele mostra, existe um erro aqui e a gente tem que consertar, né.

WILSON LUSSARI: Aí é um discurso profissional. É importante esse aspecto profissional do gerente, ele tem que ser treinado, capacitado, instruído para isso também, para poder minimizar esses impactos. Mas, lembra, somos pessoas. Em um momento de indignação e raiva, a pessoa pode até falar o que não está acostumado e habituado a fazer e às vezes a outra parte precisa entender também esses limites aí.

Por isso que, quando fala dessa questão do assédio, particularmente o assédio moral nas empresas, é, tanto os advogados quanto os juízes são muito observadores para evitar efetivamente que se banalize as atitudes e comportamentos, senão você transforma em uma relação impossível, uma relação humana em qualquer ambiente profissional.

TAYLANE FERNANDES: Claro, é! Todos que sofrem ou sofreram assédio moral precisam se libertar desse problema, né, que é grave, em alguns casos a gente tem que, uma questão jurídica de ser avaliada e tudo mais, só que a pessoa tem que procurar orientação, informação e claro, ajuda, né, muito importante. Quando a gente lida com pessoas, é, tem que ter uma técnica, a pessoa tem que ser preparada para isso.

Bom, eu quero agradecer novamente em nome de toda a nossa equipe por esse bate-papo incrível que a gente aqui, informativo, a gente aprendeu bastante com vocês. Então, obrigada Ana, pela sua experiência, né, por ter contato para gente e ter tirado as nossas dúvidas e muito obrigada Wilson também por ter esclarecido essas questões que são muito importantes, porque a gente tem que mostrar também esses dois lados, é importante a gente mostrar o lado pessoa e o lado empresa. Vocês querem falar alguma coisa? Dar um agradecimento final? Acrescentar mais algo?

ANA GONÇALVES: Eu também quero agradecer só pela oportunidade e gostei muito de ter participado aqui com vocês!

LARISSA OLIVEIRA: A gente agradece também! (risos)

WILSON LUSSARI: Eu, para fechar, eu diria até que precisamos entender o seguinte, se eu errei, tenho que reconhecer o erro, pedir desculpas e a partir de aí fazer com que isso não se ocorra mais, até por conta de que é o fator humano que está em jogo nisso tudo aí. A gente não pode falar, somos homens, não somos máquina, né. Já dizia aí o Carlitos.

Então, a gente precisa entender isso e de uma maneira que consiga efetivamente, é, construir um ambiente sempre produtivo e agradável nas empresas, porque é lá que nós passamos a maior parte da nossa vida. Agradeço muito a oportunidade aqui e nos colocamos a disposição aí para futuros bate-papos.

TAYLANE FERNANDES: Muito obrigada, Wilson! E para você que está ouvindo, nosso muito obrigado também! Nos encontramos no próximo episódio com mais histórias e pautas necessárias para a sociedade! Um abraço e até mais, tchau.

LARISSA OLIVEIRA: Tchau, tchau!

TRANSCRIÇÃO DO PILOTO 3
PILOTO #3 - A VOZ É DELAS: COLETIVOS DE MULHERES

APRESENTADORAS: ISABELLE VOLTARELI E TAYLANE FERNANDES

CONVIDADAS: MARIA EDUARDA CAROLAYNE DA SILVA E ISABELLA VITÓRIA BALIEIRO DE SOUZA

Taylane: Olá! Esse é o podcast Manas, programa voltado à informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Para quem não me conhece, eu sou a Taylane Fernandes e a cada edição a gente vai estar junto para falar de assuntos que são importantes para a luta feminina. Minha companheira de apresentação hoje é a Isabelle Voltareli. Tudo bem, Isabelle?

Isabelle: Oi Tay! Comigo está tudo bem e com você?

Taylane: Tudo certo. Hoje a gente vai falar de cultura, arte, luta e voz!

Isabelle: É isso mesmo! Estão com a gente as meninas do coletivo prudentino Santo Útero, a Isa e a Duda, que agora vão se apresentar e vão falar um pouquinho delas para gente!

Taylane: Fiquem à vontade.

Isabella Balieiro: Meu nome é Isabella Balieiro, sou estudante de geografia e estou no quarto ano, faço pesquisa em movimentos culturais, já voltado para o público feminino e a gente está com esse coletivo aí vai fazer quatro meses.

Maria Eduarda Silva: Meu nome é Maria Eduarda, conhecida como Duda. A gente conheceu muito pouco, assim, algumas culturas que tem a mulher no poder, assim, fazendo as coisas girar e eu estou aqui como uma integrante nova no coletivo, fazendo tudo entrar nos trilhos, dando certo e apoiando cada vez mais.

Taylane: É isso aí! Bora começar? Sobe o som e vem com a gente!

Taylane: Os coletivos, segundo a União das Ações Unidas, a Onu, são mobilizações, principalmente feitas por jovens que promovem debates e soluções para desafios e ambientes vividos pelos participantes.

Isabelle: Os coletivos culturais, sociais e políticos falam através da arte, do diálogo e das manifestações públicas também. Em levantamento feito por nossa equipe e colaboradores, há cerca de treze coletivos em Presidente Prudente. Alguns são protagonizados apenas por mulheres.

Taylane: O Santo Útero, que é das meninas que estão aqui com a gente hoje, é um movimento cultural feminino que, através da arte, elas buscam visibilidade e o empoderamento das mulheres. Meninas, contem para gente como, onde e porque surgiu o coletivo de vocês.

Isabella Balieiro: Bom, é, o coletivo ele nasceu com uma ideia de trazer representatividade para as mulheres dentro da cena do *hip-hop* aqui em Prudente.

É, tem a Batalha do Vale que acontece ali perto do Prudenshopping, só que, infelizmente, é só uma menina que participa e a gente sentia muito, não privada, mas não sentia que aquele espaço receberia bem nossas pautas e nossas questões. Outra questão também foi de reavivar né, a praça da Vila Geni, que é onde a gente sempre faz o movimento acontecer e foi com esse intuito de dar empoderamento, visibilidade, tanto econômica também, porque existem várias mulheres que são autônomas e vendem seus produtos na rua e tudo mais, quanto cultural, então, é, foi algo pensado para um todo, não só para nós mulheres, mas como também para a comunidade ali da Vila Geni né, porque o nosso lema né, “que não é Natal, mas o corre é para geral” (risos), entendeu? Então o nosso intuito é visar a mulher no *hip-hop*, só que é conscientizar toda a comunidade, não só as mulheres, porque a gente é vítima do machismo e quem pratica machismo são os homens.

Taylane: Claro! E por que vocês escolheram o parque da Geni?

Isabella Balieiro: A localização, é uma ótima localização, é perto do Prudenshopping, atrás do Muffato Max e é uma praça muito debilitada de serviços públicos, tanto é que no lançamento do coletivo a gente teve que carpir praticamente toda a praça, tiramos mais de vinte sacos de lixo lá e é um local que tem muitos usuários de droga, então as famílias, ali, elas não conseguem passear, levar os filhos para brincar. O parquinho, quando a gente chegou lá, tava mais ou menos, a altura do mato um metro e meio. O que deu mais vontade ainda, de continuar naquele local, foi quando a gente foi tentar carpir, porque a gente cortou o mato, fez, varreu, tirou todas as garrafas de vidro, foram que os próprios moradores deram incentivo para gente. Na praça não tem ponto de energia, a energia que vem é disponibilizada de uma menina, uma mulher que mora ali atrás da praça e ela nem hesitou em deixar a gente pegar, puxar energia da casa dela, nem esperou a gente falar praticamente, ela só falou: “não, vai ali atrás e pega, se é para movimentar a praça, então vocês tem o meu aval”. Teve outro senhor que passou, viu a gente arrumando ali, perguntou o que que era, foi na casa dele, pegou a enxada, o seu Val, que é um ótimo morador ali e ajudou a gente praticamente a carpir o parque inteiro. Isso na sexta-feira, porque o lançamento foi no sábado, porque o nosso intuito é fazer todo segundo sábado do mês essa batalha e aí já chegou outro morador, o seu ‘Cabelo’ (risos), o seu Francisco, que tem 72 anos e também não mediu esforço, foi, pegou a enxada, ajudou e todos os moradores do bairro meio que incentivaram a gente, sabe, por conta dessa estagnação da praça mesmo.

Taylane: Com quantas meninas o coletivo começou e quanto tem hoje, atualmente, assim, por batalha?

Isabella Balieiro: A gente começou em quatro, em cinco, só que uma delas foi para Foz do Iguaçu, que já está movimentando a cena lá, está fazendo já a batalha feminina lá e agora somos em sete, mais a Jenifer que está lá em Foz, então, estamos em oito.

Taylane: E Duda, você. Você falou que faz pouco tempo que você está no coletivo e tal. Quanto tempo você começou e como é a sua participação lá e tal?

Maria Eduarda Silva: Eu comecei recentemente, há um mês atrás da volta de Recife, onde eu estava absorvendo e observando muitas coisas que mulheres precisam estar na cena, então, já vi em muitos mutirões de tinta de estar mãe no

‘rolê’, mãe grávida, mãe com criança e estar mãe presente no ‘rolê’, então por mais mulheres no ‘rolê’ independente, seja mãe ou não. Então, eu fui em busca de outras possibilidades, de outras visões e foi lá que eu adquiri que aqui no Oeste Paulista, aqui na cena do interior mesmo a gente precisa estar tomando espaço, né, porque a gente cansou de pedir com jeitinho, agora a gente tem que tomar de assalto a cena mesmo, porque a mulher tem que estar envolvida em tudo. Então é isso que o homem não esperava né, que mulher ia estar grafitando como eu grafito, mulher ia estar rimando, mulher ia estar ‘manguinando’ também, vendendo poesia no sinal, fazendo coisas que não é só para homem.

Taylane: Carpindo! (risos)

Maria Eduarda Silva: Carpindo também! E tipo assim, eu sempre tive o intuito de chegar, fazer parte, que eu gosto de trabalho coletivo, gosto de trabalhar em equipe, esse tipo, sempre quis ter uma coisa assim que tivesse várias ‘minas no rolê’ assim, para você e olhar e falar ‘cara só as mina presença mesmo assim’, que você quer cada vez mais estar junto! Aí eu tive a iniciativa, mas antes de eu viajar eu pensei, aí quando viajei, fui para Brasília, fui para Tocantins, depois fui para Recife e eu cheguei aqui e fiquei muito “caraca, as meninas estão fazendo um rolê massa, assim”, tipo eu quero chegar junto. Aí eu cheguei, a gente carpiu, ficamos das quatro horas da tarde até umas onze horas quase carpindo e só deixando mais grandioso o evento, porque como é mulher que está planejando, está executando, sempre tem um detalhe mais agradável, tipo uma coisa mais delicada né, que é coisa que o homem não tem (risos) e isso é assim gente, é se unir e fazer revolução feminina, ‘*feminiganster*’.

Taylane: Claro! Quais são as peças artísticas que vocês promovem lá? Tipo, o que que vocês fazem, que nem, vocês comentaram sobre grafite e tal. Conta, explica mais ou menos o que que vocês fazem, cada peça.

Isabella Balieiro: Bom, é, no lançamento do coletivo, é, teve uma roda de conversa sobre a reforma da previdência. O nosso intuito é sempre, é, além da batalha feminina né, é trazer assuntos que permeiam a nossa vida, então, é, vai ter uma próxima batalha no dia onze, agora e vai ter uma roda de discussão sobre a desigualdade salarial feminina. Então, a gente promove a batalha ‘3M’, que é movimento manas e minas e dentre a batalha a gente tenta fazer roda de conversa, oficina de *breaking*, oficina de rima, porque como é um espaço negado para gente, não explicitamente, mas é negado, a cena *hip-hop*, é muito difícil as meninas começarem a rimar, tem vergonha, acha que, sabe, acha que não vai conseguir e através da rima a gente consegue expressar muita coisa que a gente sofre no nosso cotidiano, só que a gente não consegue aprender a rimar sem começar, então, as oficinas é justamente para isso.

Taylane: É e como vocês conheceram o cenário *hip-hop*? Como vocês se identificaram com ele?

Maria Eduarda Silva: Eu me identifiquei após, é, eu estar no meio artístico que era ‘pixar’ e grafitar igual assim, que você sempre está fazendo uma coisa que é, como diz, violência, tipo, da família ou violência da cidade mesmo, você mexer em uma coisa que você não pode mexer, padronizado. Aí eu senti que eu estava nascendo quando comecei a ter uma manifestação da minha parte artística, envolvendo, tipo, os cinco elementos do *hip-hip*, os quatro elementos, assim, que é massa, que é o

breaking, que sempre que a gente pode, assim, a gente brinca de dançar e a gente está fazendo parte, que é envolvendo a dança, a poesia também, a rima, a arte, cara, mestre de cerimônia assim, quando a gente está no 'nipe', pegando a mão no 'nipe' a gente não imagina que a gente está colocando aquele papel de mestre de cerimônia, a gente está apresentando, então a gente já está fazendo parte já, a gente já está tendo essa responsabilidade, então, esse combo de ser mulher, MC, grafiteira, poeta, várias coisas assim que os homens desacreditam, 'saca'? Porque tem ter um padrão, tem que ter espaço, tem que ter muito nome, fama, status, mas não é assim, cara, é você ter perseverança e você não desistir, independente das críticas e os apontões no dedo.

Taylane: Teve muita crítica? Da onde?

Maria Eduarda Silva: Nossa! A todo o momento, assim, tanto dos caras que estão no movimento, quando vê, "você que está fazendo esse desenho?", "é você que está fazendo essa arte?", ele critica, "você aprendeu com quem?", para ver com quem você aprendeu. Tem muitas manas que desenvolve, como por exemplo, a 'Crown', que ela é tatuadora, ela grafita igual também assim, ela está fazendo arte nos muros e quando ela vai fazer os 'manos' desacredita. E ela fala, 'pô', se você não meter a cara e falar que você consegue, ninguém vai te apoiar, então você tem que ser o diferencial.

Taylane: Claro!

Isabelle: Então, e não é porque é mulher, assim, que não pode fazer, sei lá. O que vocês acham sobre isso, assim, de falarem, por exemplo, isso é coisa de mulher, isso é coisa de homem ou mulher não pode fazer isso? Eu vejo que vocês, assim, tentam lutar por isso. Queria que vocês contassem mais um pouco.

Taylane: E outra coisa, você é geóloga, né. Então você pode ver no seu ponto de vista como profissional, é, como isso funciona, como profissional e como estudante, né.

Isabella Balieiro: Eu acho que é tudo uma questão de construção, né, somos indivíduos que somos construídos a partir da sociedade que nos rodeia e tudo mais, e eu acho que parte da gente, como mulher e como pessoas mais instruídas, né, porque esse acesso que a gente tem não são todas as meninas ainda que possuem e eu acho, nosso papel é começar de pouco a pouco a desconstruir esse papéis que foram dados para a gente, não foram dados, né, foram impostos, são impostos para gente. E meu papel, principalmente como professora, né, é passar isso tanto para os meus alunos, quanto para as minhas amigas, quanto o pessoal lá do bairro, eu acho que é o mínimo que a gente pode fazer, porque infelizmente, no meu ponto de vista, hoje em dia a escola não é mais atrativa, infelizmente, até porque há cortes e mais cortes e vai continuar havendo cortes e o jeito que eu vi, como professora, de chamar esses adolescentes, de construir uma percepção nova para essas crianças foi por meio da arte e eu não me arrependo disso, eu quero levar isso e eu acho que é a partir da arte que a gente vai começar a colocar um pouco de senso crítico, tanto nas mulheres quanto nos meninos, porque a gente não pode pensar que a gente tem que só colocar o pensamento crítico na cabeça das meninas "porque os meninos são os que matam, são os que batem, são os que estupram", então, a educação através da arte eu acho que é a principal chave, assim, para a nossa evolução e para essa desconstrução.

Taylane: Você dá aula para alunos de quais idades?

Isabella Balieiro: Eu estou em formação para aluno do fundamental e médio, só que eu atualmente sou estagiária e trabalho com crianças de três, quatro anos, então já é outra visão e já é uma construção para mim também, para saber como lidar com crianças menores ainda.

Taylane: Até porque, é, se a gente, é uma questão de educação de base, famílias que, querendo ou não, se tem uma linha ou uma pessoa que é uma pessoa mais machista, uma pessoa, é, ignorante nesse sentido, acaba afetando, o senso crítico, né, claro, a criança não consegue, não sei, você vai poder explicar melhor, mas a criança não consegue formar ainda, ela está em uma mutação, né. Claro. Como você se imagina, assim, depois que, você está ainda né, aprendendo e tal, mas quando você se formar, como você se imagina lidando com essas, seja, a criança que ainda está nessa confusão ou aquele que já está mais ligado e a coisa pode ser mais complicada, como que você se vê lidando?

Isabella Balieiro: É, eu acho que, a gente tem que, a criança é como o espelho do ambiente que ela vive, então o meu intuito é não trabalhar só com a criança, não só com a criança e é por isso que também que a gente tenta chamar todo mundo da comunidade lá da Vila Geni, porque a pessoa que realmente não tem acesso, ela, às vezes ela é ignorante, né, vamos colocar uma aspa aí, não porque ela deseja, mas por uma falta de acesso, entendeu? Então, eu acho que o meu papel principal como professora é ser didática, em qualquer faixa etária, em qualquer faixa etária, seja uma criança de três anos ou seja uma senhora de sessenta e cinco. A gente tem que saber colocar os nossos pensamentos e tudo mais de forma didática para que isso seja uma construção mesmo, porque o conhecimento ele é uma construção, né, ele não se dá assim, e eu acho que os movimentos culturais, eles trabalham com a autoconfiança e a autoestima também e você trabalhar com a autoconfiança e a autoestima, você dá o poder na mão do indivíduo, você dá o poder na mão dele para ele saber que espaço público é dele, que ele tem que ocupar um espaço público que é um direito dele, entendeu? Ele tem o direito de transformar esse espaço também por que é dele, entendeu? Então minha linha vai por aí (risos).

Taylane: Sim, claro. E é engraçado, por que, tem gente que ainda tem a visão de que, aquilo é dado, que nem você falou, a pessoa não sabe, gente, os governantes são pagos por nós, somos nós que mandamos.

Maria Eduarda Silva: A gente que gera o capital brasileiro, né. Então quando é algo público, então é para o público, então se tem transporte público é para o público, mas ainda a gente não entende porque que a gente tem que pagar um preço tão alto sendo que é público, né.

Taylane: É legal vocês terem falado nessa questão pública e tal, como que é a relação entre órgãos públicos e os coletivos, em especial o de vocês? Principalmente aqui em Prudente?

Isabella Balieiro: Olha, a gente está tendo uma dificuldade com a prefeitura. Primeiro, porque eles não dão manutenção na praça, simplesmente a praça, até hoje, depois de dois meses que a gente fez o lançamento, pediu o corte da grama, não foi feito o corte da grama, a praça está em situação deprimente, com buraco no meio, criança pode se machucar, correr, se machucar, brinquedos quebrados, então,

essa parte da manutenção do órgão público, que é a praça, não existe. Outra questão é a questão do ofício, porque a gente tem que mandar ofício para utilização da praça, né. Há um mês atrás, eu consegui o ofício do secretário do meio ambiente tranquilamente, mandei o e-mail, em dois dias ele me respondeu com a assinatura dele. Semana passada eu fui mandar o mesmo ofício para utilização da praça no dia onze e eles responderam totalmente diferente, agora a gente precisa de aval da polícia e comunicar a secretaria do desenvolvimento e comércio, alegando que não vai ter nenhum tipo de venda de bebida alcoólica e tudo mais, então parece que eles estão querendo dificultar mais ainda, sabe, não sei se é pelo surgimento de outros movimentos culturais, porque eles não querem 'algazarra'...

Taylane: Isso em um curto espaço de tempo né, a gente está aí no final de abril, em coisa de dois meses eles mudaram radicalmente a opinião, assim, a estratégia para vocês estarem lá. E como que é a relação entre vocês e outros coletivos?

Maria Eduarda Silva: A gente em si, a gente participa de várias intervenções de outros coletivos, mas, os outros coletivos não contribuem com a mesma intensidade, então a gente se vê como um pedaço, né, no meio do nada, assim, mas a gente segue resistindo porque é isso, nada que é fácil presta, então, quanto mais dificuldade que a gente tem, mais grandioso vai ser daqui para frente, então, a gente meio que a gente estava observando que, tem uns coletivos que quer só por ter mais status, mais visualizações, a gente está pensando do povo para o povo, a gente está como, poder entrar no lugar do próximo, a gente vê outra realidade, a gente sai da nossa zona de conforto para poder dar uma atração melhor para a população que está lá, que dá o seu tempo, doa o seu tempo para estar compartilhando com a gente, vivências, dando risada, podendo compartilhar um pouco das coisas que eles sabem, pelo bairro, assim, dando tipo outras coisas boas, sim, outras ideias para a gente fazer um coletivo com mais diferencial, com mais criatividade para gerar coisas melhores para a população. Mas, a gente se sente sozinha sim, porque a gente vê vários coletivos, assim, chamando a gente para apresentar, chama a gente para conferir e compartilha, mas quando a gente quer retribuição não têm, aí a gente se sente sozinho real e é isso aí é difícil mesmo, mas aí é que está, vê com quem andas para tu vê quem tu és, então a gente está aqui não é para diminuir ninguém, só para ver quem é que está do nosso lado real.

Isabelle: É, são várias barreiras, são várias dificuldades, assim, que tem que se enfrentar ainda para isso né, até porque vocês são um coletivo recente, né, faz quatro meses que vocês estão aí na ativa, vocês tem muito ainda também que mostrar o trabalho de vocês. E como que isso acontece, por exemplo, na internet? Vocês usam a internet para divulgar isso? É, vocês usam redes sociais? Porque pouco se é falado, né, de coletivos femininos, principalmente na mídia, há não ser nas mídias alternativas. Fala um pouco disso para gente.

Isabella Balieiro: Então, a gente começou com a página no facebook, que é Coletivo Santo Útero e a gente também movimentou o nosso instagram. Um outro meio alternativo que a gente já divulgou também foi por meio de Lamb, LambLamb, na própria praça da Vila Geni, só que é mais por esses dois meios, pela internet mesmo, só pelo facebook e pelo instagram e boca a boca, né (risos).

Taylane: Que sempre funciona muito!

Isabella Balieiro: Muito bem! E aí a gente vai passando, e é legal também que as próprias pessoas do bairro vão passando umas para as outras. Foi muito engraçado, quando eu fui lá a primeira vez, teve o lançamento e tudo mais, teve um senhor que virou para mim e falou assim: “eu estou muito feliz com isso! Eu moro aqui desde 1971 e nunca vi nada nessa praça”, e ele falou assim, “eu vou passar para todo mundo, vou falar para todos os meus vizinhos”, então é isso aí, fala mesmo! (risos)

Taylane: Isso que é legal! E vocês tem a ideia de expandir isso para, talvez, outros lados da cidade, outros bairros, sei lá?

Isabella Balieiro: Não, com certeza. O nosso é um coletivo cultural que dentro do coletivo tem a batalha e a batalha o nosso intuito é selar mesmo, só que isso não impede que nós levamos ela para outros lugares. Teve o Sarau das Minas, o terceiro Sarau das Minas, a gente fez uma apresentação lá, a gente está com o intuito de fazer uma, um coletivo também, apresentar uma batalha mista lá no Galpão da Lua, fazer saraus também, porque a gente tem uma professora de história no nosso coletivo...

Taylane: Qual o nome?

Isabella Balieiro: Tamires! Tamires Ferraz é nome da professora de história e aí ela dá aula no Clotilde e tudo mais e a gente também tem a intenção de fazer saraus nas escolas, já que têm três professoras, eu de geografia, a de história e de arte, então a gente já tem um pézinho ali dentro da escola.

Taylane: Nossa, perfeito! Muito bom. E como vocês se mantêm? Existe, é totalmente voluntária a ação de vocês ou tem uma arrecadação de dinheiro? Não sei...

Isabella Balieiro: Ó, começou da gente tirando as moedinhas do bolso mesmo (risos), juntando e tudo mais, só que como os outros coletivos, outros grupos, eles passam o chapéu né, para arrecadação...

Taylane: Sim, é, eu pensei nisso. Batalha do Vale. Foi a primeira coisa que eu pensei.

Isabella Balieiro: Sim, nós meninas passamos a calcinha! (risos)

Taylane: (risos)

Isabella Balieiro: A gente tem uma calcinha e aí a gente passa para o público contribuir e a gente também vende doces, rosadeiro, chama rosadeiro, que é um brigadeiro rosa e aí é assim, é, com a contribuição da própria galera que está lá mesmo.

Taylane: E a galera vai mesmo, investe...

Isabella Balieiro: Vai, ajuda e qualquer ajuda é bem-vinda, entendeu? Sei lá, cinquenta centavos que três der já dá para comprar um leite condensado, sabe, então, é assim.

Taylane: E esse dinheiro, esse investimento vai para quê dentro do coletivo?

Isabella Balieiro: A gente tem o intuito de, é, deixar no coletivo mesmo e investir para as meninas irem para outros eventos, outras meninas de outras cidades para eventos que a gente faz aqui em Prudente, então tem o encontro nacional das mulheres no *hip-hop* que a Duda já foi, ela pode falar melhor...

Taylane: Legal! Depois ela vai contar essa experiência, eu quero saber!

Isabella Balieiro: E tem outros encontros, têm meninas de Assis que fazem batalha também, tem a batalha das gúrias lá em Brasília que é muito famosa, que ela foi também...

Taylane: Ah! Você vai contar então essa!

Isabella Balieiro: Então, são vários coletivos mesmo de mulheres que está surgindo em todo o Brasil e a gente tem o intuito de fazer esse dinheiro ser um investimento para esse intercâmbio cultural, né, porque a gente vive aqui, não é a mesma coisa que as meninas vivem lá em Brasília, que vivem lá em Sergipe, então, esse intercâmbio cultural e de conhecimento é de extrema importância para o nosso crescimento, né.

Taylane: Claro. Contra para gente, então, Duda, como que foi.

Maria Eduarda Silva: Então, a gente saiu daqui entre seis garotas daqui, divididas, a gente foi de avião, né, para Recife, no Fórum Nacional de Mulheres do Hip-Hop, é nacional, então envolveu oito, nove, dez, quase doze, todos os estados brasileiros, a gente teve várias conexões diversas assim e realidades diferentes, assim, que, algumas são mais fáceis e outras são três vezes mais difíceis. E a gente viu que cada mulher se empoderando na sua fala e mostrando assim o quanto tempo já está na atividade de mexer com os elementos do *hip-hop* assim, de estar sendo firme em cada coisa assim que é estar na batalha, sarau, vários eventos que é 'mina' que está fazendo. Eu tive uma experiência, que eu fui para Brasília, ano passado, em novembro, quase outubro, eu fui na batalha das gúrias que era um plano piloto de Brasília, é a parte política que é da cidade, então é a região mais movimentada. Então era uma resistência, assim, as 'mina' ocupavam uma parte de um prédio, um prédio tipo bem acessível assim, que é da cidade, mas ao mesmo tempo ele quer privatizar, aí era a frente do teatro assim, as 'minas' colocavam as caixas, dois 'mike', um notebook para soltar os *beet* e lá faziam várias versões assim, até para trazer pessoas de fora, para fazer a cena cada vez ficar maior. E foi lá que eu conheci várias 'mana' que está nascendo aqui, alguma das mana eu encontrei nesse Fórum Nacional do Hip-Hop, encontrei uma DJ 'massa', assim que ela vive só, vive só tocando, não trabalha, ela só estuda e trabalha com a sua música, com a sua arte. Então, foi várias referências que a gente tem de lá, com a Lins também que ela toca, ela é professora de recreação, trabalha com criança, trabalha com adulto também, então elas começaram a mostrar para gente as diversas realidades que tem em cada estado e realmente, Brasília não é fácil. Brasília é três vezes mais difícil que Prudente, porque lá o policiamento é maior, lá a agressão é mais, então lá você não tem direito real se você está dentro do plano piloto e estando dentro do piloto ou fora as agressões ainda continuam, verbal ou física. Já em Tocantins, que eu fui também, tinha uma movimentação das 'mina' que fizeram uma batalha lá junto com os 'mano', que foi a batalha do ginásio, mas as 'mina' que estavam na cena, então, eu peguei também assim uma realidade diferente que é poucas 'manas' no 'rolê', as 'manas' estão lá, mas, estão e não estão, então ela só estão para o 'rolê'.

Então, depois que a gente foi no Fórum, que tava a Lorena, tava ali ‘black’ na cena, Vieira, a Lara, a Nath e eu, a gente pegou uma visão assim que, a gente reclama de muita coisa daqui que em outros estados eles passam pior. Então, depois que a gente, teve o último dia de evento, que foram três dias de evento, três né ou quatro dias de evento e foi disputa entre ‘poptshow’ e uma batalha e encerramento com grafite. E cara, foi assim, uma desorganização no início, porque só as ‘mana’ que estava organizando, então, tinha briga interna dentro do coletivo delas. Aí que fez que a gente se atrasasse um pouco, que ela segurasse as pontas, sem demonstrar que estava acontecendo algo, aí a gente ‘sacou’. Aí chegou no último dia, a gente sentou e conversou e falou “se a gente ‘manas’ não se reunir para melhorar, não vai ter diálogo, não vai ter iniciativa de nenhuma coisa, ‘saca’?”, porque, cara, uma melhor pensando é massa, agora dez cabeças pensando, pensa, muitas possibilidades, então é muitas coisas diferentes, então foi assim que a gente pegou um modo de pensar no próximo, pensar na outra realidade da ‘mana’, se organizar, planejar, então, estar focada nisso, ‘pô’.

Taylane: Como que vocês veem a sororidade aqui em Prudente? Porque você falou, né, do país, teve esse caso de richa e tal, como que é aqui em Prudente?

Isabella Balieiro: É, eu acho que tem muita ‘mina’ apoiando as ‘minas’ sim, tem muita ‘mina’ forte por aí, só que a gente precisa de mais diálogo, realmente, é, ir no slam, no Quilombo de Dandara que é feito praticamente por mulheres, ouvir as mulheres, eu acho que a gente tem que parar de dar audiência assim, entre aspas e não entre aspas, para só os movimentos que visam os homens ou que não falem da nossa demanda, porque a gente pode estar em um espaço que tenha mulheres, só que não fale o que a gente passa e acontece isso em diversos âmbitos, até na universidade, muitas vezes.

Taylane: Uma coisa que eu pensei agora. O que que a família de vocês pensam do coletivo? Eles tinham uma visão? Mudou? Como que é?

Isabella Balieiro: Bom, eu me encontro atualmente sozinha aqui em Prudente, minha mãe, ela, mesmo morando fora, ela apoia totalmente, ela vê como um acesso que ela não teve, então, até hoje, a gente conversa assim e às vezes ela fala assim “nossa, você é tão mais nova que eu e está me dando conselho?”, mas, “eu não estou te dando conselho”, são coisas que eu tive a possibilidade de aprender, eu tive a possibilidade de entender as construções que são nos dadas e por isso que eu tenho esse meu posicionamento, não que você não possa construir o seu posicionamento, mas isso é um “vamos construir isso juntas” e ela fica, vixe, ela fica orgulhosa, super orgulhosa.

Maria Eduarda Silva: A minha mãe ela sempre me apoiou, desde quando eu falei que eu só queria viajar, assim, no mundo. Aí quando ela descobriu que a gente ia para Recife aí ela endoidou (risos). “Como assim vocês vão para Recife? Vão ficar um mês fora, um semana fora, assim?”, aí eu falei “então mãe, vai acontecer isso, assim, vai ter um negócio, um fórum, vai ser muito bacana que vai ser, outra dicção nova, outras coisas assim para gente debater. Aí depois que ela descobriu que eu estou perto do coletivo, assim, que eu estou fazendo parte, ela está apoiando, porque, eu realmente falo do valor que a gente tem e não é pouco, então, é uma coisa que não é incomparável porque é único, é um valor único e cada mulher sabe o seu valor, então, eu valorizo ela, nas escolhas dela como, eu valorizo a importância que ela tem comigo, assim, a dedicação que ela me dá eu dou igual,

assim, é uma coisa muito, como eu falo, recíproco, né. A gente tem que amar nossas mães, amar nossas irmãs, manas, né, a gente tem que dar o conhecimento que a gente tem, o nosso valor, então ela começou a me ver eu valorizando a cena, ela começou a valorizar ela e me valorizar cada vez mais, porque a gente não está aqui por brincadeira, realmente aqui a gente já passou por vários perrengues, várias coisas assim que, inúmeras, que não dá para contar nem nos dedos dos pés e nem das mãos, então a gente é mais que resistência.

Taylane: Claro, e vocês estão mudando o cenário até de família, uma coisa assim, vocês estão construindo uma coisa muito maior, né, não é uma coisa de bairro. Realmente vocês falaram, vocês querem expandir, isso está sendo expandido, já está tendo diferentes em pouco tempo, né, de coletivo. É, se vocês pudessem resumir qual é a sensação de estar participando de um coletivo? Como vocês poderiam resumir?

Isabelle: Eu tenho essa curiosidade também! Porque Santo Útero?

Taylane: É verdade!

Isabella Balieiro: Santo Útero vem da questão do útero ser muito demonizado, né, da nossa menstruação ser muito demonizada e todos viemos de lá. (Risos). Entendeu? Independente de qualquer coisa, todos nós passamos por um útero, então, é, a visão, passa a visão que deusa mulher, é, isso, independente de qualquer coisa e o intuito do coletivo eu pego um pouco do pensamento do David Harvey, que é um geógrafo estadunidense e tudo mais que fala essas questões, que fala que os movimentos culturais e os coletivos eles vem com a intenção de fazer transformações necessárias, seria uma contracultura de respeito, né, que a gente, é, por meio da cultura a gente quer ganhar o nosso respeito e quer ganhar o nosso espaço e *territorializar* seja onde for, então, que o intuito é esse mesmo, fazer as mudanças necessárias através da nossa rede feminina e levantar cada vez mais mulheres, empoderar cada vez mais mulheres e levar cultura independente de qualquer forma.

Taylane: Duda, resume para gente como é participar do coletivo.

Maria Eduarda Silva: Para mim é muito gratificante, eu me sinto em casa estando com as manas, então já faz parte da família, é cada vez mais, assim, confortável, de você estar na cena, você rir com garotas, você está vendo, assim, você só vê só sua face, assim, você fala, "*caraca*, aqui é o meu lugar! ", por que geralmente como eu, também rimo em batalha com garotas e eu não vejo o respeito, nem nas palavras e nem nas atitudes, *elas não se põe* no lugar do próximo nem de pensar. Realmente, assim, quando a gente está dentro do coletivo a gente vê o amor, o carinho e a admiração, que é uma coisa que poucas pessoas tem e quando você está lá você se sente um momento único, é onde a gente se abraça, troca de energia, a gente cuida uma da outra, que a gente tem que cuidar uma da outra, não soltar a mão de ninguém e estar perto do Santo Útero, só de falar que a gente é santa, né, Santo Útero, é um negócio bem gratificante mesmo, que, é um nome que chama atenção, Útero, todo mundo gera de lá, todo mundo é plantado pelo útero, então, eu me sinto acolhida, grata e cada vez mais eu quero retribuir as coisas que elas fazem por mim, para gente ter mais que um coletivo e sim uma irmandade.

Taylane: Sim. Meninas, reforcem, é, as redes sociais, para as pessoas poderem entrar em contato com vocês, conhecerem mais, né, o coletivo.

Isabella Balieiro: A Batalha acontece todo segundo sábado do mês, ali na praça da Vila Geni, Rua dos Paulistas, mil seiscentos e sete, pertinho do Muffato Max, e é isso. O Instagram é @santoutero e no Facebook Coletivo Santo Útero, sempre que a gente pode a gente divulga dados, é, fazemos rodas de conversa, oficina. Se você mulher artista quer expor, quer fazer algum grafite, quer mostrar sua, seu rango que vende na rua, pode ir lá, pode colar, porque o espaço é nosso e a gente tem que ocupar os espaços públicos.

Taylane: Com certeza. Gente, muito muito muito obrigada pela participação de vocês. É muito importante a gente mostrar os coletivos, principalmente os daqui da região de Prudente, porque eu acho que vocês fazem muito a diferença por aqui, é e aí é isso, ué. Se vocês quiserem falar mais alguma coisa, acrescentar mais alguma coisa. A gente fica muito feliz por vocês estarem aqui.

Maria Eduarda Silva: Eu queria convidar todas as manas, é, vocês fazem parte de uma família e a gente somos todas unidas, não é fácil ser mulher e é uma resistência sempre, então ninguém solta a mão de ninguém, vamos curtir, vamos compartilhar a nossa cena, vamos falar para a família, para o próximo, para ter mais manas no rolê e para ter mais mães no rolê também, família no rolê e é isso gente. Obrigado. Gratidão

Isabelle: Obrigada Isa e Duda pela participação!

Isabella Balieiro: Gente, eu só tenho a agradecer, é, dar esse espaço para gente divulgar o nosso coletivo e é isso. Eu espero que vocês conheçam a batalha...

Taylane: Agora todo mundo tem que colar nessa batalha!

Isabella Balieiro: E que cada vez essa rede fique mais forte.

Taylane: Obrigada Isa, Duda. E para você que está ouvindo o nosso podcast, espero que vocês tenham gostado e conhecido um pouco como funciona os coletivos, principalmente os daqui de Prudente. É, mais um episódio do Manas chega ao fim e eu espero você no próximo, né e até mais! Tchou, Tchou.

Isabelle: Até a próxima, tchau tchau.

TRANSCRIÇÃO DO PILOTO #04
#04 EMPREENDEDORISMO FEMININO E MATERNO

APRESENTADORAS: LARISSA OLIVEIRA E TAYLANE FERNANDES

CONVIDADAS: ADIANE MONTEIRO E RAFAELA CACCIATORE

Taylane: Olá! Começa agora mais uma edição do Manas, podcast voltado à informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Eu me chamo Taylane Fernandes e em todos os episódios a gente vai estar juntas para discutir e debater sobre os assuntos do nosso universo. E junto comigo... Estou aqui com a Larissa Oliveira.

Larissa: Olá, Taylane. Tudo bem?

Taylane: Tudo bem Larissa? E hoje a gente vai falar sobre empreendedorismo feminino.

Larissa: Que bom, Tay! Bora lá então para a nossa pauta?

Taylane: Bora.

Larissa: É, o assunto discutido será o empreendedorismo feminino e também materno. Não é novidade que as mulheres sempre estiverem presentes e atuando no mercado de trabalho, mas quando estão à frente de diferentes tipos de trabalho, essa situação muda, não é mesmo?

Taylane: Sim, com certeza, é, a gente teve uma luta muito grande para conseguir espaço e o nosso próprio espaço, né, porque uma coisa é a gente trabalhar para alguém e outra coisa é a gente trabalhar por conta própria, então isso é muito importante. O empreendedorismo ele tem se tornado cada dia mais freqüente, segundo uma pesquisa feita pelo Sebrae, a maioria das mulheres empreendedoras são chefes de domicílio, ou seja, elas que são independentes financeiramente, né. E esse número, no último ano, subiu de trinta e oito por cento para quarenta e cinco por cento, então, as mulheres estavam avançando ainda nesse trabalho.

Larissa: Pois é. E pensando nisso, trouxemos para essa edição duas mulheres, uma no incentivo do empreendedorismo e a outra no ramo do empreendedorismo materno.

Taylane: Bom, eu vou começar com a Adiane. Oi Adiane, tudo bem? Bem-vinda ao nosso programa! É, se apresenta, fala de você, quem você é!

Adiane Monteiro: Oi Tay, oi Lari, oi Rafa! (risos). Eu sou Adiane, a Di, como queiram, eu sou então uma mulher, mãe de três, casada com o Giovani gatíssimo (risos). Sou, então, empreendedora por vocação, nasci empreendedora e mesmo que eu tenha muitos lugares, intra-empresário, esse também é um termo aí em voga pelo qual eu também trabalho bastante. Eu, então, sou hoje fundadora de um negócio social que é o Mais Instituto, dentro do Mais Instituto nós temos três iniciativas sociais. A gente tem o Mulher Mais, que empodera mulheres para

empoderar mulheres e gerar um ciclo virtuoso aí, nós temos o Menina Mais, trabalhamos então com meninas para mostrar para elas que elas podem ser o que elas quiserem e temos então o Empresa Mais que desenvolvemos, então, as atitudes intro-empendedoras dentro das empresas.

Larissa: Que arrasão!

Taylane: (Risos)

Larissa: É isso aí. E agora a nossa outra convidada é a Rafa. Oi Rafa, tudo bem? Fale um pouquinho sobre você para gente.

Rafaela Cacciatore: Olá, meninas!

Larissa e Taylane: Olá! (risos)

Rafaela Cacciatore: Bom, é um prazer, é, ter recebido esse convite e estar aqui com vocês hoje. Eu sou a Rafa Cacciatore, sou proprietária do espaço Mãe Coruja, é, que é uma clínica de saúde da mulher em apoio à maternidade e no final do ano passado eu idealizei e fundei um projeto chamado Negócio de Mãe onde a gente empodera mulheres para que elas se mantenham ativas financeiramente, né, mas especificamente mulheres mães.

Taylane: Legal. Bom, agora que todo mundo está apresentado, todo mundo se conhece, vamos começar? Mas só depois da nossa vinheta, claro.

****Vinheta****

Taylane: Bom, meninas, eu queria saber como surgiu o interesse de vocês em serem mulheres empreendedoras, então, as duas, contem a história. (risos)

Adiane Monteiro: É muito legal, porque eu e a Rafa a gente se conhece já bastante, acho que se bobear a gente pode contar uma a história da outra.

Taylane: (Risos)

Adiane Monteiro: Mas, vamos lá... é, primeiro, acho que é importante eu dizer quando eu me conheci enquanto mulher.

Taylane: Claro.

Adiane Monteiro: Eu acho que eu me vi enquanto mulher aos vinte e seis anos de idade, quando eu tive a minha primeira filha. Nossa, Adiane, como assim? Não, assim, porque até então eu tinha tido um percurso muito normal e sem, digamos, muitos obstáculos. Meus pais em casa nunca me fizeram entender que eu era diferente de qualquer homem, na universidade onde eu estudei, nos estágios onde eu fiz, é, eu nunca tive essa impressão. Até um dia, então, que eu tive a linda lohana, então, aos vinte e seis anos de idade, trabalhando fora do Brasil, nessa época, então, eu era gerente de uma multinacional fora do Brasil, eu descobri, então, que eu era mulher, porque eu tive que, eu descobri que estava grávida, é, uma gravidez que eu não tinha planejado e eu tinha acabado de ser colocada em um projeto onde eu ia trabalhar com dezessete países diferentes. Então, eu me vi tendo que anunciar ao meu chefe na época que, desculpa, estou grávida. E no momento onde eu disse desculpa, foi o momento que eu descobri que eu era

mulher, porque, depois você refletindo é um absurdo que alguém tenha que pedir desculpa por estar grávida. E aí depois de muitas outras questões, eu fui cada vez mais me atualizando sobre a temática, inclusive porque eu participei dentro dessa empresa, fui escolhida como um grande potencial dentro da empresa e passei por diversos cursos e já naquela época a gente falava muito a questão do gênero dentro da empresa e a importância para essa diversidade dentro do resultado mesmo para os negócios, né. Então, cada vez mais eu fui buscando esse tipo de informação, me interagindo. Quando eu decidi voltar para o Brasil, eu e meu marido, então, eu sempre brinco, falo que eu fui mochileira e voltei com uma mala cheia, porque eu fui solteira, sem filhos, sem ninguém e voltei casada com três filhos, o terceiro na barriga. Eu fui morar no Rio de Janeiro e na época, então, eu morava na Barra da Tijuca e fui fazer a minha primeira entrevista em Botafogo, quando eu demorei três horas e meia para voltar para minha casa. E aí foi nesse momento que eu disse que todo o empreendedorismo que eu já vinha trabalhando dentro da empresa, ele se transformou em empreendedorismo, porque com três filhos eu não iria de forma alguma, né, passar três horas e meia para voltar do meu trabalho, é, sabendo que eu tinha um tesouro muito maior dentro da minha casa e foi aí então que eu fui empreender. Então, eu comecei empreender como uma forma de conseguir conciliar trabalho e família e poder ser feliz, porque eu sou, eu, Adiane, sou uma pessoa que eu preciso trabalhar também para ser feliz, eu não posso apenas me dedicar a minha casa. Então, é por isso também que eu trabalho tanto hoje, é, pelo o que a gente chama de work life beless, que, o meu sonho, é, meu sonho mais profundo, é que toda a mulher possa realizar todas as áreas da sua vida e ser feliz.

Taylane: Rafaela.

Rafaela Cacciatore: Bom, meninas, eu posso dividir aí essa questão em duas vertentes. Eu comecei a empreender, é, eu sou advogada e advoguei durante seis anos, e aí insatisfeita com o meu trabalho resolvi abrir uma empresa, pesquisei um nicho, me identifiquei com o segmento materno, apesar de não ser mãe e a minha dedicação para o empreendedorismo de outras mulheres mães se deu em razão de eu identificar a necessidade delas. Então, eram as minhas clientes, começou com as minhas clientes, eu ouvindo reclamações das minhas clientes, é, muitos medos, ansiosos com relação ao trabalho versus a maternidade, então, eu pensei de que forma eu poderia contribuir com isso já que eu tinha, mesmo não sendo mãe, já sabia um pouquinho do empreendedorismo para mim, né, eu dividi com elas, é, o que eu aplico dentro da minha empresa e ainda a gente forma agora uma rede de apoio para empoderá-las mesmo, para poder incentivar a continuarem com essa, numa relação aí de amizade com o trabalho e a maternidade.

Taylane: E conta para gente como, Adiane também, principalmente, você faz palestras, incentivam outras mulheres... Como que funciona isso? As mulheres aceitam legal? Como que vocês chegam até elas? Como que é essa troca?

Adiane Monteiro: É, bom, então, eu comecei primeiro, a gente volta lá (risos), né e dentro desse empreendedorismo, é, eu não estava contente por estar também dentro de um escritório e aí eu fui então querer ter um escritório onde eu pudesse ter os meus filhos juntos, que era o que eu chamava na época aí de coworking, espaço de coworking e convivência familiar. E foi aí, então, que eu descobri o Inhumas e eu fui encubada, então, pelo Inhumas, negócio social para quem não conhece, né, o Inhumas foi quem cunhou esse termo negócio social, ele também é criador do

Microcrédito, Prêmio Nobel da Paz e eles tinham um programa de encubação em São Paulo. E aí eu passei por esse programa, para mim foi um aprendizado, assim, incrível e foi onde eu também me encontrei enquanto negócio social. E dali então começaram a surgir outras ideias, é, eu já tinha uma empresa, tinha uma empresa de consultoria na época, que eu ajudava empresas estrangeiras a virem para o Brasil e também trabalhava com toda parte dos despatriados, né, que são aqueles profissionais que vem trabalhar no Brasil a mando de uma empresa e normalmente, noventa e nove por cento ainda são os homens que são transferidos e a mulher acompanha. Infelizmente, no Brasil, essa mulher não tem direito à visto enquanto visto de trabalho, né, enquanto acompanhante, ela não pode exercer nenhuma atividade remunerada, falei, meu, o que que eu consigo fazer com essas mulheres? Elas são um tesouro, elas estudaram lá fora, elas tiveram uma carreira, o que é que elas podem fazer de melhor? Eu já tinha essa questão mesmo de incentivar o empreendedorismo, foi aí que eu comecei a dar capacitação empreendedora em algumas comunidades do oeste do Rio de Janeiro e colocar essas mulheres então estrangeiras em contato com essas mulheres que a gente estava capacitando para que elas continuassem sendo como se fosse um business coaching aí, fazendo assim uma consultoria posterior, né. Então, esse trabalho com mulheres começou aí e em paralelo eu também tive um piloto do meu espaço de coworking, que foi feito dentro de uma escola de circo, então, eu criei um espaço de escritório onde eu podia trabalhar enquanto meus filhos estavam fazendo circo, dança, música, artes e tudo de bom, tudo o que eu mais amo, e que eu acho que é importante também para o crescimento de qualquer pessoa. E aí, então, dentro de todos esses projetos que eu fui fazendo, né, sempre projetos, é, muito interligados, eu fui cada vez mais descobrindo que o que realmente eu queria, né, que era esse meu sonho hoje e hoje é por esse sonho que eu trabalho. E aí como que a gente trabalha? Eu trabalho então através das palestras, né, então tem palestras presenciais que eu vou aí por vários lugares, eu trabalho também, a gente tem um evento que chama Mais Que Um Café, então, quem estiver nos escutando, for aqui da região ou mesmo de qualquer outra cidade, queira levar o Mais Que Um Café para a sua cidade, é só levantar a mão, a gente explica como tudo funciona, é um evento, então, onde ele acontece dentro dos quatro pilares do Mulher Mais que é o Eu, Trabalho, Família e Comunidade, normalmente é quatro cafés por ano para gente incentivar realmente as mulheres a essa troca, né. Então, recentemente, por exemplo, a gente fez um em Presidente Epitácio e dali surgiu uma ideia, porque tinham mulheres da área da moda, maquiadoras, pessoas cabelereiras e surgiu a ideia de repente da gente fazer um desfile na cidade, né, uma coisa que a gente ainda não tinha visto. Então é realmente essas conexões a gente incentiva, a gente tem um outro evento que chama Ciclo de Palestras de Empreendedorismo Feminino, a gente já fez em Prudente, foi super legal, na verdade, eu brinco bastante, como a gente é muito empreendedora, a gente trabalha muito dentro dessa lógica de MVP, né, que a gente fala dentro das startups que é o Mínimo Produto Viável, nada mais é que um piloto, é o que você tenta fazer. Esse ciclo, por exemplo, foi apenas um ciclo que a gente falou é dia das mulheres, vamos fazer alguma coisa legal, convidamos várias mulheres daqui da cidade de Prudente que a gente conhece, que a gente adora o trabalho. Vocês não querem vir conversar com outras mulheres que querem empreender? Elas vieram, a gente teve o que, nem uma semana de divulgação e tivemos quase setenta pessoas que apareceram em uma terça-feira à tarde, ficaram lá das duas horas da tarde sentadas até sete horas da noite, sentadas, sem coffe, sem nada, assim, né, eu fiquei até com dó depois, eu falei, meu Deus, como que a

gente é malvada, né, a gente não deixou nem o pessoal levantar para tomar uma água, mas é que estava tão bom, a discussão era tão boa. E aí, a gente viu que o pessoal estava querendo isso, então esse final de semana agora, dia oito, Ciclo de Palestras já saindo de Prudente, a gente está fazendo em Campo Grande, então, estamos levando já o Ciclo de Palestras de Empreendedorismo Feminino também para Campo Grande. Então, o que mais a gente quer é fazer diferentes eventos e de diferentes formas comunicar com o público, né, eu ainda sou uma pessoa muito olho no olho, então eu gosto desses eventos presenciais, eu acho que ainda sou daquela geração passada, né, então eu gosto muito ainda desses eventos. É óbvio que agora cada vez mais a gente está tentando migrar também para o digital, fazer cada vez mais eventos, a gente vai ter Mais Que Um Café digital também, a gente vai ter um outro evento que é para a área de startups, as meninas nas áreas de startups que deve ser no mínimo um e então a gente também está migrando para esse eventos digitais, mas, confesso que eu ainda sou apaixonada por presenciais.

Taylane: Legal você ter tocado nesse assunto do digital, porque a Rafaela também, ela participa, é muito ativa nas redes sociais. E como funciona isso, Rafa, você se considera uma influencer, como que funciona?

Rafaela Cacciatore: Então, eu comecei simplesmente divulgando o meu trabalho, eu queria divulgar a minha empresa.

Taylane: Pelo instagram?

Rafaela Cacciatore: Pelo instagram, porque é o veículo que a gente consegue atingir, é, as pessoas e manter um relacionamento, né, porque elas me mandam direct, perguntam as coisas e então a gente consegue realmente se relacionar e eu não pensava, nunca pensei, nossa, serei uma digital influencer, as coisas foram acontecendo e pelo fato de eu trabalhar, meu foco serem as mulheres que estão vivendo a maternidade, eu consegui construir uma comunidade e influenciá-la de forma positiva, mas não voltada para produtos, mas sim para promover uma qualidade de vida melhor com a maternidade. Então, a minha influência, eu acredito que seja mais para proporcionar, para mostrar para elas, olha, é, tirar um pouco dessa culpa materna que existe muito e as coisas foram acontecendo dessa forma.

Larissa: E a gente quer saber, como que vocês se conheceram?

Rafaela Cacciatore: Eu conheci a Adiane, é, no Negócio de Mãe. Ela, na verdade, assim, a gente já se falou um pouco antes e aí eu participei, é, de uma live para o Mulher Mais e uma semana depois ia acontecer o Negócio de Mãe e foi assim. Agora a gente já está participando de alguns eventos juntas e ela tem razão, eu consigo contar a história dela gente.

Taylane: (Risos). É legal essa questão do empreendedorismo porque mesmo as mulheres, hoje a gente vê que as mulheres querem tomar cada vez mais seus espaços, mas antes, era um tabu, era considerado um tabu a mulher ser protagonista de uma empresa e tudo mais. É, vocês tem exemplos na família de vocês de mulheres que são empreendedoras? É, não sei, talvez, até elas inspiraram vocês a serem empreendedoras? Como é?

Rafaela Cacciatore: Sim, eu tenho. Inclusive a minha mãe, ela trabalha comigo. Ela é uma grande empreendedora e meu principal exemplo, até com relação ao nicho que eu escolhi ela deu um pitaco ali, sabe e que trabalha com isso também.

Taylane: E como funciona, é, o trabalho de vocês?

Rafaela Cacciatore: É, ela é psicóloga, então hoje ela está responsável pelo setor de psicologia, tem ela e mais duas psicólogas e somos em seis estagiárias de psicologia e minha mãe divide comigo todo esse cenário do espaço Mãe Coruja, nos encontros do Negócio de Mãe ela também sempre está presente.

Adiane Monteiro: Bom, como a gente está falando de mãe, é, eu não tenho uma mãe empreendedora em termos de negócio, a minha mãe nunca teve um negócio, mas minha mãe é uma eu-empreendedora, minha mãe sempre empreendeu a vida dela e principalmente nunca deixou ninguém falar para ela o que ela tinha que fazer. Então eu acho que isso, eu puxei um pouco da minha mãe, né, inclusive a gente publicou uma coisa sobre isso esse final de semana, é, minha mãe tinha escrito na contra-capla da bíblia dela uma frase que eu sempre lia e sempre me marcou muito, que é, evite as trilhas batidas, você verá coisas jamais vistas, e eu sempre tive muito isso dentro de mim, então eu acho que isso é uma atitude do empreendedor. É aquele que busca oportunidade onde ninguém vê, né, é aquele que busca sair da zona de conforto, é aquele que não tem medo de arriscar e minha mãe é uma pessoa assim, então as atitudes empreendedoras, sem dúvida alguma, grande parte vem da minha mãe.

Larissa: É, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Qualidade e de Produtividade, o IBQP, em 2017 cerca de 23,9 milhões de mulheres são empreendedoras.

Taylane: É, uma pesquisa também feita pela Rede Mulher Empreendedora descobriu que setenta e cinco por cento das empresárias brasileiras decidiram ter o próprio negócio depois da maternidade. Você, Rafaela, você faz esses encontros com as mulheres e tudo mais. Como que funciona, porque, você querendo ou não também incentiva essas mulheres a serem empreendedoras, né?

Rafaela Cacciatore: Sim. O Negócio de Mãe ele tem dois formatos, eu faço encontros mensais e abro para o público, para gestantes e mães que queiram conhecer e agora a gente já está, já evoluiu um pouquinho isso, então eu tenho um grupo de associadas e o grupo de associadas eu faço encontros, palestras, workshops só para essas mães que estão dentro, é, do nosso grupo fechado e a ideia é fazer um acompanhamento mesmo do negócio, da criação do negócio delas, de acompanhar, é, incentivar do início, assim, para ver se elas estão conseguindo levar adiante a ideia, se está, incentivar também o consumo consciente entre elas, então, se você é uma mãe que está vendendo algum produto ou serviço e tem uma outra mulher que também é mãe e também está vendendo um produto ou serviço, é, porque a gente buscar isso de fora e não consumir entre a gente?

Taylane: Adiane, você também tem um site Mulher Mais, né, Mais Mulher. Por quê a criação dele? Qual o objetivo?

Adiane Monteiro: Bom, então, tudo que era iniciativa chega um momento que tem que virar coisa séria, né, porque se não você não consegue realmente conciliar

aquilo, começa formar uma determinada proporção que as coisas não conseguem ficar só na base da iniciativa. Então, foi daí a necessidade de se criar inclusive um instituto, né, inclusive receber cada vez mais propostas para palestras, né, querer também entrar dentro desse mundo digital onde a gente agora consegue alcançar muito mais pessoas, né, então, a gente incentiva essa necessidade. Hoje, então, o Mulher Mais vem para isso, né, ele vem para gente fazer todos os nossos trabalhos, ainda em termos de iniciativa, como todos esses eventos que eu falei, que são eventos gratuitos, a gente não tem nenhum tipo de, é, de questão financeira envolvida nesses eventos, nós fazemos gratuitamente, as palestrantes sempre trabalham gratuitamente, as pessoas vem também, como a gente também tem uma outra parte para também sustentar tudo isso, né, então, e aí são os nossos produtos digitais e algumas palestras também que a gente executa. Então, de produtos digitais a gente já tem alguns lançados, é, todo mês a gente lança no dia primeiro O Que É Trinta Dias Sem Se Sabotar, né, depois a gente tem também um que a gente brinca que ele chama Pergunte Ao Gênio, a gente ajuda as pessoas a criarem objetivos claros na vida, porque, afinal de contas, se você não sabe aonde quer ir, né, nenhum vento sopra a favor daqueles que não sabem onde querem chegar, né, então a gente tem esse produto, a gente lança um novo produto agora também em julho que é o Gestão de Tempo para Mães, a gente lança também um ebook que é Como Emagreci Brincando Com Os Meus Filhos e por aí vai. Então, tem muita coisa para ser lançada ainda esse ano, justamente buscando atingir um número cada vez maior de mulheres.

Larissa: Legal. E, a Rafa até comentou antes, eu queria saber qual que é o feedback que vocês tem? Que vocês recebem?

Rafaela Cacciatore: Com relação ao Negócio de Mãe ou ao Espaço Mãe Coruja?

Larissa: Com todos, tanto da Adiane, quanto o seu. Qual que é o feedback?

Rafaela Cacciatore: Muito positivo. Eu trabalho com transformação de pessoas, né, gente, tanto dentro da minha clínica como no espaço Mãe Coruja, é proporcionar que essas mulheres vivam a maternidade de uma forma melhor, o feedback é sempre muito positivo. Eu tenho muito contato com todas as minhas clientes, eu faço questão de acompanhar o Mãe Coruja sim, em todos os setores, eu sou muito presente, então eu sei quem são as minhas clientes, eu sei quem são as mães que estão no Negócio de Mãe também, então, o feedback é muito positivo.

Taylane: E para vocês, quais são as maiores dificuldades? Não só por ser empreendedora, no nicho de vocês, quais são as maiores dificuldades?

Adiane Monteiro: Eu diria que tem uma questão que é interior, né. Espera, eu vou voltar. Interior (risos). Então eu venho, é, como eu coloquei, venho aí de experiências tanto fora, do exterior do Brasil, quanto de seis anos de Rio de Janeiro, onde você tem uma outra cultura além do empreendedorismo, onde já tem várias coisas que são ditas, várias coisas que já são postas e aqui no interior ainda você tem muita dificuldade nesse sentido. Então, quando a gente faz Mais Que Um Café, é interessante que as pessoas falam: o que é que a gente vai fazer lá mesmo? Né, como assim? Falar sobre o quê? Falar sobre empreendedorismo, o que é que é isso? Ou, mas vou falar sobre, sei lá, família, mas, não entendi direito. Então, a mensagem, na verdade a gente vive, eu acredito hoje, também um processo de evangelização, né, porque a gente tem que fazer passar uma mensagem clara e as

peças também tem que entender a importância dessas conexões e desse networking e dessa informação e desse conteúdo para a vida dela, muitas vezes, né. Inclusive, recentemente, né, Rafa, eu convidei a Rafa também para um outro evento que a gente organiza algumas vezes ao ano que é o Mulheres Influenciadoras e a gente não teve muita participação neste evento, né, então e aí a pergunta que fica, é, poxa vida, porque, né? Tinha tantas pessoas ali que se dispuseram a contar experiência, o case delas, eu acredito que a gente aprende muito pela experiência do outro e muitas pessoas ainda preferem cair, sozinhas e sem ter, aprender com a experiência do outro. Então eu acho que isso ainda é uma cultura que a gente ainda tem que desenvolver na nossa região.

Taylane: Então, você acha que isso, o empreendedorismo geral ou o empreendedorismo feminino?

Adiane Monteiro: Não, eu acho que é o geral.

Taylane: Geral.

Adiane Monteiro: O geral, até porque eu trabalho também, já trabalhei bastante também em termos da comunidade mesmo de empreendedorismo, de tecnologia, de inovação, de tecnologia e até organizando startups e a gente, eu fui em muitas universidades da nossa região, não só de Prudente, fui em várias cidades e ainda mesmo tendo que explicar o que é empreendedorismo, o que é startup, o que é inovação, o que que é um PIT, o que é MVP, então, muita coisa ainda tem que ser dita, né, para que as pessoas realmente entendam o que é que é esse tal de empreendedorismo que tanto falam. E só puxando um gancho e eu sou uma pessoa que trabalha a questão do empreendedorismo, muito mostrando para as pessoas na real mesmo, sabe, é, eu sou uma pessoa muito transparente nesse sentido de, olhando para as mulheres, eu falo para elas o que eu vivencio, é o meu dia a dia, é nada além disso. Então, não vou mostrar coisas mirabolantes, né, como a vida é linda do dia para a noite, é, não é assim e eu acho que é muito importante as pessoas entenderem isso também no empreendedorismo, mensagem nada do herói, tem que tomar cuidado com isso.

Taylane: É isso que eu ia comentar, porque, hoje, muitas pessoas acreditam que empreendedorismo nasce assim, eu sou privilegiado, eu consigo tudo e eu tenho uma empresa. E as coisas não são assim, tem todo um planejamento, né, desde uma pesquisa, o que é que eu vou começar a fazer, né, até lá no final, quais os produtos que eu vou ter, onde eu vou fazer isso. É uma coisa que tem que ser muito planejado, muito pensado, além de um investimento financeiro, né, há todo um aparato. E você, Rafaela, quais são as dificuldades?

Rafaela Cacciatore: Olha, eu concordo com a Adiane e eu acho que as pessoas, elas precisam ver muito concretamente o retorno que aquilo vai ter para elas, entendeu? Então assim, a gente nunca sabe onde uma experiência pode levar, né? Os encontros mesmo, então, eu concordo. As dificuldades são em relação a isso mesmo.

Larissa: É, até pegou um gancho dessa próxima pergunta, porquê em pleno século vinte e um, né, ainda nós ouvimos as pessoas dizerem que lugar de mulher é dentro de casa, servindo o marido, os filhos e essa realidade já não tem mais sentido, né?

Por quê que vocês acham que as mulheres estão mudando a sua história? É pela igualdade?

Rafaela Cacciatore: Então, eu acho que isso vem mudando sim, as mulheres elas estão se posicionando, buscando mais e por isso até, o Negócio de Mãe a gente tenta incentivar essas mulheres para que elas realmente não desistam, porque, existem as dificuldades, mas dá para passar por isso com relação a maternidade, né.

Taylane: Eu lembro que a gente estava fazendo uma pesquisa, recentemente e se eu não me engano, as mulheres estão buscando muito mais sobre igualdade salarial. Mulheres ganham menos? Sabe, perguntam assim, se eu não me engano era uma coisa assim, aumentou duzentos e oitenta e um por cento, se eu não me engano. Esse tipo de pesquisa, as mulheres querem saber e isso eu acho que vai além do empreender, acho que elas querem trabalhar uma coisa importante, ter o seu próprio negócio mais ainda, é gostoso a gente ter um trabalho só nosso, a gente ter um tempinho para a nossa família, para o nosso negócio, só que também é uma questão totalmente social, assim, de, realmente a palavra é igualdade. A gente vê hoje homens que ganham valores discrepantes em alguns negócios, enquanto as mulheres ainda não chegaram nem na metade.

Adiane Monteiro: Eu acho que ainda, quando a gente fala de empreendedorismo e principalmente, é, dentro aí dessa, vamos colocar aí dos seus vinte e cinco para cima, eu diria que na verdade as mulheres não fazem isso por igualdade, eu acho que elas fazem por necessidade. Então, a gente sabe hoje inclusive que o Brasil é um dos países mais empreendedores, principalmente relacionados às mulheres, mas um dos países que mais empreendem por necessidade justamente, né, então, nós não empreendemos por oportunidade, por enxergar, né, ver em alguma coisa, algum produto ou algum serviço uma oportunidade de negócio. Eu ainda acho que a maioria das mulheres, ainda, vão buscar o empreendedorismo, né, ou vão buscar esse protagonismo mais por uma necessidade do que por uma questão filosófica ou qualquer outra coisa dentro mesmo desta questão da igualdade. Eu acho que isso vem depois, acho que depois que ela se empodera, aí sim ela começa a fazer alguns questionamentos, né, com relação a questão da igualdade e hoje se você for perguntar ainda para muitas mulheres, elas vão ter um discurso ainda muito próximo de muitos homens, né, que é o discurso, imagina, está tudo igual. Como assim? Né, e aí você tenta mostrar com os fatos como esses aí que vocês estão colocando, que não, que não está tudo igual e que se a gente continuar, principalmente relacionado à questão salarial, dessa forma nem aos cem anos a gente chega na igualdade. E aí, é uma questão que eu sempre falo, como que eu vou fazer, deixar nem minha bisneta, talvez, ganhar a mesma coisa que o meu bisneto? É uma coisa que não faz sentido, ainda mais no mundo, hoje a tecnologia reina, onde tudo acontece em um clique, como ainda se permitir que uma mulher vai ganhar por uma mesma função, daqui a cem anos, né, um salário de um homem. Então, sim, aí eu acho que cada vez mais, é por isso que a gente luta para que também as mulheres entendam isso, entendam essa necessidade da igualdade, da equidade, principalmente acho que da equidade.

Taylane: As redes sociais são, uma coisa que movimenta muito, né, a questão da mulher, não as redes sociais mas a internet em si, né, o mundo digital. É, tem mais informação, as notícias correm rápido, as pessoas podem ter acesso a coisas que

podem ajudar nesse processo de se descobrir e tudo mais. Vocês tem outros exemplos de canais, por exemplo, a palestra de vocês é um tipo de canal, né. Quais são os outros assim que vocês acham que, hoje, as mulheres estão buscando mais para conseguirem ser empreendedoras, conhecerem o que é o empreendedorismo e tudo mais?

Rafaela Cacciatore: Fora das redes sociais? Das mídias digitais?

Taylane: É.

Rafaela Cacciatore: Bom, gente, palestras, eu acho que livro ainda é uma coisa que eu utilizo muito, eu não consigo, é, me desapegar disso. Então, esse eu acho que é um canal de comunicação, de informação, mas ainda a internet, Youtube, Instagram, site é o que mais está em voga aí, né.

Taylane: E além dele ajudar, vocês acham que atrapalha o trabalho de vocês?

Adiane Monteiro: Na verdade eu acho que atrapalha não só mesmo o meu trabalho, mas atrapalha o das mulheres, né. Eu sempre brinco que são ladrões do tempo. Então, o que eu percebo é que cada vez mais pessoas não estão utilizando o que a gente chama, né, para o bem, né. Porque tem como você utilizar as redes sociais todas, realmente para você ganhar produtividade, gerar mais resultado, o problema é que muitas pessoas perdem tempo dentro dessas redes sociais, né, vendo coisas que realmente não vão agregar para ela enquanto pessoa, enquanto empreendedor, enquanto mãe, enquanto irmã, enquanto filha, enquanto nada. Então, é, eu acho que a gente tem que ser, assim, olhar esse ambiente virtual com muito cuidado. Eu acho que, eu ouvi em uma palestra uma vez e eu achei isso muito legal, ele era um matemático e ele falava o seguinte, é, dentro da matemática, era mais ou menos isso que ele falava, dentro da matemática quando algo tende ao infinito, é porque na verdade você está tendendo a zero, é muito próximo e o que ele coloca é que hoje dentro das redes sociais, a gente está dentro desse mundo virtual e a gente está muito nesse sentindo, a informação está tendendo a infinito e o conhecimento tendendo a zero, né, porque, o que as pessoas esquecem é que informação é completamente diferente de conhecimento, né, o que você tem quando você abre aqui o seu WhatsApp, o seu Instagram ou qualquer outra mídia, você está tendo informação, conhecimento isso só acontece depois que ele passa em um processo na sua cabeça, pelo seu pensamento crítico, por tudo que você já absorveu e dali você transforma aquilo em conhecimento e é esse momento que as pessoas estão esquecendo. As vezes elas estão lendo, né, e olha lá quando lê alguma coisa boa também, porque para passar corrente é dois palitos, né, então elas esquecem esse mesmo momento reflexão e aí concordo com a Rafa em gênero, número e grau, assim, em tudo. Livros, temos que ler mais. O brasileiro lê muito pouco, né. Eu dou palestras em escolas falando que geração é essa, que mundo é esse para os pais e os pais, muitas mães, reclamam para mim: mas meu filho não lê. E você, quantos livros você leu esse ano? Aí aquela cara de paisagem, né.

Taylane: (Risos). É, Rafa, é, a gente está falando aqui de empreendedorismo feminino, empreendedorismo materno, mas, afinal, qual é a diferença principal dos dois? É claro, um vai lidar com um nicho e o outro com outro, mas quais são as outras diferenças?

Rafaela Cacciatore: Gente, quando, eu acho que a mulher quando ela tem um filho ela muda a rotina total de vida dela, né. Então, você empreender e você não ter um filho, você só tem que empreender ali dentro da sua empresa e ok. Você empreender e ter um filho, você tem que empreender dentro da sua empresa, dentro da sua casa, administrar filho, se você tem marido, tem que administrar marido, então, o empreendedorismo materno você tem que se dividir na função do seu trabalho e na função da maternidade, né. Muitas vezes, nos primeiros meses de vida do bebê, até, ainda a mãe tem que empreender na amamentação, porque, a Organização Mundial de Saúde preconiza a amamentação exclusiva até seis meses de vida do bebê e normalmente a licença maternidade ela dura quatro meses, se essa mãe consegue dar uma esticadinha, ela consegue tirar mais um mês de férias, fica cinco meses, então vocês imaginam para fazer essa administração desse bebê ser amamentado exclusivamente até os seis meses de vida e essa mãe ainda ter que se ver inserida na rotina de trabalho, né. Então, para mim, a principal diferença é tempo com o acúmulo de funções.

Taylane: E Adiane, você que é mãe, como que é para você conciliar esse tipo de empreendedorismo?

Adiane Monteiro: Eu sou uma pessoa que eu penso muito, eu não consigo planejar muito bem as coisas, né, então, é, confesso que muitas vezes eu não entendia que as pessoas falavam, nossa, Adiane, como você consegue fazer tudo isso? E aí foi depois de escutar muito isso, Adiane, como você consegue fazer tudo isso, que eu comecei a parar para pensar. Tudo isso o que, né? No começo, é, confesso mesmo, que eu não via como tudo isso, né, por ser sempre essa pessoa, que, eu sou, então, alguém que planeja, eu sou alguém que consigo, é, ter essa visão de futuro muito clara, né, eu crio projeto para tudo, eu tenho projeto para educação do meu filho, tenho projeto para o que eu vou fazer esse ano de férias, eu tenho projeto para tudo. Tudo ganha nome, ganha logo, é uma beleza lá em casa. E eu consigo, então, também, entender uma outra coisa que muitas mães não entendem. Eu consigo delegar, né. Então eu tenho essa visão que delegar é essencial, delegar é necessário e, gente, eu vou dar um spoiler aqui. Não sei nem quando vai sair isso, as vezes já vai ter até passado, né. Mas é o seguinte, a gente vai estar lançando semana que vem, porque é dia dos namorados e a gente está lançando, doze de junho, né, a gente vai estar lançando uma semana, um movimento que é uma tag aí, mãe também namora, porque, a gente acredita que a mãe também, não só, vai ser um trabalho em conjunto ali, da mãe entender que ela tem que fazer isso e que ela tem delegar, ela vai ter que deixar os filhos dela com alguém, né e também da família, dos amigos, da amiga, é, que a mãe também tem esse direito. Então, pode ser até que não seja no dia doze, né, até porque a amiga também tem namorado e tal, mas de repente durante a semana, amiga, deixa lá em casa o seu filho essa semana e vai hoje namorar aí e tal, se é com o namorado, marido, ou mesmo se é mãe solo, porque esse é outro problema da mãe solo, né, como se, vou ficar com o seu filho para você sair para namorar? Vai, porque não? Ela também tem esse direito. Então eu acho que essa questão de delegar também é muito importante, então, entender que a gente tem que ter várias pessoas, realmente, ao nosso redor e que a gente tem que saber também, é, não quero dizer usufruir, mas a gente tem que saber também quando a gente pode passar a bola para outra pessoa. Então, acho que planejamento, saber delegar são duas palavras assim realmente essenciais e tem uma outra questão, que eu acho também fundamental, é saber que a gente não está no controle de tudo, né. Então, aí é uma questão mais até filosófica

mesmo de vida, eu acho que eu sou uma pessoa muito assim, eu tenho super noção que eu sei que tem coisas que eu sei que eu controlo e tem coisas que eu não controlo e o que eu não controlo eu não vou perder meu tempo pensando nisso, porque como a gente estava falando, o tempo é escasso, tem vinte e quatro horas o meu dia, se eu parar, pensar, sobre as coisas que eu não posso controlar eu estou perdendo muito tempo, então, não penso. Eu realmente eu otimizoo o meu tempo e é um pouco disso também que a gente vai falar nesse curso de gestão de tempo para mães.

Larissa: E agora, para fechar, eu queria saber o que que vocês diriam para as mulheres, né, que tem vontade de serem empreendedoras e em diferentes tipos de áreas?

Rafaela Cacciatore: Bom, gente, o conselho que eu deixaria é para elas seguirem em frente, mesmo diante das dificuldades, porque as dificuldades elas existem e as barreiras estão aí para a gente superar, empreender realmente não é fácil, é, então eu acho que a gente tem que superar mesmo e encontrar mulheres, se conectar com mulheres, por exemplo, a Adiane ela faz um trabalho super legal de empoderamento feminino também, eu adoro seguir ela nas redes sociais, então assim, eu sempre busco me conectar com mulheres que falem o que a gente precisa ouvir, que nos levantem para cima, que nos dêem força e que sejam para gente exemplo de que sim, é possível.

Adiane Monteiro: Eu assino embaixo do que a Rafa falou, então, aí eu também falo procure o Negócio de Mãe que também é uma ótima forma de começar e comecem, né, comecem. E entendam que nada sai perfeito da primeira vez, tudo é um aprendizado, tudo é uma jornada, uma jornada que vai ter altos, vai ter baixos, é quase uma jornada de montanha russa daquelas bem grandes que tem looping, inclusive, (risos). Mas a gente tem que entender que a gente tem que ter persistência, a gente tem que ter resiliência e principalmente, a gente tem que ser muito apaixonado pelo o que a gente faz, né, então se você realmente é apaixonado pelo o que você faz, vai em frente, porque o céu é o limite.

Taylane: É, muito legal isso que elas falaram, principalmente porque você não pode desistir. Vai ter sempre aí um próximo, uma porta que vai se abrir, uma janela que vai se abrir e você tem que entrar de cabeça naquilo que você gosta. Bom, essa edição do piloto Manas vai ficando por aqui, obrigada meninas, né, foi muito gostoso conversar com vocês, legal conhecer o trabalho de vocês, eu acho que é muito importante, principalmente aqui em Prudente para gente conhecer histórias diferentes, mas que mostram que o empreendedorismo feminino é real, que o empreendedorismo feminino ele é necessário nos dias de hoje, né, dêem uma última palavrinha e é isso. Obrigada.

Rafaela Cacciatore: Meninas, eu que agradeço o convite, adorei saber que tem esse canal aí para gente ouvir. (Risos). Queria agradecer a Adiane também, é e é isso. Obrigada.

Adiane Monteiro: Bom, meninas, adorei estar aqui com vocês, muito obrigada pelo convite, é, continuem seguindo também as nossas redes sociais que tem bastante coisa, bastante conteúdo aí legal e eu espero que o Manas se torne realmente um podcast e não um piloto.

Taylane: (Risos). Tomara! Então para você ouvinte do Manas eu quero agradecer o carinho e a atenção, a gente se vê em um próximo episódio e lembre-se, você pode ser o que você quiser.

Larissa: Quero agradecer também a vocês que vieram, né, nessa edição do Manas, quero agradecer a todas as mulheres que acompanham a gente, que vai acompanhar ainda, eu tenho certeza e lembre-se que lugar de mulher é onde ela quiser.

Taylane: Beijo, tchau!

TRANSCRIÇÃO DO PRIMEIRO EPISÓDIO
#01 LITERATURA FEMININA: ESCRITA E ADMIRAÇÃO

APRESENTADORAS: ISABELLE VOLTARELI E BRENDA DE OLIVEIRA

CONVIDADOS: VIVIANE ARAÚJO E LEE KAUE

ISABELLE: Olá, aqui é a Isabelle Voltarelli, e esse é o primeiro episódio do podcast Manas. Vamos sempre abordar assuntos importantíssimos relacionados a mulheres. Hoje quem está comigo é a minha parceira Brenda Oliveira. Tudo bem contigo Bren?

BRENDA: Oi Isa, eu estou ótima! E você como está?

ISABELLE: Tudo tranquilo também. Hoje vamos falar com mulheres que inspiram na escrita e também na literatura.

BRENDA: Muito bem, Isa. E quem vai bater um papo informativo e produtivo com a gente é a Viviane Araújo de Lima, a Lee Kauê e também uma leitora a Camila Bonillo. Olá meninas se apresentem *pra* gente e falem um pouco da relação de vocês com a escrita e com a literatura pra gente.

LEE KAUE: Olá, eu sou a Lee Kauê e *tô* aqui, *tô* muito contente com o convite que me foi feito né. E a minha trajetória com a poesia começou quando eu tinha uns 17 anos de idade quando, uns 16/17 anos de idade, quando eu estava com alguns conflitos, com meus pensamentos com meus sentimentos e aí foi quando começou, quando eu comecei a colocar no papel toda aquelas inquietações em forma de poesia e aí depois, logo depois de uns anos veio a pintura, que é onde eu caso a pintura com a poesia em todo o meu processo.

CAMILLA: Olá! Eu sou a Camilla, eu sou leitora desde os 16 anos. Comecei com livros de histórias, são histórias mais fantasiosas. Então eu comecei a ler crepúsculo a princípio, depois eu segui para Harry Potter, Desventuras em Série, e *aí* foi os livros. Gosto muito de ler quando posso, sempre que posso eu estou lendo. E é isso.

ISABELLE: Então bora pautar esse assunto com a gente sobre leitura, sobre pintura, sobre poesia... vocês começaram novas a ler e a escrever. Só que roda a vinheta primeiro.

[VINHETA]

BRENDA: O ato de escrever é uma arte que pode liberar sentimentos por meio das nossas expressões. Como você lida com a poesia e a arte, no meio das poesias? Como você expressa o sentimento nas suas poesias?

ISABELLE: Lee Kauê.

LEE KAUÊ: Então, são as inquietações que eu procuro, as minhas inquietações, as minhas indagações ao ver o mundo, ao ver tudo que me é posto e tentar olhar com um olhar mais profundo, mais certo na alma. Na alma da coisa. É como ver um vaso, um vaso de flor, um vaso de barro de flor e saber que ali não é simplesmente apenas um vaso de flor, que ali teve uma pessoa que fez aquele vaso, tem uma pessoa que plantou aquela flor naquele vaso, alguém que preparou aquela terra... então é ir na profundidade de todas as coisas de todos os objetos que normalmente as pessoas não param para pensar ou sentir isso.

BRENDA: Você acha que as pinturas que você faz é uma poesia?

LEE KAUÊ: É o parentesco mais próximo da poesia. Eu acho que os dois casam. A Adélia Prato, que é uma poeta mineira, é, com eu também sou mineira... ela fala também desta mesma coisa que eu já tinha comigo desde muita eternidade, ela fala justamente que a prima mais próxima da poesia é a pintura; e da pintura, é a poesia. Acho até por conta da liberdade que a gente tem de ambas as artes. Se você quiser ter métrica você vai ter na pintura, como você vai ter na poesia e é assim que funciona.

ISABELLE: Séria olhar as coisas de um modo mais profunda como você disse, como também como na fotografia, que a gente tem que fotografar com outro olhar, com um olhar mais crítico, com um senso crítico e fazer aquela imagem. E você, no caso desta forma para estar escrevendo suas poesias.

LEE KAUÊ: Perfeito!

ISABELLE: Você se considera mais poeta, poetisa, como que é, ou...

LEE KAUÊ: Eu prefiro o termo poeta.

ISABELLE: Poeta... entendi. Assim como em outros campos sociais, a presença das mulheres na literatura e na escrita ganhou cada vez mais representatividade ao longo dos tempos.

BRENDA: A pouco a gente *tava* conversando com a Camilla, e a gente *tava* discutindo sobre alguns livros que a gente leu em comum e pensando agora sim, vários livros que eu li a maioria era escritoras do que escritores, acho que a mulher é

muito mais forte nesse meio, a gente tem mais voz na literatura do que os homens. Vocês concordam com isso, o que vocês acham?

LEE KAUÊ: Eu acho que a pintura, a arte, é mais a representação do feminino, independente do sexo, é de uma sensibilidade que a gente pode ver.... Caetano Veloso tem uma alma feminina, Gilberto Gil tem uma alma feminina e em contrapartida tem mulheres neste meio que também expressam essa feminilidade na poesia, como na pintura né... então, eu acredito que esse universo não seja só feminino, mas ele é feminino por si só, pela própria arte do próprio expressar.

ISABELLE: A quarta edição da pesquisa realizada pelos “retratos da literatura no Brasil” e pelo Ibope mostra que 52% dos leitores brasileiros são mulheres e 33% das pessoas disseram que tiveram uma influência feminina. Nesta pesquisa, 5012 pessoas foram ouvidas. Camilla, o que mais você acompanha e gosta de ler?

CAMILLA: Então eu gosto mesmo de ler é histórias de fantasias, histórias que não acontecem no mundo real, e eu acompanho muito assim, eu entro na internet e vejo novas fontes e pensando melhor, a maioria dos livros que eu também li a maioria foram mulheres. Não tinha também prestado atenção. E eu gosto muito e *tô* sempre procurando algo, a maioria sempre fora do real mesmo, *pra* sair um pouco desse mundo que a gente *tá* hoje, nessa correria que a gente vive hoje, também não gosto de ler coisas pesadas, que me deixam *pra* baixo, então sempre coisas mais alegres, romances, essas coisas mais suaves, leituras mais fáceis *pra* deixar o dia mais tranquilo.

RAYENI: Oi eu sou a Rayeni, e vou pegar um gancho aqui das minhas colegas que elas falaram sobre as leitoras são a maioria. Porém nas editoras o que mais se vê são livros publicados de autores masculinos. Porque vocês acham que as editoras publicam mais livros de autores masculinos do que de femininos?

LEE KAUÊ: Porque homens fazem uma coisa de cada vez, mulher normalmente é múltipla. Então eu acredito que até mesmo pelo foco de que os homens têm de trabalho, mulher cuida de criança, lava louça, escrever TCC, *tá* programando já a viagem das férias da família. O homem *tá* só pensando nas férias. No trabalho e nas férias. Eu convivo bastante onde eu trabalho, no meu trabalho de farmacêutica e de terapêutica também, e a gente vê que até nas terapias, do sistema de terapias os homens conseguem deslanchar mais por justamente por causa desse foco e nós pela amplitude das coisas, a gente perde um pouco o foco das coisas, posso falar por mim mesma, eu publiquei meu livro a 20 anos, o segundo a 10 anos atrás. E eu falava “não vou esperar mais dez anos para publicar o próximo”, e eu já estou com dois, eu só preciso sentar e organizar, e eu não tive tempo exatamente por algumas atividades paralelas que eu também faço, então eu acredito que seja mais em relação ao foco mesmo que o homem tem muito a nos ensinar.

CAMILLA: Eu acho que além disso que ela falou tem um pouco de preconceito também, porque se você for olhar a J.K, ela escreveu Harry Potter, que é maravilhoso, quantas editoras não negaram o pedido dela. Então eu acredito que

tenha isso também, às vezes tem até histórias parecidas, mas pega o do outro. Não sei se tem alguma coisa por trás disso, mas acredito que ainda tem um preconceito atrás disso, infelizmente.

BRENDA: Lee, o que você acha que uma pessoa que vai começar a escrever agora, qual o primeiro passo que ela deve dar? E Camilla, e a pessoa que vai começar a ler hoje, qual é a sua dica para a pessoa que vai ler?

LEE KAUÊ: Para a pessoa que vai começar a escrever: Escrever, escrever, escrever, revisar, escrever mais um pouquinho, ir cortando tudo. É como se você fosse fazer uma escultura, você vai tirando os excessos ali, vai tirando o barro ali e vai virando uma escultura. Você tem que produzir bastante, colher material, até porque você precisa produzir bastante. Quando eu fiz o meu segundo livro “Jujubas, whisky, sexo e rugas” né, eu escrevi 51 poemas, e ideia era justamente por causa da 51, com os botecos de minas gerais e tudo mais, com a cachaça 51, com a pinga 51. Então tinha toda uma história por trás disso, tinha mais ou menos uns 100 poemas, 120 poemas, para tirar o 51 que faria parte do livro.

ISABELLE: Você entrou na questão da terapia também. Você é terapeuta também. Daqui a pouquinho a Camilla, vai falar com a gente também. Você acha que escrever é uma terapia? Camilla você acha que ler é uma terapia? Vão contando sobre isso *pra* gente.

LEE KAUÊ: Escrever é terapia, pintar é terapia, ler é terapia, você sentir a energia do Regger é terapia, você tomar um floral, que é uma das áreas que eu atuo é terapia, você conversar com amigos é terapia. Acho que tudo aquilo que auxilia você entrar em contato com você mesmo com autoconhecimento, a gente pode chamar de terapia. Eu acho que muitos momentos da minha vida a pintura *acabou* salvando, a pintura e a poesia acabou salvando. Foi a minha válvula de escape, para eu poder me organizar enquanto ideia, enquanto ser humano. Então eu acredito que é terapêutico.

CAMILLA: Então, eu acho extremamente terapêutico, foi como eu falei, eu gosto muito de ler parar sair um pouco da realidade, as vezes você *tá* cansada, você teve um dia péssimo, que tudo de ruim aconteceu, aí você se volta *pra* um... um mundo que *tá* tudo diferente, então você se desliga um pouco dos seus problemas. A pergunta de...

BRENDA: As pessoas que vão começar a ler hoje, o que você diria para elas?

CAMILLA: Eu diria para elas lerem o que elas gostem, porque de temas são várias, as temáticas são várias, as formas de escritas são várias, eu acho que as pessoas devem se identificar com algo para poder ler, porque ela falar “vou ler qualquer um, ela simplesmente pode acabar não gostando, “comecei isso *pra* que”, então é muito mais fácil ela descobrir do que ela gosta, qual a forma que ela gosta de ler e ler, porque aí ela consegue se encaixar.

ISABELLE: E você já incentivou alguém a ler?

CAMILLA: Então eu comecei a ler, eu fiz a minha irmã a começar a ler também, então conforme foi o tempo, ela começou a pegar gosto também. Então eu tinha lá, meus 16/17 anos, ela tinha uns 10/12 anos no máximo, e estava nós duas lendo, eu falava “Olha esse legal”, ela ia e lia, com o tempo ela começou a ganhar um dinheirinho e ia e comprava também a gente se juntava *pra* comprar. Descobri que minha avó era apaixonada por leitura, meus primos também, “ai, vamos comprar livro na internet”, “Olha, tanto não paga frete, vamos? ”, vai todo mundo, “olha eu vi uma promoção, vamos comprar? ”, aí um manda o link pro outro, e a gente vai fazendo isso. Às vezes a gente divide as experiências, “olha eu li esse livro é legal. O que você achou? ”, “ai não li ainda, *pera* ai, me empresta? ”, então eu descobri que na minha família tinha gente que gostava de ler.

ISABELLE: Você tem estante no seu quarto também?

CAMILLA: Uma bem grandinha.

BRENDA: Sobre esse assunto que a gente está falando, o que vocês acham dos conteúdos que são criados hoje? Na literatura.

LEE KAUÊ: Olha, não estou a par disso tudo. As vezes vou em algumas feiras, vou em algumas livrarias, mas eu não fico ligada como ela leitora. Até porque eu tô muito ligada às terapias, então eu leio muito nessa área, sobre física quântica, sobre ufologia espiritual, então eu gosto dessas coisas meio maluquinhas que as vezes nem tem livros. O pouco que eu tive contato com escritores, na feira do livro aqui de Presidente Prudente, no decorrer dos últimos anos, eu tive a oportunidade de conhecer alguns, eu acredito que continua com o mesmo jeito, com a mesma pegada de como eu comecei, pegando aquilo que te incomoda, de alguma maneira você quer passar, uma mensagem *pra* um grupo de pessoas né, que às vezes você trabalha poesia *né*, poesia nem todo mundo gosta de ler, tem gente que de cara detesta poesia, e *tá* tudo certo, a pessoa não gosta desse tipo de leitura, mas vai gostar de um romance, de um conto, de uma leitura mais técnica de repente. Então eu acredito que o que está sendo produzido, está de acordo com o momento de evolução que nós estamos tendo como ser humanos, acho que *tá* atendendo um pouco a necessidade, pelo menos os que eu tenho tido contato.

CAMILLA: Eu não fico muito nesse de quando foi lançado, eu pego o que eu gosto, eu dou uma lida por cima de como é a história, se eu gostar eu pego *pra* ler e leio todo. Eu não sei te dizer, está diferente, eu vou naquilo que eu gosto de ler e é o que pego.

BRENDA: Qual leitora você pegou *pra* ler e gostou muito?

CAMILLA: J.K, Harry Potter, melhor de todos.

LEE KAUE: Eu li muito logosofia, que é de um escritor argentino, então eu comecei uma leitura meio maluca né, indo pra área de espiritualidade de expansão de conhecimento e indo pra área de literatura propriamente dita, eu gosto da área da Délia Prado, posso dizer que sou apaixonada por ela, gosto bastante do trabalho dela, e me identifico até pelas temáticas, que ela fala nas poesias dela, aquelas conversas de minas mesmo, aquelas conversas de comadre, tem até um poema dela que eu gosto bastante. Ela seria ela, e Marta Medeiros. São escritores que eu que eu gosto que eu leio que eu para...

BRENDA: Esse tipo de conteúdo você absorve e passa para os seus livros? Como você faz isso?

LEE KAUE: Ah, tudo acaba se tornando poesia às vezes eu ouço uma palavra, como um poema que chama “Portas e Tramelas”, é um poema da fase verde do tropismo, minha técnica de expressão artística que eu descobri, um dia lendo eu descobri que não é “Tramela” que fala, não sei se vocês sabem o que é tramela. Tramela é como se fosse uma fechadura de uma porta, mas como se escreve é “Taramelas”, e eu ouvi desde criança na zona rural de minas, então eu ouvi desde criança que era “Tramelas”, que fechava a porta ou a janela. Então a hora que eu me deparei com aquela palavra que era escrita corretamente era bem diferente do que eu estava acostumada, na mesma hora eu fui lá e fiz uma poesia falando “portas e tramelas”, e embaixo eu coloco que o correto é “Taramelas”. Então eu acho que tudo é meio que uma forma de inspirar a gente tudo que envolve as situações que a nos rodeiam, que nos ajudam, que nos inspiram, que eu, não sei os outros, mas eu me inspiro no cotidiano, numa conversa como essa, num questionamento que fizemos aqui, o que eu tirei de conclusão daquilo às vezes vai para uma poesia.

ISABELLE: A gente acaba se inspirando em algo e acaba aprendendo lendo e escrevendo, seria isso Lee Kauê?

LEE KAUE: Perfeito! Uma conversa com um amigo, uma viagem que a gente faz, então tudo isso é sim uma inspiração.

ISABELLE: E você Camilla, você aprendeu alguma coisa? Passou aprendendo alguma coisa com esses livros que você mais gosta?

CAMILLA: A gente sempre aprende né, às vezes até um pouco mais de paciência dependendo do livro, quando vocês estão ansiosos com algo, aí você fala “nossa calma, tudo tem seu tempo”, mas é bem gostoso.

ISABELLE: Quer perguntar alguma coisa Brenda? Então deixa eu perguntar também, e durante esse percurso de vocês tanto lendo, quanto escrevendo, vocês sentiram algum obstáculo, alguma dificuldade, sei lá. Por exemplo, você começou escrevendo, Lee Kauê, “ah mais será que isso vai dar certo?” “Será que não vai?”

LEE KAUÊ: Então, quando eu comecei a escrever eu nem sabia o que estava fazendo. Eu não sabia o que era aquilo, era só uma expressão daquilo que eu estava sentindo, daquilo que estava me incomodando. Então eu não tinha ideia que aquilo era poesia, que aquilo era literatura, até que um dia eu cheguei no meu professor de português, do cursinho, do cursinho pré vestibular e perguntei o que era aquilo e ele me falou “Olha isso aqui tá legal, mas isso é uma prosa inversa”, aí eu disse “Aí eu não quero ser uma prosa não, quero ser uma poesia”, aí eu fui dar uma lida, e fui reescrever, fiz umas partidas, uns versos aqui mostrei pra ele, “agora sim ficou com estrutura de poesia, a cadência, a sonoridade, o ponto de respiração”, então acredito que foi nesse momento que aconteceu tudo.

BRENDA: Eu gostaria de te perguntar que ficou uma dúvida para mim, o porque você prefere ser chamada de poeta/poetisa, do que de escritora? O porque você prefere o título de poeta?

LEE KAUÊ: A é muito mais legal. Soa muito mais chique, “Poeta”, eu acho que soa mais bonito. Eu gosto muito de declamar poesia, porque eu gosto do som das palavras. Então olha que bonito “Poeta”. “Escritora. ”, olha que bonito você falar essas palavras, é muito mais legal, é muito mais poesia na palavra Poeta, do que escritora propriamente *dito*.

ISABELLE: Declama uma poesia pra gente aí, então.

LEE KAUÊ: Vamos lá. Tem uma poesia do, posso declamar uma da Delia Prado?

ISABELLE: Pode.

LEE KAUÊ: A Delia prado como eu disse ela faz poesia dessas conversas de comadre do interior de Minas. Tem poema dela que fala assim. “Hoje faz um ano que completo a terapia. E o que você conta ao doutor. Tenho um medo panifóbico de ver minha mãe morrer. Só isso? Só. Coisa à toa feita perder dois dias perder formiga de asas. Só converso coisa séria. E ele? É muito paciente, disse que meu caso é difícil, mas que tem cura com o tempo, e que qualquer dia me convida para uma seção no sítio. E você topa? Tô pensando, vai que aparece a formiga de asas e eu apronto aquele escândalo, me diz com que cara volto no escritório do homem? Mas ele está lá para isso. Isso o que? Tchauzinho, Catarina. Tchau. ”

BRENDA: Eu não sei se vocês sabem, de acordo com o portal vermelho, um coletivo criado e chamado “leia mulheres”, que está em presidente prudente à quase um ano, reúne leitoras e escritoras para debates sobre literatura, propondo ler, debater e divulgar a obra de uma autora por mês, bem como realizando seus encontros no Sesc Thermas, todas as quartas-feiras. O grupo, portanto, aborda diversos gêneros literários escrito por mulheres. Vamos ouvir a organizadora desse movimento.

BRENDA: a gente queria saber de vocês, o que vocês acham desse tipo de projeto de incentivar a ler mulheres.

LEE KAUÊ: Sensacional. Eu não sabia né, fiquei até curiosa de saber quando vai ser as reuniões, porque eu gosto de estar envolvida nisso tudo, acho interessante e gostaria de conhecer. E parabéns *pra* quem teve a iniciativa de criar um projeto desse. Não só por ser mulheres, mas porque por ser mulheres, vai tratar muito do nosso universo que é múltiplo.

CAMILLA: Eu também nem sabia, achei superlegal, porque é diferente, se reunir um monte de mulheres só para leituras, e é o que a Lee Kauê falou a gente sempre faz tudo ao mesmo tempo que você conseguir demandar de um tempinho, com mais um monte de mulheres e ler, deve ser incrível.

ISABELLE: Esse dado é do portal vermelho que fala né, que esse coletivo se reúne às quartas-feiras. E eu também achei isso muito interessante.

BRENDA: Ele passa a acontecer agora na última quarta-feira, porque ele vai passar a ser aos sábados. No bosque do Sesc.

ISABELLE: E aí eles fazem essa troca de experiências com a leitura mesmo.

BRENDA: O primeiro livro que elas leram foi “O conto da Aia”, que agora inspirou a série, e eu conversei com a Larissa que é a responsável, e ela me disse que o grupo já veio do país todo, surgiu de uma hashtag de uma escritora e outras mulheres no Rio de Janeiro, decidiram que iam criar no Sesc, em clubes, em livrarias e etc.

ISABELLE: Você conhece esse conto, Camilla?

CAMILLA: Já ouvi falar, mas nunca li ainda.

ISABELLE: Ah, não leu ainda.

CAMILLA: Ainda não.

BRENDA: E como vocês utilizam a escrita e a leitura na escola e na universidade?

CAMILLA: Então, eu tentava dar um tempo para leitura e um tempo para a faculdade, mas sempre tentava dar, porque me tira de todos os problemas. A minha leitura sempre foi nesse sentido, sair da realidade para ir para outro universo. Sempre mais tranquilo.

BRENDA: Lee eu gostaria de saber como foi a produção do seu livro?

LEE KAUÊ: Como foi a produção... audaciosa. Primeiro que eu não tinha nem onde cair morta, eu estava no primeiro ano de faculdade, eu já estava com um monte de escritos já, porque em 2000, com 17 já aos 19 eu produzi muito, com muito pouco tempo, e aí eu queria escrever e publicar o livro, então eu cheguei na faculdade, o pessoal da vice direção da faculdade, que é o reitor e o vice reitor, e falei que tinha um projeto e que queria publicar, "Olha eu quero publicar isso aqui, o que a universidade pode fazer por mim?", eu sou graduanda de farmácia, sou farmacêutica de formação, e eu disse "Gostaria de publicar isso, como você me ajuda?", e ele me disse que eu deveria escrever um projeto "assim, assim", tem que colocar assim e assado e você traz aqui. E aí eu levei e em uma semana *tava* aprovado, e eu não me aguentava de alegria, alegria que não cabia dentro de mim, que foi o primeiro livro "Retratos de um pensar". Então esse foi bem legal porque ele fala muito das minhas, ela tem muita poesia triste, muita dor de cotovelo de quando você perde um relacionamento, aquela coisa esquisita de muita dor, de ver o mundo com muita dor, que é a fase, não sei todo mundo, mas eu passei por essa fase que eu coloquei em forma de poesia. Já a jujuba, sexo, whisky e rugas, eu já estava em uma outra fase, já estava formada e eu me juntei com a Di Cassia, que é uma grande amiga de projetos culturais, então nós juntamos isso para celebrar a amizade. Então o objetivo da jujuba, sexo, whisky e rugas foi justamente falar da união, de como a gente escrevia, foi ela quem foi minha professora de poesia inclusive na época do colégio, a gente sentava nos botecos da vida, lá em Alfenas, Belo Horizonte, onde a gente estivesse viajando. Às vezes ficava tomando água com limão e ficava escrevendo poesias de madrugada, aí a gente falava "Não, agora a gente vai beber." Aí a gente bebia, algumas foram feitas a base de muita bebida alcoólica assim. Mas todas essas poesias têm a ver com meus questionamentos, então no segundo a gente já se bancou.

BRENDA: Você sempre teve apoio de todo mundo da sua família, amigos para você virar uma escritora? E você Camilla, sempre teve o apoio da sua família de amigos para começar a ler?

LEE KAUÊ: Olha *pra* começar a pintar, eu pinte escondida, agora para escrever a minha mãe não percebia. Então, às vezes eu acabo de escrever uma poesia, e eu queria ler *pra* alguém e falar "Olha que legal que ficou", e quando eu lia *pra* minha mãe, no segundo verso ela já estava roncando. Eu não sei, tinha meio que um negócio assim. Mas incentivar, incentivar não. Hoje minha mãe admira bastante, mas incentivo, incentivo, "A que legal. Que lindo que você escreve. Que lindo que você pinta." Não pintou essa situação, mas no primeiro lançamento do livro, ela me ajudou bastante no lançamento do livro, que aliás o primeiro lançamento de livro que eu fui, foi o meu. A primeira Vernissage que eu fui na vida, ou seja, o primeiro dia de uma exposição que eu fui na vida, foi na minha também. Eu nunca tinha ido também. Eu não tive esse apoio todo, não tinha esse material. Não tinha dinheiro para colocar nas minhas pinturas e tudo mais, mas o pouco que ela tinha, ela acabava ajudando sim.

ISABELLE: Camilla.

CAMILLA: Olha em casa a gente não teve muito apoio também não. Pai, mãe, minha mãe falava “não olha, vamos comprar outra coisa”, “compra roupa”, “gastar de dinheiro com livro, *pra* quê? ”, meu pai falava “daqui a pouco essa menina para com essa graça”. Ninguém nunca falou, “olha, vamos na livraria”. Não, isso partiu de mim e eu passei para minha irmã. Mas pai e mãe, ver você deitado lendo e falando “Olha, você tem coisa *pra* fazer”, “larga esse livro de nada”, “vamos fazer uma coisa”. Sempre assim.

BRENDA: Lee, se fosse *pra* você deixar uma mensagem para os jovens, que hoje a gente querendo ou não, com essas mídias. A gente não consome tanto livro e nem tanta arte. Se fosse *pra* você deixar uma mensagem pros jovens hoje, o que você deixaria como poetisa, como poeta.

LEE KAUÊ: Eu prefiro como ser humano, hein.

BRENDA: Pode ser, então.

ISABELLE: Como ser humano, então.

LEE KAUÊ: Experimentar tudo o que você puder da vida. Com muita lealdade, com muita integridade. Experimentar encontros com pessoas que você não conhece, que tenham valores diferentes do seu. Estar em lugares que culturalmente sejam diferentes do seu. Experimentar estar com pessoas mais velhas que você, até aquelas pessoas bem chatas mesmo, tipo pé no saco mesmo. Tipo estar com essas pessoas, e entender que estar com essas pessoas te provoca. Porque essa provocação, seja na pintura, seja você ir no museu assistir uma exposição, que aquilo te provoca algo ruim. E eu ia em várias no período que eu morava em Belo Horizonte. Exposições que eu falava “Meu deus, como é que esse trem está exposto? ”, ou pegar um livro, o lançamento de algum livro, porque depois que eu lancei o meu eu comecei a ser convidada para vernissage, e eu falava “nossa como teve coragem de lançar um trem desse.” E aí depois você falar assim, “mas isso tinha sentido”. Isso fazia sentido para um grupo de pessoas e aí *tá* valendo. Então eu acredito que experimentar, toda potencialidade humana. É o melhor, acho que é a mensagem que eu quero deixar para as pessoas, independentemente de ser jovem ou não, mas especialmente para os jovens e estar abertos para ouvir e não dizer “Não gosto disso”, eu não gosto de jiló sem ter experimentado jiló. Não, pelo amor de Deus, experimenta. Se precisar, vomita, mas falar “experimentei e não gosto disso”. Mas, sim, estar em contato com esse experimentar a vida, que eu acho que traz experiências incalculáveis *pra* gente.

BRENDA: E você, Camilla?

ISABELLE: Qual é o passo pra pessoa que vai ler, e começou a se interessar por aquilo? Por exemplo, o que você tem a dizer?

CAMILLA: Eu acho que ela tem que ir mesmo. Tem que ir, vai. Escolhe, mas você tem que escolher alguma coisa, porque é um mundo em que você chega de supetão você já sai, vira as costas e não quer mais saber. Então eu acho que escolher um pouco para começar e depois vai partindo para outros.

ISABELLE: Tem mais alguma coisa para perguntar Brenda? Maravilha, a gente acabou de saber um pouco mais sobre esse universo aí, com a poeta Lee Kauê, ficou sabendo um pouquinho da leitora com a Camilla. Eu acho que é isso então, né, Brenda.

BRENDA: Vocês gostariam de acrescentar alguma coisa, falar mais alguma coisa?

LEE KAUE: Vou declamar um poema então. Espalhando distâncias. Declamar poema é o que eu mais gosto de fazer.

ISABELLE: Declama *pra* gente então.

LEE KAUE: Eu gosto tanto de declamar poesia, que tem gente que canta no chuveiro, eu declamo poesias *pra* mim no chuveiro.

ISABELLE: Ah. é?

LEE KAUE: Adoro. E aí vou aumentando o repertório. Algumas eu falo “essa eu quero decorar”. E aí eu coloco, e todos os dias de manhã eu coloco em cima da mesa do café da manhã e fico lendo umas três, quatro vezes, “Caraca, consegui”, consegui decorar. Vou declamar uma que chama “Espalhando Distâncias”. Essa eu ainda não sei de cor, mas eu gosto bastante dela.

ISABELLE: Legal.

LEE KAUE: Seu olhar. Seu toque. Nosso cheiro. Espalham distâncias em mim. Nosso gozo. Espalham distâncias em mim. Sua voz. Sua presença. Nosso abraço. Espalham distâncias em mim. E com todas essas distâncias espalhadas, agora fico assim. Sorrindo, gostando de mim. Não me negando sim’s. E abrindo todas as minhas gaiolas. Porque estar velha e ser chamada de louca, facilitou permitir você chegar em silêncio e sem alarde. E ir espalhando as distâncias que eu não precisaria estar.

BRENDA: Uau!

ISABELLE: Uau! Tanto ler, como escrever, eu acho que é algo despertado nas pessoas e é importante.

LEE KAUÊ: A pintura também. Tanto que vou lançar um workshop de pintura, explicando como fazer as minhas pinturas mesmo, *pra* isso de alguma maneira espalhado também, tanto a pintura como a poesia.

ISABELLE: Legal.

BRENDA: Então eu acho que é isso. Eu agradeço as meninas por terem vindo, por ter batido esse papo com a gente.

ISABELLE: Eu também agradeço. Lee Kauê, Camilla, por bater esse papo superprodutivo com a gente, superlegal. E espero vocês acompanhando o Manas também.

LEE KAUÊ: Ok, eu também agradeço bastante o convite. Gratidão enorme pelo convite. É sempre muito bom saber que as pessoas se interessam pelo que a gente *tá* produzindo. Então, gratidão enorme pelo convite e quando precisar estou a disposição.

CAMILLA: Eu também meninas quero agradecer, *tá?* E é isso aí. Obrigada meninas.

ISABELLE: Obrigada Brenda também, pela parceria aqui comigo no microfone hoje, no episódio do Manas. E é isso aí.

BRENDA: Obrigada, Isa. Nos acompanhe nas redes sociais.

ISABELLE: Você pode acompanhar o Manas no: Spreaker. Nas plataformas digitais Spotify e iTunes. E seguir a gente também nas redes sociais. Instagram: @manaspodcast e Manas no Facebook. Até o próximo episódio. Tchau, tchau.

TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO EPISÓDIO

#02 TRANSEXUALIDADE

APRESENTADORAS: LARISSA OLIVEIRA E TAYLANE FERNANDES

CONVIDADAS: WALLERIA E DEBORA

TAYLANE: Olá, começa agora a edição do segundo episódio do Manas, podcast voltado à informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Eu me chamo Taylane Fernandes e em todos os episódios, eu e cada uma das minhas companheiras de apresentação, estaremos juntas para discutir assuntos importantes dentro do universo feminino. E como hoje *tá* a minha companheira Larissa Oliveira. Oi Larissa, tudo bem?

LARISSA: Oi Tay, tudo bem e com você?

TAYLANE: Tudo ótimo. Hoje a gente vai falar sobre o que hoje Larissa? Sobre os transgêneros. *Pra* falar sobre isso, nós trouxemos aqui a Suri. Oi Suri, diga *pra* gente quem você é.

SURI: Olá, meu nome é Walleria Suri. Tenho 42 anos, sou uma mulher transexual e também com deficiência visual. Sou ativista do Direito Humanos desde 2014, sou educadora pela Ordem Internacional Diversitybbox. Sou estudante universitária, curso direito e atuo nos movimentos sociais que atuam no meio social dos direitos dos deficientes e os movimentos LGBT.

TAYLANE: Eu agradeço desde já a sua participação. É um prazer ter você aqui. Além da Suri, a gente *tá* com a Debora aqui também. Oi Debora, tudo bem?

DEBORA: Olá, eu sou a Debora. Sou psicóloga, tenho 22 anos. Sou formada pela faculdade Unoeste. Durante a graduação, eu andei caminhando mais para o lado da saúde - na saúde mental, mais especificamente. Tive envolvimento com alguns movimentos ativistas também. Acabei estudando alguns assuntos também. Hoje eu atuo na área da educação. É um prazer estar aqui.

TAYLANE: O prazer é nosso, Debora. Então vamos começar, Larissa?

LARISSA: Vamos sim. Mas só depois da vinheta.

[VINHETA]

TAYLANE: Hoje, a gente vai abordar sobre a transexualidade. Então, a Suri vai comentar aqui com a gente, ela tem propriedade para falar. O que é a transexualidade?

SURI: A transexualidade na verdade é uma identificação de gênero a identidade de gênero trans, define uma pessoa que não se identifica com o sexo biológico do nascimento. O sexo que foi atribuído a ela no nascimento. Ou seja, o sexo feminino ou masculino. Eu nasci biologicamente um menino, um garoto com um genital masculino, com um corpo formado, como menino, fui atribuído todo ao sexo masculino, mas o meu reconhecimento, mas a minha identidade, o meu ato reconhecimento indenitário de gênero não coincidiu com esse gênero, então eu sou trans. Me reconheço como mulher mesmo tendo nascido como um homem.

TAYLANE: Suri, existe algum outro termo correto de ser usado além do transexual?

SURI: Você pode usar o termo transgênero, ele é um guarda – chuva na qual a transexualidade é espécie né, é uma identidade queer, não-binária, as pessoas intersexo, todos dentro do guarda-chuva transgênero.

TAYLANE: Tem um pessoal que ainda é muito confuso, são muitos termos, alguns querem conhecer os termos, saber mais, para poder falar, saber o termo correto e tem as pessoas que não tem o interesse em saber e que são preconceituosas e fechadas então o maior erro dessas pessoas é chamar o transexual de travesti. Qual a diferença então, entre travesti e transexual?

SURI: Na verdade esse é um ponto que causa bastante polêmica, bastante desinformação na verdade. Não tem uma diferença na verdade, do travesti para o transexual, ambos são realidades que partem de uma realidade masculina, fazem uma construção física anatômica, para uma imagem corporal feminina. Existem em ambos tanto na travesti, quanto na transexual, uma identificação com a imagem, com os hábitos do papel feminino, dentro da sociedade. Aí tem aquela história “aí a travesti faz programa, não quer fazer cirurgia. A transexual não faz programa, é a que quer fazer cirurgia, quer mudar o nome.” Referência para você diferenciar essas duas pessoas. Tem os travestis que querem fazer a cirurgia, e não trabalham na prostituição. Conheço transexuais que não trabalham na prostituição. Na verdade, o termo de transexualidade, foi colocado pela medicina, simplesmente para ser mais aceito pela sociedade, porque tem aquela patologia psiquiátrica, então você aceita melhor. A travesti, tem aquela conotação mais pejorativo, promiscuidade, sexualidade aflorada. Então muita pessoa prefere, ficar com transexual do que travestis por causa dessa aceitação social. Só que “Suri você não é travesti, você é trans?” , não você pode me chamar de travesti, porque todas as características de uma travesti eu também tenho, partindo de uma realidade masculina para uma realidade feminina. Ponto, isso acontece tanto com transexuais como com travestis. Se a gente quiser procurar um ponto, uma característica, um hábito para tentar diferenciar, a gente vai errar muito. É a autodeterminação, uma pessoa trans, vai se definir, eu sou uma pessoa trans, eu sou uma pessoa travesti. Eu tenho uma amiga que é uma advogada muito famosa em São Paulo, que se auto afirma travesti, por

uma questão política, por ser uma classe muito excluída, muito invisibilidade, então para fortalecer a luta dessa comunidade, algumas pessoas fazem questão de se identificar como travestis para a sociedade, já outras não, outras se você falar que são travestis elas vão falar, “Não eu sou trans”, pelo medo do julgamento social. A palavra travesti ainda tem na sociedade.

TAYLANE: Então, a transexualidade até 2018, era considerada um transtorno mental, só que em junho do mesmo ano, de 2018, foi anunciado pela OMS, organização mundial da saúde, a retirada dessa classificação, como transtorno, então ela passou de distúrbio de identidade de gênero, para incoerência de gênero. Essa medida, essa mudança, ela vai entrar em vigor em 2022, em todo o mundo. Então Debora, conta para gente, como a psicologia trata essa incongruência de gênero.

DEBORA: Na realidade, é um ponto importante essa mudança, esse avanço. E foi de certa forma significativo. Mas de certa forma a gente tem que pensar, olhando para a psicologia olhando para sexualidade. A psicologia pensa muito mais nesses assuntos, num viés muito mais que a gente tente *despatolizar*. Essa ideia de que a pessoa é doente, que tem um transtorno mental. Infelizmente as práticas atualmente psicológicas, elas acabam se pautando assim, a partir de orientações médicas na verdade né. A psicologia o conselho de medicina orienta também o que a psicologia deve fazer sobre a orientação em uma pessoa trans. Então, eu acho que falar sobre incongruência de gênero é falar sobre um gênero que deveria se alinhar ao seu sexo biológico.

Na realidade, essa regra não tem que existir na psicologia. A gente precisa olhar pro sujeito na integralidade e entender sobre a transexualidade. E eu acho que a transexualidade acaba pensando muito nas nossas práticas e pautadas no saber que vem junto com a profissão e que a gente tem que saber que precisamos dar voz a essas pessoas.

Então, quando a gente fala sobre incongruência de gênero é ainda é um termo que me incomoda, mas como profissional da psicologia e ter esse olhar atento a essas experiências que são vividas e dar voz a essas pessoas é essencial assim.

LARISSA: Entendi. Suri, eu gostaria que você falasse sobre como foi passar por essa mudança? Como foi vivenciar?

SURI: Na verdade é uma experiência assim única né que a gente passa na vida, você que acaba vivenciando os dois gêneros na vida eu vivi até os 34 anos como homem, é cumpri o papel do homem hetero normativo, só que chegou um momento que eu não consegui mais, a mulher que existia dentro de mim, eu precisei dar razão de alguma forma. Até que chegou uma hora para mim, que eu me olhei no espelho, pra mim mesmo e eu não consigo mais lutar contra mim mesmo. E foi quando eu decidi assumir minha transexualidade, e assim foi muito difícil assim, você tem que reaprender tudo, você passa apesar de você ter a sua essencial, você passa a tentar se estabelecer em um papel de outro gênero, e você tentar provar a todo tempo para a sociedade, mesmo seu corpo sendo diferente, você é legitimamente uma mulher, você merece ser tratada como uma mulher, ser vista como uma mulher qualquer. A

partir do momento que você se assume como uma mulher é uma luta gigantes com a sociedade para conseguir ser aceita com o gênero da sua identificação.

TAYLANE: Não sei se existe um quando né, mas que você percebeu que você não gostava daquilo que os meninos gostavam. Que você não se identificava.

SURI: Então na verdade assim, logo que, 4/5 anos que eu comecei a entender essa diferença entre o universo dos meninos e das meninas, do homem e da mulher eu percebi que aquilo que me atraía mais, era as coisas das meninas. Era os brinquedos, os brilha-olhos. Tudo o que era do universo feminino me fascinava, dos meninos eu tinha tudo perto, todo mundo me oferecia, a minha família me oferecia. Mas nada disso me encantava, eu não me atraía por nada disso. Eu entendia de alguma forma por eu ter o corpo de um menino, eu tinha que de alguma forma exercer meu papel de menino, que era o que as pessoas esperavam de mim. E foi isso, de medo, por uma compreensão que eu tinha que exercer aquele papel na sociedade, que não me era permitido, que eu tinha que ser menino. Eu cresci calada, a minha infância, a minha adolescência, tentando, mas cedo ou tarde a minha essência aflorou.

TAYLANE: E como foi para sua família?

SURI: Na verdade, eu fui embora de Prudente com 26 anos e fui morar em São Paulo. Lá em São Paulo que eu comecei a transição, foi lá que eu descobri, que até então eu não tinha nenhuma informação a respeito.

Fui no começo do século, em 2001, então era o começo da internet, então a única referência de pessoas trans que eu tinha era as travestidas, da prostituição, das esquinas daqui de Prudente, eu falava “não, eu não quero isso *pra* minha vida”, então eu comecei a ser homem mesmo, é o que meu corpo me oferece.

Então, quando eu fui pra São Paulo e comecei a procurar por pessoas mesmo, que iniciaram a transição e que conseguiam ser mulheres na sociedade, aquilo foi me estimulando a buscar isso, porque foi uma coisa que nunca saiu de dentro de mim.

Eu fui pra São Paulo como homem e voltei 12 anos depois como mulher. Meu pai, assim, foi a grande pessoa na minha vida, uma pessoa que me aceitou incondicionalmente, ele quem me falou para voltar para Prudente que, porque a vida minha começou a ficar muito difícil, depois que eu assumi minha transexualidade, eu perdi emprego, eu morava com um tio meu fazia 10 anos, e ele me pediu para eu sair do apartamento. Amigos se afastaram. Familiares se afastaram. Eu praticamente fui parar na rua. Eu consegui ajuda com algumas pessoas, fui me restabelecendo, mas tinha a questão da perda da visão, que é uma doença degenerativa, que já estava com uma etapa bem evoluída.

E aí meu pai me ligou me disse que eu não precisava viver assim, que eu tinha família. Eu tinha receio de voltar aqui pra Prudente. Mas aí meu pai me aceitou super me apoiou, e o restante da minha família eu entendo que foi me apoiando e me aceitando, pelo exemplo do meu pai. Acho que viam meu pai, me dando sempre muito apoio. “Se o pai dela aceita, quem sou eu pra me opor ou criar algum problema? ”, então assim, meu pai foi meu grande apoiador. Ele não é uma pessoa

que assim, eu digo que foi a falta de compreensão dele a respeito do tema, foi suprida pelo amor dele. Ele é uma pessoa sem estudo, a profissão dele era guincheiro de estrada, o público dele era esses caminhoneiros de estradas, mas independente disso, o amor dele estava acima da compreensão.

LARISSA: Para família assim geral, a sua aceitou de uma tal maneira, o que você quer para outras famílias é essa aceitação? Quando recebem a notícia?

SURI: Na verdade, eu entendo que é difícil, apesar do meu pai ter me aceitado, eu sei que é difícil, para o meu pai eu sei que é difícil. Ele fala que ganhou uma família, mas sim perdeu um filho. Ele teve que cumprir um luto, de um filho que ele teve, que ele ama, mas que ele entendeu que ele ganhou uma filha, e que essa era a minha essência de verdade, então ele aceitou isso. Mas a grande maioria das famílias não aceitam e fazem assim.

A família pode escolher de fazer da vida da pessoa um inferno ou aliviar para pessoa. Porque o grande dilema da pessoa que faz a transexualidade é será que vou ter o amor e o carinho da minha família?

A grande maioria das famílias simplesmente fazem isso com a pessoa. Mandam a pessoa pra fora de casa, rompem relações com a pessoa. Aí fica o dilema, ou eu assumo minha transexualidade, minha essência, minha verdade, ou eu mantenho o amor e o carinho da minha família. Olha o que uma pessoa trans tem que escolher na vida, entre ser ela mesma ou em preservar a família dela, isso é cruel demais. Só que isso é tão forte, que a grande maioria acaba escolhendo vivendo a própria verdade, porque você não consegue viver com a saúde mental, saúde psicológica.

A Debora até pode discorrer melhor, mas a partir do momento que a pessoa assume a transexualidade, que ela tem acesso ao acompanhamento psicoterapêutico, o tratamento hormonal acompanhado, ao acessos às mudanças cirúrgicas, e ela consegue finalmente ganhar uma aparência de acordo com a identidade dela, o ganho de vida dela é gigantesco, sabe? O ganho de qualidade de vida que eu tive foi forte assim, porque enquanto você não se assume, enquanto você não vive, você não caminha bem, o seu trabalho não vai caminhar bem, faculdade não vai caminhar bem. Eu vivia a base de antidepressivo. Várias vezes eu começava a faculdade e interrompia. Você não tem tesão de tocar a vida. Você tá cumprindo um papel para a sociedade que não é você, então você não faz bem nada. Você não vai fazer bem sua vida acadêmica, sua vida afetiva, você vai ter dificuldade de se relacionar, você não vai cumprir seu papel bem com a família. Tem um alto índice de suicídio, a pessoa tira a sua vida, então pra você não tirar a sua vida você assume a sua transexualidade e aí o preço disso é a sua família virar as costas e você ir pro gueto, pra marginalização.

TAYLANE: Preço alto, né. Debora, fala um pouco, acho que a Suri pegou um ponto muito bom, que a é a saúde mental dessas pessoas que acabam sendo excluídas. Fala um pouco pra gente sobre isso;

DEBORA: Na verdade alguns pontos sobre isso. Ela falou sobre a família. Quando a gente pensa na família, todo mundo nasce de alguém que esteve com alguém em algum momento.

Então, independente que as nossas referências familiares sejam boas ou ruins, vieram de algum lugar. Então antes de ser família, antes de ser pai, antes de ser mãe, são pessoas que também tiveram as suas questões.

Eu acho que a gente precisa olhar pro sofrimento dessa pessoa trans, e também tentar entender o todo. Eu acho que se a gente está inserida no contexto familiar, se a gente tem minimamente carinho, afeto por essas pessoas, a família também acaba lidando com algumas questões que precisam olhar com atenção pra essa totalidade.

Acho que também ela encontrou uma estratégia de não estar mais aqui e foi pra São Paulo de uma forma e voltou de outra, quando ela falou disso eu pensei muito na rede de apoio, eu acho que a gente tem uma coisa muito nossa, que toda a pessoa tem um senso de pertencimento.

Se a gente não se sente pertencente a um grupo, ou uma sociedade de modo geral, é muito difícil de conseguir seguir em frente estando ali com uma saúde minimamente boa, pensando em saúde mental. Em estar perto é trocar experiências com pessoas que passaram pelas mesmas coisas que você é importante, eu acho que quando uma pessoa trans precisa reafirmar o tempo inteiro que o que ela está dizendo é legítimo. Então você precisa provar, em diversos contextos que a tua palavra tem verdade, se a gente pensar em uma atividade aí inteiro, ou nunca precisa ser feito.

Um hétero não precisa explicar o gênero dela, vai de encontro com o sexo biológico que ela teve. Enfim, eu acho que essa coisa de precisar reafirmar em diversos contextos, para essas pessoas também é um desgaste emocional significativo assim. E enquanto profissional da saúde, também penso que a gente precisa repensar essas práticas. Eu *tava* até lendo uns relatos, sobre esse assunto, de um homem trans que diz sobre esse assunto, que quando ele foi passar pelo processo para começar o tratamento hormonal, os profissionais precisaram conversar com a família dele, e aí a abordagem foi feita de uma forma tão grosseira, que ele sentiu que foi que, os profissionais estavam procurando para família, o porque que ele tinha dado errado. E porque ele precisava daquilo, sabe?

Enquanto profissional, eu me preocupo muito com essas coisas, sabe? Eu acho que a gente sempre precisa oferecer espaços de escuta. Ela também falou sobre o suicídio, que eu acho que é um assunto que a gente não pode deixar de falar em nenhum momento do ano, assim, sabe.

TAYLANE: Agora no mês, né? Setembro Amarelo...

DEBORA: Eu acho que é questão de saúde pública, cara. A gente tem que pensar isso o ano inteiro e você tirar sua vida, porque você não consegue, você não consegue existir, é muito cruel. Então a gente precisa oferecer espaços protetivos.

TAYLANE: A gente tem que compreender né? As pessoas, porque é uma realidade nova para elas. Você acha que isso tem muito a ver com a falta de informação?

DEBORA: Sem dúvida, eu acho que com certeza. Assim, eu acho que, já que eu estava falando sobre suicídio eu sei que existe um tabu para falar sobre esses assuntos muito polêmicos para a maioria da sociedade.

Quando a gente informa a gente está prevenindo também, de passar por situações muito complicadas também, para quem está sofrendo e para quem está lidando com aquilo, *né*.

Eu acho que a falta de acesso à informação, a falta de preparo também dos profissionais também é muito significativa, é sem dúvida atrapalha a gente a olhar com cuidado.

TAYLANE: Suri, você acha que a falta de informação também influencia nisso?

SURI: É a grande responsável, *né*? Que começa desde o familiar, no colégio *né*, a ideologia de gênero blindando os ambientes escolares, não querem que esse debate se estabeleça nos colégios, nos ambientes universitários, dentro dos cursos de psicologia, de medicina, do curso de enfermagem, no curso de direito.

A transexualidade é abordada de uma forma muito displicente, muito superficial. Você vê aí, pessoas cursando 6 anos de medicina, fazendo residência e você chega na pessoa, e ela nunca ouviu falar, não sabe do que se trata. É um público que você vê que não é visto como alguém, como um público alvo, como alguém que vai ser atendido por esses profissionais.

Um transexual nunca vai ser atendido no meu consultório, uma pessoa que vive a margem. Então pra que a gente vai usar na formação se não vai usar nesse tipo de conteúdo. Você vê profissionais sem preparo nenhum para atender a população dessa demanda, como qualquer pessoa.

DEBORA: Na minha formação, eu tive um pouco, quase nada sobre esse assunto. Então assim, eu tive contextos da saúde mental e eu estive lidando com situações. E estive em contato com esse assunto que estamos falando aqui hoje e as minhas condutas elas se deram porque eu fui atrás de saber sobre o assunto.

Até antes de vir aqui hoje, eu *tava* conversando com um amigo que *tá* terminando a faculdade de medicina e eu perguntei pra ele: “você já esteve com, já passou por atendimento com alguém no hospital e tal? ”. [A resposta foi] “Só sei que tem um *lance* social, que a gente precisa respeitar. Que se a gente não respeita, eles ficam muito bravos. ” Como se fosse uma coisa surreal, *né*? Eu acho que é uma questão importantíssima assim.

LARISSA: Vocês falaram sobre essa questão de médico... é.. E a gente puxando para esse lado agora cirúrgico, *né*? De cirurgias. Quase 300 transgêneros esperam por cirurgia na rede pública, isso é.. Foi há 10 anos, *né*? Após a portaria do SUS, essa é uma matéria do G1. Que a gente *tava* dando uma olhada.

TAYLANE: Esses procedimentos, *né*, tanto a cirurgia como a terapia hormonal, - gostaria até que depois você falasse sobre isso, Suri, sobre a questão hormonal. Ela tá desde 2008 aí no SUS, *né*? Então já que a Larissa escreveu esse gancho aí da cirurgia e *tal*, dos procedimentos, acho legal você falar. Você começou com a terapia hormonal, foi por conta própria? Foi por médico? Como foi?

LARISSA: Esses equipamentos cirúrgicos, como é que são? Tem poucos? Ou ainda que deveriam já ter sido, feitos para poder atender mais a demanda?

SURI: Todo o processo transexualizador, que é o tratamento oferecido pelo SUS, para transição de pessoas transexuais. Ele, como vocês disseram, é oferecido desde 2008, através de uma portaria da saúde. Na verdade assim, ele tem todo um na verdade, todo um critério que você tem que começar através de uma psicoterapia, primeiro você faz uma triagem. Por exemplo: O tratamento que eu fiz, ele é oferecido pelo instituto de psiquiatria do hospital das clínicas, dentro do instituto de psiquiatria tem um setor que se chama "prosex" que é um setor da psiquiatria que aborda todas os assuntos relacionados a sexualidade humana, e dentro desses assuntos é claro que tem a transexualidade, e aí eu entrei nesse programa em 2011. Passei por uma triagem inicial, primeiro vc faz uma avaliação com um psiquiatra, para ver se não existe uma patologia mais séria, alguma questão além da demanda da transexualidade, se ele achar que tá tudo bem ele inicia, te encaminha para uma das psicólogas que existem profissionais lá e você passa a fazer uma psicoterapia.

Por lei, é exigido dois anos de psicoterapia para você ser liberada para qualquer tipo de cirurgia, e dentro dos hospital das clínicas, após um ano depois da psicoterapia se tudo ocorrer bem, você é liberado para um tratamento hormonal.

Você é encaminhado para especialidade de endocrinologia, você faz uma bateria de exames, um hemograma completo e se tudo tiver bem com seu organismo clinicamente, você começa o tratamento com doses mínimas de hormônio. É um hormônio feminino, estrogênio, e um bloqueador de hormônio masculino, acetato, que bloqueia sua produção de hormônio masculino.

E aí, com esse tratamento hormonal, a mulher trans, no caso, vai ganhando características secundárias femininas, *né*? O seu cabelo começa a ficar mais brilhoso, mais macio... A textura da sua pele começa a ficar mais macia, a sua gordura do corpo começa a ser redistribuída, a sua gordura passa a se localizar na região dos quadris como acontecem com as mulheres biológicas, sai da parte superior do corpo. O cheiro do seu suor muda, o cheiro da sua urina muda... são essas mudanças que a gente acaba conseguindo através do tratamento hormonal.

A voz não muda, a voz só muda através de exercícios com fonoaudióloga. Existe exercício, técnicas de fono especializadas para a feminilização da voz, cirurgias nas cordas vocais também, que ainda estão numa fase meio inicial. Não é uma técnica que dá muito certo, dá uns dois pontinhos assim nas cordas vocais para elas esticarem e você ganhar um timbre assim mais agudo, mais parecido com o feminino. Só que com o tempo vai voltando e você vai voltando a ter uma voz assim mais grave. Então, é melhor você treinar assim com fono, para alcançar aí uma voz parecida com uma feminina.

E aí, depois de dois anos de psicoterapia, um ano de hormonização, você é liberada para cirurgias, você entra para a fila das cirurgias. Aí, essa fila pode demorar de 12 a 15 anos para a cirurgia genital. Tem outras cirurgias.

Eu, na verdade fiz cirurgia de mama, coloquei prótese de mama, fiz uma cirurgia na garganta, que é a raspagem da proeminência da glândula da tireoide, a proeminência que protege a glândula da tireoide. Aí tem meninas que fazem, sei lá, *feminilização* facial, acham que tem o maxilar ou um queixo muito largo, aí você pode afinar. Você pode reestruturar o nariz, você pode fazer uma redução da testa, porque a testa dos homens sempre são maiores, mais alongadas... Aí você reduz um pouco.

São várias técnicas cirúrgicas no âmbito da cirurgia plástica que podem levar a aparência dessa pessoa para uma aparência mais feminina. “Ah, mas olham, um monte de cirurgia estética, né? Não sei o quê, isso não precisa. Tá usando recurso da saúde pública do SUS para isso”. Gente, a gente tá falando de saúde pública, sim! A gente tá falando de dores emocionais, de dores psicológicas profundas. Então o máximo que a medicina conseguir, o máximo de técnica que a medicina tiver para oferecer essa transformação, é ganho de qualidade de vida para essa pessoa. Por que? Porque, infelizmente, a sociedade, como a doutora Debora falou, a sociedade não aceita a pessoa simplesmente ela se auto identificar, “eu sou mulher”.

Para a sociedade se convencer que eu sou mulher eu tenho que ter uma aparência convincente feminina, porque a sociedade que vai me dizer se eu sou mulher ou não. Esse é o grande problema.

Então, muitas meninas as vezes não quer fazer essa transformação, mas se ela não fizer ela não vai ter aceitação social. A gente trans tem aceitação social na medida da nossa passibilidade, o que que é essa expressão, “passibilidade”, é o quanto que uma pessoa trans consegue ser passável por uma mulher sis, por uma mulher biológica.

Então, se uma mulher trans, toda a transformação que ela se submeteu cirurgia, hormonização ela consegue passar 100% por mulher, ela vai ter uma passibilidade 100%, aí essa mulher trans não vai ter problema na sociedade, ela vai poder usar o banheiro, ela vai poder dizer que o nome dela é Maria que todo mundo vai respeitar, ela vai poder usar o vestiário feminino todas as alas femininas e nunca vai falar nada. Agora aquela trans, que tem ainda preservado aspectos masculinos por causa da genética. Então o preconceito *tá* no olhar, *tá* na aparência.

LARISSA: Suri, eu tenho uma dúvida: Todas as mulheres trans elas têm orientação, a maioria talvez tem orientação sobre procedimentos, sobre ramo social, enfim tudo que está relacionado?

SURI: Não, imagina. *Tá* crescendo, *né?* Os movimentos sociais, você tem assim a população trans, a população LGBT, e a população trans especificamente tem uma parcela muito organizada, movimento de militância existe a ANTRA, que é uma Associação Nacional De Travestis e Transexuais.

Com toda uma estrutura hierárquica, com direção sudeste de todas regiões do Brasil, então protege o oriente de pessoas travestis e transexuais no Brasil todo.

Tem as redes sociais, a internet que ajuda sim, divulgar muita informação. Mas a grande maioria dessas pessoas trans, não tem acesso.

A gente tá falando de uma pessoa muito vulnerável, que muitas vezes não tem um celular, que não tem acesso a uma rede social, entendeu? Uma pessoa que foi expulsa de casa com 12, 13 anos e que cursou a escola até a 4ª série. Porque a escola não tem uma política de proteção, e ela não suportou passar por bullying, por violência e saiu da escola.

Então, com 17, 18 anos essa pessoa trans, travesti ela tem sem amparo da família, sem estudo nenhum e sem ter experiência profissional nenhuma. O que ela tem? Ela tem um corpo para vender para poder comer, para poder se vestir para poder morar. É uma pessoa semianalfabeta muitas vezes, não tem formação nenhuma. Então não sabe de direito nenhum, não sabe quase nada.

TAYLANE: Débora, o que que você acha que pode ser trabalhado esse assunto, por exemplo, para os mais novos, porque acho que quando a gente é mais novo, é quando a gente começa a ter essas informações então tudo que a gente aprende é desde criança. Como você acha que deve ser trabalhado isso?

DÉBORA: Eu atualmente trabalho em uma escola, e é uma escola que recebe crianças muito pequenas. Eu andei pensando assim sobre esse assunto desde que eu comecei a pesquisar alguns materiais para conversar aqui hoje, eu acho que a gente ainda tá falando de uma falta de informação em relação ao assunto, sempre, de um tabu como eu disse, acho que a Suri tocou em um ponto importante que era o que eu tinha pensado também que a dificuldade de se colocar nos espaços, além de você precisar se autoafirmar, e essa autoafirmação não basta, você ainda precisa se esforçar para estar nos espaços.

Então, estando em uma escola, por exemplo, sei que o índice de faltas de alunos que conheço os casos de perto, que sei que a identidade de gênero não se alinha entre muitas coisas aí, com o sexo biológico é muito alto o índice de falta por exemplo. E a evasão escolar também, então acho que falando para crianças pequenas, ali que estão em processo de formação mesmo, acho que a gente poderia pensar em estratégia em cima de informar mesmo sobre o assunto.

Acho que como eu disse mesmo que a gente estava pensando sempre em prevenção também, eu acho que o contato falando mais a minha realidade assim, o contato com a família por exemplo, essa ponte com a família até chegar nessa criança às vezes é um processo muito difícil então acho que a gente precisa ter cuidado de como abordar esses assuntos, e não porque é um assunto que não deve ser falado mas porque é um assunto que pode não ser recebido muito bem, que se não for, que a gente tenha estratégias para pensar como é que a gente pode fazer com que ele seja.

TAYLANE: Acho que esse é o ponto, porque a gente tá falando aqui que sim, tem que informar desde jovem, desde criança porque é algo que elas precisam saber, precisam se identificar, falar: “olha eu entendo isso, é isso que eu estou passando. Preciso de ajuda, preciso ir atrás de alguém”. Só que falar isso na escola é uma coisa difícil, porque já é difícil a pessoa aceitar por exemplo, os pais aceitarem a

transexualidade, imagina falar sobre isso na escola. Suri, acho que você pode falar isso com mais propriedade.

SURI: Na verdade é fundamental falar isso na escola, tem essa discussão de que esse tipo de tema tem que ser abordado em um ambiente familiar, dentro de casa que a escola é só para levar as questões do aprendizado escolar. Mas gente, a criança o pré adolescente, a escola é um espaço de formação para pessoa de conhecimento do mundo, de formação de valores, de formação de valores morais. A gente não quer que a pessoa fale: “ah, quer ir lá ensinar para aquela criança que ele não precisa ser menino, que se ele quiser pode ser menina, se ele quiser ele pode beijar menino. Ele pode fazer o que quiser”. Imagina, jamais a gente quer ir para um colégio, um lugar com um discurso desse. Na verdade, o que a gente quer é dizer para as crianças, que essas pessoas existem. “Olha garoto, homossexual existe. Tem homem, tem menino, tem menina que não se relacionam com mulheres. Que se relacionam com homens também. Tem menino que nasce menino, mas por algum motivo que ninguém sabe ainda, ele não se reconhece dessa forma, ele se sente bem sendo menina. E vai crescer se sentindo, cumprindo papel de mulher. “Só que isso não é pecado, isso não é contra a lei, isso não é problema. Gente jamais uma criança, um pré adolescente vai querer ser homossexual porque ouviu falar que homossexual existe. Jamais uma criança vai querer ser travesti porque falaram na escola que travesti existe, sabe? Querer criar a criança dentro de uma bolha, dentro de uma fantasia fora da realidade, as crianças precisam saber da realidade, entendeu? E acontece que quando você não leva essa informação, você tá deixando um vazio na cabeça dessa criança com a informação e esse vazio vai ser preenchido por preconceito, porque ninguém nasce preconceituoso, o preconceito se ensina. E quando você não ocupa esse espaço com conscientização, quem vai ocupar esse espaço é o preconceito porque vai ter gente falando que “olha, o travesti não é coisa de Deus, travesti é coisa promíscua, ser gay não tá certo”. Como essa criança vai crescer ouvindo isso e quando essa pessoa ser um adulto o que ele vai ser? Vai ser uma pessoa com discurso de ódio, uma pessoa preconceituosa, vai ser aquele que vai expulsar o filho de casa se o filho for gay vai ser aquele que na hora que o travesti for levar um currículo, ele não vai empregar porque é um travesti. Então não adianta, para você mudar a cabeça de um adulto de 30, 40 anos é quase impossível. A chance que a gente tem para acabar com preconceito é trabalhar a cabeça de um ser humano em formação, um ser humano que ainda está desenvolvendo a formação. Se a gente conseguir fazer isso você vai ter daqui 20, 30 anos uma geração de uma sociedade sem preconceito, e vai acontecer o que? Essa criança que cresceu consciente sabendo que travesti existe, que gay existe e que isso tudo é normal dentro da sociedade, na hora que ele for um adulto e o filho dele for gay ele vai saber parar esse filho, na hora que ele for um empresário e ter uma travesti lá com o currículo, ele vai avaliar esse currículo como avalia de qualquer outra pessoa. Só que as pessoas interessadas no discurso de ódio, a classe conservadora, sabe disso e tá tentando blindar a educação de todo jeito, porque sabe que se deixar a educação, a conscientização entrar na educação, daqui 20 anos o discurso de ódio não vai ter mais força nenhuma.

DÉBORA: A gente cai em um caminho muito perigoso. A gente pode cair em um caminho muito perigoso se a gente pensa “ah, eu sou psicóloga, e não atuo com esse público”, “Não é problema meu”, ou “eu sou professora e não tenho um aluno

que passa por isso, então eu não preciso pensar nessas questões”. E essas questões de gêneros passam por todos esses percalços. Então a gente não pode esquecer disso também.

SURI: Isso da educação é muito engraçado, porque existem, né, pesquisas que mostram que a maioria dos assédios sexuais acontece dentro de casa por familiares, pelo padrasto, pelo irmão mais velho, pelo primo. Então na verdade a criança está mais vulnerável a uma agressão sexual dentro de casa, do que na escola com outras pessoas. E é papel da escola sim, pregar para aquela criancinha, para falar para aquela menina que aquela é uma parte íntima do corpo dela. Que é uma parte que ela não pode deixar ninguém mexer. Que se alguém estranho quiser mexer lá. Como a professora não vai abordar esse tema na escola, esse é o primeiro passo, aí conforme vai pegando mais idade você vai falando sobre homossexualidade, mas sim, usando a linguagem adequada, no tempo adequado. Mas você simplesmente proibir que esse assunto seja proibido é deixar a criança vulnerável é esse tipo de assédio sim.

TAYLANE: E depois dessa dificuldade que a criança vai enfrentar por não ter esse conhecimento e tal e aí chega na fase adulta: Mercado de trabalho. Suri como você viu quando você entrou no mercado de trabalho e hoje. Mudou alguma coisa, o conceito. Como você vê o mercado de trabalho hoje?

SURI: Eu sinto uma melhora, muito sutil. Mas ainda tá muito, muito longe ainda de abranger um percentual satisfatório. Você tem 95% das mulheres transexuais vivendo da prostituição, por falta de oportunidade. Vai ter uma outra que você vai oferecer uma oportunidade e ela vai falar “Essa é minha realidade, vivo da prostituição. E to bem aqui”, ótimo te respeito. Mas acho que a grande maioria se você oferecer outra oportunidade, elas vão sair da prostituição. Porque é uma vida muito difícil, tá exposta a uma agressão, a criminalidade, volta e meia elas morrem, é uma expectativa de vida hoje de 5 anos, é menos que a metade da expectativa de um brasileiro comum de quase 70 anos. 35 anos é a expectativa de vida que se tinha na idade média.

Então, assim o nível de exclusão no mercado de trabalho ainda é muito grande, tem entidades que fazem movimentos de inserção o próprio Diversibox que eu faço parte, a gente faz esse tipo de trabalho, chega na empresa, não adianta a empresa só contratar e não preparar culturalmente a equipe de trabalho para aceitar aquela pessoa, senão aquela pessoa vai ter muito problema dentro daquele trabalho, então pra contratar uma mulher trans, um travesti ou um LGBT, você tem que fazer um trabalho interno de conscientização, você tem que fazer um trabalho de informação.

Olha a informação de novo, levar a conscientização e a informação para todos os ambientes de trabalho vai ter uma pessoa trans, um travesti circulando em todos os ambientes tem que ser respeitada. Então muitas empresas têm que fazer esse trabalho “Ah não, vai dar muito trabalho. Eu tenho uma equipe já”. Fiz uma entrevista de emprego que a própria pessoa do RH, e a equipe da vaga é só para homens. Você sabe como homem é, vive fazendo piadinhas. Como seria pra você lidar com isso. Então ela tava jogando a questão para mim, para eu ter um jeito de lidar com isso, do que preparar a equipe dela e dizer “Olha gente, piadinhas a gente não

aceita. ” Então isso não vale dentro do nosso ambiente. Então seria eu quem deveria me adaptar as piadinhas porque estava naturalizada na empresa. Pra você ver como o problema é grande.

TAYLANE: Pra você ver né, além do machismo enraizado, ainda tem que lidar com o preconceito pela pessoa ser trans.

DEBORA: Bom, essa transfobia, é difícil você pensar que existe essa transfobia porque existe pessoas trans. A transfobia acontece porque a sociedade é transfóbica, assim como acontece com o racismo que não acontece só porque existe pessoas negras, mas por que a sociedade é racista. Um exemplo significativo é pensar na dinâmica da empresa mesmo, o que eu posso fazer pras pessoas respeitarem minimamente né?

SURI: Em São Paulo tem um projeto que resgata esse projeto da educação das pessoas trans, se cadastram *pra* concluir o ensino médio, *pra* isso elas se cadastram no ensino médio. Nas unidades de ensinios preparadas do ensino médio e essa pessoa recebe uma ajuda de custo mensal, um vale transporte pra ir concluindo o ensino médio e entrar na universidade. Tem o transversal, que é uma plataforma para empresas que têm interesse em contratar pessoas transexuais e também reúne na mesma plataforma currículos de transexuais então faz essa ponte de candidatos transexuais e empresas que querem contratar. Então são iniciativas isoladas, têm uma grande política nacional voltada para essa população.

TAYLANE: E em Prudente, Suri?

SURI: Aqui em Prudentem a gente tem uma oferta de tratamento hormonal lá no ambulatório de saúde mental. Naquele predinho na frente do museu ali. A gente conseguiu que dois profissionais fossem fazer uma capacitação em São Paulo, em um centro de atendimento para pessoas trans, elas fizeram essa capacitação e hoje elas atendem pessoas que querem fazer essa hormonização, fazem o atendimento, uma bateria de exames e se ela tiver tudo certo, essa pessoa começa a fazer a hormonização. E aí essas pessoas conseguem uma receita e conseguem tirar na farmácia da rede pública, algumas conseguem e outras não. Porque ainda não tem nada alinhado.

A secretaria de saúde do município não quer assumir essa responsabilidade e diz ser do estado. O estado também não quer assumir essa responsabilidade, então não está oficializado, as pessoas estão sendo atendidas, não como deveriam, porque elas deveriam ter o atendimento psicológico também. Mas é o que a gente tem aqui em Prudente hoje em dia.

A respeito de emprego, não temos uma política, nós temos uma casa de acolhimento LGBT, tem um número de vagas super limitados de 4 pessoas. E me parece que está em fase de desativação, parece que houve uma interrupção, alguns problemas. Mas era o único espaço que acolhiam as pessoas LGBT de rua. Porque se você procura assistência social, a secretaria de saúde, a secretaria de educação,

não existe nenhuma política, são poderes públicos omissos as demandas políticas LGBT.

TAYLANE: Suri, *pra* encerrar, eu gostaria que você falasse sobre a representatividade. Você acha que hoje, por exemplo, a gente vê na televisão, a figura do transexual, às vezes até de forma pejorativa, com certo preconceito e tudo mais. E ao mesmo tempo a gente vê que os trans tão sim pegando um espaço.

SURI: Eu vejo positivo. As personagens trans ultimamente tem sido de uma forma não tão caricata, não ligada a prostituição, nem a marginalização. Ou aquele gay que é cômico que fica fazendo piada, totalmente sexualidade. Eu vejo que está trazendo essa realidade das pessoas trans, dos homossexuais, para a realidade de pessoas normais. Pessoas comuns que tem sonhos, que tem medo, que se apaixonam. Então eu acho que isso é muito importante, e que faz a sociedade se identificar com essas pessoas, que talvez você conhece. Muito mais semelhanças, referências. Porque existe aquela capa superficial da diferença. Por dentro, todo mundo tem fome, todo mundo tem medo, todo mundo tem raiva, todo mundo tem solidão, todo mundo se apaixona e todo mundo tem objetivo na vida. E aí quando você conhece uma pessoa trans, uma pessoa travesti e consegue perceber tudo isso, e vê que é uma pessoa que tem muito mais semelhança com você, do que diferença. As novelas, as mídias estão conseguindo gerar essa aproximação e identificação mais humana e mais caricata, tem ainda muitos deslizes, tem ainda muito termo usado inadequadamente, mas vejo um caminho muito positivo sendo trilhado.

TAYLANE: Debora, Suri a gente agradece imensamente por vocês terem vindo. Acho que a gente podia ter conversado sobre muitas outras questões. Parece que a gente tem tanto para falar, só que a gente está muito feliz por vocês terem aceitado o convite, por vocês terem vindo.

DEBORA: Eu agradeço pelo convite. Adorei o papo. Acho que é importante abrir esse espaço de discussão para gente entender e outras pessoas. É uma discussão válida. Enquanto profissional de psicologia, eu me sinto responsável pra olhar com esse assunto com atenção e obrigada. É um prazer estar com vocês.

SURI: Eu também agradeço. Agradeço a oportunidade, agradeço pelo convite. Também acho que é importante ter espaços como esse e fico feliz e esperançosa de ver acadêmicos, pessoas jovens com todo esse interesse de abordar esse tema, dando visibilidade para esse tema. Eu acho que o caminho é esse mesmo. Estou bastante satisfeita. Obrigada

TAYLANE: Então é isso gente. Espero que você que está ouvindo tenha gostado, siga a gente nas redes sociais para você saberem mais sobre. O @manaspodcat, no Facebook também, Manas podcast. Você pode ouvir também pelo Spotify, pelo Google Podcasts, pelo iTunes e pelo Spreaker. E você vai saber mais sobre o

assunto. Você pode estar rolando a tela aonde você estiver vendo e conhecer nossos outros programas. Larissa.

LARISSA: Obrigada meninas. Obrigada Taylane. E tchau.

TAYLANE: Gente, até a próxima. Valeu!

PODCAST MANAS

TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO #3 BATE-PAPO SOBRE A (POLÊMICA?) VIRGINDADE

Isabelle: Olá, começa agora o terceiro episódio do Manas, podcast voltado a informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Aqui é Isabelle Voltarelli na apresentação, e vamos bater um papo hoje sobre um assunto bem importante para as mulheres, né, Rayeni? Tudo bem com você?

Rayeni: Tudo bem e com você?

Isabelle: Comigo também! Hoje vamos falar de um assunto que ele merece ser muito conversado, ele é sobre virgindade. Eu tô aqui com a professora universitária, Jandeli Barcelos.

Jandeli: Bem?

Isabelle: Estou também com a Stefani Silva.

Stefani: Olá, tudo bem?

Isabelle: E também com a ginecologista Letícia Belucci.

Letícia: Olá, tudo joia?

Isabelle: Tudo joia, meninas. Sejam bem-vindas!

Rayeni: Muito obrigada pela participação de vocês. Sejam muito bem-vindas.

Isabelle: Bora começar então? Mas só depois que a vinheta rodar.

Vinheta

Isabelle: Bom, como eu disse no início, hoje vamos falar sobre virgindade com as meninas que estão aqui hoje, vão falar sobre esse assunto com a gente. Meninas, eu queria que cada uma de vocês, falassem um pouquinho de vocês, se apresentassem, e se possível, contasse um pouco da história de vocês com o tema.

Jandeli: Bom, eu sou a Jandeli e em relação com esse tema, eu acho que no caso, foi porque eu perdi a virgindade um pouco mais tarde do que é o comum para a maioria das mulheres. Eu perdi a virgindade quando eu casei, com 24 anos. Então, desde pequena, eu sempre tive sonhos, essas coisas de princesa, imaginava que uma princesa iria casar com um príncipe encantado, então eu levo isso sempre pra minha vida, e meu medo era: não achar alguém que não tivesse a mesma escolha que eu, que não me respeitasse ou questionasse e dizer que não é normal, mas enfim, deu certo. Namorei por 8 anos, porque a gente começou a namorar novo, eu

tinha 15 anos e ele 17, e eu sempre tive sonho de estudar e ele também, então, a gente priorizou o estudo primeiro, e assim no último ano da faculdade, a gente falou: não, já tá na hora, vamos casar, e também estava esperando meu irmão vai velho, que no caso ele é padre, então a minha família é bem religiosa, e meu sonho era que meu irmão celebrasse meu casamento. Daí foi assim que aconteceu, aos 24 anos, nos casamos e aí foi que aconteceu na lua de mel.

Stefani: Eu perdi minha virgindade com meu primeiro namorado, eu comecei a namorar com 13 anos e ele tinha 16, 17, e assim, na época, eu me achava completamente madura tomando uma decisão desse tamanho, e a iniciativa foi minha, por incrível que pareça, foi eu queria, não queria que ficasse só rolando. Assim, é uma idade bem nova. Eu olho como bem nova, eu sempre na parte da sexualidade, eu sempre fui precoce, desde nova eu fiz a descobertas muito mais cedo, e como elas acontecem. Eu namorei 1 ano e meio, e foi questão de 3 meses de namoro, eu decidi que queria, era minha decisão, ele perguntou se eu tinha certeza e eu disse que sim, e acabou acontecendo.

Letícia: Eu sou ginecologista, e eu estou aqui por conta das pacientes que eu posso estar tirando as dúvidas de vocês sobre isso. Chega paciente com muita dúvida. Nos dois casos, como vocês estavam falando, pacientes que também quer casar virgem, as mais novinhas que procuram orientação. Hoje a gente tem mais acesso, orientação, e acho que elas acabam se identificando comigo porque sou um pouco mais nova, mais aberta, falar mais nas redes sociais, então eu tive muita procura desse público mais jovem que quer saber sobre como é e tirar dúvidas sobre sexualidade.

Rayeni: Meninas, para vocês existem um tempo certo para perder a virgindade?

Letícia: Para mim não. Eu acho que depende da mulher, cada mulher é única, e cada uma vai perder no seu tempo, e cada pessoa tem seu tempo, sua história, sua vivência, sua cultura, sua religião, e tudo isso precisa ser respeitado.

Stefani: Eu compartilho da mesma ideia, mas eu coloco bastante a maturidade do momento, que é uma coisa que hoje em dia, claro, eu não me arrependo, foi uma decisão que tomei completamente consciente, mas hoje eu olho e percebo que poderia ter esperado para amadurecer mais um pouco, talvez as minhas ideias, talvez o meu corpo, enfim, esperar amadurecer mais, porque a Stefani que tinha 14 anos, e completamente diferente da de hoje. Além do contato que tive com a psicologia, ela me fez pensar em questão da sexualidade, a maturidade, e como eu me vi muito precoce nas relações, eu acho que isso é uma coisa de vai de cada um.

Letícia: Eu sou um pouco mais velha que vocês, e era muito difícil falar de sexualidade com nossos pais, na escola não tinha isso, então talvez, essa maturidade vem pela falta de conhecimento. Hoje mesmo assim, tem gente falando bastante, as pessoas tem muito preconceito, você vai falar sobre sexualidade, o pessoal: meu deus, você vai falar sobre isso?

Isabelle: Para você ter informação, você recebe. Muitas meninas, muitas histórias, muitas dúvidas. Eu queria que você me falasse sobre isso também...

Letícia: Às vezes elas têm dúvidas e as mães não querem conversar, não deixa entrar sozinha pra tirar dúvida ou então quando a filha vai perguntar algo, já se fecha, tipo, como assim? Minha filha vai perguntar isso? Não acredito. Então, até hoje, com tudo isso que a gente falou, o pessoal tem muita dificuldade.

Rayeni: O que é estranho, em pleno século 21, todo mundo está evoluindo a cabeça e as pessoas ainda tem problema em falar disso.

Stefani: Inclusive as mulheres, né? Elas têm zero voz para falar sobre sexualidade, em qualquer situação. As pessoas resume sexo com sexualidade. Não tem a ver com gênero, não é uma coisa que vem por traz. Então mesmo com total acesso, a gente está bem longe de maturidade sexual, deixar de ser um tabu e começar a ser um assunto trabalhado desde sempre.

Letícia: Com certeza! Até porque trabalhar esse assunto, diminui abuso sexual, gravidez indesejável, então, é ensinar, e sexo pela OMS, o sexo faz parte da saúde, então precisa ser conversado e tem que melhorar isso.

Rayeni: Jo, fale um pouco sobre sua relação com o assunto, a gente também quer ouvir.

Jandeli: Pra mim também não é questão de idade. Eu nunca cogitei uma idade certa pra perder a virgindade, mas como eu sempre tive esse sonho desde criança, o assunto sexo na minha casa era conversado, mas de uma maneira como a igreja preza. Não que pra mim fosse algo errado fazer o sexo antes do casamento, mas eu sempre falei isso, é uma escolha minha. Até hoje eu vejo amigas que acham legal, pergunta como conseguimos..

Stefani: É uma dúvida também (risos).

Jandeli: Como todo mundo sempre falou, eu sempre me esquivava, tentava não ficar muito junto, nunca viajamos sozinhos. Um dia uma pessoa disse que talvez ele me traia. E eu confiei nele. Depois que me formei, eu fui fazer mestrado em Barcelona. Eu vejo que nesse 8 anos, teve muito respeito, senão eu não tinha ido.

Isabelle: Nossa, muito legal! A minha irmã e meu cunhado também. Ficaram um tempo, cada um morando em uma cidade. A perda da virgindade envolve algo mais complexo, como a interação com o corpo de outra pessoa, é a intimidade, temos que estar atentos aos métodos contraceptivos. Queria que vocês falassem sobre isso? Quais são essas consequências? Quando começa a ter uma vida ativa?

Jandeli: Bom, pra mim eu sempre pensei: eu vou me entregar pra alguém que seja pra sempre. Vejo pessoas que se arrepende, eu tenho muito medo do arrependimento. Fazer tudo na sua hora.

Stefani: Eu não sei as outras pessoas, mas eu tenho muito em mente com quem eu perco a virgindade, eu vou carregar pra sempre. Com quem inicia. Marca muito. Envolve respeito. Por isso é importante ter esse consenso. Meu namorado, mesmo não ter dado certo, eu vou leva-lo sempre comigo. Uma das coisas e a lembrança.

Leticia: Eu concordo também. A única coisa que resta é a lembrança. É muito ligado a pessoa. Não é só o ato, é tudo isso. A relação precisa ter respeito.

Isabelle: Você também falou sobre a religião, é um fator que influencia nessa decisão?

Jandeli: Eu acredito que pode influenciar, mas acho que não pode ser um fator crucial. A pessoa tem que ter em mente o que ela quer. Não pode ser o ponto fundamental, tem que pensar, e o que você quer pra sua vida.

Rayeni: Eu acho que essa questão da religião é de pessoa para pessoa, pois eu vou evangélica, e sempre pesou muito na minha cabeça.

Jandeli: O que eu sempre escuto é que as pessoas começam a namorar e já casam pra evitar cair no pecado.

Leticia: Você nos perguntou se a gente se arrependeu e depois falou da religião, eu demorei pra amadurecer isso, e por isso eu fiquei com essa questão; eu pequei? Não podemos achar que fazer isso é pecado, por conta de não se conhecer.

Rayeni: Em relação aos seus pacientes; você ouve muito que elas se arrepende?

Leticia: Sim, a maioria chega com essa dúvida. Quando é maior e já está na faculdade ainda mais. Também faço o pré-natal de adolescente e vejo que falta informação, não sabe o que vai acontecer.

Rayeni: E por vergonha, porque não foi atrás.

Leticia: A gente precisa procurar, até mesmo nas escolas.

Stefani: Era isso que eu ia falar agora, educação sexual nas escolas. Desde sempre é importante saber que o ato não é só sexualidade. Se vermos o quanto problemas serão evitados com esses assuntos nas escolas.

Isabelle: Era isso que eu ia falar. Como as mulheres podem se prevenir pra começar a ter sua vida sexual ativa?

Leticia: Primeiro tem que pensar: tem que se proteger de doença. A camisinha e muito prática,, qualquer posto de saúde, não é cara. Depois disso para evitar a gravidez, usar o dil, anel e cada paciente vai se dedicar a mesma. Não posso esquecer que as doenças não vê cara.

Isabelle: Só voltando o arrependimento, segundo informações do IG se 40% se arrependeram de ter perdido a virgindade muito cedo. Fevereiro de 2019, se arrependeram.

Leticia: A taxa é alta, né?

Jandeli: Eu não tinha noção, mas eu já imaginava esse número.

Rayeni: E como foi a primeira vez de vocês?

Jandeli: Eu me preparei por 8 anos. (risos) É até engraçado, eu tinha uma mala de lingier. Eu me preparava mais com a lua de mel que o casamento em si. E ele fez uma surpresa, então eu não sabia se iria era calor ou frio.

Stefani: O meu é um contraste. Acordei no dia e disse: é hoje! A gente estava enrolando nas preliminares fazia um tempo, e eu sentia vontade e queria muito. Minha mãe saiu pra trabalhar e eu liguei pra ele: cê tem como vir aqui em casa? Minha mãe saiu. Falei assim: passa na farmácia e compra camisinha. Bem na adrenalina do momento. E eu levantei e minha pressão caiu.

Rayeni: Eu acho muito importante: quais os métodos contraceptivos mais indicados?

Leticia: Hepatite b, sífilis, HIV, são as principais. Por isso, camisinha sempre. Anticoncepcional que é ingerido, anel, e a tabelinha nem conto muito, é mais pra quem quer engravidar. As adolescentes esquecem de usar anticoncepcional, Legal conhecer seu corpo.

Rayeni: Falando da tabelinha, lembrei dos aplicativos que tem. O que você acha?

Leticia: Eu adoro! Até indico para as minhas pacientes. Eles tem até alarme e assim você vai conhecendo seu corpo e vendo o que é melhor. Acaba acontecendo com essas pacientes que colocam dil e não vem mais no médico. Eu peço para elas virem depois de 30 dias que coloquei para fazer um ultrassom e ver se está no lugar.

Rayeni: Qual a margem de erro?

Leticia: apenas 1%. Ele tem um erro menor que a laqueadura.

Isabelle: E vocês, meninas? Vocês disseram dos métodos e quais vocês mais usam?

Stefani: Eu tomava anticoncepcional desde quando eu perdi a virgindade. De uns tempos pra cá, eu não sei, mas eu decidi parar de tomar, mas desde sempre, camisinha, eu levo na minha bolsa porque não tem aquela desculpa de que não tem. Camisinha é tudo. Até porque eu não tomo mais, e esse é meu plano A.

Jandeli: Desde o casamento eu comecei a tomar o anticoncepcional, porque meu medo era casar e engravidar. E depois, eu comecei a ter problemas, dores nas

pernas, até porque eu tenho caso de trombose na família. Mas agora, eu voltei, pois estou com miomas e sangramentos intensos.

Leticia: A gente não pode esquecer que o anticoncepcional traz muitos malefícios para as mulheres. Trombose, tem mulher que tem enxaqueca, depressão, baixa libido, a gente tem que se conhecer. Por isso é importante falar com o ginecologista. Isso aconteceu comigo. Antes eu tomava o anticoncepcional e ficava triste.

Stefani: A psicologia entende muito isso. A gente vê problemas e já tenta saber se a mulher faz uso. Porque a gente não sabe o problema que ele causa e vai levando. Não informa para o psiquiatra que está tomando.

Rayeni: Talvez acontece a questão de ver que está inchada e acha que estava gorda. Porque acontecia comigo.

Stefani: Agora que parei de tomar, está vindo um desinchado do nada. Só Deus sabe.

Jandeli: Aconteceu comigo também.

Rayeni: Qual o período que dá pra trocar?

Leticia: Um período de três meses que é a fase de adaptação. Mas eu não espero. Isso vai de acordo com as minhas pacientes. Uma coisa que peço, e fazer a ultrassom, continua usando camisinha até saber que está tudo ok.

Rayeni: Uma dúvida que muita gente tem é usar anticoncepcional com antibiótico. É verdade?

Leticia: Com os antibióticos que tomamos em casa, normalmente não. Eles são concentrados no fígado, e isso pode diminuir a eficácia dele.

Stefani: Eu fico pensando que, quanto tempo ele saiu do corpo:?

Leticia: Não tem nada a ver, não tomou hoje, já corre o risco de engravidar. Eu tenho casos de pessoas que não fazem penetração vaginal, mas faz oral, e aí? É uma relação ou não?

Rayeni: O papo está muito legal, mas quais são as considerações de vocês sobre o tema de hoje?

Stefani: Uma dica é que as pessoas se conheçam o corpo antes de deixar alguém se conhecer, respeite o tempo dele, a mente dele, temos que pensar nisso e esteja com pessoa que respeitem vocês. Vamos quebrar o tabu.

Jandeli: Eu concordo. As meninas precisam estar seguras e ir sempre no ginecologista. É muito importante é até para as mães, pois elas não levam as filhas no médico. É a saúde que está em jogo. É segurança, é saber que não volta e tem que valer a pena.

Leticia: SE informe, vai atrás. Mães que não se informarem, vão atrás.

Isabelle: Meninas, muito obrigada por tudo, por esse papo, foi muito bom.

Rayeni: Obrigada Leticia, obrigada Stefani e obrigada Jandeli. Sigam a gente nas redes sociais. Estamos no spotify e spreaker, e só seguir lá, @manaspodcast.

Isabelle: Isso mesmo. Segue lá!

PODCAST MANAS

TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO #4: HORA DE ABORDAR O FEMINISMO

Brenda: Olá, começa agora a 4ª edição do Manas, podcast que é voltado a informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Eu me chamo Brenda Oliveira, e neste episódio eu e a Isabelle Voltarelli vamos apresentar mais um assunto importante para mulheres. Tudo bem com você Isa?

Isabelle: Oi Bren, tudo sim e com você?

Brenda: Estou bem também. Neste episódio vamos falar de feminismo, e entender mais sobre esse movimento e esse universo com duas ativistas femininas.

Isabelle: É isso mesmo Brenda. A gente tá aqui com a Beatriz Lorezon e com a Nathalia Souza, e são com elas que a gente vai conversar um pouquinho sobre esse tema, no programa de hoje.

Brenda: Meninas, falem um pouco de vocês. O nome, a idade.

Nathalia: Meu nome é Nathalia, tenho 21 anos de idade, sou estudante de psicologia, e sou uma da coordenadora projeto “Mulheres em Prosa”, aqui na universidade.

Beatriz: Meu nome é Beatriz, tenho 21 anos, faço faculdade de direito. E também luto pelo direito das mulheres aqui em Prudente.

Brenda: Obrigada Meninas, sejam muito bem-vindas.

Isabelle: Então vamos começar a falar sobre esse assunto, mas só depois que a vinheta rodar.

VINHETA

Brenda: O feminismo é uma doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade e tem como objetivo comum da vivência humana por meio do empoderamento feminino da libertação patriarcais e normas de gênero

Isabelle: Por volta de 1990 foi onde o feminismo tomou força e assim como os movimentos mais antigos, pautas como aborto, fim violência sexual, maternidade, ser dona de casa, propriedade do corpo, aceitação física e aceitações de gênero também entraram para a agenda para fazer parte de assuntos do dia a dia. Até mesmo como notícias nos meios de comunicação. E ainda existem dúvidas sobre esse movimento, sobre o feminismo. Meninas eu queria saber de vocês. O que é feminismo pra vocês e como vocês decidiram fazer parte deste movimento?

Beatriz: Eu me identifico com a vertente do feminismo radical. Que é o feminismo por sua raiz, na essência feminina. Então essa parte do movimento, busca quebrar os padrões de gêneros e questionar. E o que a gente ta fazendo hoje por ser mulher é construção social ou se é porque realmente a gente gosta disso, porque a gente quer isso. Então basicamente a gente luta pelo fim do padrão de gênero a gente sabe que hoje é quase uma utopia pensar isso, numa sociedade patriarcal, não tem como as mulheres ficarem numa supremacia, não é nem isso que a gente quer. A gente quer igualdade, da mesma forma que a gente sabe que os padrões de gênero são impostos da vida e mesmo assim, a gente vai continuar lutando mesmo que eles nunca acabem.

Nathalia: Pra mim o feminismo é uma luta constante, que vem no decorrer ai, de muitos anos, de todas essas conquistas que a gente já tem conseguido. Mas é uma luta por igualdade e por liberdade das mulheres. Eu estou numa vertente do feminismo numa área interseccional, pra gente pensar “O que é ser mulher? ”, dentro de uma classe, raça, orientação sexual, religiosa, todas as suas diversidades.

Brenda: E como vocês conheceram o feminismo? Qual foi a porta de entrada de vocês nesse universo?

Beatriz: Eu conheci o feminismo... acho que a maioria das feministas hoje em dia conheceram o feminismo através do feminismo liberal, que é o que abre as portas pra você e de enxergar que você precisa lutar pelo que a gente quer. E eu me aproximei muito disso na época da escola, então eu acho que a maioria também. Porque é onde a gente começa a questionar algumas coisas do dia a dia, e ai a gente pergunta “Porque o home pode fazer isso? ”, “Porque uma mulher não pode fazer isso?”. Então eu acho que isso é a porta de entrada para a maioria das feministas hoje em dia. Porque quando você começa a questionar, você precisa ir atrás disso para saber o que gerou tudo isso, o que gerou toda essa confusão que para a gente é uma confusão e para eles é normal, que existe hoje em dia.

Basicamente foi na minha adolescência, assim com esses questionamentos, começamos a ir atrás e foi percebendo que você, suas amigas. Pergunta pra sua mãe, pra sua avó se elas nunca se questionaram sobre isso e é uma coisa muito doida, porque todo mundo já, mas as vezes a gente nem sabia que a gente podia lutar por isso.

Nathalia: Eu não sei muito bem responder exatamente essa pergunta, porque eu acho que eu sempre tive alguns pensamentos feministas. Acho que a gente é, sem saber que a gente é feminista né. Ao se voltar realmente para o movimento feminista, a buscar mais informação, ao colocar outras coisas como movimento de crítica e refletir sobre algumas coisas que aconteceram na minha adolescência, conversando com algumas amigas em relacionamento que eu tive, que me fizeram realmente pensar um pouco sobre isso.

Isabelle: A adolescência então foi o ponto de partida para que vocês comessem a se sentir feministas então, desde essa fase. E porque então ser feminista?

Beatriz: Porque não ser né?

Isabelle: Porque não ser né, verdade.

Beatriz: É um assunto muito complexo porque a gente começa a reproduzir machismo muito nova, então a gente não tem ideia que é ruim para a gente. Quando a gente percebe isso a desigualdade que existe pela gente, a gente começa a ir atrás e pesquisar, e a procurar saber. E assim como eu já conversei com amigas e também já li livros e vi documentários falando sobre, não existe a possibilidade de uma mulher ser machista, ela pode reproduzir o machismo, mas a gente por nossa essência feminina sabe o que é passar pelo machismo todos os dias. Então uma mulher nunca pode ser considerada machistas, as vezes ela não tem informação, ou ela não tem informação, ou ela ta ok sobre o assunto, porque ela acha que não é atingida pelo machismo, pela classe social, por qualquer outra coisa. Pra mim é isso.

Brenda: Vocês foram criadas em um ambiente machista ou a mãe de vocês já era um pouco mais liberal?

Nathalia: Bom, acho que pensando em ambiente além de família. Mas eu penso que sim, eu fui criada em um ambiente machista, porque havia muito aquela separação dos meus brinquedos. Meus brinquedos eram sim, minhas bonecas todas cor de rosa, mas nem sempre eu aceitava isso, mas ao mesmo tempo eu tinha liberdade pra fazer outras brincadeiras e afins. Mas também isso dentro da escola, no meu contexto escolar. Tinha aquilo, “a as meninas vão jogar vôlei e os meninos futebol”. Então eu acho que isso vem ai até hoje. Depois no momento da escolha de uma profissão aquilo quando você ta se questionando “O que eu vou fazer de faculdade agora.” E aí vem alguém e te fala “Essa área é pra homens”, “essa área é mais para mulheres.”. Então eu acho que assim, o machismo ta dentro da área do nosso desenvolvimento desde sempre. Ele ta ao nosso lado ali, o tempo todo.

Beatriz: Pra mim eu acho que o que me fez criar uma ponta, um ponto de interrogação na minha cabeça desde pequena foi quando eu tinha mais ou menos uns 7 anos de idade e eu queria pintar meu quarto de azul, e meu pai não deixou, e foi um chororô que só, e eu não entendi o porque eu não podia pintar meu quarto

de azul, e eu ouvia o pessoal da minha família falando “Ah não, você tem que gostar de rosa. A gente compra lilás pra você”, eu não queria rosa, porque eu não gosto de rosa, foi a partir daí que eu fiquei pensando, “porque meus primos podem ter o quarto azul e eu não?”. Então eu acho que desde muito pequena a gente tem contato com o machismo. Na verdade, é imposto pra gente desde quando a gente nasceu, e só vamos perceber quando a gente vai amadurecendo, quando a gente vai vendo as outras coisas do mundo. Então, é isso mesmo.

Nathalia: Isso é muito de antes da gente nascer né, é aquela coisa de quando a nossa mãe, a nossa família sabe qual vai ser o nosso sexo, então vai atribuindo o nosso gênero.

Brenda: E aí nosso enxoval já é todo rosa né, não tem outra cor assim.

Isabelle: Então para vocês não existem essa de “Coisa para menina, coisa para menino”.

Beatriz: Isso.

Brenda: Qual a bandeira do feminismo vocês levantam?

Beatriz: Como eu falei no início, eu levanto a vertente do feminismo radical que é o feminismo por sua essência que é a quebra de padrões de gênero. É, o que é ser mulher? Então assim, ser mulher é ter um sentimento? Não ser mulher não é ser sentimento. Se fosse um sentimento a gente não era imposta as coisas desde, quando a gente nasceu, sem saber o que a gente queria. Então basicamente é isso.

Nathalia: É como eu falei também, eu levanto “O que é ser mulher?”, o que é ser mulher em determinado espaços, quais os direitos que a gente ainda tem pra conquistar, quais os vícios da gente ser mulher.

Brenda: Acho que um dos vícios hoje, é a diferença salarial né. Eu tenho um dado aqui do fórum econômico. Da nossa diferença salarial para um homem é de 100 anos. O que vocês acham disso? Dessa diferença salarial que a gente ainda sofre por ser mulher.

Beatriz: É eu acho que isso não é de agora né, desde muito tempo atrás quando as mulheres não podiam trabalhar. Então essa condição que tinha época em que as mulheres não podiam trabalhar e não podiam estudar, isso tudo fez com que os homens tivessem a maior parte das conquistas que eles mantem até hoje. Até a gente relaciona isso com isso de raça também, porque quando a gente fala que branco tem que manter o poder, não que a gente “Ah, eu to aqui nessa posição porque eu mereci” e não é bem isso, tem toda uma carga histórica por trás que impede que as minorias estejam a onde a maioria está que é o homem padrão branco. Então é basicamente a diferença salarial ela é na verdade agora, é proibido que haja diferença salarial entre homem e mulher ocupando o mesmo cargo, porém isso ainda acontece muito. Então assim, as vezes as mulheres que estão no mesmo

cargo que outro homem, não sabe quanto ele ganha. Por isso pra manter o padrão de que o homem sempre ganhe mais.

Nathalia: Eu acho também a diferença salarial vem muito também da construção do masculino de o mercado compreender que o homem é o provedor e por isso ele deveria ganhar mais que as mulheres. Essa questão do machismo e como ele afeta também os homens. Eles muitas vezes não aceitam que uma mulher ganhe mais do que ele, ou o mesmo que ele, acho que isso mexe com a questão do poder.

Beatriz: O que não faz sentido, porque hoje nas universidades a maioria são mulheres e mesmo assim ainda tem uma construção de que o homem é quem mais estuda e mais inteligente, que é o único que pode fazer uma faculdade de exatas por exemplo.

Brenda: E é real isso, porque tem muito isso que o homem faz mais engenharia e se você ver uma mulher eles já, é meio assim. Eu acho que a gente tem muito preconceito ainda pra gente.

Isabelle: Vocês acham que isso tá mudando de repente? Porque as mulheres ainda estão procurando por sua independência né? Seja financeira seja profissional.

Beatriz: Então eu acho que hoje em dia. Eu acho que assim, hoje de em dia se fala mais disso, hoje em dia mais pessoas falam disso, hoje em dias mais pessoas lutam por isso. Não quer dizer que o machismo acabou. Então é uma luta constante, como a Nathalia falou, não tem como a gente pensar assim lutei contra o machismo, agora vou sentar aqui e acabou. Não é assim.

Nathalia: As mulheres estão ocupando mais espaços no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Mas esses espaços as coisas precisam ser mudadas, as mulheres precisam ser modificadas para atender outras mulheres. Esses tempos eu tava vendo uma reportagem falando sobre os direitos reprodutivos e como a mulher quando ela está no mercado de trabalho, ela não tem ali o ambiente de trabalho dela, adaptado para que ela eventualmente precise de um lugar para levar a criança, um espaço para que ela tenha a criança ali com ela para amamentar por exemplo. É um espaço ainda a ser conquistado.

Isabelle: É muito algo a ser debatido ainda. Essa questão da mulher também, ter e querer ter um filho, ela tem que ali ter que se adequar ao trabalho e ao emprego e aí como ela tá.

Brenda: A gente teve um episódio aqui que falamos sobre coletivos femininos e um dos coletivos que a gente recebeu foi o santo útero. Eu sei que vocês participam de grupos, tanto a Beatriz participava de um na Toledo, mas que infelizmente hoje não está mais ativo e a Nathalia participa de um e eu queria que vocês falassem um pouco sobre esses grupos de mulheres que vocês tem e que vocês explicassem pra gente como funcionava, qual era o objetivo.

Isabelle: Era arrecadado produtos de higiene, é isso?

Beatriz: Então, lá no meu caso, a gente tinha um grupo que chamava Arthemesia, que a gente buscou, e tentava fazer campanhas para conseguir ajudar mulheres de rua, então a gente teve uma época que a gente arrecadou produtos de higiene, absorvente, escova de dentes, qualquer coisa e a gente fez doação na própria faculdade as pessoas doaram e a gente fez os kits e entregou para as mulheres que passavam necessidades. Eu acho que esse é o principal papel de um coletivo, ajudar as pessoas, exterior o que a gente fica falando, não apenas postar no facebook que a gente precisa ajudar o próximo, a gente realmente precisa. Inclusive uma das minhas metas é conseguir um dia formar um grupo aqui em prudente, um coletivo grande de mulheres para poder fazer isso mais vezes. O que acontece é que isso consome a gente mais vezes então fica bem difícil, mas existem umas causas que realmente precisam.

Isabelle: Realmente. Interessante. Nathalia.

Nathalia: Que bacana Beatriz. Eu sou da mulheres em prosa que é um grupo da universidade de cerca de 8 mulheres que organizaram isso, mas a gente gosta muito de abranger para a faculdade como um todo, para todas as mulheres aqui, e nós temos encontros semanais, de manhã, a tarde e a noite. E tem como objetivo esses encontros um ambiente afetivo onde as mulheres se sintam livres para conversar sobre tudo aquilo que seja pertinente a mulheres, então seja sobre sexualidade. Nosso intuito realmente é sobre as mulheres estarem ali que a gente possa conversar sobre isso e propagar a mais esses conhecimentos essas reflexões, de mulheres que estejam em um relacionamento abusivo, que elas consigam se fortalecer para sair de uma violência e passem a estar juntos nessa luta.

Brenda: Vocês falaram sobre relacionamento abusivo, e a gente tem aqui uma informação e um dado da revista abril que 12 mulheres são assinadas por dia são 4.443 homicídios de mulheres e 21% foi considerado feminicídio pelo ministério público. É um número bastante expressivo, o que vocês acham disso, sobre isso. O que vocês acham que devemos fazer para que o governo, que o estado precise fazer.

Beatriz: Então, os feminicídios são homicídios mas acontecem pela condição da mulher, por ela ser mulher ela morre, basicamente em relações afetivas ou parentais, familiares. A gente tem muitos casos disso, esses são só os que são noticiados, tem muito que a gente não fica sabendo. É uma questão a se pensar porque será que o estado não tá dando assistência a essas mulheres? Porque muitas vezes pela condição do homem, do machismo ele vai se sentir superior naquela situação, então a mulher nessas situações vai se sentir com medo de denunciar e tem muitos casos que não são denunciados.

Nathalia: Além desse trabalho das mulheres que sofrem esse tipo de violência, eu vejo também interessante o trabalho voltado aos homens, autores de violência, homens como ao todo, construídos de violência desde sua infância, desde sua concepção. É aquilo que a gente estava falando anteriormente existe a proposta dentro da maria da penha, dos municípios que eles implantem trabalhos de intervenção com os autores de violência porque a gente compreende o que esse homem vai ter outras relações na vida dele, essas mulheres decidem sair dessa relação e ele vai continuar em sociedade, e aí a gente não precisa intervir também

com esse homem? Refletir com ele sobre como ele foi construído socialmente, como essa violência para mulheres afeta os homens e tudo mais?

Beatriz: Tem que ser feito de fato uma realização né, e não uma punição a esses homens, porque depois vão voltar da mesma forma. Então é basicamente é a realização que a gente tem que se preocupar.

Isabelle: Querendo ou não, olha só 135 mulheres são estupradas por dia, 75% desses casos acontecem nas suas próprias casas mesmo 35% das mulheres já sofreram algum tipo de violência física ou sexual, e 41% da população feminina ainda tem medo de se defender. É algo assim que a gente precisa de preocupar mesmo.

Brenda: Eu acho que é uma coisa que vem de muito antes, dos nossos avós, dos nossos pais. É uma coisa que vem da criação muitas vezes. Porque naquela época eles não tinham tanta conscientização, nem as mulheres tinham.

Nathalia: Eu to fazendo um projeto sobre isso, uma pesquisa sobre a intervenção sobre violência. E quando você fala de violência e uma composição familiar de muito antes dos avós e tals. A gente vê que esses homens relatam que dentro do ambiente familiar deles, entre os pais deles era comum. Então eles naturalizam a violência como algo comum, como algo para resolver problemas.

Isabelle: E não é né. Eu acho que as coisas deveriam ser resolvidas de uma forma mais dialogada, mais civilizada. Eu sempre ouvir que violência gera violência.

Brenda: No garotas em prosa, quando chega uma mulher relatando que ta sofrendo um relacionamento abusivo, agressões, e nem que seja agressões físicas. Como vocês lidam com isso?

Nathalia: Até o momento não chegou nenhuma chegou que está passando por um relacionamento abusivo de violência. Mas a gente discute muito sobre isso e a nossa conduta seria orientar essa mulher, onde ela pode buscar ajuda que é importante falar sobre isso, ter um espaço pra conversar sobre isso, incentivar também ela procurar um apoio psicológico para que ela se fortaleça como pessoa, e onde ela pode fazer uma denúncia, onde ela pode buscar um socorro.

Beatriz: Principalmente nesse grupo de mulheres **onde** existem os relatos sobre isso.

Isabelle: Uma pela a outra né?

Brenda: Eu acho que isso seria, a famosa palavra sororidade, né? O que é a sororidade para vocês?

Beatriz: Bom, para mim sororidade e empatia caminham juntas então é algo que a gente não pode pensar separado, por a sororidade é você se importar com o outro, nós como mulheres porque a gente passa desde o nosso nascimento a sororidade é uma forma de a gente apoiar outras porque a gente sabe que elas passam sobre

isso. E enxergar o nosso lugar dentro da sociedade como mulher. Porque por mais que a gente seja mulher tem a diferença entre os privilégios e se reconhecer.

Nathalia: Para mim é muito disso também que a Beatriz falou de estarmos juntos para tudo.

Isabelle: Seria tão mais fácil que as pessoas colocassem no lugar das outras.

Brenda: Em que momento, que vocês disseram que foi na adolescência de vocês, houve algum acontecimento que deu um estralo e pensou “ agente precisa lutar pelos direitos das mulheres, isso não ta certo.”

Beatriz: Aquelas notícias que falavam sobre as mulheres o caso Eloa, que ficou muito famoso também que o ex namorado matou. Foi muito noticiado e eu era pequena e não entendia a questão do feminicídio ainda e a gente não sabia não e falava disso ainda. E nas coisas pequenas, como no feminismo liberal que a gente é a porta de entrada para o feminismo né que a gente se questiona, eu não posso fazer o que eu quero? Eles vão me julgar mal? Vão me ver de outra forma? Isso pode causar uma falsa sensação de liberdade. Por mais que a gente queria ser livre, sempre vamos estar condicionadas a a objetificação da mulher, então é se policiar também e que ninguém coloque amarras na gente sabe ?

Nathalia: Para mim quando eu penso em um momento marcante, eu tinha uma amiga, ainda tenho essa amiga, ela era muito envolvida no movimento feminista e ao mesmo tempo que eu conhecia ela, eu estava em um relacionamento abusivo, então foi algo muito pessoal. E eu consegui sair desse relacionamento abusivo e eu fui percebendo o que aconteceu ali comigo para que eu tivesse aquele relacionamento por tanto tempo e quanto liberdade eu senti por ter me liberdade, pra eu voltar a me reconhecer como pessoa. A gente precisa falar sobre isso, foi uma mulher que chegou em mim e começamos conversar sobre isso. Então outras mulheres precisando disso, quantas mulheres estão nesta situação perdendo sua identidade, por conta de um relacionamento.

Beatriz: Muito bonita sua iniciativa.

Brenda: Eu to arrepiada. Eu gostaria de saber se foi essa amiga sua que fez com que você acordasse e percebesse que “não, eu estou em um relacionamento abusivo.”

Nathalia: Foi também ela

Brenda: Vocês falaram sobre estereótipos femininos e aquele da mulher magra bonita. Como isso reflete na mulher hoje.

Beatriz: Eu acho assim como a gente falou de quando a gente é muito pequena e esses padrões foram impostos pra gente, porque a gente cresceu vendo revistas e programas de tv com mulheres magras, brancas altas, enfim e isso sempre deixa uma ponta na gente, mas se eu não sou assim, minhas amigas não são assim, porque esse é o padrão da sociedade? É um padrão irreal porque a gente não entende o que fez esse padrão ser o critério de beleza.

É algo relativo, não tem como a gente falar que siclano é bonito. Então é condicionado. Quando eu era menor eu sofri bulliyng na escola e eu pensava que se eu fosse daquele jeito talvez eu não sofreria hoje em dia. E esse me causou diversos distúrbios, mas eu acho que todo adolescente passa por isso e é quando a gente começa a se questionar o que eu to fazendo de errado. Será que se eu comer um prato de salada vou ficar igual a ela?então é uma coisa surreal assim e que eu vejo que por mais que a gente tente quebrar os padrões. Eles tentam o máximo mantem os padrões dando uma falsa sensação que a gente ta conquistando esse espaço. Existe muita conquista neste espaço, mas ainda tem a falsa percepção da quebra dos padrões.

Nathalia: Como a Beatriz falou, eu não posso comer tais coisas porque eu tenho que ficar magra, tenho que ficar bonita. Pra ir a tal lugar eu tenho que usar maquiagem, pra ir em tal lugar preciso ir com determinada roupa preciso fazer academia porque quero ser gostosa também. Enfim e eu acho muito interessante quando a gente fala no feminismo, quando a gente fala de igualdade e liberdade e hoje devemos ser como a gente é então se você for magra, tudo bem. Você não está errada, se você quer usar maquiagem tudo be, você também não está errada. Você tem a liberdade de escolher eu quero fazer isso, e não eu tenho que fazer. Fazer aquilo que eu gostar.

Brenda: Antes da gente encerrar eu gostaria que vocês falassem pra gente o que o feminismo significa pra cada e a importância dele?

Nathalia: Pra mim tem um significado tão grande que é difícil definir em poucas palavras. Mas pra mim o feminismo é a igualdade a luta pela liberdade. É luta por liberdade. É muita força. Feminismo é essencial em uma sociedade. E eu o considero uma luta pelos direitos humanos. Mesmo que as mulheres estejam em uma família nuclear, liberdade de expressar como elas querem, liberdade sexual e de serem diferentes.

De serem singulares.

Beatriz: Pra mim o feminismo além de liberdade é também princípio norteador dele é a igualdade como eu falei tem muitas pessoas que acreditam que é sobre ser uma supremacia e não existe essa possibilidade em uma sociedade patriarcal mas pra mim é a liberdade, mas a quebra dos padrões. Por mais que a gente queira ser livre, existem padrões que ainda prendem a gente. Sempre que eu sou vista com uma

camiseta de time ou falo sobre meu time, sempre aparece um homem pra perguntar quem é o zagueiro, quem é o técnico, qual a seleção que ganhou, no ano de 1945. E isso sempre me estressou muito, porque eu não preciso ficar provando que eu sei toda hora, assim como eu qualquer mulher que intimida eles procuram questionar. A gente pode intimidar sem ter que fingir que a gente sabe, sabe?

Brenda: Meninas, eu gostaria de agradecer a participação de vocês, foi muito produtivo muito interessante tudo isso que eu ouvi, principalmente pra mim e acredito que para as pessoas que vão ouvir também. E isso vai agregar demais.

Isabelle: Brenda, meninas, muito obrigada por ter batido esse papo com a gente hoje.

Brenda: Vocês podem acompanhar o manas através do Spreaker, nas plataformas digitais Spotify e iTunes. E nas redes sociais Facebook e Instagram.

PODCAST MANAS

TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO #5 MULHERES QUE NÃO QUEREM SER MÃES

Olá! Começa agora mais uma edição do Manas, que é um podcast voltado à informação e aos questionamentos *aí* dentro do nosso mundo, *né*, das mulheres... eu me chamo Taylane Fernandes - se você já ouviu outros episódios você já me conhece, *né*. A gente *tá* sempre aqui pra discutir sobre assuntos relevantes, *aí*.

Tô aqui também com a apresentadora Larissa oliveira. Oi, Larissa, tudo bem?

Larissa: Oi, Taylane. Tudo bem e você?

Taylane: tudo ótimo. E a gente *tá* aqui com três convidadas superespecialista e a gente vai falar sobre um assunto bem interessante, que *tá* sendo bastante discutido no momento.

Vamos falar com mulheres que tomaram uma decisão muito importante na vida delas, *né*, e é uma coisa muito particular, que é o de não ser mãe. Elas escolheram não ser mães.

Larissa: pois é, e a gente *tá* aqui com a luiza custódio, com a andreyna otaran e com a ana beatriz que vão compartilhar um pouquinho como essa questão surgiu na vida delas e... meninas, sejam bem-vindas.

Taylane: podem se apresentar. Pode começar... a luiza. A luiza caldeira.

Luiza: olá, me chamo luiza caldeira. Eu tenho vinte e dois anos. Faço curso de direito aqui na unoeste e atualmente eu trabalho como criadora de conteúdo no instagram.

Taylane: é sobre o que?

Luiza: eu faço criações voltadas mais para a literatura, geralmente literatura, lifestyle. Ultimamente eu venho criando aqueles filtros famosos do instagram, então eu tô desenvolvendo no nicho mais da literatura.

Taylane: interessante.

Andreyna: eu sou andreyna otaran, tenho dezenove anos e estou no segundo termo de psicologia aqui da unoeste.

Ana: meu nome é ana beatriz, eu tenho vinte e um ano e eu estudo psicologia, *tô* no último ano.

Taylane: legal, meninas. Desde já, a gente agradece a participação de vocês e é isso. Bora começar?

Vinheta

Taylane: hoje a gente vê que muitas mulheres optam por ter independência, *né*. Seja pra morar fora, conquistar seu espaço no mercado de trabalho, no estudo, ter uma vida diferente e, com isso, muitas coisas tão mudando. Algumas mulheres preferem não ter um relacionamento *pra* poder conciliar a vida pessoal e a vida no trabalho e existem outras que vão mais além. Além delas quererem ficar independentes, só, lutando aí em busca do seu, elas preferem também não ter filhos, sejam por questões de salário ou questões pessoais e a gente vai discutir sobre isso hoje.

Então a gente vê aqui meninas que pensam bem antes de ter essa decisão tão forte na vida delas que é de ser mãe.

Meninas, vocês três não pensam nisso. Não pensam em ser mães tão cedo - ou nunca, *né*. Podem começar falando: por que essa decisão? É uma questão mais da cultura de vocês ou tem um motivo especial...?

Ana: então, é... eu não consigo te dizer o momento exato que eu decidi, que tomei essa decisão. Eu acho que começou muito de questionar. Então, a partir do momento que você começa a ler sobre toda essa imposição social que tem sobre o corpo da mulher, você começa a parar pra pensar sobre. Então, no decorrer do processo de me entender como mulher, de pensar sobre isso, de me projetar pro futuro, eu vi que eu não me via tendo um filho. Parei para pensar de onde surgiu isso.

Quando eu brincava de boneca, *né*, e eu era mamãe. Isso era algo meu ou era imposto? Porque a gente tem, quando a gente é criança a gente tem essas imposições. Então a menina vai brincar de mamãe e filhinha e ela, pra ela já estimular isso. Então foi assim que começou.

Taylane: e o interessante é que isso é bem marcante na vida das meninas, *né*? A gente não vê o menino brincando de papai e filhinhos.

Ana: exatamente! E isso começa quando o feto já está na barriga da mãe, essa imposição.. Descobriu o sexo da criança, já começa isso. Os chás revelações já falam muito disso, *né*... “ah, é menina, já começa todo o preparativo”. Já começa a projetar todo um futuro para aquela menina sem ela ter nascido. Então começa muito cedo hoje em dia.

Taylane: e vocês, meninas? Como começou isso, o porquê...

Andreyana: ah, acho que assim como a ana, acho que é difícil saber quando começou. Acho que é uma construção. Acho que todo mundo, em algum momento

da vida, idealiza, assim, o casamento, os filhos, porque realmente é uma coisa imposta para gente desde criança e a gente vem com essa ideia, “eu tenho que ser mãe, eu tenho que casar”. E isso faz parte da vida. Só que eu acho que a gente está em um momento em que as mulheres, elas estão começando a planejar a vida delas e foi algo que os meus pais me incentivaram muito a fazer. “não dependa, não seja presa à família, ao marido se você tem a opção de escolher ter uma profissão” - e foi o que eu fiz. Se eu for fazer tudo o que eu quero profissionalmente, eu vou ter condição, de ter tempo de qualidade para uma criança? Eu vou me sentir bem sabendo que eu estou negligenciando a criação de uma criança. Não que eu não tenha vontade de ter filhos, mas foi uma opção pessoal. Coloquei na balança e vi que era melhor colocar na balança. Não que eu nunca vou ter filhos, porque a ideia é isso. A gente constrói, reconstrói mas não é um plano que, assim, “ah, daqui cinco anos, dez anos, me vejo tendo filhos”.

Luiza: então... na verdade, assim, eu fui uma menina bem diferente. Então na vida inteira eu nunca gostei de brincar de boneca, de brincar de cozinha. Eu era doida por uma pista do hot whells, eu me acabava nos carrinhos, subia em árvore... e minha mãe me criou de um jeito meio que um pouco diferenciado. Ela sempre quis fazer faculdade, ela sempre quis fazer direito. Ela não pode, porque casou aos dezenove anos e aos vinte ela já tinha filhos. Então ela não teve formação e sempre foi dona de casa. Ela sempre colocava pra mim, pelo menos, que eu tinha que ter uma faculdade, um curso.

Então, desde pequena, desde os meus dez anos, eu não pensava em casar, porque, pra mim, se eu casasse o meu marido iria me impor que eu tivesse um filho. Então, era isso. Eu ia acabar tendo o mesmo destino se eu não focasse na minha carreira.

Hoje eu tive a sorte de encontrar o meu namorado e ele tem a mesma visão que eu tenho. De planejar o futuro, de construir uma carreira, de ter uma vida instável... ter uma independência econômica antes de pensar em qualquer coisa.

Quando eu era menor, eu não pensava na questão econômica, *né*. Eu pensava na dor... em parto, todas aquelas coisas.

Larissa: agulha, cirurgia...

Luiza: é, agulha, toda aquela... eu falava que nunca ia fazer cirurgia na minha vida! Eu falava “deus me livre!”. E aí, quando eu fui amadurecendo mais, eu fui vendo essas questões. Eu vi que “não, realmente... ser mãe não é pra mim. Eu não me vejo sendo mãe”. Não que eu diga que não vou ser, porque a gente nunca pode dizer “nunca vai acontecer”...

Taylane: “nunca diga nunca”, *né*.

Luiza: é...

Taylane: você tocou em um assunto interessante. O relacionamento. Porque... quando a gente, não sei, mas, quando a gente namora, parece que faz um tempinho que a gente namora e as pessoas começam a perguntar: “e aí, quando vai ser, vocês vão noivar, vão casar?”. Mas pera aí! Eu nem comecei a namorar. “mas, nossa, vocês pensam em ter filhos?”... É engraçado que, quando a pessoa tem filhos, as pessoas criticam: “nossa, mas você já tem filhos?”, é... vocês estão em um relacionamento também, além da luiza...?

Ana: não [risos], mas já vou começar a me expor aqui. Isso do relacionamento é muito engraçado, porque acho que é raro você encontrar homens com essa visão. Eu lembro que eu tive... acho que a gente nem pode chamar de relacionamento, mas enfim, em um tempo atrás eu estava me relacionando com um menino que era muito engraçado. Quando ele falava sobre isso, mesmo eu já colocando que eu não queria, que nunca foi um desejo, ele falava que ele queria ter e que seria um menino - e que ele levaria esse menino para ser, para um p****o. E quando, assim, se falava de menina, ele falava que não queria ter, porque ele teria *muito* ciúmes. Então olha como o machismo tá enraizado e já perpassa. A mulher perde o poder do próprio corpo. Então é muito esquisito pensar isso, que a gente não tem liberdade para tomar decisões que são nossas, que se referem ao nosso corpo, *né*. E é um tipo de violência, querendo ou não, porque não está respeitando a sua opinião e está te impondo outra. Então é um relacionamento saudável, ele tem que ser baseado na conversa e não na imposição.

Taylane: é uma balança, né. A gente tem que conversar e também respeitar o outro porque a gente não escolhe de quem a gente vai gostar, *né*, e é complicado isso, porque se um quer muito ter filho e o outro não quer, como levar isso? É um conflito, *né*. Andreyna, conta pra gente. Já *teve* ou *tá num* relacionamento...

Andreyna: nunca namorei, sou 100% solteira [risos].

Taylane: outro ponto que tocou e eu acho que é interessante é essa questão de, da pessoa ter o filho muito cedo, ela acaba se privando de muitas coisas, como estudar e tudo mais. Mas a gente também consegue ver exemplo de mulheres que conseguem conciliar isso. Acho que hoje isso é mais fácil, na época que a gente *tá* vivendo. O que vocês acham disso? Vocês concordam com isso?

Luiza: olha, eu acho assim: eu tive pessoas que foram amigas minhas, eu tenho uma irmã minha de consideração, a minha irmã do meio, e ela *tá* grávida.

Taylane: e ela tem quantos anos?

Luiza: ela tem dezenove. E, assim, o que acontece. Hoje em dia, pelo que vejo, a rotina da faculdade: a gente não tem uma rotina fácil. Querendo ou não, a gente tem

muita prova, a gente tem que estudar para prova, a gente tem que, querendo ou não, vir todos os dias, a gente tem uma rotina de estudos, na nossa casa, muitas vezes a gente trabalha... e, assim, filho, querendo ou não, demanda tempo, demanda atenção e... tem aquela coisa, deixar para outras pessoas criarem, seja seu pai ou sua mãe, acho que é uma coisa muito chata, porque acho que você acaba perdendo o respeito do seu filho, porque ele acaba sendo criado por outras pessoas. Eu ainda acho que é uma rotina muito complicada. Quem consegue conciliar tudo realmente é uma mulher muito, muito esforçada e guerreira, porque até para você manter a determinação de continuar a faculdade, a rotina, continuar vindo... tendo uma criança com você deve ser uma coisa extremamente complicada. Eu mesmo não me imagino, hoje em dia, nessa posição. Acho que, eu mesma, não daria conta de levar a rotina toda e ainda chegar em casa a noite, onze e meia da noite (que é a hora que eu chego), meia-noite e ter alguém ali me esperando, querendo a minha atenção, precisando de cuidado... acho que principalmente quem tem filho sem ajuda, que é mãe solteira. É muito complicado.

Larissa: meninas, como a gente sabe, *né*, tem todo esse preconceito de “ah, quando você envelhecer...” o que vocês acham disso?

Ana: ah, complicado, *né*, porque a visão do filho já é muito imposta e tem toda a questão de já ser a pessoa que vai cuidar de você, que vai deixar um legado. “como assim, você não vai ter filho, não vai deixar um legado?”. É muito relativo. Não vejo isso como uma verdade, não consigo ver isso como uma coisa viável, porque você acaba vendo muito o contrário, filhos que abandonam pais. Então tem inverdade nesse argumento.

Taylane: e se você for parar para pensar, você tem um filho porque você não quer ficar sozinho depois... você tá então usando uma criança para não poder ficar sozinho.

Luiza: ah, parece troca de favor, *né*. Se eu cuidei de você quando você era neném, então tem que cuidar de mim quando eu for velha. Eu cuidei de você quando eu não tinha capacidade então você tem que cuidar de mim quando eu também não tiver capacidade. Minha mãe brinca bastante com isso comigo. “como assim, você não vai cuidar de mim e do seu pai?” Eu falo “como é que eu vou cuidar de vocês? Eu tenho uma carreira, uma vida, como vou colocar vocês dentro da minha casa?”. E eu falo que eu acho que ela vai ter muito tempo de se cuidar sozinha, então não é uma preocupação para mim, mas parece uma troca de favores. Falar “ah, eu cuidei de você, então você cuida de mim” é uma coisa que eu acho errada, porque você não vai ter um filho para ele cuidar de você.

Andreyna: é parece que assim, tem uma supervalorização do relacionamento pai e filho, como se os outros relacionamentos não fossem importantes. “ah, vou chegar com 80 anos, a única pessoa que vai poder na face da terra para cuidar de mim é o meu filho” [risos]. Ah, eu não tenho amigos, não tenho irmãos, sei lá! Qualquer outra pessoa. A vida, parece que, quando se casa, se resume a casar e ao filho, as únicas

pessoas que existem. Não existe outro ciclo social dependente disso. E é terrível pensar nisso, porque gera uma bolha.

Taylane: parece que a gente nasce para depender de outro e depender de outro...

Bom, a gente tem que pensar também que a mulher não quer ter filho, mas acontece. Existem falhas, existem deslizos ali e acontece, tem um filho.

Para amenizar essa chance, a gente procura por quê? Por métodos contraceptivos. Então, são diversos aí. Camisinha, diu, comprimidos via oral, hormônio... então, assim, existem vários meios, só que nenhum deles é 100%. E sempre tem aquela pessoa assim “ah, mas você não queria ter filho? Nossa, então porque não ‘fechou a perna’?”. Vocês concordam? Como que é?

Luiza: as pessoas, principalmente homens na internet, *né*, [risos] acham que noventa e nove por cento com noventa e nove por cento dá duzentos por cento. Então “ah, não é cem por cento, pílula não é cem por cento eficiente, mas se juntar dá cem por cento eficiente”. [risos] eles acham que é muito desse jeito, que é uma somatória. Que você vai usar os dois e vai ficar blindado. Nossa! Assim, igual esse caso da minha irmã, ela *tá* fazendo faculdade e tudo e ela acabou engravidando sem querer, só que deve ser um momento de desespero na sua vida, porque vi ela passando por isso, chorava... e eu olhei para ela e falei “opa, não é assim”. Por mais que não tenha sido planejado, ainda é uma criança. Você vai ter que se programar nesses nove meses. Ela escolheu não abandonar a faculdade - e eu acho certo. Todo o suporte, toda a ajuda que ela precisa... falei “a gente vai te ajudar”. Só que, assim, a gente não pode criar o filho para ela. Infelizmente a gente não pode fazer isso. Ela é a mãe e a gente falou sobre isso. Por mais que a gente não queira ter filhos, quando acontece com pessoas próximas, mesmo sem querer a gente acaba se sensibilizando muito. Por mais que a gente fale que não goste de criança, eu tentei conversar muito sobre isso com ela. Mesmo que seja uma criança não planejada, eu tenho certeza que ela já é muito amada. Então, a gente tem que se planejar, fazer tudo certinho. Juntar as coisas do neném, vai trancar a faculdade e tirar licença. Perguntei se ela vai ter com quem deixar o bebê enquanto estiver na faculdade... “vai trancar [a faculdade]? Vai mudar de período?”... Falei “vai pensando aí, você tem nove meses para pensar” - e ela quer ir para a faculdade até o último mês! Até quando ela aguentar, quer ir. Porque é prioridade pra ela isso. Acho assim, que ela ta sendo, para uma menina de dezenove anos, está tendo muita maturidade para isso.

Taylane: quando... sei lá, a medicina é uma coisa que nós aqui não temos muita prioridade, mas... aliás, propriedade para falar. Mas, se é possível um anticoncepcional para mulher, por que não *pros* homens, *né*? Vocês acham que isso também é mais um motivo para os homens abdicarem das suas funções ou...?

Luiza: assim, o homem é igual a minha mãe fala: “lavou, *tá* novo”. Então, assim, se ele quer seguir e tocar a vida dele e fingir que isso não aconteceu, ele faz isso. Igual,

quantas pessoas a gente não conhece que o pai abandonou e foi embora? Hoje em dia, a coisa mais normal do mundo é ver pessoas que o pai foi embora e seguiu a vida. Tem mais três, quatro filhos e tem uma família. Conheço pessoas que o pai abandonou a família e constituiu outra família com outra pessoa. Então, para eles é a coisa mais normal do mundo. Tá em desenvolvimento, eu li algumas notícias, o contracepcional para homens...

Taylane: mas parece que essa notícia parece que tá antiga, né? Porque parece que eu vejo todo ano! [risos]

Luiza: é... não chega nunca! Só que assim, não faz muito sentido, você tem que tirar a bala do revólver. Não é a gente, no caso. Então... é mil e um métodos contraceptivos para a mulher e só um para o homem - e eles ainda olham torto para você... "ah, aperta!". O cara é "o" bem-dotado! Cabe no braço... e aí quem acaba carregando as consequências de um ato que foi feito em conjunto é a mulher. Se o homem não quiser, ele vai embora.

Andreyana: o engraçado é que esse é uma das lutas diárias das mulheres: o direito de escolha. Os homens podem fazer tudo o que eles querem, a mulher não. É sempre assim e o homem não. É como o que ela disse.

Ana: é, e quando a gente entra nessas questões, a gente entra no assunto que quando a mulher tem o filho, vai vir o instinto materno, mas e o instinto paterno? Por que ninguém fala disso? Isso mostra que a imposição está sempre em cima dela, a culpa é dela.

Taylane: e é interessante essa questão dos métodos contraceptivos, que existem os que a gente vê normalmente (camisinha, injeção...), mas os que são mais eficazes, que são o diu e a laqueadura, não são.. São os mais difíceis das mulheres conseguiram. Precisa ter certa idade, consentimento do parceiro... para que dificultar algo que só traz benefícios? É um método que tenha um custo maior, sim, mas é um dos mais eficazes.

Luiza: a gente vê que o estado tenta controlar a natalidade com anticoncepcional, pílula do dia seguinte e camisinha gratuitamente. A gente vê que o estado quer que a gente pare de se reproduzir, mas ao mesmo tempo ele "proíbe" certos métodos que podem frear a natalidade, que é a laqueadura. Tem que ter vinte e cinco anos... creio que o meu pensamento quando eu tiver vinte e cinco anos vai ser o mesmo de quando eu tenho vinte e dois. Isso não vai mudar em nada. Ao mesmo tempo que ele [governo] te dá uma mão, ele te toma outra.

Taylane: e entra aí também a questão do homem, como a vasectomia. A gente falou que tem um só, mas tem a vasectomia que é reversível. Ele tem duas opções: a camisinha e a vasectomia que é reversível.

Luiza: isso sem contar que a vasectomia é menos violenta do que a laqueadura. Ela é um procedimento muito mais simples e menos invasivo. Meu pai fez vasectomia. Em dez, quinze minutos ele estava andando. É bem mais fácil para o homem fazer a vasectomia do que a mulher fazer laqueadura.

Larissa: meninas, voltando nessa questão de não ter filhos, vocês conhecem alguém que também tem esse pensamento? Família, amiga... conta pra gente.

Luiza: olha... antigamente eu via bem mais. Só que a maioria das pessoas que falavam isso acabaram tendo filhos. Hoje acham um absurdo e me odeiam porque eu não quero ter filho. “filho é presente de deus”, hoje em dia é muito raro eu conhecer uma mulher que opte por não ter filhos, é muito difícil.

Andreyna: sobre isso, hoje eu tenho três irmãos homens, casados, que optaram por não ter filhos. Na minha família é comum. Meus pais sempre incentivaram muito esse poder de escolha para a gente. “quer seguir a sua carreira e ter filhos? Beleza.”. Acho que a questão é você querer ter ou não. Na minha família isso é comum e vejo muitas amigas que falam que não se veem e não se sentem mães, é uma responsabilidade muito grande. E não é uma boneca, “eu brinco depois guardo”. É um assunto que falo muito com as minhas amigas, é muito presente.

Ana: na minha família, eu tenho contato com a minha irmã e eu acho que a gente consegue perceber um questionamento maior sobre ter filhos e suas consequências. Acho que a gente está se questionando mais. Consigo enxergar isso de maneira mais presente atualmente.

Taylane: mas vocês acham que isso reflete apenas na decisão de não ter filhos ou outros fatores também?

Luiza: ah, tem vários outros fatores, como ela comentou antes de orientar a criança. Que tipo de ser humano vamos criar, colocar no mundo? O ser humano que a gente construir o caráter na sociedade. Eu estou criando um ser humano bom? É uma coisa assim, muito complicada... mas as pessoas não analisam por esse lado. Sem contar as dificuldades atuais do mundo, com superlotação, taxas de desemprego muito altas.

Taylane: esse era o ponto que eu *tava* pensando aqui, o financeiro. Muitas vezes a gente mal tem para gente e ter filho não é só trocar roupinha, dar comida... todo o suporte que a gente tem que dar para ele e aí você tem que pagar o dobro, o triplo, né. Está no casamento onde ambos têm que trabalhar ou eu tô sozinha...

Ana: é, acho que quando a gente fala disso, a gente precisa enfatizar as mulheres marginalizadas, de baixa renda. Quando elas têm um filho mas não querem, como elas vão cuidar da criança? Qual o futuro dessa criança? É aí que a gente entra no tão polêmico aborto, aí que a gente entra na questão de aborto, parece que a gente tá falando que vai virar uma festa. Só que a gente tem dados que comprovam, em países que legalizaram o aborto, que não é assim. Não vira essa várzea toda. Então,

dá para pensar nessas questões. Quando a gente fala de aborto, quando tem os pró-vidas, que vida é essa? É só nascer? É como se o filho fosse um castigo para a mulher. Quando a criança crescer, dane-se essa vida? Até que ponto é realmente pró-vida?

Taylane: e muitos desses que são pró-vida abordam de forma religiosa e estamos em um país, até então, laico. Então, a religião não pode impor na opinião das pessoas.

Luiza: o problema das pessoas pró-vida é que eles acham que a vida é uma novela chiquititas. Tive um filho, não quero e entrego para adotar. As crianças mais disputadas, não existe criança morando na rua... acho isso muito engraçado.

Taylane: a adoção é muitas vezes a solução dessas mulheres, né. Agora ela não quer ter filho, mas quando quiser a adoção está aí.

Luiza: bom, a adoção é uma questão muito burocrática.

Taylane: claro, tem essa questão.

Luiza: porque assim, eu não vou entregar a criança na mão de uma pessoa qualquer. Tem toda uma adaptação da criança, conviver com a família. E tem toda a questão da criança se adaptar e os "pais" descobrirem algo que não gostam e retornarem a criança no orfanato. E o pessoal dá preferência para bebê. As crianças mais velhas vão ficando para trás. As pessoas têm uma visão muito errada dos orfanatos. E se a criança ficar lá até os dezoito anos?

Andreyna: é como se fosse doar sangue, mas não é isso. As pessoas vão como se fossem um cachorro, fico muito triste. Vi pessoas próximas que ficaram anos na fila, tiveram oportunidade de adotar crianças mais velhas, de outra cor, e não adotaram porque não eram parecidas com eles, ficaram com medo do que a família ia pensar. É difícil. O orfanato não é um conto de fadas. É terrível.

Larissa: meninas, queria agradecer muito a presença de vocês. Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

Luiza: acho que a gente conseguiu acrescentar tudo o que a gente esperava.

Taylane: é isso, meninas. A gente tá muito feliz pela participação de vocês, por expressarem a opinião de vocês, acho que isso é muito importante para o manas, conhecer histórias e vivenciar isso, entender melhor a cabeça de nós, mulheres. Acho que mulheres conversando com mulheres, unir conhecimento, se descobrir, também, acho que esse tipo de papo é muito importante pra gente de descobrir. Então a gente agradece muito a participação de vocês espero que tenha sido produtivo para vocês também e é isso. Eu espero que você tenha gostado do nosso podcast, caso queira ouvir outros episódios, você pode ouvir pelo spotify, pelo speaker, no itunes no google podcasts e também tem no portal facopp. Acessa lá,

pesquisa “portal facopp” que vai ter os nossos podcasts. Agradeço todo mundo que tá ouvindo e é isso. Até mais.

Larissa: tchauzinho.

PODCAST MANAS

TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO #6 RELACIONAMENTO ABUSIVO

TAYLANE FERNANDES – Começa agora mais um episódio do Manas, que é um podcast voltado para as mulheres aqui de Prudente e região para a gente conversar sobre assuntos que estão dentro do nosso universo. Então, é um podcast de mulheres para mulheres para você se sentir bem, se informar e é isso, né, lutar aí pelas nossas conquistas e falar sobre coisa muita séria, né, às vezes a gente tem temas mais divertidinhos, mas hoje é momento da gente falar de um assunto mais tenso, né. Então, meu nome é Taylane Fernandes para quem não me conhece, hoje eu estou sozinha na apresentação, mas a gente sempre está aqui entre as manas para poder falar com vocês. É, a gente vai falar sobre relacionamento abusivo, é, se a gente não teve um relacionamento assim com certeza a gente já ouviu falar de alguém que teve, então, a gente trouxe três mulheres aqui para falar sobre isso, a primeira é a Beatriz, que ela é advogada, a Mariane, né, que ela vai contar um pouco sobre a história dela e também a Brenda, então, podem começar as apresentações meninas, sejam bem-vindas e eu agradeço desde já a participação!

BEATRIZ FUKUNARI – Oi, meu nome é Beatriz Fukunari, tenho vinte e quatro anos, sou advogada, especialista em direito e processo penal pela Universidade de Londrina e estou aqui para poder compartilhar informações jurídicas com vocês ou histórias até mesmo.

MARIANE PRACÂNICA – Olá, meu nome é Mariane, tenho vinte e nove anos, eu sou jornalista e eu vivi em um relacionamento abusivo. É, eu tive um relacionamento de dez anos entre namoro e casamento e dentre os quais eu sofri muito com essa questão de violência física, psicológica, emocional, patrimonial e por aí vai...

BRENDA MERCÚRIO – Olá! Meu nome é Brenda Mercúrio, tenho vinte e seis anos, sou psicóloga graduada pela Unoeste e pós-graduada em NBA em gestão de pessoas também pela Unoeste.

TAYLANE FERNANDES – Legal, meninas. Então vamos começar!

SOBE SOM

TAYLANE FERNANDES – Vocês sabiam que cerca de doze mulheres em Presidente Prudente são vítimas de relacionamento abusivo? Nos casos que houve agressões, quarenta e sete por cento dos agressores foram presos em flagrantes. A informação foi disponibilizada pela delegacia da mulher de Presidente Prudente, a DDM. Ela soma também seissentos e trinta e três denúncias de violência contra mulheres entre os meses de janeiro e julho de 2019. É, o preocupante é que mesmo com a implementação das medidas punitivas, é, casos ainda estão acontecendo, né, não só aqui na cidade, mas, no Brasil todo, no mundo todo. Então, é, entre os casos, né, que a gente já viu por aí é o da Mari, então a Mari vai falar um pouco sobre isso, né, Mari, você já meio que começou a falar sobre o seu caso, conta para gente como que foi essa relação?

MARIANE PRACÂNICA – Eu comecei a namorar muito nova, casei muito nova também, eu me casei com dezesseis anos, né, é, daí muitas pessoas perguntam, nossa, mas porquê você casou tão cedo?, né. É, durante o meu namoro a gente nunca teve nenhuma briga, era um relacionamento perfeito e como na minha casa, a minha mãe sofria em um relacionamento abusivo, é uma convivência muito difícil dentro da minha casa...

TAYLANE FERNANDES – Com seu pai mesmo?

MARIANE PRACÂNICA – Com meu pai. E eu até então era feliz no meu namoro, eu falei, na minha casa, na minha vida, no meu relacionamento, na minha família vai ser diferente, até porque a gente tinha uma base, um ensinamento cristão, então, baseado na minha experiência de vida, na experiência de vida dele porque o pai dele também, do meu ex, agredia a mãe dele e com o conhecimento cristão, entre aspas, né, eu falei, vou ser feliz, né. E foi totalmente, foi um pensamento totalmente equivocados. A nossa primeira briga foi na véspera do casamento e daí com o passar do tempo ele foi mostrando as caras, é, ele começou a se mostrar mesmo um mês depois do meu casamento. É, eu me casei no dia vinte e cinco de novembro, que por coincidência é o dia internacional da luta contra a violência contra mulher, né. Um mês depois era natal, a gente tinha combinado de ir para casa dos meus pais e ali ele já mostrou que não, que a gente não ia, porque agora eu tinha casado e eu tinha que entender que quem manda na casa é o homem, que o homem é a cabeça e a mulher tem que obedecer. E a partir disso, é, eu comecei a perceber que ele era uma pessoa muito possessiva, ciumenta, as coisas tinham que ser exatamente do jeito dele, é e eu fui mudando a minha vida para eu tentar me adaptar e evitar as brigas, né, mas, foi passando o tempo e tudo o que eu fiz ainda não foi suficiente, ainda tinha brigas e daí começaram, né, é...

TAYLANE FERNANDES – Até então era verbal?

MARIANE PRACÂNICA – Até então era verbal, é e psicológica, né...

TAYLANE FERNANDES – Sim.

MARIANE PRACÂNICA – É e daí depois começou quebrando, é, utensílios na casa, prato, tacando panela, celular, ventilador, armário e depois as agressões físicas também. Começa assim, né, começa com um empurrão, depois um tapa e assim por diante, né, então foi basicamente isso.

TAYLANE FERNANDES – Beatriz, tem muitos casos assim que você já presenciou no seu trabalho, né, clientes, como que é?

BEATRIZ FUKUNARI – Antes de começar advogar eu fiz estágio durante uns dois anos e meio no Ministério Público, aqui em Prudente, promotoria criminal e você fica estarecida com o tanto de caso que tem de violência doméstica, porque é algo cultural. É mais fácil você achar homem que acredita que a mulher é inferior a ele do que algum cara que vê de igual para igual, então assim, são muitos casos e de classes sociais diferentes, de profissões diferentes, é, está basicamente em todos os meios, né, então assim e o problema, depois do estágio também, eu já venho advogando faz mais de dois anos e meio e chega até a mim, né, clientes que sofreram violência, né, tipo psicológica, sexual, física, então assim, é mais comum do que a gente pensa. Se a gente pega estatísticas, a gente já fica impressionado

com o número, com o tanto de mulheres que sofrem esse tipo de violência, mas depois que a gente vê que na verdade é muito mais que isso.

TAYLANE FERNANDES – Sim. É, que nem, aqui em Prudente, né, você vê, a gente passou os números, parecem que são poucos, mas é que a gente tem que pensar também que essas são as pessoas que denunciam e essas pessoas que estão na mídia. Mas, e as pessoas que não denunciam? Que estão caladas, até então, que morrem? Existe um mundo desenfreado de número de feminicídio e a gente só descobre quando acaba.

MARIANE PRACÂNICA – Se vocês conhecessem eu e o meu ex marido, ninguém falava que eu vivia um relacionamento abusivo, porque eu não falava para ninguém, eu tinha aquele pensamento de que não, eu casei, tem que ser para sempre e em briga de marido e mulher ninguém mete a colher, então ninguém sabia do que eu estava passando. Começaram a desconfiar, minha família começou a desconfiar quando eu comecei a ficar doente, que eu comecei a ficar doente fisicamente, eu desenvolvi uma alergia e eu não descobria do que que era e a médica falou, vai em um psicólogo que isso é emocional.

BEATRIZ FUKUNARI – E eu acho que até a Brenda vai poder falar melhor sobre isso, mas, é, as vítimas elas chegam muito, assim, abaladas e pensando que a culpa é delas, porque os agressores eles fazem de um jeito que faz parecer que toda culpa é dela, tipo, ele está maltratando porque ela está merecendo, ele está batendo porque ela está merecendo...

BRENDA MERCÚRIO – É, oprimem elas psicologicamente, né, ao ponto delas se sentirem culpadas, principalmente a questão da Mari, igual, basicamente um ciclo de violência. Ela passou pela questão da tensão, que é o momento onde o ex marido dela agride ela verbalmente, dizia, vamos supor aí que mulher tem que ficar dentro de casa, não, você não vai passar o natal com os seus pais, você tem que entender que agora você está casada ou até mesmo agressões psicológicas, não sei se você chegou a passar por isso, você é feia, seu cabelo é horrível, ninguém te ama, eu não gosto mais de você, são agressões que querendo ou não ferem a mulher psicologicamente e é onde ela acaba achando que fez algo para merecer aquilo. Depois também a questão da agressão, né, que ela chegou a passar também. É o segundo passo do ciclo de violência. Depois já vem também a questão da lua de mel, questão do perdão, não vou fazer isso novamente, me perdoe, né, volte comigo, não sei se ela chegou a sair de casa em algum momento, de ir até a residência dos pais, de onde ela estava para poder recuperar o relacionamento, só que é preciso entender que isso é um ciclo e se não tiver um interrompimento isso volta a acontecer novamente.

MARIANE PRACÂNICA – É e tudo isso que você falou eu passei, então, o meu ex, ele, as agressões psicológicas começaram assim: porque ninguém gosta de você, as pessoas só te toleram por causa de mim, a se não fosse eu, você é uma pessoa muito ruim, as pessoas me adoram, é por isso que você ainda tem contato com as pessoas, a porque a sua família não presta...

BEATRIZ FUKUNARI – “Você é muito sortuda por ter encontrado um cara desse na sua vida...”

MARIANE PRACÂNICA – Exatamente!

BRENDA MERCÚRIO – Ele sempre inferioriza a vítima engrandecendo-se dentro do relacionamento. Então não fica de igual para igual porque ele é o superior dentro de casa, ele quem manda, ela está bem por conta dele ou então ela fez algo porque mereceu, apanhou porque quis, né, termos que a gente escuta com muita facilidade na sociedade...

BEATRIZ FUKUNARI – Sim, é só pegar, por exemplo, uma rede social, que a fulana foi violentada pelo namorado ou pelo marido, tem gente comentando, mas será que foi atoa? O que que ela fez?

TAYLANE FERNANDES – Eles tentam justificar, né? Então, por exemplo, aconteceu um caso recente aqui em Presidente Prudente que uma moça sofreu estupro, vinte e um anos e as pessoas questionaram o horário que ela estava na rua, isso ocorreu as duas da manhã, ela estava indo não interessa onde, ela estava lá não interessa o porque, mas, simplesmente as pessoas justificaram o horário, né, falaram, nossa, mas nesse horário uma moça sozinha? Sendo que devia ser ao contrário, né? A gente não devia ter medo de andar sozinha, são duas da manhã, elas vão ao trabalho, não sei, fui na casa da minha amiga? Qual é o problema de eu sair da minha casa, ter a minha liberdade, né gente?

BEATRIZ FUKUNARI – É porque também as pessoas pensam também que o corpo da mulher é público, né? Então elas podem opinar tudo o que você faz a respeito do seu corpo, tipo, que estava usando pouca roupa. Gente, poderia ficar nua que isso não dá o direito...

BRENDA MERCÚRIO – Não justificava, né, não justificava o fato ocorrido.

TAYLANE FERNANDES – É e Brenda, a Mari comentou sobre o psicológico, né, isso afeta muito, o que é que pode acontecer, é, os tipos de, é, traumas que a mulher pode ter conseqüentes desse tipo de relacionamento?

BRENDA MERCÚRIO – Certo, um deles inclusive é o que a Mari até mesmo citou, né, a questão da alergia, isso já é um dos primeiros sinais, porque é muita demanda dentro dela, então ela acaba colocando para fora de uma forma diferente. No caso dela, foi alergia, outras mulheres sentem-se ainda mais inferiorizadas, entram em depressão ou até mesmo ficam deprimidas que seria o estágio inicial da depressão também e se elas não conseguem um acolhimento, uma escuta, elas permanecem nisso, até mesmo mulheres que se suicidam pela questão de sofrer agressão e não conseguir uma ajuda, né, um auxílio.

TAYLANE FERNANDES – É e acontece também da mulher sofrer, prejudicar a saúde da mulher na questão física também, então, perde muito peso, né, eu tive já um relacionamento abusivo também e eu perdi muito peso, né, eu estava no ensino médio e estava magra, magra, magra, alergia, dava um probleminha na boca, um machucado, é, imunidade baixa, meu Deus, o que que é? E você nunca acha, né Mari? Você que sentia isso, você achava que era o quê, né?

MARIANE PRACÂNICA – Então, quando começou, alergia é uma doença muito chata porque você não consegue identificar da onde ela vem e você já está sofrendo com aquela situação, com aquele momento que você não pode falar e de repente eu me via com meu corpo todinho, era do coro cabeludo até a sola do meu pé com vergões que ardiam, coçavam, queimavam e eu ficava ainda mais agonizada, assim,

eu falava, meu Deus, não desejo isso para ninguém e assim, foi uma coisa muito ruim. Quem começou a identificar isso foi minha vó, minha vó chegou na minha mãe e falou assim, isso que a Mariane está passando é emocional.

BRENDA MERCÚRIO – Uma somatização dessa situação...

MARIANE PRACÂNICA – Está acontecendo alguma coisa, investiga, porque ela não está bem, isso é emocional e realmente era (risos). Hoje eu não tenho nada, graças a Deus! (risos)

TAYLANE FERNANDES – Bom, diante disso, né, nós mulheres estamos aí protegidas, pelo menos na teoria, pela Lei Maria da Penha, né, que foi criada em sete de agosto de dois mil e seis, só que ela só entrou em vigor no dia vinte e dois de setembro, né, então demorou aí um pouquinho. Então, agora nos últimos anos eles deram umas reformuladas, né, na lei, né, porque agora a gente tem os casos de feminicídios, né, que até antes a gente não ouvia esse termo, não sabia o que era, não tinha nada que classificava o feminicídio e agora em dois mil e quinze, dois mil e dezesseis, né, agora mais recente, a gente tem isso. Beatriz, acho que você pode falar mais do que ninguém sobre isso. (risos)

BEATRIZ FUKUNARI – Então, o feminicídio seria o homicídio praticado contra mulher por condições do gênero feminino, então, existe aquele sentimento de que a pessoa é superior a vítima porque a vítima é mulher, então o lugar dela na sociedade é, digamos, dá uma liberdade para que o indivíduo pratique uma violência, como por exemplo, até o homicídio, em si, então e a Lei Maria da Penha ela traz várias medidas que tentam conter a violência, inclusive a Lei Maria da Penha traz cinco formas diferentes de violência, traz a violência psicológica, a física, a sexual, a moral e... a patrimonial. Então, assim e ela traz várias medidas, por exemplo, o afastamento do agressor do lar, ela traz até a possibilidade de você, por que assim, muitas mulheres elas não saem da casa do agressor porque ele é quem provem a casa, porque muitos deles pensam assim que ele só é homem se ele sustentar a casa, então, assim, essa lei já traz uma medida também que você pode pedir alimentos para o agressor para poder se afastar de casa e não passar, digamos, necessidade e tudo mais. É, a lei, assim, em números, se você for parar para pensar não foi aquela diferença que todo mundo esperava, mas é porque realmente é um problema cultural, então, a lei tenta afastar o agressor, se ele descumprir a medida protetiva, é, daí há prisão preventiva também, há várias medidas, mas assim, a dimensão do problema ela está muito além da lei e não tem assim o perfil do criminoso, é, você pode falar por exemplo, um ladrão, uma pessoa que pratica roubo ele é assim, assim e assado, fulano é assim, assim e assado, mas agora o agressor ele está, assim, inserido em vários setores diferentes da sociedade, tem gente, assim, de terno e gravata, perfume importado, cheiroso, que fala, educado, que bate na namorada, que agride, então, assim, o problema, a lei tenta criar mecanismos para ajudar e o problema também é que chega a mulher e ela fala assim, olha, eu to sofrendo uma violência disso, disso e disso, aí ela conta para alguém ou talvez até mesmo para autoridade policial ou judiciária ou até mesmo advogados e a pessoa fala, mais porque? Não entendo porque?

MARIANE PRACÂNICA – É, exatamente. E é uma coisa, essa questão do porque, é uma coisa que ronda a gente que é a vítima, porque eu muitas vezes me perguntava e ninguém é perfeito, eu não sou perfeita, então é claro que todo casal tem as discussões e eu pensava isso, poxa, porque que eu cheguei a esse ponto de

merecer isso, entendeu? E é como a Beatriz tinha falado, tá, o agressor mesmo vinha e explicava, vinha chorando, olha, me desculpa, eu nunca mais vou fazer isso, mas, eu te bati porque você fez isso, isso e isso, você falou isso, isso e isso, não faz mais isso daí eu não vou te bater, entendeu? Então não tem um porque, mas para eles tem um porque.

BEATRIZ FUKUNARI – Outro problema da aplicação da lei é porque você também tem que passar pelo judiciário, então, você vai ter que reviver denovo aquela violência que você passou, você vai ter que contar para pessoas estranhas, você vai ter que muitas vezes encontrar o agressor e dividir mesa com ele na sala de audiência, então assim, é uma dor que muitas tentam evitar, inclusive assim, pelo menos as minhas clientes, eu tento também orientar a procurar uma ajuda psicológica, a procurar um psicólogo, porque assim, a lei não vai conseguir suprir toda...

BRENDA MERCÚRIO – ...necessidade daquela mulher, né.

BEATRIZ FUKUNARI – Todo prejuízo que ela sofreu.

BRENDA MERCÚRIO – Sim e toda vez que ela reconta a sua história, é como a Mari também às vezes pode até estar se sentindo, ela reconta aquela história como se ela estivesse vivenciando aquele momento denovo ou pelo menos parte dele, porque revive né, vem a memória novamente.

TAYLANE FERNANDES – É e vale lembrar que essa lei, ela, o nome né, Maria da Penha é inspirado em uma mulher que sofreu agressão do marido, né, então ela conheceu um colombiano, tiveram um relacionamento, casaram e assim que ele conseguiu a cidadania brasileira, começaram as agressões, então aí também são dois pontos muito importantes, tanto é que a Beatriz tinha comentado, o primeiro é esse caso, né, quando o cara tem o que consegue, magicamente ele muda e se transforma em um monstro e também tem o caso de que como ele é provedor da família, ele tem o direito, ele se dá no direito de poder fazer isso, né, então, dentro dessa legislação da Maria da Penha vê desde penalidades como homicídios, violência doméstica, verbais, psicológica, tudo ali, entra ali nessa mesma...

BEATRIZ FUKUNARI – É, inclusive, essa lei foi um avanço também para o direito, porque o direito historicamente é muito machista.

TAYLANE FERNANDES – Não só o direito, como a nossa sociedade!

BEATRIZ FUKUNARI - Sim, a lei segue a sociedade! Então assim, é, antigamente existia o poder de correção do marido... poder de correção do marido? (risos). Agora deu uma falhada aqui, depois eu procuro o termo certo. É o poder de correção do marido, isto (risos). O marido tinha o direito, por lei, de corrigir a mulher.

TAYLANE FERNANDES – Sim, por exemplo, quando a mulher, por exemplo, traia o homem ela poderia ser morta, isso aqui, no nosso país...

BEATRIZ FUKUNARI – E não faz muito tempo! Então a mulher não era vista como pessoa, o homem poderia comprar coisas, né, fazer contratos, negócios, mulher não era, o termo que a gente usa, capaz, ela não tinha capacidade de fazer coisas básicas, assim.

MARIANE PRACÂNICA – É, eu vejo pela minha mãe que ela foi tirar o CPF dela, eu tinha quase dez anos. Então assim, hoje um documento que uma criança às vezes já tem, alguns anos atrás a mulher não era digna, entre aspas, de ter um documento, então como que assim, a mulher na nossa sociedade é desvalorizada, né?

TAYLANE FERNANDES – É, com certeza. Hoje, por exemplo, é, que agora mulher tem a opção de escolher o sobrenome né, se ela quer manter, mas se não até o sobrenome a gente tem que ter o do marido.

MARIANE PRACÂNICA – Porque que o marido não podia ter o da mulher, né?

TAYLANE FERNANDES – Porque não, né?

BRENDA MERCÚRIO – Por que aí coloca em prática a questão do patriarcado, né, que isso reina demais na sociedade, dentro dos lares.

BEATRIZ FUKUNARI – Então, o direito também está tentando se atualizar, tanto que, por exemplo, é, a legislação mais recente trocou vários termos, assim, é, como, eu vou tentar lembrar o termo agora, (risos), poder pátrio, já não existe mais, é poder familiar, porque o pátrio remete muito assim, paterno, então assim, é, porque com a nova constituição, nova constituição não, com a constituição de oitenta e oito, a mulher foi equiparada ao homem porque até o código dezesseis a mulher só poderia ter a maior idade aos vinte e um anos e o homem aos dezoito, porque? Não tem justificativa.

TAYLANE FERNANDES – Sim e o que é mais triste é quando os casos são trágicos, né, que nem no caso da Maria da Penha, o marido tentou matar ela com a espingarda, é, deixou ela paraplégica, então assim, olha o que que a mulher vive, calada muitas vezes, é, ela só conseguiu justiça em dois mil e dois...

BEATRIZ FUKUNARI – E porque foi ainda, corte internacional, né?

TAYLANE FERNANDES – Sim, é então, ela teve que acionar o CEJIL que é Centro pela Justiça e Direito Internacional, o comitê latino-americano, então gente, olha toda a repercussão que a mulher teve que fazer para conseguir ter o direito dela de viver em paz, não sei, massacrada por um cara que é um monstro, né, na sociedade, essas pessoas, aí já não é minha área, mas, é que talvez podem ser corrigidos, né, Brenda? Não sei.

BRENDA MERCÚRIO – É, são pessoas que na verdade tem um histórico familiar um pouco mais complicado.

TAYLANE FERNANDES – Isso que eu ia comentar, por exemplo, no caso da Mariane, o ex marido dela, né, teve um caso na família, né, de, o pai agredia...

BRENDA MERCÚRIO – Sim, tem todo histórico por trás, né, então, eles querendo ou não acarretam isso para dentro do convívio entre quatro paredes com a nova esposa, né, o casal em si eles passam a reviver, a recontar a história dos pais.

BEATRIZ FUKUNARI – Eles copiam o comportamento, digamos assim.

BRENDA MERCÚRIO – Isso, eles copiam o comportamento, imitam, né. Porque querendo ou não eles estão ali com a, sem estrutura, só os dois, então eles se espelham no funcionamento dos pais.

TAYLANE FERNANDES – E esses tramites da lei ainda são muito demorados, né, Beatriz?

BEATRIZ FUKUNARI – Então, dá para pedir urgência também, no caso, só que, muitas vezes até a própria vítima demora para relatar o que ocorreu, então, por exemplo, a vítima sofre violência sexual, então ela demora uma semana, por exemplo, para relatar, muito dos vestígios que dava para você, por exemplo, atestar no exame de corpo de delito já não existem mais. Então, assim, porque queira ou não, você sofreu uma lesão, o seu corpo vai, a sua pele vai regenerar, os vestígios vão desaparecer e tudo mais, então quanto mais tempo a pessoa demora, mais difícil de você conseguir provar.

TAYLANE FERNANDES – E, Beatriz, por exemplo, é, se um caso de uma pessoa que acaba conhecendo alguém que sofreu agressão e ele resolve ajudar nessa denúncia, vai atrás, é também tão efetivo quanto ou não? Por exemplo, se um amigo ajudasse, por exemplo, a Mariane e denunciasse esse caso?

BEATRIZ FUKUNARI – Então, é, isso depende muito também, por exemplo, eu acho que o que ajudou bastante são lugares, por mais que tenha amigo ou não, que o amigo muitas vezes dá um suporte psicológico também, né e há muitos lugares que auxiliaram também na aplicação da lei Maria da Penha, são as várias especializadas, né, no assunto e também as delegacias, a delegacia da mulher, por exemplo, o atendimento dela já é totalmente diferente, o suporte já é totalmente diferente, então eu não diria assim que o amigo ajudaria, porque a questão provatória é até meio complicada, porque você conseguir provar algo que está acontecendo dentro de casa...

MARIANE PRACÂNICA – E às vezes acontece assim, por exemplo, você é minha amiga e você quer denunciar que eu estou sofrendo violência doméstica...

BEATRIZ FUKUNARI – Mas aí você não aceita...

MARIANE PRACÂNICA – Exatamente, então, por exemplo, às vezes eu não denuncio por medo e daí ela vai e denuncia no meu lugar, daí vão investigar e eu falo: não, não está acontecendo nada. Tem todo esse lado também, porque querendo ou não, até a mulher tomar atitude de denunciar é muito difícil.

BEATRIZ FUKUNARI – O ideal seria assim, a conscientização de que ela não está errada. Então ela mesma, ela que teria que procurar, digamos assim, ela teria que estar disposta a tomar as medidas, digamos, porque assim, muitas vezes é o que ela falou, se você chegar e já falar, olha, você está sofrendo um relacionamento abusivo, ela já não vai encarar muito bem.

MARIANE PRACÂNICA – Até porque a pessoa que está vivendo um relacionamento abusivo muito difícil ela perceber naquele momento.

TAYLANE FERNANDES – Isso que eu ia até pedir para a Brenda começar a falar sobre isso, porque, primeiro, como é esse processo, né, da mulher conseguir

entender o que está acontecendo? E segundo, quando alguém fala, por exemplo, uma amiga fala para Mariane, ela não aceita, como que isso...

BRENDA MERCÚRIO – É assim, uma questão até um pouco mais complicada viu, porque, porque a mulher às vezes não tem a informação do que é realmente uma violência, seja ela física, psicológica, patrimonial, às vezes ela acredita que, a ele quebrou o meu cartão de crédito, mas ele quebrou para evitar de gastar, porque eu adoro comprar um sapato, uma bolsa, isso é violência patrimonial.

BEATRIZ FUKUNARI – E muitas às vezes também, é, você fala assim, nossa, você está sofrendo uma violência: não, ele nunca me bateu...

BRENDA MERCÚRIO – Justamente, porque identificam a violência como se fosse uma agressão física, né, um olho roxo, um braço arranhado, quando na verdade não é, existem outros tipos de violência como a Beatriz já citou.

TAYLANE FERNANDES – E quando isso, e se isso acontece, né, de afetar por exemplo, amigos que vê ou filhos, por exemplo, acho que a questão familiar é até mais forte, né. O que que isso causa no entorno, ali?

BRENDA MERCÚRIO – Quando se trata a questão com filhos, a mulher se sente ainda mais presa, né, porque ela além de não pensar em si, ela coloca os filhos em primeiro lugar e permanece, né, naquele ciclo vicioso da violência. Quando engloba os terceiros, que estão a volta, no caso a mãe, o pai, etc, elas procuram ficar um pouco mais isoladas, justamente para não deixar transparecer que está passando por uma situação complicada em casa, violência, no caso. Então, se os pais percebem, amigos percebem, é importante sim a tentativa de chegar a vítima, ter um diálogo com ela para que ela possa estar se expondo, querendo ou não a mulher ela precisa de um acolhimento, ela precisa ser escutada e às vezes é nesse processo que ela se abre e é onde eles podem estar tomando partido da situação junto com a mulher.

MARIANE PRACÂNICA – E às vezes acontece assim que nem aconteceu comigo. Eu morava em outra cidade longe da minha família, então os meus amigos eram os amigos do meu ex e assim, é, eu estava, assim, em um momento que como eu acreditava que ninguém gostava de mim ali, eu ia contar para quem? Entendeu? Minha família morava longe, ali eu não tinha ninguém que gostava de mim, eu já não podia ir com tanta frequência para casa dos meus pais, então o agressor ele meio que te afasta também da sociedade justamente para você não se abrir, não contar...

BEATRIZ FUKUNARI – Faz você se sentir sozinha...

MARIANE PRACÂNICA – Exatamente.

TAYLANE FERNANDES – É, Beatriz, agora também outra coisa que vocês conversaram e que não acabei, dando aqui na minha cabeça, é, por exemplo, quando a mulher tem relacionamento com o marido, tem os filhos, né, então, como que a justiça lida com esses menores, por exemplo?

BEATRIZ FUKUNARI – Então, a lei Maria da Penha também prevê como uma das medidas também a suspensão da visita e até dependendo, é, se houver, for comprovada violência contra a genitora, também pode até inclusive interromper as visitas, a mãe não é obrigada a digamos ver o pai toda vez que ela tem que, por

exemplo, eles divorciaram, então tem a visita, ela não é obrigada a ver o pai toda vez, então assim, tem, é que muda de caso a caso, mas assim, uma das medidas da lei é realmente também a suspensão da visita com teus filhos...

TAYLANE FERNANDES – Isso que eu ia perguntar, então há a possibilidade do pai não ter mais o contato com as crianças?

BEATRIZ FUKUNARI – Sim.

TAYLANE FERNANDES – É, os dados que a gente coletou aqui também com o Sistema de Segurança Pública do Estado de São Paulo, mostram que só aqui no interior de São Paulo cerca de 3.572 mulheres sofrem ameaças diariamente dos seus parceiros, então é complicado, né, Mari, você já sofreu algum tipo de ameaça quando vocês terminaram?

MARIANE PRACÂNICA – É, no caso ele nunca ameaçou de me matar, de fazer alguma coisa assim, mas quando eu sai de casa, porque eu nunca fiz assim, de tipo, a eu vou sair de casa, fico uma semana e volto. Quando eu decidi foi definitivo. Na verdade eu fui, falei para ele assim, eu vou passar uns dias na casa dos meus pais e enquanto isso você pensa o que você quer da vida, se você quer ser um exemplo de homem solteiro ou casado. E aí eu fui, passei uns dias na casas dos meus pais, um final de semana na verdade e aí na segunda-feira ele me ligou e falando assim: se você não estiver aqui em duas horas eu vou me matar. E foi nesse momento que eu falei: não quero mais isso para mim nunca mais, porque para mim esse foi o ponto, foi o ponto chave, foi o ponto decisivo e eu chorava, eu gritava, eu pensava assim, gente, eu vou ser responsável pela morte de uma pessoa. Então assim, muitas vezes ele não só ameaça a pessoa de matar a pessoa, mas também de se matar se a pessoa não voltar, né.

BRENDA MERCÚRIO – E ele se matou?

MARIANE PRACÂNICA – Não.

(Risos)

TAYLANE FERNANDES – É aí que tá, né Brenda?

BRENDA MERCÚRIO – Justamente, entra até a questão igual eu já citei também da lua de mel, né, porque ele vai atrás dela para pedir desculpa, já que ele não consegue mais a desculpa então ele usa ele mesmo como ferramenta disso.

MARIANE PRACÂNICA – E aconteceu assim, depois que eu me separei, ele foi atrás de mim, eu estudava em Bauru, quando eu era casada eu morava em Bauru e na época eu estudava em Bauru, meus pais em Mineiros do Tietê, então quando eu me separei eu continuei estudando e teve um dia que ele foi na faculdade e tentou me levar embora a força, tentou me arrastar a força e querendo ou não é um tipo de ameaça também, né. Graças a Deus tinha uma galera lá fora, perto do ônibus em que eu ia para Bauru e que acabou me ajudando. É, em outros momentos também que, é o que eu falo, a pessoa não chega a verbalizar: eu vou te matar. Mas, age como se fosse. Então, depois, que ele parou de me agredir, porque a última agressão física foi quando ele me bateu na frente do irmão dele, porque daí a família dele tomou conhecimento do que estava acontecendo e a minha ex cunhada veio, conversou comigo, eu falei, olha, não é primeira, não é segunda vez que isso

acontece, isso já vem acontecendo e quando eles tomaram esse conhecimento, é, ele nunca mais me bateu, né, nunca mais relou a mão em mim, mas ele quebrava as coisas em casa, às vezes se tinha alguma discussão dentro do carro, o carro era de direção hidráulica, ele virava o volante com tudo, assim em direção ao poste como se fosse bater o carro do meu lado, eu posso dizer que eu já vi a morte de perto.

TAYLANE FERNANDES – Mariane, quanto tempo você sofreu, é, agressões físicas? Por quanto tempo?

MARIANE PRACÂNICA – Eu não sei te dizer quanto tempo eu sofri agressões físicas, porque assim, elas não eram constantes, mas, assim, foram várias vezes, mas não eram constante, tipo assim, uma vez por semana, mas eu me lembro de datas, assim, é que eu falo muito assim até para alguns conhecidos, que é como se eu tivesse vivido oito anos da minha vida em coma, porque existem muitas coisas assim que a minha memória meio que apagou, então eu me lembro que nos três últimos anos de casamento eu não sofria mais violência física, ele não me batia mais, mas acontecia essas coisas dele tentar virar o volante do carro para o poste e se eu morresse em uma situação dessa, eu já sei qual seria o discurso dele, ele ia falar assim, olha, a gente teve uma discussão, como vocês sabem a Mariane é louca, ela puxou o volante do carro e se matou. Esse ia ser o discurso, entendeu? Eu ia sair como se eu tivesse me matado. E assim, nesses três últimos anos ele nunca mais me bateu, mas fazia isso, dizia que queria que eu morresse por que se eu morresse ele ia se ver livre de mim, porque a gente era cristão, né e a gente sabe que tanto a igreja católica quanto a evangélica prega que o casamento é até que a morte os separe, então ele falava isso, olha eu quero, eu gostaria que você morresse, pelo menos eu ia viver livre de você ou então que você me traísse, porque segundo a bíblia, né, a pessoa pode se separar também por traição da outra pessoa.

TAYLANE FERNANDES – Chocante isso, porque, né, olha a que ponto ele chega, né, para humilhar, né.

BEATRIZ FUKUNARI – Sim e é importante também falar que a ameaça não consiste só em palavras, né, a pessoa não precisa falar assim, olha, eu vou te matar.

TAYLANE FERNANDES – Fisicamente, né...

BEATRIZ FUKUNARI – Sim, só por atitudes, gestos...

BRENDA MERCÚRIO – Como virar o volante do carro, por exemplo, né?

BEATRIZ FUKUNARI – Sim, com certeza e também é importante falar que, por exemplo, a mulher ela não precisa sofrer uma violência física para ela procurar auxílio, para por exemplo pedir uma medida protetiva, porque é muito comum assim, homens que ficam perseguindo ex, que ficam, é, importunando, mandando mensagens para amigos, que ficam ameaçando por familiares, então, assim, normalmente a pessoa acha que ela tem que sofrer uma violência para ela poder procurar ajuda.

MARIANE PRACÂNICA – Mas isso hoje, não é? Porque quando eu fui denunciar, há cinco anos atrás, é, a delegada me disse que para eu fazer a denuncia eu precisava ou ter uma testemunha ou ter algum hematoma.

BEATRIZ FUKUNARI – Não, isso é desde sempre. A lei é dois mil e seis, o problema é que, digamos que, na teoria, né, não precisa de uma violência física, mas digamos que muitos operadores do direito, inclusive, muitas pessoas da segurança pública, muitos policiais orientam as pessoas equivocadamente, então assim, é, por isso que, inclusive recentemente a gente está vendo vários movimentos para conscientização da lei Maria da Penha dos relacionamentos abusivos, porque como é algo que a gente não tem conhecimento, é, a pessoa acaba falando qualquer coisa, às vezes até para livrar de serviço...

TAYLANE FERNANDES – A pessoa que trabalha com isso, que deveria ser a primeira pessoa a informar corretamente, passa uma desinformação.

BEATRIZ FUKUNARI – Inclusive, também, a lei Maria da Penha se aplica contra mulher também, é, como agressora, contra agressora, né, inclusive em casais homo afetivos e também na questão assim, familiar, por exemplo, a mãe que bate na filha, é, qualquer relacionamento que acontece no âmbito doméstico ou familiar, então assim, também se aplica para transgênero, para transexuais, então, as pessoas, é, desinformam...

TAYLANE FERNANDES – É uma desinformação, né? A Beatriz comentou sobre projetos. Brenda, você tem um projeto aqui em Prudente, né? Fala sobre ele para gente!

BRENDA MERCÚRIO – Isso. Eu tenho um projeto chamado Cordel Social, né, no caso sou eu, Brenda, psicóloga do projeto, temos mais duas assistentes sociais e uma palestrante. É, esse projeto, a gente, através dele, na verdade, a gente leva informação para as mulheres, né, através de palestras, workshops e então a gente busca uma forma dessas mulheres estarem informadas, é, ter o conhecimento do que se trata uma violência, seja ela física, psicológica, patrimonial, intrafamiliar, então, através disso ela consegue identificar se ela já passou ou não por algum tipo de violência e caso não tenha passado, se vir a passar ela consegue identificar. Até mesmo por essa questão, acredito eu, que hoje em dia a gente vê na mídia muitos casos, principalmente de mulheres denunciando ou então de terceiros próximos a ela fazendo a denúncia também.

MARIANE PRACÂNICA – Porque eu falo que, como no meu caso, eu nunca tive uma conversa, assim, com alguém, né, como eu me casei muito nova, não tinha como conversar com as amigas ou com a minha mãe, então, para mim o que que era relacionamento abusivo? Primeiro que até cinco anos atrás também nem se falava tanto quanto se fala hoje, né, graças a Deus, eu falo assim que o mais importante de tudo é você prevenir, igual você estava falando do seu projeto, porque quando você já está em um relacionamento abusivo, para sair é muito mais difícil, mas quando você está identificando que você está em entrando em um relacionamento abusivo e você não precisa daquilo, é, você consegue...

BEATRIZ FUKUNARI – E também esse projeto é importante, né, porque você dá um ambiente acolhedor para a pessoa poder se abrir, para poder, porque o problema é a pessoa chegar e contar igual eu falei antes, contar para estranho, alguém que ela nunca viu na vida, por exemplo, você com a delegada, quando você foi contar o seu caso e tipo, é complicado.

TAYLANE FERNANDES – É uma mistura, acho que, não sei, é uma mistura de medo, de talvez vergonha, né.

MARIANE PRACÂNICA – É exatamente isso! É uma mistura de medo, de vergonha, o que vão pensar de mim, a porque eu sou uma fracote, porque eu não tive capacidade de sustentar o meu relacionamento ou alguma coisa ela fez para merecer ter apanhado...

BRENDA MERCÚRIO – Sim. E Brenda, você tem noção de quantas mulheres já passaram por esse projeto?

BRENDA MERCÚRIO – Olha, de acordo com as palestras que a gente realiza, né, a gente procura sempre todo mês participar de uma ou então disponibilizar para sociedade alguma. É, cerca mais ou menos de umas cem, cento e cinquenta mulheres já passaram desde o início do projeto em novembro.

TAYLANE FERNANDES – Legal. E, como foi a iniciativa?

BRENDA MERCÚRIO – Bom, inicialmente o grupo não se conhecia, né, nenhuma de nós conhecia, sabia da profissão da outra, foi basicamente um encontro, principalmente através das assistentes sociais, né, pela rede de conhecimento delas, uma foi chegando a outra e sempre com o mesmo objetivo, né, de passar informação à mulher sobre violência, de forma a prevenir que isso aconteça com ela. Desde então, a gente começou juntas o projeto, já tivemos algumas participações importantes, inclusive agora, dia vinte e nove vai ser realizado o fórum junto ao Creas e o Cordel Social, né, é, então acredito que vai ser um evento muito bacana que possa estar levando mais informações às mulheres também.

TAYLANE FERNANDES – Excelente. Legal. É, o último ponto aqui que a gente quer passar é que apesar da nossa região, né, ter esse aumento aí de sete para doze mulheres agredidas de um ano para o outro, o que, é, querendo ou não é um número, mesmo que aparentemente seja pouco, já é muito, né? E mesmo assim, é, aqui o nosso estado é o menor de estatística de feminicídio, só que a gente está vendo aí muito caso recente, principalmente aqui em Prudente, por exemplo, a gente estava conversando aqui e quando a gente olha o Facebook, os sites de notícias e tudo mais, aparece, né, por ciúmes, o homem agride e tenta matar adolescente em via pública de Prudente. Gente, isso foi agora, tá, a gente está gravando aqui no dia vinte e um de novembro e a gente chegou na sala, abriu o celular e encontrou essa notícia, né, o autor desse ato ele foi preso em flagrante e ele estava pegando a moça pelos cabelos e tava aguardando um carro passar para arremessar ela.

MARIANE PRACÂNICA – E presta atenção, o respeito, tão, é, assim, uma coisa assim tão banalizada, que ele estava fazendo isso em uma vida pública. Antes a gente podia pensar assim, a porque o homem bate na mulher dentro de casa, hoje ele está fazendo isso na frente de um monte de gente esperando um carro passar para jogar ela na frente do carro.

BEATRIZ FUKUNARI – Eu já presenciei isso, quando, acho que eu tinha uns dezesseis anos, eu estava, eu sai da igreja com uma amiga minha, a gente estava andando na praça da cidade e de repente a gente falou, a vamos lá no banheiro da sorveteria, preciso ir no banheiro, aí beleza. A gente estava no banheiro e o namorado da menina encontrou ela na rua, ele pegou ela aqui pelo cabelo e puxou

no meio de todo mundo. Aí depois eu fui conversar com ela, falei assim, olha fulana, que isso, né? Como assim? O que é que está acontecendo e tal? Ela falou, a não, não quero falar sobre isso, deixa quieto.

TAYLANE FERNANDES – É aquilo que a Mari falou, né, aquela frase, briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.

MARIANE PRACÂNICA – E mete sim, gente. Por favor, metam a colher.

BEATRIZ FUKUNARI – E o problema é que você se sente assim, impotente né?

MARIANE PRACÂNICA – É, exatamente, tanto quem, que nem no seu caso você foi conversar com ela para tentar ajudar e ela falou, não não, deixa quieto, você também se sentiu impotente.

BEATRIZ FUKUNARI – É, você fala que que, nossa, eu posso ajudar, é um negócio que a pessoa fez na frente de todo mundo, na época eu não estava nem na faculdade, mas, assim, é algo escancarado e ela deixou quieto, então imagina o que que acontecia dentro de casa.

TAYLANE FERNANDES – Imagina também o que que ela pensou no momento, acho que a primeira coisa, constrangimento. A pessoa se sente tão constrangida que ela não consegue...

MARIANE PRACÂNICA – Não é que ela não queria a sua ajuda, é que ela estava morrendo de vergonha de você ter visto isso, porque a gente se sente fraca, a gente se sente impotente, a gente fala, meu Deus, porque que eu escolhi isso para mim, né?

TAYLANE FERNANDES – E Mari, essa questão de relacionamento com as pessoas e tal, depois que você, né, simplesmente, foi embora, abandonou isso, ainda bem, né...

MARIANE PRACÂNICA – Graças a Deus!

TAYLANE FERNANDES – ...viu que era um erro e saiu dessa vida, você teve dificuldade em ter relacionamentos? Tanto com amizades quanto para outros relacionamentos amorosos, né?

MARIANE PRACÂNICA – Muita dificuldade! Na verdade assim, eu sempre fui uma pessoa que falava muito, que ria muito, conversava com todo mundo, fazia amizade fácil. E quando eu me casei, eu deixei de ser assim, por que ele começou julgar o meu jeito de ser, a deixa de ser ridícula, não é assim. E daí eu parei de ser assim. Daí quando eu me separei, é, eu não conseguia mais, eu achei que ninguém mais ia ser meu amigo, minha amiga, não ia ter mais ninguém e assim, eu queria evitar porque assim, como ele falava que eu era uma pessoa horrível, que as pessoas só me toleravam por causa dele, eu acreditei friamente nisso. Eu falei, não, não vou me aproximar das pessoas porque eu sou uma pessoa horrível, eu vou só trazer mal para as pessoas, tanto que por muitas vezes eu pedi desculpa para ele, para família dele, eu falava, me desculpa porque eu acabei com a vida de vocês, porque ele fazia eu acreditar nisso e assim, relacionamento amoroso eu nunca mais tive, faz cinco anos assim, eu já fiquei com algumas pessoas, mas, assim, ficada de balada, nada mais que um dia, acho que o máximo que eu fiquei, acho não, o máximo que

eu fiquei com outra pessoa, com outro cara foi dois finais de semana, porque relacionamento eu não consegui ter mais, eu faço terapia até hoje.

BRENDA MERCÚRIO – Gera um bloqueio, uma insegurança muito grande depois de tudo o que você passou.

MARIANE PRACÂNICA – Sim. E entra novamente naquela questão que você acha que você não é suficiente para uma pessoa, tipo, você se depara com aquela situação de a mas e se realmente eu for uma pessoa ruim, e se ele começar a identificar todos os pontos que o meu ex identificava e não der certo? É, ou então, a porque eu sou uma pessoa divorciada que sofria agressões, ele não vai querer se relacionar com uma pessoa que tenha esse peso emocional, então passa tudo pela cabeça, é por isso que eu faço terapia até hoje. (risos)

TAYLANE FERNANDES – Como que é esse trabalho, é, com uma mulher que acabou de passar por isso?

MARIANE PRACÂNICA – Deixa eu só completar uma coisinha, desculpa cortar, mas assim e eu senti que depois de um tempo eu comecei a voltar ser eu denovo e isso foi sensacional e é o que eu tenho medo de perder hoje em um relacionamento, o meu eu, porque quando eu voltei a ser eu, eu falei, cara, eu sou foda, eu sou muito legal, eu sou divertida, eu gosto de ser eu. Eu falei, cara, isso é mágico, não tem preço que paga.

TAYLANE FERNANDES – E quem conhece a Mariane sabe que ela é uma menina muito divertida, ela tem muitos amigos, é uma menina querida, todo lugar que ela vai a Mariane é muito querida, gente. Dá para ver, é nítido em você a transformação, tá e você está cuidando disso, né, como você falou, está fazendo terapia, uma pessoa tem que se cuidar, não é Brenda?

BRENDA MERCÚRIO – Sim, obviamente.

TAYLANE FERNANDES – Como que é feito, então, é...

BRENDA MERCÚRIO – Assim, quando as mulheres chegam no workshop ou nas oficinas, palestras, elas, na verdade elas vem retraída, né, até mesmo como a Mari já citou aqui, elas não querem falar o que elas já passaram, vivenciaram. Então, através da informação, de mostrar para ela do que se trata a violência, o que é os termos utilizados na sociedade, feminicídio e etc, então ela passa a identificar isso, quando geralmente acontece no fim da palestra ou das oficinas ela vem até a nós, para poder estar conversando, expor, olha, eu já passei por isso, por aquilo, então a gente sempre procura fazer o acolhimento da mulher, a escuta.

MARIANE PRACÂNICA – E é interessante isso que você falou que ela evita de falar, a minha primeira sessão de terapia eu não reclamei um a do meu ex marido para terapeuta e na época eu ainda era casada, na época que eu estava com alergia, no final da sessão ela falou tudinho, você vive um relacionamento abusivo, o seu marido te menospreza, te exalta e te menospreza e começou a falar, falar e no que ela começou a falar eu comecei chorar, chorar, chorar e ela falou, traz o seu marido aqui para gente fazer uma terapia de casal, ele não foi, claro que não foi, porque ele achava que não precisava, que eu que estava louca, mas a primeira coisa é esse negócio, vai falar com a terapeuta, com a psicóloga, mas ela não quer falar na verdade, que ela não quer aceitar que ela está vivendo aquilo.

BRENDA MERCÚRIO – E a questão também da autoestima, igual você citou que você também se sentia muito para baixo, a gente tem também uma Oficina das Deusas, né, que a gente trabalha com as personagens da mitologia grega e nessas palestras e workshops com essa temática a gente busca a identificação dessa mulher como uma deusa.

TAYLANE FERNANDES – Ai, que massa!

MARIANE PRACÂNICA – Já quero participar! (risos)

BRENDA MERCÚRIO – Então, dentre elas Afrodite, Atena, etc, ela se identificam e ela se reconstrói, ela se reencontra, então isso é muito bacana porque a partir disso você vê a construção daquela mulher naquele momento, né, uma autoestima um pouco mais elevada, a identificação de saber, por exemplo que a Afrodite antigamente era uma mulher vista como a mais bela, né, que desencadeava amores, paixões, é, Atena, mulher hoje em dia considerada a mais trabalhadora, é, não para em momento nenhum, não quer casar, não quer ter filhos e assim vai, dentre outras deusas e elas se identificam, isso é muito bacana, porque faz com que elas se redescubram né.

TAYLANE FERNANDES – Muito legal. Meninas, eu agradeço imensamente a conversa que eu tive com vocês.

MARIANE PRACÂNICA – A gente é que agradece.

TAYLANE FERNANDES – Eu acho que essa conversa das que a gente esteve aqui foi uma das mais ricas, porque, eu tenho certeza que uma pessoa vai ouvir isso e vai lembrar de alguém e vai passar isso para frente, eu espero que isso passe adiante, porque, temos aqui mulheres que tem, é, sabem do que estão falando, que tem propriedade para falar sobre isso, é, o seu projeto é lindo, Brenda, eu quero que você deixe o contato, como que as pessoas podem saber mais, se informar sobre isso, fale, por favor!

BRENDA MERCÚRIO – Sim, a gente está disponível principalmente através do e-mail, cordelsocial@gmail.com, temos também os contatos, no caso 99622-2627 e a rede social no facebook também, Cordel Social e o insta também como Cordel Social.

TAYLANE FERNANDES – Excelente, meninas.

MARIANE PRACÂNICA – Posso finalizar com um texto?

TAYLANE FERNANDES – Claro!

MARIANE PRACÂNICA – Eu quero ler um texto que eu escrevi em um momento de revolta da minha vida, porque todo dia a gente vê, é, casos de feminicídio no jornal, né e eu acho que, que nem a gente a já falou sobre isso, mas, a melhor forma de você prevenir a violência contra mulher é fazendo a mulher se amar, por que quando a mulher se ama, ela sabe que ela não precisa de qualquer tipo de amor, né, então eu escrevi um texto que foi depois de ter assistido mais um episódio de violência contra mulher na TV, é: eu tenho um sonho. Meu sonho é que todas as mulheres tenham amor próprio o suficiente a ponto de entenderem que elas não precisam do amor de um homem para serem felizes! Hoje, assistindo ao jornal da tarde, pude ver

mais um caso de feminicídio. O ex-marido matou a mulher por não se conformar com o fim do relacionamento. Infelizmente já não é novidade. O apoio à mulheres que estão vivendo em um relacionamento abusivo é dado todos os dias. Mas quero, através desse texto, alertar meninas e mulheres que não chegaram ainda nessa situação. Amiga, você tem que se amar ao ponto de entender que só cabe um relacionamento amoroso na sua vida, se for pra transbordar. Você não precisa preencher um vazio que não existe, ok? Quero que entenda que você é linda, maravilhosa, que é uma mulher incrível, forte, batalhadora, inteligente e é capaz de tudo. Qualquer pessoa que tente te dizer o contrário é enviada do diabo, ok? Se te menospreza diante de seus amigos e familiares, você não precisa dele! Se não te respeita, você não precisa dele! Se quer mostrar que você é dependente dele, você não precisa dele! Se ainda quer que você continue dependente dele, você não precisa dele! Se diz que você nunca vai encontrar alguém como ele (ainda bem!), você não precisa dele! Quero que você se ame, num nível de amor próprio tão alto, que não entregue seu coração ao primeiro babaca que diz que te ama mas, na verdade, não ama nem a própria mãe, ok? Menina, Jesus morreu em uma cruz por amor à você! Não aceite menos do que isso, tá?! Exatamente isso que eu estou dizendo! A bíblia diz que o homem deve amar a mulher como Cristo amou sua Igreja a ponto de ter entregado sua vida por amor à ela. E da mesma forma, a mulher deve honrar seu homem, como se honra a Jesus. Pare por um momento e pense se esse cara que está ao seu lado está te tratando com o mesmo amor que Jesus te trata. Caso não, querida, é hora de dar tchau! Ele também não merece ser respeitado como você respeita Jesus. Não estou pregando que existe relacionamento perfeito. Não existe, porque ninguém é perfeito! Só acho que a prevenção é o melhor remédio para tudo, inclusive para relacionamentos abusivos. Muitas pessoas dizem que se relacionamento fosse bom, Jesus teria se relacionado com alguém aqui na Terra. É, de fato ele não namorou e nem se casou. Mas se isso tivesse acontecido, que tipo de relacionamento você acha que Jesus mereceria ter? Pensou? É esse tipo de relacionamento que você merece!

TAYLANE FERNANDES – Que lindo Mari! E você simplesmente resumiu, é muito bom, você se expressou por meio de um texto tudo que você estava sentindo e o mais bonito é que você pensou no outro. Isso é incrível. Então, Mari, muito obrigada pela sua presença.

MARIANE PRACÂNICA – Eu que agradeço.

TAYLANE FERNANDES – Beatriz, muito obrigada.

BEATRIZ FUKUNARI – Obrigada por poder participar.

TAYLANE FERNANDES – Excelente. Espero que você tenha gostado. Brenda, você também, muito obrigada!

BRENDA MERCÚRIO – Obrigada você.

TAYLANE FERNANDES – Então a gente vai ficando por aqui, eu espero que você tenha gostado. É, se você quiser ouvir outras conversas que a gente teve por aqui, você pode conferir no Google Podcast, no Apple Podcast, você também pode ouvir pelo Spreaker, pelo Spotify e pelo Portal Facopp! Eu acho que esqueci de algum? Não sei. Mas procura a gente por aí, as redes sociais são @manaspodcast,

instagram e face você procura lá, Manas Podcast que você vai encontrar a gente, é, até mais, espero você no próximo episódio, tchau! (palmas)

PODCAST MANAS

TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO #7 MULHERES NO JORNALISMO

ISABELLE VOLTARELI – Olá, começa agora mais uma edição do Manas, podcast voltado à informação e ao questionamento dentro do universo feminino. Aqui quem fala é Isabelle Voltareli e hoje a gente vai bater um papo com mulheres, né, minhas companheiras aí de área, da comunicação, por isso que hoje eu estou aqui com a jornalista, né, com a Regina Santos, que ela atua já a vinte e cinco anos no rádio, também estou com a Bianca Santos da assessoria de imprensa, né e nada mais, nada menos também e não menos importante que a Julhia Marqueti, né, que ela tem aí uma experiência tanto no impresso, quanto na TV e no online também. É, tudo bem com vocês, meninas? Se apresentem, falem um pouquinho de vocês.

REGINA SANTOS – Olá, eu sou Regina. Trabalho a vinte e cinco anos no rádio e a seis anos estou na Rádio Comercial AM aqui de Prudente.

JULHIA MARQUETI – Olá, eu sou a Julhia, eu estou há quatro anos no jornalismo, né, que é o tempo da nossa faculdade que está finalizando agora e eu tenho experiência no impresso, na TV, no online e todos esses no âmbito esportivo.

ISABELLE VOLTARELI – Isso que eu ia comentar, o esporte e o jornalismo para você são duas paixões, né, que se juntam?

JULHIA MARQUETI – Com certeza, eu acho que foi, o motivo de eu fazer o jornalismo foi o futebol, foi a possibilidade de eu trabalhar com esporte, foi onde eu descobri que eu não precisava praticar, né, mas como unidos então fica melhor.

ISABELLE VOLTARELI – E você, Bianca?

BIANCA SANTOS – Eu entrei no jornalismo em dois mil e treze, desde então eu fiz estágio na Rádio Facopp, passei pela Agência Facopp também porque eu entrei na época que era Comunicação Social, então, no tronco comum que também passou pela face da Publicidade e depois passei pela área do Impresso, o jornal O Imparcial, também com o jornal informativo da paróquia que eu frequento e agora eu estou há um ano e meio na assessoria de imprensa do Hospital Regional.

ISABELLE VOLTARELI – Certo, então, bora começar o nosso bate papo para valer! Depois de apresentadas, roda vinheta.

VINHETA

ISABELLE VOLTARELI – Bom, existem dados publicados no Portal Comunique-se que apontam que mais de quinze mil mulheres estão ativas na imprensa brasileira. É um número que representa trinta e sete por cento do mercado do jornalismo no país. É, meninas, é, o que o jornalismo e o mercado da comunicação representa para vocês?

JULHIA MARQUETI – Eu acredito que o jornalismo e o mercado da comunicação, desde o primeiro momento que eu decidi, eu enxerguei muitos exemplos dentro do jornalismo, de mulheres, não só no âmbito esportivo, como um todo e eu acredito que é um espaço muito aberto para as mulheres, também. Eu acho que, com toda certeza, como todas as profissões, ele vai se adaptando cada vez, vai abrindo mais espaço, mas acredito que o jornalismo cada vez é o espaço onde a mulher se identifica e todos acreditam muito no potencial da mulher. Eu não encontrei dificuldade nenhuma para entrar no mercado nesses quatro anos e até para gente comentar até do mercado daqui de Prudente, por ser um mercado pequeno, mesmo assim tem muitas mulheres envolvidas, então eu acredito que é um espaço muito, que muito apoia a mulher.

ISABELLE VOLTARELI – Regina.

REGINA SANTOS – Eu também concordo com a Julhia, eu acho que na nossa região, mesmo sendo um espaço pequeno, mas, é muitas portas estão abertas, tanto é que a gente vê, é, por exemplo, na TV, a maioria são as mulheres dominando tanto quanto como âncoras, como repórteres, né, até hoje eu estava comentando de manhã com a Julhia e a gente estava fazendo essa numeração. No rádio, é, hoje em dia temos a Comercial na qual eu trabalho e a Prudente que é mais voltada para o jornalismo e onde eu trabalho, eu vejo que está equilibrado também, porque nós temos um âncora no jornalismo de manhã e temos uma âncora também no jornalismo a tarde. A Prudente não sei como que funciona, mas, enfim, está equilibrado, na questão de entretenimento também eu vejo que há um equilíbrio e que a mulher hoje em dia está se destacando bastante nesse meio, né, do jornalismo.

ISABELLE VOLTARELI - E você, Bianca, você sempre se viu na Assessoria de Imprensa?

BIANCA SANTOS – Não, eu achava que, minha paixão era o impresso. E logo que eu me formei eu consegui um espaço no impresso, mas eu vi que a minha paixão era assessoria de imprensa. Demorei uns nove meses até eu consegui me colocar no mercado, enquanto isso eu fiz pós-graduação e eu acredito que o mercado

prudentino ele tem sim espaço para mulher, no mercado do Oeste Paulista tem espaço para mulher, mas que no ambiente corporativo é preciso se impor, principalmente em empresas dominadas por homens, então, você às vezes em um espaço que é dominado por homens enquanto um homem faz uma tarefa, para eles está bom e você tem que fazer três, você, é preciso se posicionar, você tem que se impor para conseguir se colocar, mas isso é fácil, é só você se preparar.

JULHIA MARQUETI – É, pegando esse gancho de ter que se impor, né, no ambiente esportivo é isso. É, eu fui praticamente a primeira mulher assim a querer comentar, a querer apresentar programa e a gente percebe que tem muitos homens, realmente na carreira e você vai ter que se impor, colocar sua opinião independente do que acreditam, independente do que colocam como, a tem que ser homem comentando e eu me impus e eu aqui, pelo menos em Prudente, eu conquistei meu espacinho, né, não é, nossa, mas o espaço que eu queria eu conquistei como estagiária, fui apresentadora, fui comentaristas dos programas, fui comentarista de jogos também, de alguns de séria A, então acredito que o se impor acho que é importante em todas as áreas da comunicação, acho que como mulher a gente tem que se impor na verdade. A sociedade ainda não acredita muito nas mulheres, por isso a gente tem que se impor.

REGINA SANTOS – Nessa questão de se impor, eu acho que também a gente tem que se impor e buscar sempre mais conhecimento. Eu entrei na rádio comercial, é, há dez anos, não se contratava uma mulher e depois de dez anos, é, o Maurício me contratou. E eu cheguei lá, em um lugar que só tem feras, de trinta e cinco, quarenta anos de jornalismo, de profissão...

ISABELLE VOLTARELI – Aí eles ouviram a voz que você tem, né...

REGINA SANTOS – (risos) ...e eu cheguei, meu Deus, né, e aí, como que eu vou, como será essa receptividade? E todos os homens, eles todos me trataram com muito respeito, me receberam com muito carinho e com muito apoio e inclusive, o Osvaldo Turino, ele sempre foi me apoiando e eu, meu Deus, será que um dia eu vou ser igual a você, Turino, com essa experiência, impondo dessa maneira? E aí ele falou assim: não, você vai conseguir um dia sim, Regina, você vai ver e hoje em dia eu, formar opinião, porque ele é muito formador de opinião e eu falava, meu Deus, será que um dia eu vou conseguir, né, ser formadora de opinião? E hoje em dia, depois de quatro anos de faculdade eu consigo formar opinião em relação há vários assuntos, há várias notícias, há várias reportagens, então essa questão de você se impor, de você buscar conhecimento e assim, você, eu conquistei o meu lugar lá e fui respeitada desde o começo e fui bem acolhida, então, é assim, eu acho que existem ambientes e ambientes, também.

RAYENI EMERICH – Olá, eu sou Rayeni e eu gostaria de pegar o gancho de todas e porque eu assisti uma série recentemente, que é Coisa Mais Linda e nessa série tinha uma redação, não lembro se de jornal ou de revista, onde só existia homens. Vocês falaram sobre se impor. Então, assim, na questão, só existia homens e a hora que a menina chegou lá para fazer parte da redação eles começaram a olhar de um jeito torto. Vocês vêem esse preconceito até hoje e essa dificuldade de entrar em um local aonde existe muito mais profissionais do sexo masculino?

JULHIA MARQUETI – Eu acredito que a mulher está ganhando espaço, mas ainda existe sim, mas a gente não pode generalizar, né, essa é a verdade, mas existe sim, na primeira rádio que eu trabalhei, na Esporte Notícia, só tinham homens, não tinha nenhuma mulher se quer, então, eu tive que me impor, eu tive que chegar, eu sei falar, entendeu, eu entendo, talvez não chegue ao nível de vocês mas vocês estão aí faz tempo, mas eu sei falar, eu sei comentar, eu sei apresentar e eu quero meu espacinho. E a gente foi conquistando espaço, assim, de baixo mesmo, até já quando me colocaram para apresentar já levei outra menina comigo que entrou na faculdade um pouquinho depois, então eu acho assim, a gente tem que se impor e ainda dá oportunidade para outras mulheres se imporem com a gente.

ISABELLE VOLTARELI – Com certeza.

REGINA SANTOS – Bom, eu nunca, até hoje, nesses vinte e cinco anos de profissão, nunca enfrentei, assim, preconceito, por todos lugares onde eu passei, é, sempre fui muito bem acolhida, muito bem respeitada e de igual para igual, não teve esta questão, a por que ela é mulher, não, tanto é, né, que eu acabei de citar que no lugar que eu cheguei, que era só homem e fui muito bem acolhida, recebida com muito carinho, com muito apoio e muito respeito e até hoje, então, eu não enfrentei essa situação.

ISABELLE VOLTARELI – Que bom!

JULHIA MARQUETI – Eu acredito que costumam falar que a gente está para roubar o lugar, né, a gente não está para roubar o lugar, a gente está só para mostrar o que a gente sabe, o que a gente aprende, tanto na teoria quanto na prática, então, acredito que não dá para gente disputar com ninguém, se a gente chegar e mostrar que a gente sabe...

ISABELLE VOLTARELI – E você, Bianca, o que você acha sobre?

BIANCA SANTOS – Eu acredito quanto trabalho de assessoria de imprensa, seja em âmbito público ou privado, a gente trabalha muito com homem. E trabalhar com homem, eu trabalhei na assessoria de imprensa também de uma prefeitura e para

trabalhar com homem você precisa se impor. Você precisa demonstrar que você sabe, você precisa demonstrar mais do que ele para os outros para mostrar a qualidade do seu serviço, às vezes podem ser que optem para fazer algum tipo de serviço com a figura masculina que tem no setor, mas você tem que mostrar que você também consegue, que você também sabe que você capaz de fazer às vezes até melhor. E é isso, eu acredito que isso tem mudado, o cenário tem mudado, o curso de jornalismo pelo menos quando eu entrei era majoritariamente feminino o público, quase que setenta por cento e é isso, a gente tem que mostrar que a gente é capaz e que ninguém tem que montar em cima da gente não.

ISABELLE VOLTARELI – É isso aí, meninas. É, noventa e dois por cento das mulheres entrevistadas pelo Google Lab, é, disseram que já ouviram piadas machistas dentro do ambiente de trabalho, brincadeiras de mal gosto, assim, é, vocês já vivenciaram alguma situação ou conhecem alguém que vivenciou?

JULHIA MARQUETI – Eu já passei por uma, por duas vezes, na verdade, a gente estava indo em um programa, em um debate, né, esportivo e uma vez eu comentei de esquema tático de tal time, que no caso era o time de quem estava apresentando o programa e ele virou para mim e disse: como eu nunca joguei bola? Tô voltando a jogar agora, mas como eu nunca joguei bola eu não entendia. Tá bom e aquela hora você engole seco, sabe, para não dar uma discussão muito grande no ar e a outra vez foi uma questão de que eu estava comentando de um jogador que estava saindo do time e o momento do time não era legal, né, não estava bem bacana e o jogador era essencial não pelo nível de futebol dele, mas pelo nível de liderança, então eu bati nessa tecla, eu falei, não, ele está indo embora e ele vai fazer falta por causa disso, disso e disso. A pessoa virou para mim e falou assim, não, mas, liderança não tem nada haver com futebol, como assim não tem nada haver com futebol? Então eu acho que a partir do momento que eu entrei e que muitos, aliás, falam isso para mim, que a gente tem uma visão de fora do futebol diferente da que já é colocada, estipulada como verdade, tanto é que o futebol feminino é muito diferente do masculino, então a gente tem uma verdade que é diferente, quando a gente vai debater, eles acreditam que a verdade, não, é aquela que já foi imposta cinquenta anos no futebol e nada muda e a gente está chegando justamente para mudar tudo, mas a gente sempre escuta piadinha, é, eu acho que você lidar no ambiente online é pior ainda, porque eu fui uma das fundadoras do Futebol por Elas, blog onde só mulheres escrevem sobre futebol e assim, o tanto de piada que tem sobre é incrível, mas a gente tem que, a gente tem que engolir seco e engolir seco mas naquele pensamento, eu sei do que é que eu estou falando, eu não preciso provar para todo mundo, não é todo mundo que vai aceitar a minha palavra.

ISABELLE VOLTARELI – E querer respeito também, né. Regina.

REGINA SANTOS – Olha, eu estou vendo aqui que eu sou a diferente, né, porque não sei se eu acho que é o meu tamanho quando chego nos lugares, eu já chego impondo, então, acho que eu também sou uma piada pronta, né. (risos). Então, eu nunca sofri essa questão de piadinha, sabe...

ISABELLE VOLTARELI – Que bom, que bom.

REGINA SANTOS – Eu agradeço a Deus realmente, mesmo porque não se atrevem, pode ser, a questão do meu tamanho. Eu acho que deve ser isso, mas não, estou brincando. Eu acho que nesse ambiente da Julhia é mais propício, né, acho que no ambiente também da Bianca, essa questão de assessoria e no ambiente que eu sempre trabalhei, que foi o rádio, tudo mais tranqüilo, pelo menos as equipes pelas quais eu sempre integrei sempre foram pessoas, assim, de respeito, então eu nunca sofri esse tipo de piada e nem nada.

ISABELLE VOLTARELI – E você, Bianca?

BIANCA SANTOS – Que eu me lembre, eu nunca passei mesmo por piada, mas o fato é que eu trabalho no hospital e esse hospital é gerenciado por frades, que é uma instituição religiosa, instituição religiosa que só tem homens, então, é, às vezes, quando precisava cobrir algum evento noturno, teria que ser externo e ir para outra cidade, eles preferiam o meu colega de trabalho, falavam assim, ele vai. Mas aí eu mostrei que eu também posso ir e que eu também posso fazer o que ele fazia, mas piada em si eu nunca ouvi não, só assim, é, tipo, coisa, comentário de homem, mas acredito que isso não seja piada não.

JULHIA MARQUETI – Vou aproveitar também, já que eu falei das piadinhas, vou aproveitar também que quando uma mulher entra no ambiente esportivo também tem, é o xodó da turma, então, assim, vai para estádio, vai comentar jogo e o pessoal fica, com ela você não vai mexer não, então você fica meio protegida também, destacar esse lado bom também né, não só falar do lado ruim.

ISABELLE VOLTARELI – É, quais são os lados bons também, né? Que bom que tem os lados bons, né.

REGINA SANTOS – Voltando nesta questão que a Bianca citou, da escolha, da questão de escolha, se for falar em questão de escolha, sempre onde eu trabalhei sempre assim, não, é a Regina, a Regina que vai gravar isso, a Regina que vai gravar aquilo sempre, não porque a Regina é isso, eu falo, não gente, então fica, sabe, essa questão da escolha também e essa questão do xodózinho eu acho que sempre fui muito xodozinhos nos lugares por onde passei.

ISABELLE VOLTARELI – É, em 1986, as mulheres elas já ocupavam trinta e seis por cento dos quadros de profissionais do país e dez anos mais tarde, esse número chegava a um pouco mais que quarenta, olha que legal. E a gente tenta ganhar cada vez mais o nosso espaço e respeito, então, né. Bianca, você comentou, você está na assessoria, pensou a princípio no impresso. Eu queria que vocês comentassem um pouquinho, né, você está na assessoria, a Regina do rádio, a Julhia aí passou pelo online, TV, vocês já se imaginaram em outro tipo de veículo ao qual vocês já vivenciaram? Né, além do impresso, Bianca?

BIANCA SANTOS – Eu nunca gostei de dar a minha cara a tapa para nada na faculdade, eu fugia das aulas da Thaisa, para você ter noção, no Telejovem eu fui assistente de produção, não contente eu fui produtora, o que eu podia fazer para fugir de câmera eu fugia e aí eu chego na assessoria e eu tenho que dar a minha cara tapa, tenho que gravar vídeo, aí a gente é não só a repórter, a gente é repórter, a gente também é a câmera, a gente também tem que fazer a edição, também tem que finalizar, fazer arte, mas na TV assim, em si, eu nunca quis estar, mas no ambiente da comunicação você precisa ser multiprofissional, eu também não sabia diagramar, mas eu queria estar no impresso para ser repórter e escrever, mas a gente tem que aprender, a gente tem que se moldar ao mercado. No rádio eu tive a experiência na Rádio Facopp graças ao Homéro, também foi uma área em que eu tive um prazer muito grande, porque não aparecia o rosto, eu não gosto de aparecer e foi muito bom também, então, revista nunca pensei em passar porque eu acho que o legal do impresso, o meu coração pulsava mais por ele é a questão do papel, aquele papel diário, o cheirinho do jornal é uma coisa assim que traz uma lembrança muito gostosa, mas, é preciso ser multiprofissional quando se fala de comunicação.

ISABELLE VOLTARELI – Com certeza e que bom que na comunicação existem possibilidades, né. E você Julhia? Regina?

JULHIA MARQUETI – Minha primeira experiência como comunicação foi um blog, eu participava do Apaixonados Por Futebol e aí nós decidimos, algumas meninas ali, a criar o Futebol Por Elas, então a gente começou ali, né, no ambiente online. Eu sempre gostei do ambiente online, mas a primeira imagem que me vinha a cabeça quando eu decidi jornalismo por causa do futebol era repórter de campo, eu sempre imaginei e por esse motivo eu melhorei minha timidez, porque eu era muito tímida, muito tímida. Eu decidi fazer jornalismo com quinze anos, dos quinze aos dezessete e meio quando entrei na faculdade treinei a minha timidez, falei, não, não vai dar, se eu continuar tímida assim eu não vou chegar onde eu quero.

ISABELLE VOLTARELI – Dar a cara a tapa, né?

JULHIA MARQUETI – Exatamente. E aí a minha primeira experiência foi no online, depois já fui para a rádio Esporte Notícia que era rádio, mas tinha imagem online, ou seja, está vendo o seu rostinho ali. Aí, depois um ano no impresso que foi uma experiência muito muito muito gostosa de lidar, assim, com cotidiano, informação

todo dia e cai pauta e meu Deus, uma loucura muito gostosa e a minha última foi no Globo Esporte da TV Fronteira, que é onde não aparece a nossa cara, mas, a partir do momento que você se apresenta com repórter do Globo Esporte o pessoal vai procurar quem é. Então assim, de qualquer forma, não está aparecendo na matéria, mas você já fica meio conhecida, então, eu tive experiência na maioria das áreas do jornalismo e eu me sinto muito realizada. Na TV, né, eu fui apresentadora do Telejovem da Thaisa e também do programa de entrevistas, assim, eu me encaixei realmente no jornalismo, ainda mais se for para falar de esporte, aí a gente melhora tudo, mas eu me encaixei no jornalismo e eu vejo que é realmente a área da minha vida, então, assim, a partir do ano que vem que eu estou formada, primeira oportunidade que tiver eu vou pegar independente se é com imagens, se é com textos, se é só com a voz, eu agarro.

REGINA SANTOS – Bom, minha paixão é o rádio, mas também sou apaixonada pela TV. Não tenho interesse pelo impresso, não tenho interesse pelo online, por revista, não. É, durante, no quinto termo, eu estagiei durante seis meses na TV Facopp porque eu queria conhecer, né, saber como que funcionava tudo isso, estagiando eu consegui conhecer e eu me apaixonei ainda mais. Então, eu tenho pretensão, mesmo com quarenta e quatro anos, eu tenho pretensão de atuar na TV sim, mas não com o factual, eu quero ir para o jornalismo agropecuário que é a minha paixão, são minhas raízes, né, a principio eu achava que queria fazer Agronomia, mas aí quando eu descobri que no jornalismo tem essa veia do jornalismo agropecuário, então eu falei meu Deus, é isso. Não quero assim, nem ser apresentadora, nem nada, o meu negócio é ir a campo, é ser repórter, eu quero estar em contato com as pessoas, sabe. Isso que me faz assim ter essa paixão mesmo pelo jornalismo, que para mim jornalismo é isso, é você ir a campo, estar em contato com as pessoas, eu pude vivenciar essa experiência nos programas que a gente desenvolve durante os quatro anos da faculdade e principalmente também nesses seis meses que estagiei na TV, então, tanto é que depois, daqui um tempo eu quero fazer uma NBA em Agronegócio, me especializar porque é o que eu quero seguir. E se não pintar TV, eu já tenho um projeto para desenvolver o ano que vem no rádio, mas relacionado ao Agronegócio.

ISABELLE VOLTARELI – E a faculdade realmente é uma grande palheta para você experimentar todas as áreas do curso e ver qual que você se identifica mais e ir atrás, buscar por atuar, né.

REGINA SANTOS – Exatamente.

ISABELLE VOLTARELI – E para gente encerrar aqui, o que vocês têm para dizer, assim, para mulherada aí que quer seguir também nessa carreira do jornalismo, da comunicação. Que conselho vocês tem aí para dar para elas?

REGINA SANTOS – Olha, eu, né, que sou aqui a mais experiente... (risos)

ISABELLE VOLTARELI – Vinte e cinco anos, né, é chão.

REGINA SANTOS – Assim, é, eu digo que a gente, que nunca é tarde para você começar algo. Eu aos quarenta e quatro anos, aos quarenta e quatro do segundo tempo estou terminando a minha graduação de jornalismo, estou muito feliz, estou muito realizada por ter conhecido pessoas tão importantes como eu disse para Julhia hoje de manhã, né, que coisa maravilhosa ter conhecido professores tão importantes que eu nem sabia que existiam, como Homéro, Thaisa Bacco, Mancuzo, Pandur, nossa, todos maravilhosos. E saber que essas pessoas hoje sabem que eu existo sabe, então, para quem sonha em fazer, seja jornalismo ou qualquer outra área, é, que não desista, que tem que correr atrás, porque eu, é, eu fiz o Enem, eu sou Prouni, eu estou terminando a minha faculdade cem por cento Prouni, entendeu? Então, você tem que, eu tenho algo comigo que a minha mãe sempre me diz: o não a gente tem, você tem que ir atrás do sim e é o que faço da minha vida, eu sou movida a isso, sempre atrás do sim, então o não você já tem, então, você não tem nada a perder, você indo atrás do sim, é assim que eu consigo as coisas e eu coloco uma meta, quando eu coloco uma meta eu tenho que chegar até o fim, eu não sou de desistir de nada, entendeu? Tanto é que eu cheguei até aqui. Então para você que está aí que acha, tô com cinqüenta, sessenta, setenta, não, tem que ir atrás do sim, por que essa é a resposta. Se você viu que não era aquilo, mas pelo menos tentou, né e é isso aí.

ISABELLE VOLTARELI – Nunca é tarde, né. Lembrar sempre, nunca desistir daquilo que você quer para sua vida.

JULHIA MARQUETI – Com certeza, já pego o gancho nessa sua fala porque eu acho que a mulher tem muito que acreditar, em qualquer profissão que queira, é acreditar, é se identificar, né, primeiramente.

ISABELLE VOLTARELI – Não só no jornalismo, independente da profissão, você falou bem.

JULHIA MARQUETI – Com certeza. É acreditar, eu acho que o ser humano tem que acreditar nele mesmo, né. Hoje em dia a gente está se baseando muito em postagens, em realidades fora do comum e aí esquece de focar no nosso, nos degraus que a gente tem que subir, porque nunca vai começar de cima. Então a gente tem que investir enquanto, quando eu escolhi Prudente eu fiquei preocupada nessa questão do jornalismo esportivo, falei meu Deus do céu, onde é que eu vou me arranjar no jornalismo esportivo lá? E eu acabei passando, por onde tinha jornalismo esportivo eu passei e tô levando uma bagagem muito grande embora

comigo, então eu acho que a gente tem que acreditar, impor como já disse bastante no começo do programa e tentar, nada vai cair do céu para gente, então é tentar, enfiar a cara, disputar com os outros da melhor forma possível, com certeza, mas acreditar, eu acho que tudo se resume em acreditar na gente mesmo.

ISABELLE VOLTARELI – Isso aí, a Regina e Julhia que estão quase aí com a mão no diploma já! E a Bianca, que já se formou, o que você a dizer?

BIANCA SANTOS – Eu vou na mesma vertente da Julhia, acredito que seja mulher ou seja homem, você tem que acreditar no seu sonho, você tem que correr atrás, se você já está na área da comunicação, já está cursando a faculdade e você tem um sonho, por exemplo, o de seguir na área do impresso, você tem que acreditar, vai entregar currículo, vai atrás, faz network porque para ser jornalista a gente tem que gostar de gente, a gente tem que gostar do contato humano e a gente tem que se especializar e dar sempre o nosso melhor. Se a gente dá o nosso melhor para os outros, se a gente demonstra a nossa capacidade, eu acredito que não falta espaço, que não tem mercado de trabalho que trave a nossa entrada, então, se o seu sonho é entrar no impresso, persista, se seu sonho é entrar na assessoria, no rádio, persista, você vai conseguir.

ISABELLE VOLTARELI – Então eu agradeço aqui a Bianca, a Regina, a Julhia por terem batido esse papo aqui com a gente sobre a mulherada aí no meio da comunicação, do jornalismo, tanto no rádio, quanto na assessoria, quanto no impresso, online, TV, né, Julhia? (risos). Foi um bate-papo muito gostoso, muito bom e é isso, espero que todos aí tenham gostado desse programa. Sigam o Manas podcast lá nas redes sociais, tá, @manaspodcast e é isso aí, vamos lutar sempre pelos nossos sonhos.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TABELA DE IDENTIFICAÇÃO DOS PODCASTS ANALISADOS

JORNALISMO	
PODCAST	ANÁLISE FEITA POR
Estadão Notícias	Isabelle
Esquizofrenóias	Brenda
Mamilos	Rayeni
Os Pingos nos Is	Larissa
Podcast com Paulo Henrique Amorim	Taylane

VARIEDADES	
PODCAST	ANÁLISE FEITA POR
Um Milkshake Chamado Wanda	Isabelle
Não ouvo	Rayeni
Nerdcast	Taylane
Imagina Juntas	Larissa
Laços	Brenda

MULHERES	
PODCAST	ANÁLISE FEITA POR
Ponto G	Isabelle
Musas	Brenda
Baseados em fatos surreais	Rayeni
Olhares	Larissa
As Mathildas	Taylane

APÊNDICE B
ANÁLISES DOS PODCASTS

Título: As Mathildas (CinemAção)

Tipo: Mulheres

Sinopse: “As Mathildas” discutem sobre o papel feminino no entretenimento e levantam a bandeira feminista no meio.

Dados gerais e técnicos: Postagens de episódios mensais. Podcast apresentado por Iole Melo e Grecia Baffa.

Hospedagem ou agregador: CinemAção

Link: <http://cinemacao.com/category/as-mathildas/>

Título do episódio: #37 "Feministas - o que elas estavam pensando?"

Tempo	60'50"
Nº de participantes	4 - 2 apresentadoras / 2 convidadas (da equipe)
Estrutura	Abertura - trilha - apresentação - sinopse - debate
Forma de participação	Bate-papo/debate
Equalização	Todas falam com o mesmo volume de voz. Uma das apresentadoras tem ruído no áudio por não estar no estúdio.
Intensidade	Ótimo. Falam com calma, boa dicção, dá para entender tudo o que dizem com ritmo ideal para o debate.
Entonação vocal	Ótimo. Todas têm boa dicção, clareza, força nas palavras.
Audibilidade	Compreensível, embora há falas com problemas de ruídos (participação fora do estúdio, via internet)
Conteúdo geral	Discussão sobre o pensamento feminino em meio ao entretenimento.
Conteúdo específico	Reflexão sobre o filme "Feministas - o que elas estavam pensando?" e

	debate sobre o tema.
Participação externa	Feedback por e-mail.

Título: Estadão Notícias (Estadão)

Tipo: Jornalismo

Sinopse: “Os principais fatos do Brasil e do mundo apresentados e analisados pelo maior jornal do país”.

Dados gerais e técnicos: Alexandre Garcia analisa o noticiário político de 2ª a 6ª feira, às 8h40, no Jornal Eldorado, com a coluna Poder e Política.

Hospedagem ou agregador: Estadão

Link: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/>

Título do episódio: Poder e Política com Alexandre Garcia

Tempo	8'12''
Nº de participantes	2 apresentadores
Estrutura	Vinheta – trilha – apresentação – comentários sobre o noticiário político.
Forma de participação	Bate-papo sério, onde a apresentadora introduz algumas questões ao convidado, que responde e fala sobre o assunto.
Equalização	A voz da apresentadora se apresenta sem ruídos e limpa, já a do convidado há um pouco de ruído do microfone ou gravador, mas é possível, mesmo assim, compreender o que ele explica.
Intensidade	As pessoas falam de forma calma, pausada e uma pessoa fala por vez.
Entonação vocal	Os participantes possuem boa dicção e clareza na fala.
Audibilidade	Todos os elementos (intensidade, equalização, entonação vocal e voz) são bem aproveitados em relação ao tempo e ao conteúdo.

Conteúdo geral	Cenário político semanal. Toda semana, Alexandre comenta os principais assuntos voltados ao poder e política, por isso, o tempo do podcast é curto e o conteúdo objetivo.
Conteúdo específico	Desentendimento entre ministra Tereza Cristina e Gisele Bündchen sobre a produção nacional de alimentos dentro dos parâmetros de preservação da natureza e território brasileiro, agricultura, tecnologia, economia brasileira, violência urbana, doméstica e rural, superlotação carcerária, políticas públicas, insegurança, encontro Bolsonaro e presidente do supremo da Venezuela e socialismo são os assuntos comentados.
Participação externa	Os ouvintes podem fazer comentários na mesma página onde o produto está inserido.

Título: Imagina Juntas (Half Deaf)

Tipo: Entretenimento

Sinopse: Imagina Juntas é um podcast sobre a vida dos millenials. Trata-se sobre discussões, cultura pop, trabalho, dinheiro, relacionamentos, feminismo, sexualidade.

Dados gerais e técnicos: O programa é apresentado por Carol “Tchulim”; Rocha, Jéssica Grecco e Gus Lanzetta. Acontece toda quarta-feira e é postado diretamente no Spotify, Site Podcast e RSS, além de ser compartilhado no Facebook.

Hospedagem ou agregador: Spotify, Half Deaf, Spreaker, iTunes, Spotify...

Link: <https://halfdeaf.com.br/shows/imagina-juntas/>

Título do episódio: Episódio #43 - Ninguém Solta A Mão De Ninguém

Tempo	61'57"
Nº de participantes	2 apresentadoras.
Estrutura	Único bloco. Bate-papo.
Forma de participação	Um apresentador fala de uma manchete, logo o outro apresentador comenta com suas opiniões e dados. Bate-papo entre os apresentadores.
Equalização	Som alto.
Intensidade	Ritmo compatível com a informação.
Entonação vocal	As apresentadoras possuem boa dicção e falam com naturalidade.
Audibilidade	Os elementos que compõem o áudio do podcast exploram bem tempo e conteúdo.
Conteúdo geral	Cultura pop, trabalho, dinheiro, relacionamentos, feminismo, sexualidade.
Conteúdo específico	O episódio traz uma conversa informal entre as apresentadoras sobre comunidade LGBT's, o novo governo Bolsonaro e suas opiniões

	políticas, além do impacto que trará para as pessoas que vivem nesse meio.
Participação externa	Os ouvintes podem interagir através de comentários ou nas redes sociais que será divulgado o podcast.

Título: Nerdcast (Jovem Nerd)

Tipo: Entretenimento

Sinopse: O Nerdcast é um dos mais famosos e antigos podcasts do Brasil. Leva uma legião de fãs com seus episódios cômicos, curiosos e com a temática principal: mundo nerd.

Dados gerais e técnicos: Apresentadores: Alexandre “Jovem Nerd” Ottoni e Deive “Azaghal” Pazos. Episódios toda sexta-feira. Duração média: 90 minutos.

Hospedagem ou agregador: Jovem Nerd

Link: <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>

Título do episódio: NerdCast 656 - Enem é pra quem?

Tempo	77'00"
Nº de participantes	4 participantes - 1 apresentador
Estrutura	Trilha abertura - trilha - apresentação - trilha - quadro Canelada - propagandas (feita pelos podcasters) - trilha - agradecimentos, comentários da edição passada feitas pelos ouvintes - trilha encerra quadro - trilha muda assunto - bate-papo enem - sobe-som - bate-papo Enem-sobe-som - bate-papo - ... - trilha-encerramento
Forma de participação	Bate-papo descontraído, parecido com o Pânico (Jovem Pan), com momentos sérios, no caso dessa edição.
Equalização	Mesmo nível, sem ruído. Volume ok. Pequenas interferências ocorrem por um dos convidados estar conversando online
Intensidade	Todos têm boa dicção. Falas bem-humoradas, quase como comediantes, mas usam tons sérios no assunto central, no caso sobre o

	Enem. Até as propagandas são feitas com tom descontraído -o que chama a atenção do espectador. Ritmo de bate-papo, nada devagar ou depressa de mais.
Entonação vocal	Fortes, ótimas. Bom volume na fala, sem problemas para entender.
Audibilidade	Tudo compreensivo.
Conteúdo geral	Conteúdo nerd (jogos, séries, filmes, tecnologia, estudos, comédia, etc) e curiosidades em geral.
Conteúdo específico	Enem
Participação externa	Pessoas mandam comentários por e-mail, redes sociais e os apresentadores leem os escolhidos.

Título: Os pingos nos Is (Jovem Pan)

Tipo: Jornalismo

Sinopse: “Augusto Nunes, Felipe Moura Brasil e José Maria Trindade analisam e discutem os principais fatos no Brasil e no mundo”.

Dados gerais e técnicos: O podcast aborda os assuntos política e economia. Os programas pautam temas críticos, no formato bate-papo, envolvendo comentários de cada apresentador e também de ouvintes. Tem como apresentadores: Felipe Moura Brasil, Augusto Nunes e José Maria Trindade. O programa acontece ao vivo e é transmitido pelo YouTube, Facebook, aplicativo e no próprio site do programa.

Hospedagem ou agregador: site da Jovem Pan.

Link: <https://jovempan.uol.com.br/podcasts/programas/os-pingos-nos-is>

Título do episódio: Edição do dia 28/08/2018

Tempo	95'04''
Nº de participantes	Três apresentadores
Estrutura	São divididos em três blocos. O primeiro inicia com a apresentação e as manchetes. Os outros dois são comerciais.
Forma de participação	Um apresentador fala de uma manchete, o outro apresentador comenta com suas opiniões e dados.
Equalização	O som está alto, dando para compreender o que está sendo dito pelos apresentadores.
Intensidade	Ritmo compatível com a informação.
Entonação vocal	Boa pronúncia das palavras, boa dicção.
Audibilidade	Há tempo e conteúdo da informação.
Conteúdo geral	Manchetes da semana.
Conteúdo específico	Governo Bolsonaro, Fernando Haddad no Twitter e vídeo da ministra Damares Alves sobre a cor

	das roupas das crianças.
Participação externa	Os ouvintes podem participar pelas redes sociais, no próprio site da Jovem Pan depois que o episódio for postado.

Título: Podcast com Paulo Henrique Amorim (Conversa Afiada)

Tipo: Jornalismo

Sinopse: Paulo Henrique Amorim, em poucos minutos, opina sobre política e economia de forma sucinta, clara e afiada.

Dados gerais e técnicos: Episódios todas as terças e quintas-feiras.

Hospedagem ou agregador: Conversa Afiada, Spotify, iTunes...

Link: <https://www.conversaafiada.com.br/podcast>

Título do episódio: Vão tomar o teu FGTS para dar aos bancos

Tempo	4'57''
Nº de participantes	1, apenas.
Estrutura	Trilha abertura – comentários Paulo – sobe-som – trilha encerramento
Forma de participação	Comentários opinativos do apresentador.
Equalização	Não há ruído, volume bom.
Intensidade	Amorim tem boa dicção, fala calma, e enfática. Ritmo bom para entender a opinião do apresentador. Há falas debochadas.
Entonação vocal	Ótima. Sabe expressar sua opinião com a entonação (deboche, insatisfação, afirmação, dúvida) e tem boa dicção.
Audibilidade	Excelente acústica. Tudo é compreensível.
Conteúdo geral	Comentários de Paulo Henrique Amorim sobre economia, assuntos internacionais e, principalmente, política. Totalmente opinativo.
Conteúdo específico	Confisco do FGTS para dar aos bancos.

Participação externa	Ouvintes podem compartilhar nas redes sociais, mas não há um espaço para uma comunicação direta entre eles e o programa.
-----------------------------	--

Título: Ponto G (Ira Morato)

Tipo: Mulheres

Sinopse: “O nosso podcast tem caráter educativo e informativo, visando levar o máximo de conteúdo ao ouvinte em poucos minutos. Seus minutos são preciosos, e desejamos que sejam aproveitados ao máximo. Nosso objetivo é, além de levar informação, instigar a curiosidade sobre personagens femininas da nossa História, que ficaram encobertas pelos mais diversos motivos.”

Dados gerais e técnicos: Apresentação: Carine Nascimento, Carol Martins, Verena e Franciellen. Edição: Kyuu. Direção de arte: Andrei Fernandes. Locução: Dani Freitas.

Hospedagem ou agregador: Preciosa Madalena

Link: <https://preciosamadalena.com.br/2018/11/06/ponto-g-86-dia-do-podcast-com-mulheres-podcasters/>

Título do episódio: Ponto G 86 – Dia do podcast com mulheres no podcast

Tempo	61'59"
Nº de participantes	4
Estrutura	Chamada – trilha – sinopse – apresentação – bate-papo/debate.
Forma de participação	Bate-papo/debate tratado de forma séria, com alguns poucos momentos de descontração e risos.
Equalização	Sem ruído, apenas com pouca diferença nas vozes, onde uma participante tem a fala mais aguçada, talvez pela aproximação do microfone.
Intensidade	As pessoas falam de uma forma calma, pausada e uma pessoa fala por vez. Dá para entender tranquilamente.
Entonação vocal	Todas articulam bem a fala, são objetivas e com vozes limpas.

Audibilidade	Todos os elementos (intensidade, equalização, entonação vocal e voz) são bem aproveitados em relação ao tempo e ao conteúdo.
Conteúdo geral	Podcasts de mulheres e para mulheres.
Conteúdo específico	O poder da presença da mulher no podcast, seja na divulgação, na participação e dificuldades com relação ao preconceito e machismo de quem faz podcast e de quem ouve, além de reflexões na participação dos ouvintes.
Participação externa	Os ouvintes podem fazer comentários na mesma página onde o produto está inserido.

Título: Um milkshake chamado Wanda (Papel Pop)**Tipo:** Entretenimento**Sinopse:** Um milkshake chamado Wanda é um podcast criado pelo Papel Pop para reunir os principais assuntos do pop, brincadeiras e entrevistas com famosos.**Dados gerais e técnicos:** Episódios em todas as quintas-feiras, às 13h17. Edição / Produção: Felipe Dantas**Hospedagem ou agregador:** SoundCloud**Link:** <https://soundcloud.com/ummilkshakechamadowanda/216-papo-sobre-fama-e-artistas-incriveis-feat-iza>**Título do episódio:** #216 - Papo Sobre Fama e Artistas Incríveis (feat. IZA)

Tempo	120'47"
Nº de participantes	3 participantes; entre eles, um apresenta, uma é convidada.
Estrutura	Trilha de abertura – apresentação – – bate-papo - sobe-som - quadro “lótus” - sob-som - quadro “meryl” - sobe-som - quadro interessanteny - bate-papo - agradecimentos/encerramento
Forma de participação	Bate-papo feito entre os participantes, de uma forma bem descontraída
Equalização	Todos falam com o mesmo tom de voz e sem ruídos.
Intensidade	As pessoas falam de uma forma um pouco acelerada, animada e às vezes mais de uma pessoa fala ao mesmo tempo, mas isso não impede o ouvinte de entender o que está sendo dito.
Entonação vocal	Todos têm boa dicção e clareza, articulam bem a fala.

Audibilidade	Todos os elementos (intensidade, equalização, entonação vocal, e voz) são bem aproveitados em relação ao tempo e ao conteúdo. É muito agradável de ouvir. As pessoas que editaram este podcast também deram uma palavrinha ao final no programa.
Conteúdo geral	Variado. Horóscopo, dia a dia, hábitos, sonhos, vida artística, curiosidades, gostos, roupas, livros, relacionamentos.
Conteúdo específico	Horóscopo, dia a dia, hábitos, sonhos, vida artística, curiosidades, gostos, roupas, livros, relacionamentos, sem nada específico, em entrevista com a Iza.
Participação externa	Os participantes respondem perguntas, dão opiniões e conselhos sobre as histórias enviadas pelas pessoas, que também podem fazer comentários na mesma página onde o produto está inserido.

Título: Olhares Podcast

Tipo: Mulheres

Sinopse: “Olhares Podcast” está relacionado há um projeto feminista onde o objetivo principal é apresentar visões sobre as mulheres e atribuir novos olhares, mostrando suas lutas, participações sociais, ações afirmativas e conquistas. O podcast busca dar voz e espaço de escuta através de experiências, debates e pesquisas, assim, promovendo os mesmos direitos entre homens e mulheres.

Dados gerais e técnicos: O programa acontece toda segunda-feira e é apresentado por Aline Hack

Hospedagem ou agregador: site Olhares.

Link: <https://olharespodcast.com.br/ativismonaweb-informacao-e-prevencao/>

Título do episódio: #ATIVISMONAWEB Informação é prevenção

Tempo	43'05"
Nº de participantes	Três - Uma apresentadora e duas convidadas.
Estrutura	Dois blocos. O primeiro é a apresentação das convidadas, e logo depois o sobe som.
Forma de participação	Bate-papo/debate, entrevista.
Equalização	Som médio.
Intensidade	Ritmo compatível com a informação.
Entonação vocal	Apresentadora e convidadas articulam bem as palavras dando boa dicção.
Audibilidade	Todos os elementos do áudio são bem aproveitados proporcionando tempo e conteúdo.
Conteúdo geral	O podcast “Olhares” começou a campanha de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres e meninas. Essa campanha é praticada no mundo inteiro e tem a

	finalidade de discutir e evidenciar fatos a respeito de violência contra as mulheres. Por isso, o criou-se a hashtag (#AtivismoWeb).
Conteúdo específico	Nesse episódio as apresentadoras falam com a ONG Nossas, que é responsável pelo Robô Beta no Facebook e o Coletivo Não me Kahlo. No episódio é discutido sobre a informação que é o primeiro passo para combater a violência.
Participação externa	Os ouvintes podem interagir por meio das redes sociais onde o episódio será postado.

Título: Esquizofrenóias

Tipo: Transtornos

Sinopse: "Esquizofrenóias" discute sobre transtornos mentais, levando a apresentadora e convidados a contar suas experiências

Dados gerais e técnicos: Postagens de episódios semanais (Toda as segunda-feira) mensais. Podcast apresentado por Amanda Ramalho

Hospedagem ou agregador: Spotify

Link: <https://open.spotify.com/show/2g1dO4bAiWtx5Bdip8gQLk>

Título do episódio: #01 "Relatos sobre crises de ansiedade."

Tempo	60'31"
Nº de participantes	1 apresentadora / 1 convidado
Estrutura	Trilha - abertura – apresentação – bate papo com o ouvinte – bate-papo com entrevistado.
Forma de participação	Bate-papo descontraído
Equalização	Todas falam com o mesmo volume de voz. Áudio limpo, sem ruídos.
Intensidade	Fala de uma forma suave, apesar de ser acelerada, um tom despreocupado.
Entonação vocal	A apresentadora tem uma voz anasalada, porém firme.
Audibilidade	Todos os elementos estão ok! Um podcast que soube aproveitar dos elementos.
Conteúdo geral	Neste episódio foi ao ar sobre o transtorno mental ansiedade onde a apresentadora conta suas experiências e traz um personagem para debater com ela.
Conteúdo específico	Transtornos mentais.

Participação externa	O convidado conta sobre suas experiências entorno da depressão e ansiedade.
-----------------------------	---

Título: Baseado em fatos surreais

Tipo: Variedades

Sinopse: É um podcast de histórias reais contadas de forma surreais por mulheres. Essas histórias são de outras mulheres e não exatamente de quem as contam. O programa é bem extrovertido, aparentemente é como se fosse um programa de rádio, que enquanto a convidada conta sua história trágica ou vitoriosa, a locutora a indaga algumas vezes

Dados gerais e técnicos: Postagens de episódios quinzenais. Podcast apresentado por: Sheylli Caleffi, Marcela Ponce de Leon.

Hospedagem ou agregador: site Baseado em Fatos Surreais

Link: <http://www.bfsurreais.com.br/>

Título do episódio:#70 “O caso do namorado exorcizado”

Tempo	22'00”
Nº de participantes	2-1 apresentadora / 1 convidadas (da equipe)
Estrutura	Abertura - apresentação - sinopse - trilha
Forma de participação	Bate-papo
Equalização	Todas falam com o mesmo volume de voz. Ambas estão em estúdio, então não há ruídos.
Intensidade	Boa. Elas falam com calma, boa dicção, dá para entender tudo o que dizem.
Entonação vocal	Ótimo. Todas têm boa dicção, clareza, força nas palavras.
Audibilidade	É boa, bem compressível por ser falas limpas e feitas em estúdios.
Conteúdo geral	Bate papo de uma história que aconteceu com outra mulher.
Conteúdo específico	Reflexão sobre a história do namorado que foi exorcizado e um

	leve debate sobre o tema.
Participação externa	Feedback por e-mail.

Título: Mamilos

Tipo: Jornalismo

Sinopse: É um podcast mais sério, mais voltado ao jornalismo. Ele traz assuntos mais polêmicos em forma de bate papo. Traz temas considerados “tabus” nos dias de hoje, traz também conhecimento de coisas comuns do dia a dia, nos oferece um mundo mais informativo, não diferenciando o público em masculino ou feminino. As pautas são de interesse para ambas as partes.

Dados gerais e técnicos: Postagens de episódios semanais Podcast apresentado por: Ju Wallauer

Hospedagem ou agregador: B9

Link: <https://www.b9.com.br/podcasts/mamilos/>

Título do episódio:#04 “Viva seu corpo”

Tempo	14'06”
Nº de participantes	2- 1 Apresentadora/ 1 convidada
Estrutura	Abertura - trilha- apresentação - sinopse
Forma de participação	Bate-papo
Equalização	A apresentadora está em estúdio, então não há ruídos ou interferências.
Intensidade	Otima. Ela fala com calma e transparência. Boa dicção dá para entender tudo o que foi dito.
Entonação vocal	Ótimo. Boa dicção, clareza, força nas palavras.
Audibilidade	É boa, bem compressível por serem falas limpas e feitas em estúdios.
Conteúdo geral	Uma discussao sobre o corpo, os caminhos de uma relação mais saudável e positiva que se pode ter.
Conteúdo específico	Uma reflexão sobre pressões e

	modelos estéticos.
Participação externa	Feedback por e-mail.

Título: Não Ouvo

Tipo: Variedades

Sinopse: É um podcast feito por homens numa bancada, com alguns convidados. Ele é diversificado, geralmente é um bate papo de um assunto aleatório, mas algumas vezes tem histórias também contadas em forma de ficção com sons e interpretações.

Dados gerais e técnicos: Postagens de episódios semanais Podcast apresentado por: Cid Cidoso, Braian Rizzo e Luide

Hospedagem ou agregador: Não Salvo

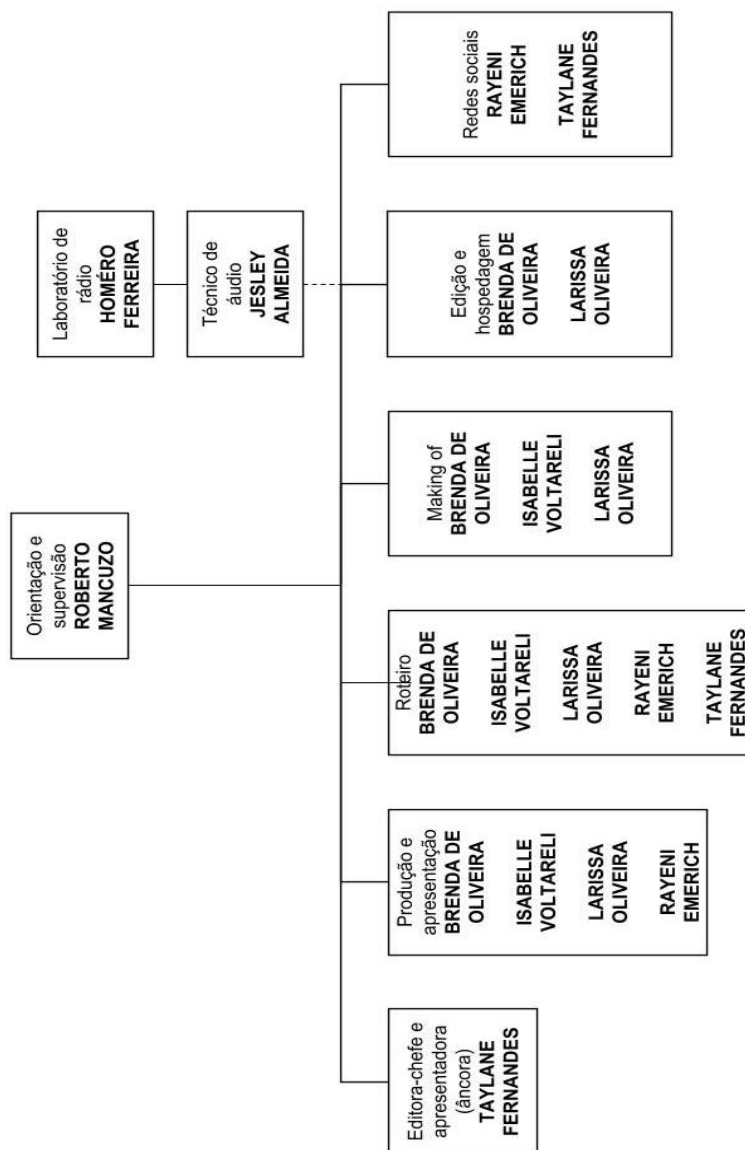
Link: <https://www.naosalvo.com.br/podcasts/naoouvo/>

Título do episódio: #150 “A volta das doenças”

Tempo	60'38"
Nº de participantes	3- 3 Apresentadores
Estrutura	Abertura - trilha- apresentação - sinopse
Forma de participação	Bate-papo
Equalização	Todos falam com o mesmo volume de voz. Todos estão em estúdio, então não há ruídos ou interferências.
Intensidade	Media. Eles falam com calma, porem em algumas vezes falam ao mesmo tempo. Boa dicção dá para entender tudo o que dizem.
Entonação vocal	Ótimo. Todos têm boa dicção, clareza, força nas palavras.
Audibilidade	É boa, bem compressível por ser falas limpas e feitas em estúdios.
Conteúdo geral	Bate papo sobre as ultimas doenças que os apresentadores tiveram. Principalmente aquelas que só se tem uma vez.

Conteúdo específico	Reflexão sobre uma doença que um dos apresentadores em especial teve.
Participação externa	Feedback por e-mail.

APÊNDICE C
ORGANOGRAMA



APÊNDICE D
MAKING OF



Jeniffer, Flávia e Ana Paula foram as primeiras convidadas do Manas



O segundo piloto do Manas falou sobre o coletivo Santo Útero, de Presidente Prudente (SP)



Os empreendedorismos feminino e materno foram assuntos abordados no último piloto



Taylane Fernandes e Larissa Oliveira, apresentadoras, em conversa sobre o roteiro



Isabelle Voltareli apresentou o primeiro episódio do Manas



Rayeni Emerich realizou vídeos para o Facebook e Instagram do Manas



O episódio sobre a virgindade promoveu um bom bate-papo



Gravação do podcast sobre transexualidade



Larissa e Taylane apresentaram mais um episódio do Manas



Equipe e entrevistadas que participaram do episódio sobre feminismo



Jovens reuniram-se para falar sobre o desejo de não ser mãe



Equipe e convidadas do episódio sobre relacionamento abusivo



Brenda, Mariane e Beatriz participaram do sexto episódio do Manas



No sétimo episódio do Manas, jornalistas comentam sobre o mercado para as mulheres